UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

REJANE LUCI SILVA DA COSTA KNOTH

PRODUÇÃO DE ARTIGO DE OPINIÃO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA DESENVOLVER A HABILIDADE DE ARGUMENTAR

Santo Antônio de Jesus
2016

REJANE LUCI SILVA DA COSTA KNOTH

PRODUÇÃO DE ARTIGO DE OPINIÃO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA DESENVOLVER A HABILIDADE DE ARGUMENTAR

Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS do Departamento de Ciências Humanas do Campus V da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestra em Linguagem e Letramento.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Bispo dos Santos

Santo Antônio de Jesus
2016

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Knoth, Rejane Luci Silva da Costa
Produção de artigo de opinião: uma proposta metodológica para desenvolver a habilidade de argumentar. l / Rejane Luci Silva da Costa . – Santo Antonio de Jesus, 2016.
242 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Bispo dos Santos
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus V. 2016.

Contém referências e anexos.

1. Pedagogia. 2. Prática pedagógica. 3. Produção textual. Argumentação. I. Santos, Marcos Bispo dos II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

CDD: 371.26

LISTA DE SIGLAS

CEGPM – Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins

LP – Língua Portuguesa

EF II – Ensino Fundamental II

ZPD – Zona de Desenvolvimento Proximal

AD – Atividade Diagnóstica

AO – Artigo de Opinião

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PCNEF – Ensino Fundamental

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

TICs - Tecnologias da Informação e Comunicação

Dedico este trabalho á Adriana Melo (*in memorian*), pela “simples causalidade de haver cruzado o meu caminho”, e a Ednalva Rodrigues, pelo apoio e incentivo constantes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado força, coragem e fé para chegar até aqui.

A meu marido, Élio, pela compreensão, pela parceria.

A meu filho, Henrique, que sempre está ao meu lado nos momentos difíceis.

Aos meus alunos, pelo envolvimento e participação durante a aplicação da proposta.

Aos professores do PROFLETRAS e aos colegas pelo aprendizado.

Em especial, ao Professor Dr. Marcos Bispo, que me induziu a repensar minha prática.

Enfim, agradeço a toda minha família e meus amigos, que não me deixam perder a condição de “eterno aprendiz”.

“O desenvolvimento de um ensino prático reflexivo pode somar-se a novas formas de pesquisa sobre a prática e de educação para esta prática, para criar um momento de ímpeto próprio, ou mesmo algo que se transmita por contágio.”

Donald A. Schön

RESUMO

Sabe-se que a teoria do professor reflexivo de Schön (2000) é pautada na reflexão na ação, quando o educador reflete durante sua prática, na reflexão sobre a ação, quando isso acontece depois da prática, e na reflexão sobre a reflexão na ação, quando o docente tenta interpretar e compreender a ação, criando alternativas para aquela situação. Nesta perspectiva, o trabalho que ora se apresenta tem como elemento norteador o Projeto de Desenvolvimento Profissional elaborado pelo professor-formador, objetivando a construção de uma identidade do profissional docente, com a finalidade de promover a qualidade da sua prática à luz dessas concepções. Esta dissertação versa as ações por intermédio das quais se constituiu o projeto de desenvolvimento: uma análise situacional, o planejamento de uma Proposta de Intervenção Pedagógica e sua aplicação. Como parte integrante do processo formativo, foi solicitada, inicialmente, uma narrativa autobiográfica e uma atividade diagnóstica para os discentes com o mesmo tema da proposta: o desenvolvimento da habilidade de argumentar nas produções textuais escritas. A partir das informações coletadas através dos instrumentos, definiu-se uma proposta de intervenção respaldada nas considerações do pesquisador Donald Schön. Além dele, os teóricos Vygotsky (2000), Paulo Freire (2015), Dolz e Schneuwly (2004), Bakhtin (2011), Koch (2002, 2005), Kleiman (2004), Marcuschi (2003, 2008), Rojo (2012) e Soares (2004), bem como as contribuições de Perelman, Toulmin (2006), Olbrechts-Tyteca (2002, 2005), Meyer (1996) e Plantin (2008) deram embasamento teórico para a concretização do estudo. Dessa forma, no *corpus* do trabalho, descreve-se, na análise situacional, a escola onde a proposta foi aplicada, o Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins, localizado em Valença, na Bahia, é delineado um perfil dos alunos partícipes do trabalho, obtido por meio de questionários, e apresentam-se impressões referentes às atividades diagnósticas realizadas por eles, a seguir, contextualiza-se a proposta e faz-se uma abordagem acerca do objeto de trabalho, a argumentação. Por fim, os planejamentos da proposta de intervenção são apresentados, a aplicação de suas cinco etapas relatadas, bem como os objetivos, conteúdos, metodologia e avaliação definidos para cada aula. Vale ressaltar que o resultado final dessa aplicação surgiu da comparação de uma “produção inicial”, a avaliação diagnóstica, com a “produção final” que teve como público alvo uma turma do nono ano do Ensino Fundamental II.

Palavras-chave: Reflexão. Prática pedagógica. Argumentação. Produção escrita.

ABSTRACT

OPINION ARTICLE PRODUCTION: A METHODOLOGICAL PROPOSAL TO DEVELOP THE ABILITY ARGUE

It is known that Schön's theory of reflective teacher (2000) is based on reflection in action, when the educator reflects during his practice, reflection on action, when it happens after practice, and reflection on reflection in action , When the teacher tries to interpret and understand the action, creating alternatives for that situation. In this perspective, the work presented here has as a guiding element the Professional Development Project developed by the teacher-trainer, aiming at the construction of an identity of the teaching professional, in order to promote the quality of their practice in the light of these conceptions. This dissertation addresses the actions through which the development project was constituted: a situational analysis, the planning of a Pedagogical Intervention Proposal and its application. As an integral part of the training process, an autobiographical narrative and a diagnostic activity for students with the same theme of the proposal were initially requested: the development of the ability to argue in written textual productions. From the information collected through the instruments, a proposal for intervention was defined based on the considerations of the researcher Donald Schön. In addition, the theorists Vygotsky (2000), Paulo Freire (2015), Dolz and Schneuwly (2004), Bakhtin (2011), Koch (2002, 2005), Kleiman (2004), Marcuschi (2003, 2008), Red) And Soares (2004), as well as the contributions of Perelman, Toulmin (2006), Olbrechts-Tyteca (2002, 2005), Meyer (1996) and Plantin (2008) provided theoretical basis for the study. Thus, in the situational analysis, the school where the proposal was applied, the Gentil Paraíso Martins State College, located in Valença, Bahia, is outlined in the work corpus. Through questionnaires, and present impressions regarding the diagnostic activities performed by them, then contextualize the proposal and make an approach about the work object, the argumentation. Finally, the plans of the intervention proposal are presented, the application of its five steps reported, as well as the objectives, contents, methodology and evaluation defined for each class. It is worth mentioning that the final result of this application came from the comparison of an "initial production", the diagnostic evaluation, with the "final production" that had a target group of the ninth year of Elementary School II.

Keywords: Reflection. Pedagogical practice. Argumentation. Written production.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....11

2 ANÁLISE SITUACIONAL.....17

2.1 LOCAL DA INTERVENÇÃO: COLÉGIO ESTADUAL GENTIL PARAÍSO MARTINS.....17

2.2 OS ALUNOS.....20

2.2.1 A atividade diagnóstica.....23

2.2.2 Critérios para a avaliação da atividade diagnóstica.....27

2.2.3 Descrição dos sujeitos e análise da "primeira produção".....29

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROPOSTA.....45

3.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....55

3.1.1 Argumentação.....55

3.1.2 Argumentação na escola.....58

3.1.3 Argumentação no artigo de opinião.....61

4 APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....70

4.1 PLANEJAMENTO DA ETAPA I: Argumentar é mover um dom.....72

4.1.1 Planejamentos diários, relatos e reflexões.....75

4.1.2 Qual a tese? Qual o argumento? – Representação gráfica do resultado das atividades.....94

4.2 PLANEJAMENTO DA ETAPA II: Contra-argumentar também é mover um dom?.....99

4.2.1 Planejamentos diários, relatos e reflexões.....101

4.2.2 Quais as características do artigo de opinião? – Representação gráfica do resultado das atividades.....115

4.3 PLANEJAMENTO DA ETAPA III: Argumente e (con)vença-me.....118

4.3.1 Planejamentos diários, relatos e reflexões.....120

4.3.2 O argumento convenceu? – Representação gráfica do resultado das atividades.....129

4.4 PLANEJAMENTO DA ETAPA IV: Reescrita da “primeira produção”: um novo olhar para seu próprio texto.....130

4.4.1 Planejamentos diários, relatos e reflexões.....132

4.5 PLANEJAMENTO DA ETAPA V: *Viralizando* na rede.....138
4.5.1 Planejamentos diários, relatos e reflexões.....142
4.5.2 A "produção final": relatos e reflexões.....142

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....151

REFERÊNCIAS.....155

APÊNDICES.....160

ANEXOS.....238

1 INTRODUÇÃO

O cenário atual descortina várias discussões no âmbito educacional o que aponta a necessidade de revisão dos currículos escolares e a implementação de políticas públicas que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem. No entanto, a construção de uma identidade profissional docente é aquela que pode representar a mudança necessária à educação, pois encaminha o professor a uma postura autorreflexiva de sua práxis e, consequentemente, a uma transformação em sua maneira de ensinar.

O avanço científico e tecnológico, somado à celeridade das informações, impõe ao educador moderno uma postura mais crítica diante das exigências sociais que já recaem sobre ele. Por isso, é preciso ir além do “ensinar conteúdos”, faz-se imprescindível levar para sua sala de aula situações do cotidiano que desafiem seus conceitos, seus conhecimentos, que provoquem sua reflexão e contemplem a aprendizagem.

É nesse contexto que reside uma das principais características do curso Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS): a de qualificação do profissional docente. Como discente do referido programa, autora do presente trabalho, asseguro que as pertinentes reflexões proporcionadas pelas disciplinas oferecidas corroboram uma necessidade latente de formação de especialistas que vão além do ambiente universitário a fim de discutir temas diretamente ligados à sua realidade: o trabalho no contexto da sala de aula.

Diferentemente do acadêmico, que é voltado para abordagens mais teóricas, esse programa de mestrado visa à qualificação da prática na medida em que apresenta uma estrutura curricular que dá ênfase a assuntos específicos da área de atuação e suscita a articulação entre teoria e prática. Embora a titulação, o grau e as prerrogativas para aprovação sejam as mesmas tanto para o acadêmico quanto para o profissional, este último é uma modalidade que objetiva a capacitação de profissionais em determinada área do conhecimento, no caso em questão, aqui, em Letras.

O PROFLETRAS suscita a construção de uma identidade desse profissional, pois o incentiva a refletir e o induz a repensar sua prática, à medida que o motiva a sinalizar os assuntos que são considerados problemas em seu contexto de trabalho, para intervir pedagogicamente. Dessa forma, estimula uma reavaliação de suas

competências e habilidades, o que contribui, sobremaneira, para a melhoria da qualidade da educação básica, uma vez que torna o professor um sujeito reflexivo.

Na busca de atingir as metas delineadas pelo curso, o professor-formador Marcos Bispo dos Santos construiu um Projeto de Desenvolvimento Profissional no qual orienta os caminhos a serem seguidos para alcançar os objetivos propostos; o projeto prevê três unidades estruturais: uma análise situacional que consta de uma narrativa autobiográfica e a elaboração de uma atividade diagnóstica (vide Anexo A), o planejamento de uma Proposta de Intervenção e sua aplicação, bem como a avaliação do processo na medida em que ele vai sendo aplicado.

Ao desenvolver a intervenção, partir do que afirma o educador Paulo Freire (2015, p. 30), “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”, assim, um está inerente ao outro, pois ensinar é uma contínua busca, é querer conhecer, é indagar-se; pesquisar é constatar para intervir e educar, é educar-se. Então, enquanto docente da educação básica, que conhecimentos teórico-metodológicos são necessários para o aperfeiçoamento da minha prática? Quais as minhas concepções de linguagem, de língua e de letramento ao planejar e ministrar minhas aulas? Que práticas educacionais podem dialogar com uma geração que vive conectada?

Diante dessas reflexões, reporto-me aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) que embasam o processo educativo; tal documento declara que a escola tem a função de contribuir com o domínio da linguagem e da língua, pois assim os indivíduos podem se comunicar, ter acesso a informações, produzir cultura e defender pontos de vista. A partir dessa perspectiva, revi as aulas de Língua Portuguesa que ministro desde os tempos de graduação e constatei que, quando realizei o estágio supervisionado como etapa exigida para conclusão do curso de Letras, a transmissão de conhecimentos era, naquela época, o meu papel. A exigência era somente que eu tivesse o domínio do assunto e, por meio de aulas expositivas, repassasse o conteúdo.

Sendo assim, a concepção de prática reflexiva que me conduz a rever minha ação como docente na sala de aula acabou por desmistificar a concepção do professor como um mero transmissor de conhecimentos. A postura de profissional reflexivo é uma tendência que vem dominando a área de formação de educadores, pois ter a docência pautada na reflexão possibilita abrir espaços para que conceitos enraizados sejam reformulados e os conhecimentos contestados e burilados.

Desse modo, tenho como objetivo neste estudo verificar que concepções

norteiam uma prática crítico-reflexiva, averiguando os conhecimentos necessários ao professor de Língua Portuguesa para que sua docência seja pautada na autorreflexão, por compreender que a discussão acerca da formação docente e a necessidade de uma ação continuada, para que seja delineado um profissional mais completo e qualificado em sua área de atuação, fomentem a expectativa de um professor que seja um agente da educação que contribua com a transformação de atitudes, de ações.

Segundo Demo (2006), pesquisar demonstra que o senso pela alternativa não está perdido e que a pesquisa é a primeira maneira de o ator político se colocar, lançar-se; em vista disso, no cotidiano do meu fazer pedagógico, inúmeros problemas já me fizeram observar que a sala de aula é um local fecundo para reflexões e constatações do professor. Por essa ótica, detectei que a produção textual escrita, sobretudo de gêneros argumentativos, é um desafio que promove diversas dúvidas e angústias no tocante à minha prática, visto que as produções textuais dos educandos indicaram para a necessidade de que fosse feito um trabalho mais direcionado com argumentação.

Vale ressaltar que as pesquisas que envolvem a argumentação não são recentes. Desde a Antiguidade Clássica, o tema é objeto de interesse de todas as áreas em que se pratica a arte de falar e escrever de forma persuasiva. Atualmente, o estudo da argumentação tem recebido atenção devido à influência que as redes sociais impõem sobre a sociedade, por estar presente nas mais variadas situações comunicativas, desde o apelo que os meios de comunicação imprimem em nosso cotidiano, seja na publicidade, nos discursos políticos ou nos debates em sociedade, por exemplo, como também em situações comuns envolvendo a família, a escola e a área profissional.

É também válido apontar que os PCNs (Brasil, 1998, pp. 40-41) destacam que o trabalho com a argumentação em sala de aula fomenta uma postura crítica e reflexiva por ser um exercício para a cidadania. Logo, a escola está imbricada com a argumentação, visto que cabe a essa instituição criar situações comunicativas em que o indivíduo exercite sua cidadania, pautado na reflexão de seus julgamentos, sem desconsiderar o discurso do outro.

Na minha visão de educadora, produzir um texto argumentativo é apresentar-se, mostrar-se por meio da exposição de seus pensamentos e da colocação de suas ideias, procurando defender o que é posto mediante fatos, exemplos e dados.

Entendo, porém, que não se trata de uma tarefa fácil. Por isso, busquei examinar a produção textual escrita de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II por intermédio de diagnósticos, a fim de que fossem apontadas algumas dificuldades que permeassem a argumentação.

Tendo por base os resultados constados em sala de aula, apliquei uma Proposta de Intervenção Pedagógica, visando ao desenvolvimento da habilidade de argumentar, usando o gênero textual artigo de opinião como meio para este fim. Nessa proposta, o estudo da argumentação nos textos escolares foi meu ponto de partida. Assim sendo, encontrar possíveis problemas que cerceiam essa habilidade, para intervir, configurou meu objeto de trabalho, tendo em vista a recolha de alternativas que impulsionassem a qualidade da minha prática.

À luz dos princípios de Schön (2000), que propõe um ensino prático reflexivo, desenvolvi a intervenção, na qual lançava "provocações", visando à aprendizagem reflexiva do meu aluno à proporção que questionava meu fazer pedagógico. Mediante análises das dificuldades sinalizadas nos textos escolares e refletindo diante dos desafios encontrados no exercício das aulas de Língua Portuguesa — após essas aulas e compreendendo que novas formas de ação diante da mesma ação podem trazer a reelaboração de conhecimentos —, trilhava um novo caminho para minha docência.

Em vista disso, concebo que um dos momentos em que a reflexão apodera-se de nós é quando queremos defender uma ideia e convencer os outros do que pensamos. Por isso, o desenvolvimento da habilidade de argumentar foi minha prioridade na proposta de intervenção, objetivando a reescrita de uma produção do de um texto do gênero argumentativo, escrita na atividade diagnóstica como "primeira produção", resultando na "produção final", na qual o aluno colocou em prática os aspectos trabalhados em uma sequência didática.

Para atingir os objetivos propostos, meu referencial teórico constou de Vygotsky (2000), por sua visão interacionista, e de Paulo Freire (2015), por entender, como ele, que há entrelaçamento entre professor e pesquisa; no que concerne às práticas de leitura e escrita na escola como forma de desenvolver as habilidades e competências do educando, encontrei em Kleiman (2004), Rojo (2012) e Soares (2004) sustentação para aprimorar meus conhecimentos linguísticos, e em Schön (2000), que desenvolveu um estudo acerca do ensino prático-reflexivo, caminhos para ir aperfeiçoando minha docência.

Já Dolz e Schneuwly (2004) forneceram-me subsídios para a elaboração de uma "sequência didática" que "é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática" (p. 82), enquanto a concepção bakhtiniana de gêneros discursivos, "entidades" que se relacionam intimamente com a efetividade da comunicação (Bakhtin, 2011) forneceu-me base para concretização da intervenção. Para o estudo da argumentação como "uma necessidade social e profissional", os autores Meyer (1996), Perelman (2005), Toulmin (2006), Olbrechts-Tyteca (2005) e Plantin (2008) respaldaram meu trabalho e completaram o embasamento na concepção da proposta.

Além desses fundamentos, tive a parceria da tecnologia em todo processo; foi visível o interesse e a participação do alunado quando havia audição de vídeos, visualização de imagens e/ou slides por meio do *datashow*, audição de músicas usando o *YouTube*, entre outros.

Procurei usar as novas tecnologias almejando a diminuição de empecilhos que pudessem ser obstáculos a um melhor desempenho e progresso dos discentes; assim, pesquisando na *Internet*, busquei levar para classe textos midiáticos que tratassem de assuntos atuais, a fim de aproximar o estudante dos conteúdos a serem trabalhados. Além disso, criamos (professora e alunos) uma página pública no *Facebook – A voz do Gentil* – com a finalidade de publicar a "produção final" reescrita pelos estudantes e também para que eles a utilizem para outros fins, como postar outras produções de gêneros textuais diversos que debatam assuntos, possibilitando que os demais professores possam acessar e compartilhar ideias, conhecimentos e tarefas.

Desta forma, para dar início à proposta de intervenção, a turma A do nono ano do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins (CEGPM), situado em Valença, na Bahia, foi aquela na qual apliquei dois questionários, um socioeconômico e um psicopedagógico, além de duas atividades diagnósticas, a segunda como "produção inicial", que foi reescrita ao final do processo.

Portanto, na organização estrutural do trabalho, no capítulo II, descrevo a escola onde a proposta fora aplicada; traço o perfil dos alunos, constatado nos dois questionários, demonstro como desenvolvi os diagnósticos e expresso algumas considerações a respeito das produções textuais dos educandos; esclareço, também, de quais critérios lancei mão para "corrigi-las" e escrevo reflexões referentes aos resultados obtidos a partir delas. No capítulo III, contextualizo a

Proposta de Intervenção Pedagógica, apresento a fundamentação teórica da intervenção posta em prática, faço abordagens acerca da argumentação, embasando o objeto de estudo, bem como teço considerações a respeito de gêneros textuais.

Já no capítulo IV, procuro explanar como se deu a aplicação do que foi planejado, os objetivos, os conteúdos e a metodologia definidos para a intervenção; apresento, ainda, os planejamentos das suas cinco etapas, os planejamentos diários, as atividades cumpridas pelos alunos e relatos que são reflexões da minha prática escritos diariamente. Ainda nessa parte, incluo dados a respeito da avaliação realizada pelos aprendizes acerca das etapas desenvolvidas e um quadro referente à avaliação individual dos alunos, nas quais procurei acompanhar as dificuldades e os avanços observados durante o processo. Para finalizar o capítulo, procurei esboçar uma comparação entre a “primeira produção” e a “produção final”, e em um quadro, distribui notas quantitativas.

Nas considerações finais, reitero as razões deste estudo, ressalto a necessidade de construção de uma identidade do profissional docente por intermédio de cursos de formação, a exemplo do PROFLETRAS, e apresento reflexões a respeito da proposta que foi aplicada. Exponho, minhas percepções sobre o trabalho realizado como proposta para se aliar o arcabouço teórico à prática, ressalto o quanto aprendi durante todo o processo, salientado que as conquistas alcançadas foram bastante significativas para meu fazer pedagógico.

2 **ANÁLISE SITUACIONAL**

2.1 LOCAL DA INTERVENÇÃO: COLÉGIO ESTADUAL GENTIL PARAÍSO MARTINS

Enquanto lugar de formação e de atuação profissional, o Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins, onde foi desenvolvida a Proposta de Intervenção Pedagógica, apresenta características singulares e problemas como quase todas as instituições públicas. Ao rever a escola na qual trabalho há treze anos, para esta amostragem, busquei uma visão crítica das implicações e das possibilidades que emperram e aquelas facilitam o cotidiano escolar, levando-me a construção de outro olhar para um local tão significativo para o ensino e a aprendizagem.

O CEGPM foi inaugurado no ano de 1953 e ao longo dos seus sessenta e três anos de dedicação à educação têm contribuído com o desenvolvimento da cidade e com a educação dos seus cidadãos. Atualmente, a instituição está localizada na Rua Pedro Sancho, número 49, no bairro da Graça, em Valença (BA).

Nos seus primeiros anos de existência, o então Ginásio de Valença e depois Colégio Industrial de Valença oferecia, além de suas atividades didático-pedagógicas, cursos de artesanato, corte e costura, técnicas agrícolas, dentre outros, visando à profissionalização dos aprendizes. Hoje, este estabelecimento de ensino oferece os cursos Fundamental II, Ensino Médio (EM), EJA – Educação de Jovens e Adultos, nos turnos matutino e noturno, para mais de dois mil educandos valencianos, principalmente do bairro onde está localizado.

No turno vespertino, através do Projeto Mais Educação do Ministério da Educação, disponibiliza opções de atividades como educação ambiental, cultura e lazer, acompanhamento pedagógico, cultura de mídias e promoção da saúde, demonstrando preocupação com a formação de seus alunos e com seu IDEB.

Sou locada nesse colégio desde o ano de 2003 e os problemas que a escola enfrenta já são recorrentes e não são de fácil solução. No tocante ao seu Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, IDEB, a escola vem tentando alcançar melhores índices, mas encontra-se em situação de alerta, pois não atingiu a meta pretendida de 3.6. Em 2014, teve uma queda acentuada, ficando com um índice de 2.3.

No que se refere a políticas públicas, a escola dispõe dos recursos financeiros do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) para os cursos regulares, Educação de Jovens e Adultos (EJA) para o Mais Educação, Fundo de Assistência Educacional (FAED) para manutenção, Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), caixa escolar e Mais Educação, Programa de Desenvolvimento da Escola (PDE), PNAE e PDDE pra investir em qualidade educacional, disponibilizados pelos Governos Federal e Estadual com o objetivo de suprir a escola nas suas necessidades no que dizem respeito à estrutura, material pedagógico e de consumo, gêneros alimentícios e outros.

Em relação à estrutura física, alguns aspectos dificultam o processo de ensino-aprendizagem. Apesar da guarita com porteiros e vigilantes, os alunos entram e saem da escola a qualquer hora por qualquer razão. E apesar de ser cercada por muros, a escola é alvo da invasão de ex-alunos e não alunos que encaminham ou entregam a alunos materiais não didáticos, como drogas, por exemplo.

Em se tratando do espaço físico, esta instituição é formada por vinte e cinco salas de aula compostas de quadro branco, mesa para professor, carteiras individuais para os alunos e dois ou três ventiladores de teto bem antigos, que nem sempre funcionam. Muitas vezes, as altas temperaturas prejudicam o rendimento do ensino e da aprendizagem, principalmente nas aulas ministradas após o intervalo.

Em relação às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), o colégio dispõe de equipamentos que poderiam viabilizar o processo educacional, como copiadora, impressoras, aparelho de som, câmera fotográfica e filmadora, DVD, projetor multimídia (*datashow*) e dez computadores para os alunos. No entanto, muitos destes aparelhos apresentam-se com defeito ou obsoletos, assim como as TVs *pen drive* presentes em todas as salas.

Cada sala de aula possui um *pen drive* que não funciona; quando o professor solicita, um aparelho é levado por um vigilante que trabalha no turno, então, é uma televisão para atender toda escola. Nesses casos, levo meu *notebook* para realizar audição de filmes, músicas, clips, visualização de imagens, dentre outras atividades. Ressalto que a presença dos vigilantes é fundamental para o andamento das atividades escolares, pois além de realizarem o trabalho de vigia do patrimônio público também auxiliam nos casos de indisciplina que acontecem no interior das salas de aula.

Outra questão que considero um entrave nesta escola é a ausência de um coordenador. Como articulador, esse profissional poderia oferecer condições para que os professores realizassem um trabalho mais coletivo no que se refere às suas propostas curriculares. Mesmo assim, na tentativa de realizar ações mais interdisciplinares, nas reuniões de Atividade Complementar (AC), procuro trocar experiências, compartilhar ideias e sugestões para trabalhar a Língua Portuguesa (LP). Porém, percebo que se houvesse um coordenador, as discussões ocorridas nestas reuniões seriam sistematizadas e, assim, devidamente aplicadas.

No entanto, esta instituição conta também com espaços e ações que colaboram com a aprendizagem e com o ensino dos seus educandos e educadores, como o sistema de *Wi-Fi*, uma biblioteca com um bom acervo e um auditório para eventos, como reuniões, apresentação de projetos, entre outros, ambos climatizados.

Tratando-se do ensino da disciplina Língua Portuguesa, o Gentil Paraíso Martins esforça-se em preparar seus alunos para utilizar a linguagem escrita e oral como forma de interação e integração, para atender às demandas sociais. Seguindo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB, instituída pela Lei n. 9394, de 1996, que regulamenta o atual sistema educacional brasileiro, o colégio, preocupado com a formação dos seus aprendizes e com a aquisição da leitura e da escrita, desenvolve atividades diversas, considerando as capacidades dos estudantes, potencializando-as.

Neste sentido, além de participar dos projetos diretamente relacionados à língua materna, como o Festival da Canção Estudantil (FACE), Tempos de Arte Literária (TAL) e das Olimpíadas da Língua Portuguesa, do governo Estadual e Federal, à luz do lema da escola *Ser Gentil é legal!,* a escola realiza outras atividades que não estão previstas no livro didático; tais atividades surgem da necessidade ou da realidade do aluno, com o intuito de fomentar a aprendizagem e a formação cidadã. Ao preparar e aplicar tais atividades educativas, o objetivo é promover a socialização, associar conteúdo com a realidade do meio e com os acontecimentos diários, articulando o que determinam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) às peculiaridades sociais e culturais locais.

Devo considerar que a maioria do corpo docente da escola, formado por trinta e oito professores, está sempre engajado nos projetos, elaborando ações que busquem uma aprendizagem significativa dos educandos, porém expressam certa

desmotivação no que concerne à educação, pois já não acreditam que essas atividades possam transformar a vida deles mesmos e dos alunos.

Além disso, a escola também segue os princípios do Programa Gestão da Aprendizagem Escolar (GESTAR II), para o Ensino Fundamental II (EF II) de Língua Portuguesa que visa à proficiência da leitura e da escrita dos alunos e procura vincular o que traz o livro didático, os conteúdos e objetivos, aos do GESTAR.

Vale ressaltar que sempre busco informar aos alunos sobre os eventos culturais que a cidade de Valença promove ou participa, a fim de que os estudantes se acostumem a utilizar os espaços públicos, como também fortaleçam sua identidade pessoal e reconheçam os costumes e tradições da sua cidade e região. Saliento que Valença, cidade de forte expressão cultural, está na busca de uma educação de qualidade, e uma das ações é a abertura das escolas para o resgate cultural, optando por uma grade curricular que valorize a diversidade e incentive a realização de eventos em que a pluralidade local seja contemplada.

Mesmo assim, o quadro educacional enfrenta problemas como evasão e repetência que despontam como os entraves cruciais no processo educativo. Com uma quantidade considerável de escolas públicas e particulares, o município tem o acesso de crianças e adolescentes à escola garantido, porém distante de uma aprendizagem significativa.

Por isso, uma educação de qualidade perfaz-se pela formação e valorização do professor, o agente da educação, e isso só será possível quando este profissional tiver o acesso a cursos que incentivem a construção de uma identidade profissional, quando possa cumprir uma carga horária decente e quando for bem remunerado.

2.2 OS ALUNOS

No dia 14 de março de 2016, antes de desenvolver qualquer atividade que envolvesse os alunos, entrei em contato com a gestora do CEGPM, requisitando, através de documentos, a parceria daquela instituição em um projeto que visava à qualificação do docente de LP, o que fora logo aceito. Foi agendada uma reunião para o dia 23/03 com os responsáveis e os educandos da turma A, do nono ano do turno matutino, turma escolhida para participar do projeto. Com a finalidade de explicar-lhes os procedimentos a serem desenvolvidos naquela classe; o encontro

aconteceu no dia acordado, às dez horas da manhã coma presença de dezoito alunos e onze responsáveis, no auditório do colégio.

Na oportunidade, falei sobre o PROFLETRAS e expôs em linhas gerais o trabalho que realizaria, seus objetivos e a importância daquele alunado para a execução das ações, bem como seus benefícios e riscos do estudo; logo, após perguntas pontuais, os documentos foram lidos, assinados e entregues à educadora.

Como parte inicial do meu trabalho e tendo como campo de atuação a sala de aula, elaborei e apliquei dois questionários: um socioeconômico e um psicopedagógico, bem como duas atividades diagnósticas. Este material de coleta de informações teve como objetivo refletir sobre a minha prática pedagógica, bem como investigar que conhecimentos teórico-metodológicos são necessários para uma prática crítico-reflexiva, observando fatos que apontem as dificuldades de escrita no que tange à habilidade de argumentar.

Ressalto que os instrumentos de estudo foram aplicados numa classe em que eu era professora de Língua Portuguesa (LP) desde o início do ano de 2016: a turma A do 9º ano do CEGPM, constituída de trinta estudantes matriculados, mas que, somente, vinte e três frequentam. Nesta turma há dezoito alunos que já estudam na instituição desde o sexto ano e quinze que foram meus alunos em 2014, portanto eles já possuem certo conhecimento do espaço físico e humano da escola. A turma é bastante participativa, dinâmica, vive conectada e está sempre aberta a novidades; quando falei da possibilidade de participação do grupo no meu projeto, observei que a maioria ficou motivada.

Ciente de que a sala de aula é um espaço indicativo de mudanças, iniciei os trabalhos buscando conhecer mais e melhor cada estudante para compreender como construir e desenvolver a proposta de intervenção. Por isso, ao confeccionar o questionário socioeconômico, procurei elencar questões que fossem relevantes para a construção do perfil de cada educando, visando a facilitar a elaboração de atividades a serem aplicadas. Já na elaboração do questionário psicopedagógico, as indagações foram construídas com base na produção textual, com perguntas objetivas e subjetivas. Como este foi mais específico, o cuidado foi não elaborar questões ambíguas ou muito parecidas. Em ambos os casos, as dúvidas e dificuldades foram sanadas com ao auxílio do orientador.

Ao elaborar tais questionários, relembrei que houve uma época da minha carreira em que, ao iniciar o ano letivo, eu aplicava um teste de sondagem

semelhante a estes. Com o intuito de conhecer a turma, seus anseios, desejos e objetivos na escola, como também as perspectivas para aquela série, essa atividade era desenvolvida no primeiro dia de aula, e questões direcionadas à disciplina eram também contempladas. Como essa era uma ação realizada por todos os professores da escola, durante as primeiras reuniões daquele ano havia comentários fecundos acerca das respostas dos alunos. No entanto, o número de turmas e de alunos por professor era (e é) tão grande que esse instrumento acabava ficando nas prateleiras por falta de tempo para ler e analisar suas informações, que só eram retomadas quando algum aluno apontava um problema de indisciplina e/ou de rendimento.

Mesmo assim, julgo essa ação como amplamente educativa e legítima, visto que expressa o interesse do professor pelo seu desenvolvimento profissional e pelo crescimento pessoal do aluno, pois abre espaço para criar um ambiente propício ao ensino. Ao aplicar uma ação que faz o educador conhecer melhor seu aluno, ele respeita as individualidades, e a aprendizagem é contemplada.

Compreendendo assim, as questões preliminares elencadas nos questionários socioeconômicos e nos psicopedagógicos colaboraram com uma maior compreensão das variadas realidades dos alunos da escola, visto que apresentaram para mim um perfil pessoal de cada estudante envolvido no projeto. Como metodologia, utilizei a análise de resultados, e esses dados possibilitaram a organização de conteúdos e a elaboração de atividades condizentes com a realidade observada.

Devo salientar que esta é uma parte fundamental deste estudo, pois nela conheço mais de perto o contexto social e econômico dos estudantes, como: gênero, idade, se trabalha, onde e com quem reside, o nível de escolaridade do pai e da mãe, além da renda da família. Procurei saber como eles se relacionam com o computador e as redes sociais, e como buscam informações. Tento entender que valor dão à escola e ao estudo, o que gostam e o que leem, como a produção textual escrita está acontecendo em sua vida escolar, suas dúvidas e dificuldades, buscando, deles, sugestões para que haja um melhor aproveitamento no que concerne às aulas de LP.

Apesar de já conhecer parte da turma, não sabia de dados relevantes que tais questionários me passaram, principalmente em relação à produção textual. Por isso, as respostas dadas às perguntas serviram de base para determinar as competências, os conteúdos e a metodologia empregados na proposta de

intervenção pedagógica.

Esclareço que, ao aplicar o questionário socioeconômico, precisei discutir a questão de gênero que aparece logo no início da atividade, porque os alunos questionaram a presença de uma alternativa além de “masculino” e “feminino”. Explicitei aos alunos que havia três opções, pois a identidade de gênero está relacionada não só ao masculino ou feminino, mas como a pessoa se sente e se apresenta diante dela mesma e da sociedade, deixando claro que muitas vezes a sociedade busca conduzir o comportamento das pessoas mediante exemplos de masculinidade ou de feminilidade.

Salientei ainda que a identidade de gênero não deve ser confundida com orientação sexual, pois se refere ao jeito de ser de cada um – como andamos, falamos ou vestimos –, e que a natureza não é responsável por impor uma identidade e nem deve ser uma imposição externa da família, dos meios de comunicação ou do grupo em que a pessoa convive, mas que tem a ver com a forma como nos reconhecemos e como queremos que os outros nos reconheçam. Concluí dizendo que ser homem ou ser mulher “não é um estado predeterminado, é um tornar-se; é uma condição ativamente em construção” (CONNELL e PEARSE, 2015, p. 38).

Ao discutir, ainda que superficialmente, sobre identidade e gênero, observei que o preconceito sobre “o diferente” é um comportamento comum entre aqueles jovens, que encontram nos discursos sociais razões para explicar seus valores e suas crenças. Diante do que foi exposto, constatei que a escola é um local propício para que uma discussão mais profunda sobre o assunto se instale, a fim de que, por intermédio de práticas pedagógicas, o jovem cidadão reflita e respeite a diversidade que existe na sociedade e na escola.

2.2.1 A atividade diagnóstica

Entendo a atividade diagnóstica (AD) como uma ação avaliativa, realizada no início de um processo de ensino e aprendizagem, com a função de coletar informações referentes a conhecimentos, aptidões e competências, objetivando organizar situações educativas para futuras intervenções pedagógicas. Um diagnóstico intenta analisar qual o melhor ponto de entrada para uma sequência de atividades de aprendizagem, permitindo uma forma de ensino mais adequada, além

de auxiliar no planejamento de ações que possam explorar e identificar conhecimentos e dificuldades do professor, como também adaptar e predizer acerca das competências e aprendizagens dos alunos.

Nessa direção, tais atividades pretendem identificar o que o aluno já aprendeu e realiza com independência (ZDR – Zona de Desenvolvimento Real), a fim de que se possa intervir na ZDP, ou seja, aquilo que ainda se encontra em processo de aprendizagem, e levar o aluno à zona de desenvolvimento potencial, isto é, o aprendizado que ele realiza após mediação.

Vygotsky (2000) descreve dois níveis de desenvolvimento: o desenvolvimento real é aquele que já foi consolidado pelo indivíduo, de forma a torná-lo capaz de resolver situações utilizando o seu conhecimento de forma autônoma – é real, dinâmico, aumenta dialeticamente com os movimentos do processo de aprendizagem; por outro lado, o desenvolvimento potencial é aquele determinado por habilidades que o indivíduo já construiu, no entanto, está em processo – Isso significa que a dialética da aprendizagem gerou o desenvolvimento real, como também as habilidades que se encontram em um nível menos elaborado do que o já consolidado –, ou seja, o desenvolvimento potencial é aquele que o sujeito poderá construir.

Sendo assim, a ZDP muitas vezes é tomada como um dos níveis de desenvolvimento, todavia, trata-se precisamente do campo intermediário do processo. O desenvolvimento potencial é uma incógnita: já que não foi ainda atingido, Vygotsky (2000) postula sua identificação por meio do entendimento da ZDP. Tomando como premissa o desenvolvimento real como aquilo que o sujeito consolidou de forma autônoma, o potencial pode ser inferido com base no que o indivíduo consegue resolver com ajuda. Assim, a zona proximal fornece os indícios do potencial, permitindo que os processos educativos atuem de forma sistemática e individualizada.

Nesse sentido, apliquei duas AD, ambas solicitando a produção de textos argumentativos. A primeira contou apenas com seguinte pergunta como tema: *Como lidar criticamente com a influência das campanhas publicitárias nas relações de consumo?* E a segunda constou da mesma pergunta-tema e foi acrescida de três textos motivadores: um *cartum*, uma tirinha da Mafalda, de autoria de Quino, e um artigo de opinião, adaptado para fins pedagógicos, com o título *O que influencia o consumismo jovem?*, de Rafaela Maia, publicado em *Jovemeconomico*. O tema

solicitado aos jovens estudantes para as produções foi definido a partir dos temas transversais constituídos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs); a área que compreende Trabalho e Consumo (Relações de Trabalho; Trabalho, Consumo, Meio Ambiente e Saúde; Meios de Comunicação de Massas, Publicidade e Vendas; Direitos Humanos, Cidadania) foi escolhida por constituir-se em uma temática que necessita de um trabalho mais significativo em sala de aula, pois expressa valores e conceitos básicos à cidadania, como rezam os PCNs, e também porque os estudantes parecem envolvidos diretamente pelas relações de consumo, visto que podem se tornar alvos fáceis da publicidade e da mídia.

Sendo assim, num primeiro momento, os educandos foram solicitados a produzir um texto argumentativo; após os cumprimentos habituais, organizei a sala em semicírculo, distribuí a proposta de produção textual em que constava somente a pergunta-tema e entreguei junto uma folha para rascunho e outra para o texto definitivo; expliquei que a realização de um rascunho no processo de elaboração textual é indispensável e deve ser hábito a quem se propõe compor um texto. Este momento é para organizar as ideias acerca do tema, para que o autor se torne leitor e crítico do seu próprio texto, podendo melhorá-lo ao passar a limpo. Nessa proposta, solicitei também que o texto tivesse, no máximo, 25 linhas e que o limite mínimo seria de 7 linhas, ressaltando que essas instruções deveriam ser observadas, pois, caso contrário, o texto não seria considerado.

Ao solicitar a atividade diagnóstica sem textos motivadores, experimentei usar as antigas formas de propostas de redação, quando o professor apresentava somente o tema, e o educando, por sua vez, escrevia sobre ele sem qualquer outra motivação para aguçar e fomentar suas ideias. Concluí que propostas de produção assim podem acabar por criar nos alunos aversão a escrita de textos, pois às vezes o estudante possui um ponto de vista acerca do tema solicitado, mas não possui informações suficientes para discutir ou argumentar sobre ele. Mesmo assim, ao final da aula, todos os 23 estudantes entregaram seus textos.

Já num segundo momento, em outro dia, os procedimentos iniciais foram os mesmos, todavia, apareceram textos motivadores “para desencadear o trabalho que será produzido mais adiante” (PASSARELLI, 2004, p.131); assim, procurei selecioná-los buscando um diálogo entre o tema e os textos verbais e não verbais. Além disso, devolvi os textos que eles já tinham construído anteriormente com a mesma temática, explicitando que aquele era o momento deles tornarem-se leitores

da primeira versão que escreveram, para melhorá-la ou confirmá-la.

Dessa forma, entreguei a outra proposta de produção textual com os seguintes textos motivadores: o texto 1 refere-se a um *cartum*, extraído da *Internet*, em *perspectivismo.wordpress.com*, que mostra somente a imagem de um indivíduo cuja cabeça é aberta com uma chave e de lá já saíram diversos objetos e outros estão saindo, como: carro, roupas, televisão, celular, relógio, entre outros. Por se dedicar a temáticas mais abrangentes e universais da sociedade, o *cartum* permite uma compreensão atemporal, sem necessidade de contextualização, como é o caso do gênero tira, o texto 2.

O gênero tira desperta o interesse dos alunos na idade escolar do 9º ano não só pelo tom humorístico que muitas vezes apresenta, mas também pelas imagens e por encaminhá-los à reflexão, que desponta implícita ou explicitamente. A tira da AD 2 traz a personagem Mafalda e sua postura, sempre crítica, acerca do tema; a tirinha escolhida, mostra um posicionamento social, político e econômico da personagem que nos faz refletir criticamente no que se refere ao poder da televisão e da publicidade; por conta desses aspectos é que se deu a escolha desse gênero. Já o texto 3, um artigo de opinião, foi escolhido e adaptado pedagogicamente para que os alunos se familiarizem com o texto argumentativo, reconhecendo-o por meio de suas características.

Apesar das muitas indagações e das dúvidas que surgiram, foi possível mensurar que os subsídios que os textos motivadores ofereceram situaram o aluno sobre a proposta e forneceu-lhes elementos que os ajudaram a refletir sobre o tema, corroborando a construção de relações mais pertinentes e mais bem embasadas. Constatei, assim, que a temática é um problema que faz parte do cotidiano deles, pois com os textos de apoio, a construção de relações com a realidade que vivenciam diariamente foi ampliada.

Destarte, dissertar e argumentar sobre o tema proposto foi importante para que meus objetivos com a AD fossem alcançados, pois saber que argumentos os jovens dispõem para lidar criticamente com apelos tão bem delineados, como os utilizados pela propaganda para atingi-los, foi fundamental. Isso porque os textos opinativos dos educandos me levaram a refletir se as ferramentas que disponibilizei a eles foram adequadas à minha solicitação, ou seja, refletir minha prática, a fim de mensurar o quanto a teoria está sendo aliada à prática; pude avaliar, ainda, a argumentatividade, o estilo, no que tange à linguagem, e a construção das

produções, no que concerne à introdução, desenvolvimento e conclusão na malha dos textos.

2.2.2 Critérios para a avaliação da atividade diagnóstica

A avaliação na atividade pedagógica deve funcionar como um instrumento que sirva ao professor e ao aluno. Por ser “integrante e intrínseca” ao processo de ensino-aprendizagem, a avaliação norteia o trabalho do professor, à medida que o encaminha à reflexão acerca do seu fazer docente, apontando-lhe caminhos para que a prática desenvolvida seja redimensionada e contemple os problemas encontrados. Para o aluno, ela demonstra onde se encontram suas dificuldades, bem como seu progresso.

De acordo com os PCNs (1998), “a avaliação deve ser compreendida como um conjunto de ações organizadas com a finalidade de obter informações sobre o que o aluno aprendeu, de que forma e em quais condições”. Sendo assim, não é só no final de uma unidade ou bimestre que a realização da avaliação é necessária; avaliar deve ser um processo contínuo e sistemático.

Jussara Hoffmann (1994) define assim a avaliação:

> O sentido fundamental da ação avaliativa é o movimento, a transformação. Os pesquisadores muitas vezes se satisfazem com a descoberta do mundo, mas a tarefa do avaliador é a de torná-lo melhor. O que implica um processo de interação educador e educando, num engajamento pessoal a que nenhum educador pode se furtar... (HOFFMANN, 1994, p. 110).

Levando-se em conta as práticas que fazem parte do ensino/aprendizado da língua materna e compreendendo que este trabalho deve partir das minhas reflexões enquanto professora de LP do EF II, observei que um dos aspectos que mais me desafia no ensino dessa disciplina é a produção textual de gênero argumentativo. Por isso, realizei as atividades diagnósticas objetivando direcionar uma intervenção pedagógica, bem como registrar as dificuldades dos educandos no que concerne à habilidade de argumentar.

Tais atividades foram desenvolvidas a partir da solicitação de uma produção textual de gênero argumentativo, em dias letivos distintos e com propostas também distintas (a primeira sem textos motivadores e a segunda com estes textos), porém com a mesma temática. Para analisar essas produções, alguns critérios avaliativos

foram determinados a fim de que haja clareza sobre o que avaliei e como avaliei.

Sendo assim, três eixos foram definidos, tomando por base o que determina Bakhtin (1997); ao se referir a gênero textual, ele aponta para três elementos que o constituem: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

No conteúdo temático, foi avaliada a introdução de informações novas, históricas, sociais, literárias para uma maior eficácia da leitura que se imprime ao texto, a presença de marcadores temporais, a fim de situar o leitor em determinado momento (presente, passado ou futuro), assim como a correlação, a articulação dos tempos verbais expressas no discurso que façam prevalecer o aspecto lógico e coerente dos objetivos das ideias. A presença desses pontos na produção contribui, sobremodo, para a textualidade, pois eles concorrem para que a finalidade discursiva seja materializada significativamente e o sentido do texto seja sustentado pelas relações lógicas (temporalidade, identidade, implicação, negação).

Outro ponto avaliado no que se refere ao aspecto temático foi a unidade de sentido do texto: se o texto se relaciona com outros textos, se há outras vozes no discurso ─ retomadas de ideias, repetições, substituição de sinônimos, hiperônimos, expressões nominais, omissão, pronominalização. E, no que tange ao tratamento do tema, procurei observá-lo como "uma dimensão mais variável, como a própria enunciação/enunciado, ou seja, como único e não reiterável". Foi avaliado se o tema compõe-se por aspectos verbais recuperados pela significação (mais estável), e os não verbais via entonação expressiva, pela dimensão histórico-social engendrada.

O segundo eixo elencado como critério, acordando com o pensador russo, é o estilo: como o texto solicitado foi argumentativo e da esfera jornalística ─ um artigo de opinião ─, a linguagem precisava estar isenta de ambiguidades, a fim de que os fatos apresentados e os argumentos utilizados para persuadir o leitor fossem expostos de forma clara e objetiva. Além disso, o uso de ironia, do humor satírico, de orações com verbos modais e no subjuntivo, bem como a presença de conjunções modalizadoras do discurso e de sinais de pontuação (interrogação, exclamação, aspas) que induzem o leitor a refletir sobre as intenções do autor, também foram avaliadas.

Ainda neste eixo, a coesão e a coerência, fatores essenciais para a textualidade e para um texto configurar-se como um todo produtor de sentidos, foram avaliadas. A coesão tem a ver com a organização linguística das frases, com a escolha e o conhecimento gramatical, podendo ser referencial ou sequencial. A

referencial pode ser realizada por pronomes de 1ª e 2ª pessoas, por palavras que acompanham os nomes ou fazem remissão a um ou mais elementos do texto; a coesão referencial contribui para que o referente, elemento(s) que é (são) retomado(s), receba outros sentidos no decorrer do texto.

Já a coerência configura-se pela repetição de elementos ou passagens já citadas no texto, por meio de pronomes, substituições léxicas, retomadas de inferências, sinônimos, etc., por meio da progressão textual que envolve a renovação semântica, tendo o cuidado de não contradizer o que foi inferido ou deduzido. Por fim, a coerência estabelece um vínculo entre o que é falado no texto e a realidade do contexto situacional.

O terceiro eixo refere-se à construção composicional. Na introdução, o texto deve expor o ponto de vista a ser defendido em linhas gerais e situar o leitor a respeito do que será discorrido ao longo texto. No desenvolvimento, o ponto de vista é explicitado e sustentado por argumentos em defesa da opinião já citada, lançando mão de dados estatísticos, exemplificações, comparações, abordando fatos e estabelecendo relações de causa e consequências, tudo isso com raciocínio crítico. Na conclusão deve haver uma retomada da ideia principal, confirmando-a e apresentando possíveis soluções para que algo seja evitado ou haja melhoria no que aconteceu ou está acontecendo.

Com esses critérios avaliativos, analisei cada um dos textos elaborados, avaliei a competência dos alunos em produção textual, como também a habilidade argumentativa deles, o que serviu de base para uma reflexão mais aguçada no que concerne à qualidade da minha prática pedagógica.

A avaliação da AD, ou seja, a “primeira produção”, constou também de uma nota quantitativa – aspectos temáticos valem 3,5 pontos; estilo vale 3,0 pontos e, por fim, a construção composicional que vale 3,5 pontos –, com a finalidade de realizar uma comparação entre os textos escritos antes da proposta de intervenção pedagógica e os textos reproduzidos após as atividades interventivas.

2.2.3 Descrição dos sujeitos e análise da “primeira produção”

Os sujeitos de pesquisa são seres humanos voluntários que, depois de informados sobre os objetivos, a metodologia, os benefícios e os riscos do estudo, decidiram participar. Vale esclarecer que os considero de fundamental importância para o desenvolvimento do meu trabalho, pois é por intermédio deles que posso

comprovar ou não a eficácia das minhas ações. Portanto, planejei e fundamentei todas as atividades e dispensei a elas a toda a atenção, buscando sempre obter o *feedback* dos meus receptores.

Sendo assim, apliquei no dia 13 de junho de 2016, o questionário socioeconômico (vide Apêndice 1) e no dia 14, o psicopedagógico (vide Apêndice 2); na data do primeiro questionário, havia na turma A, do 9º ano do Ensino Fundamental II (EF II) do CEGPM, vinte e três alunos presentes, no quarto e no quinto horários da manhã, das 9h50min às 11h30min. No dia catorze, nos mesmos horários, três estudantes estavam ausentes, estes responderam à atividade em outras aulas, dias 20 e 21/06. Vale ressaltar que a turma é formada por trinta matriculados, porém somente vinte e três educandos frequentam.

Já a atividade diagnóstica que foi dividida em dois momentos, foi posta em prática no dia 11/7/2016, com aquela proposta de produção textual em que não há textos motivadores e no dia 12/7/2016, nos mesmos horários, apliquei a segunda AD (vide Apêndice 3); neste dia, devolvi os textos elaborados no dia anterior, já lidos e avaliados, explicando aos educandos que aquela segunda atividade seria diferente, pois na solicitação da produção escrita havia textos motivadores, objetivando a leitura antes da construção do texto. Para que as AD fossem realizadas com 23 alunos, foram necessárias seis aulas, pois houve ausência de alunos durante as duas ações realizadas naqueles dias.

Assim, descrevo os dados obtidos por meio do questionário socioeconômico e do psicopedagógico, traço um perfil desses alunos, como também apresento a avaliação da “primeira produção”, aquela elaborada após a leitura de textos motivadores. Destaco que os critérios para avaliar a escrita que serviram de orientação para dar continuidade a todo meu trabalho e foram embasados nas concepções de Bakhtin (2011) (vide Apêndice 4).

Respeitando a preservação do sigilo dos sujeitos de pesquisa, utilizo as iniciais dos seus nomes e sobrenomes para me referir a cada um.

A estudante A.S.S., do gênero feminino, não trabalha e reside com pais e irmãos na zona urbana da Valença. Sua mãe cursou até o Ensino Fundamental II e a escolarização do pai é por ela desconhecida; a família vive com um salário mínimo de renda mensal. Esta jovem de 15 anos declara que tem um conhecimento muito bom em relação ao computador, porém acessa a *Internet* pelo celular e participa de várias redes sociais; ela percebe-se como uma pessoa bem-informada. Em relação

à leitura, a educanda diz que não tem preferência por impresso ou na tela do computador. Frequenta de vez em quando a biblioteca da escola, considera importante estudar e afirma que sua família apoia e incentiva seus estudos. No que se refere à produção textual, classifica-se como “não muito boa”, apesar das estratégias diversas que a professora utiliza e afirma que sua dificuldade em escrever textos está na falta de prática.

Em sua produção textual diagnóstica, a estudante tenta relacionar seus conhecimentos de mundo com o tema, cria argumentos para defender sua tese: “As pessoas hoje em dia não se emporta com elas mesmas, mais com que vai mostra pra sociedade” *(sic)*; argumenta citando a presença de famosos nas propagandas. Usa uma linguagem clara, utilizando alguns conectivos, apresenta um título, subdivide o texto em introdução, desenvolvimento e conclusão, saltando uma linha para esta última.

Com 14 anos, A.L.S., que reside com sua mãe numa comunidade quilombola, declara-se do gênero feminino. Ela afirma que seus pais cursaram o Ensino Fundamental I e que sobrevivem da renda do Bolsa Família. Participa de várias redes sociais e utiliza-se também da televisão, jornais e revistas para se informar. A estudante, que não trabalha, declara ter lido dois livros este ano, considera fundamental estudar, diz ser bastante estimulada pela família e que é uma aluna participativa. Ela afirma, ainda, que se considera uma boa produtora de textos e, sendo assim, não possui nenhuma dúvida neste sentido.

Na sua produção textual, a educanda defende um ponto de vista, no entanto, demonstra que confunde alguns conceitos como o de consumo, consumismo e capitalismo. Ao expor sua opinião, a autora tenta introduzir novas informações, porém as ideias não aparecem concatenadas, não há a presença de marcadores temporais, apesar dos verbos estarem correlacionados. Ao ler o texto, compreende-se qual o posicionamento proposto, mas a linguagem é pouco objetiva, o texto não é coeso, falta-lhe conexão. No que se refere à construção composicional, o ponto de vista é apresentado na introdução, entretanto os argumentos em sua defesa, no desenvolvimento, são apresentados superficialmente. Não há conclusão.

Já A.C.C.N., que também não trabalha e reside com pais e irmãos na parte urbana do município, informa-me que seu pai cursou até o Ensino Fundamental I, sua mãe fez curso superior e a renda mensal familiar gira em torno de um a três salários mínimos. O estudante de 15 anos se classifica como do gênero masculino,

afirma ter conhecimento muito bom sobre computador, tem acesso a *Internet* em casa, faz parte de várias redes sociais e considera-se bem-informado. Este aluno leu um livro este ano, diz que estuda porque pensa no futuro e por isso é um aluno participativo. Em relação à produção de textos, o estudante tem várias dúvidas, mas não as cita, esclarece, apenas, que não gosta de redação.

Em sua atividade diagnóstica, o educando apresenta a seguinte tese: "A publicidade hoje em dia faz os adolescentes querer comprar tudo o quer" *(sic)*, desenvolvendo argumentos confusos, porém deixa claro que acredita que a mídia influencia no consumismo jovem. O texto é construído em um só parágrafo, não há pontuação para deixar as ideias mais claras; a linguagem é coloquial como, porém acrescenta novas informações acerca do tema.

Com 15 anos, A.O.S. mora com os pais na zona urbana, define-se do gênero feminino e não trabalha. Seu pai cursou o Ensino Fundamental I e sua mãe o Médio, porém ela declara que a família não possui nenhuma renda. Em relação à leitura, a estudante não apresenta preferência entre ler o texto impresso ou na tela do computador. Diz ter lido um livro este ano e pensa em ter uma profissão, por isso considera importante o estudo. Já no tocante à produção de textos, a aluna afirma que sua maior dificuldade está em utilizar os sinais de pontuação e é por essa razão que elaborar textos, para ela, é "chato".

Com o título "O consumismo dos adolescentes", a produção da estudante tem início de forma confusa. Os argumentos utilizados ligam o consumismo do adolescente às novas tecnologias, aos pais que compram o que os adolescentes almejam, alertando que o comércio usa de todas as formas para que o adolescente compre. Apresenta conclusão, reafirmando que "[...] as empresas querem nos converserem a comprar..." *(sic)*. No texto faltam conectivos e, quando aparecem, estão em locais equivocados, muitas partes ficam sem sentido por falta destes e da pontuação.

O próximo estudante da turma afirma que precisa ajudar com as despesas de casa mora com a mãe e mais outras pessoas na zona urbana da cidade, por isso trabalha fazendo atividades informais. O jovem B.O.S., de 16 anos e do gênero masculino, declara que seus pais cursaram até o Ensino Médio e que um salário mínimo é a renda mensal da família. Possui bom conhecimento sobre o computador e sobre todas as ferramentas que ele oferece, no entanto, acessa a *Internet* pelo celular; participa de várias redes sociais e mantém-se sempre bem-informado. No

entanto, ele não gosta de ler; esclarece que sua família não o incentiva a estudar e que o convívio com os professores e colegas é o que lhe motiva a frequentar a escola. Não gosta de produzir textos, pois sente dificuldade em criar; este estudante sugere que a professora explique como se produz um texto.

Em seu diagnóstico, o aluno desenvolve seu texto em um único parágrafo, explicita que os jovens estão consumistas, “[...] porque eles estão consumindo tudo aquilo que te chama atenção [...]” *(sic)*; em seguida, cita vários nomes de objetos que são de desejo dos adolescentes, afirma que os pais estão se endividando para satisfazer os jovens e que quem ganha com isso são os empresários. Falta conclusão.

A educanda C.S.C. tem 15 anos e mora com duas irmãs no perímetro urbano da cidade; diz-se do gênero feminino e não trabalha. Não sabe o nível de escolaridade de seus pais que, moram na zona rural, nem a renda mensal. Gosta de ler e considera muito importante estudar, mas não leu nenhum livro este ano. Em relação à produção textual, a aluna afirma gostar, porém não tem muitas ideias. Sugere o uso de imagens e músicas para despertar novas ideias.

Com o título “A mídia e os adolescentes”, a produção da estudante tem início com um questionamento. Os argumentos que são utilizados passam pela ideia de que a publicidade se vale de atores e atrizes famosos a fim de conquistar o adolescente e o levar a querer comprar determinado produto. Usa uma linguagem objetiva e com marcas linguísticas próprias; o texto está dividido em parágrafos, no entanto, é iniciada uma conclusão e não é terminada.

C.S.S.N., de 14 anos, também é um jovem trabalhador. Alegando gostar de ter seu próprio dinheiro, ele destaca que realiza serviços no comércio e hotéis de Valença, a fim de adquirir experiência; reside com sua mãe na área urbana da cidade e declara-se do gênero masculino. No que se refere ao pai, o estudante afirma não saber qual o nível de escolaridade, já o de sua mãe, o aluno esclarece que ela fez Especialização. O estudante considera-se bem-informado, diz ser possuidor de bons conhecimentos acerca de computador e *Internet*, mas que tem acesso à rede somente pelo seu celular, no qual participa de várias redes sociais. Sua família tem uma renda de um a três salários mínimos. Para sua leitura, o aluno prefere textos na tela do computador, mas não leu nenhum livro ainda este ano. Seus pais o incentivam a estudar, e, em relação à produção de textos, ele afirma que precisa de aulas dinâmicas, além de explicações claras sobre como escrever

um texto.

Em sua produção, o aluno apresenta título e dois parágrafos; no primeiro, o autor mostra sua tese de que a mídia influencia no consumismo do adolescente, declarando que as propagandas “cegam as pessoas por aquele objeto” *(sic)*. No segundo parágrafo ele repete o que diz no primeiro; leva em conta que a presença de atores famosos em comerciais ajudam na influencia, tudo isso em uma linguagem clara e objetiva, em dois parágrafos, saltando linhas de um para o outro.

De 16 anos, D.N.P. é uma jovem do gênero feminino que trabalha em casa porque precisa ajudar nas despesas. Seus pais, com quem mora na zona urbana, cursaram até o Ensino Médio e vivem com um salário mínimo. A estudante compartilha de diversas redes sociais por meio do seu celular e é bem-informada. A aluna prefere ler em impressos, já leu quatro livros este ano e sua família “dá muita força” para que ela não desista de estudar, dando-lhe indicações de leitura e de cursos. Possui poucas dúvidas, segundo ela, ao produzir um texto, gosta de escrever e sugere que a professora utilize textos mais atuais e interessantes para que ela se sinta incentivada a escrever.

Na escrita dessa estudante, percebe-se que ela respeita uma estrutura organizacional: introdução, desenvolvimento e conclusão. Defende uma tese e acrescenta novas informações ao tema. Sua linguagem traz marcas linguísticas, como o uso de referentes. Apresenta título e procura interagir com o interlocutor.

Jovem de 14 anos de idade, D. B. S. classifica-se como do gênero feminino, não trabalha e vive com seus pais e irmãos no perímetro urbano da cidade. O nível de escolarização dos pais é o Ensino Médio e a renda mensal é correspondente ao valor do Bolsa Família. Ela afirma que acessa a rede pelo celular, participa do *WhatsApp* e usa a televisão para se manter informada. Não leu nenhum livro ainda no ano em curso, mas de vez em quando se utiliza da biblioteca da escola para ler, contudo sente necessidade de aprender mais e é uma aluna participativa. Gosta de produzir textos e acredita que precisa escrever mais para escrever melhor.

O título da produção dela é “Os adolescentes e o consumo exagerado por incentivo da mídia”. O texto traz uma tese bem explícita, e seus argumentos demonstram que a autora acredita que os jovens querem comprar o que sai na mídia e nas propagandas apenas para ficar na moda. Sua produção apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão, numa linguagem objetiva e clara.

O estudante E.S.R[1]., de 14 anos e do gênero masculino, reside com seus pais e irmãos numa comunidade quilombola[1]. Ele não trabalha e não sabe até que série seus genitores estudaram. Pelo celular, ele tem acesso à *Internet*, participa de redes sociais, mas é pela televisão que ele informa-se sobre o que acontece no Brasil e no mundo. O jovem aluno afirma que sua família não possui renda mensal. “Tanto faz”, para ele, ler na tela do computador ou em impressos, não leu nenhum livro este ano, apesar de sua família “mandar ele ler” *(sic)*. Confirma que não possui muitas ideias para produzir um texto e que a professora deveria usar filmes para “desenvolver o pensamento”.

O seu texto apresenta um título, introdução, desenvolvimento e conclusão; traça a diferença entre consumo e consumismo, acrescenta que o comércio vê o adolescente como alvo fácil para o consumo e que “as pessoas quando estão comprando não se dão conta” *(sic)* se há ou não a necessidade de comprar. O texto traz uma linguagem própria e clara.

E.J.M. destaca que sua mãe, com quem mora no perímetro urbano do município, estudou e fez uma Especialização, contudo ela desconhece o nível de escolaridade de seu pai; esta estudante tem 15 anos de idade, define-se como do gênero feminino e sua família possui renda de um salário mínimo. É pelo seu aparelho celular que a educanda tem acesso à *Internet* e às suas redes sociais, bem como por onde busca manter-se bem-informada. Tem preferência pela leitura na tela do computador, mas leu um livro este ano *A culpa é das estrelas*; afirma que sua família estuda junto com ela, principalmente nos dias de avaliação. Gosta de produzir textos, acha que a professora deveria solicitar mais redação e sua dúvida ao escrever está no uso dos sinais de pontuação.

Acreditando que a presença de atores famosos nas propagandas aumenta a vendagem, sua produção traz uma introdução com a tese “A mídia é usada para influenciar adolescentes [...]”, o desenvolvimento apresenta uma rápida discussão acerca da mídia, reiterando que a programação da TV, do rádio, e de outros meios de comunicação está preparada para influenciar os jovens e que a mídia se aproveita para lucrar em cima destes. Na conclusão, confirma sua tese. Ela usa uma linguagem simples e objetiva.

[1] Em Valença/BA há cinco comunidades remanescentes de quilombolas que são certificadas: Vila Velha do Jequiriçá, Arueira, Buraco Azul, Jaqueira e Sapé Grande (www.palmares.gov.br). No entanto, o aluno E.S.R. não pertence a nenhuma; a comunidade que ele reside não é reconhecida como Quilombola.

Com 15 anos, I.J.P.R. define-se como do gênero masculino; não trabalha e reside na área urbana com seus irmãos e pais, estes cursaram até o Ensino Médio. Acessa a *Internet* em casa, pelo computador, compartilha de diversas redes sociais (*Facebook, WhatsApp, YouTube*) e é bem-informado. Não tem preferência por ler textos no computador, podem ser impressos ou na tela, mas ainda não leu nenhum livro durante o ano. Sua família é presente, vai sempre à escola e lhe ajuda a estudar. Ele não elenca nenhuma dúvida no que tange à produção de textos, acha que a professora deve continuar a fazer as atividades que já faz.

O texto do aluno que serve de diagnóstico apresenta uma tese, na introdução, que se relaciona ao tema proposto; no desenvolvimento, tenta acrescentar informações de forma lógica, discutindo o problema. Apesar dos períodos não serem objetivos, sua linguagem é. Há conclusão destoante da tese central.

O perfil apresentado por J.S.S. esclarece que sua mãe não estudou e que a estudante, de 15 anos, desconhece a escolaridade do pai. Sua família vive do programa social Bolsa Família, na zona urbana do município, e ela não trabalha. Tem bom conhecimento acerca do computador e *Internet*, que é acessada pelo celular, todavia não participa de nenhuma rede social, o que é um diferencial, pois a maioria dos sujeitos compartilha de alguma. Esta educanda busca manter-se informada por intermédio de jornais e revistas. Leu três livros este ano, frequenta a biblioteca da instituição para leitura de vez em quando, considera o estudo fundamental em sua vida e sua família está sempre a incentivando. Afirma que às vezes produz bons textos, sugere que a educadora explique como escrever textos, porque ela acha “bom escrever”. Sua dúvida, nesse sentido, é usar a pontuação nas suas escritas.

Em seu texto diagnóstico, a estudante demonstra acreditar que, além da influência da mídia, outro fator também causa o consumismo: a amizade; no desenvolvimento, ela argumenta que os jovens querem ter porque o amigo tem, “para ficar na moda ou conectado”. Há a presença de elementos coesivos, como “[...] querem um igual, parecido, ou seja, na verdade [...]”; sua conclusão, é constituída de um questionamento.

Já a jovem educanda K.N.C., define-se do gênero feminino, tem 15 anos, trabalha no comércio e hotéis, justifica que quer ter sua própria renda e que a família vive com aproximadamente um a três salários mínimos. Reside no perímetro urbano com vários parentes; a aluna, apesar de desconhecer até que série seu pai estudou,

afirma que sua genitora cursou o Ensino Médio. No tocante ao computador e à *Interne*t, K.N.C. confirma ter conhecimentos muito bons, mas acessa a rede por celular, compartilhando de um variado número de redes sociais, mas busca informações pela televisão. Prefere ler na tela do computador, mas não leu nenhum livro este ano e afirma não frequentar a biblioteca da escola. Considera importante estudar, é questionadora, e sua família cobra muito o "passar de ano". Em suas produções textuais, diz ter dificuldade em "criar ideias" e em utilizar os sinais de pontuação. Sugere que a educadora explique "como fazer um texto", pois não gosta de escrever e classifica seus textos como "ruins".

O texto intitulado "Consumo na sociedade" possui uma tese, mas a introdução e o desenvolvimento aparecem juntos. Quanto aos argumentos, a jovem escritora os apresenta de forma lógica, há a presença de alguns conectivos e retomadas. Usa uma linguagem própria e objetiva com renovação semântica. Na conclusão, retoma a ideia central e fala de assuntos da realidade atual.

A descrição de L.S.S. mostra que a escolaridade dos seus pais para ela é desconhecida. Com 16 anos e declarando-se do gênero feminino, esta estudante não trabalha, reside com os pais na área urbana e acessa as suas redes sociais pelo celular. Sua família tem como renda mensal um salário mínimo. Tem preferência pela leitura na tela do computador, mas não leu nenhum livro ainda em 2016. Considera que estudar é fundamental, por isso é uma aluna que sempre questiona, e sua família está sempre lhe cobrando um bom desempenho. No que tange à produção, a educanda afirma não ter "ideias legais", acha que a professora deve deixar os alunos escolherem seus próprios temas e que não gosta de "escrever redação". Entretanto, apresenta um texto para a diagnóstica que estabelece relações lógicas, com elementos de recorrência, conectivos e elementos lógico-discursivos; o título é "O consumo exagera" *(sic)*, tem introdução com uma tese, que é discutida no decorrer do texto. Tudo isso em períodos objetivos e linguagem clara.

O mesmo dado que chama atenção na aluna anterior acontece com L.F.: ela desconhece o nível de escolarização dos pais. Com 15 anos e do gênero feminino, a estudante trabalha no comércio local, pois quer ter sua própria renda, reside na zona urbana com sua família, que vive com um salário mínimo, compartilha de diversas redes sociais pelo celular e considera-se bem-informada. Prefere ler textos impressos e já leu quatro livros: *Corações em fase terminal*, *Meu querido John*, *Pela luz dos teus olhos* e *À procura de Francisco*. É uma aluna participativa, e sua família

a incentiva muito a estudar. Acha melhor ler do que escrever, mesmo assim acredita que produz bons textos, sugere que, além das atividades já realizadas em classe, a professora deveria deixar o tema livre.

Em seu texto, o tema é desenvolvido de forma progressiva, há relações com um contexto real e traz algumas novas informações, mas usa linguagem coloquial. Há introdução, com tese um tanto confusa. Desenvolve argumentos em que tenta situar e interagir com o leitor. Conclui o que diz, tentando retomar a ideia inicial, mas acrescenta outras ideias que não podem mais ser discutidas.

Com 14 anos, M.H.S.S. define-se do gênero masculino, trabalha como cuidador da sua avó, com quem mora juntamente com sua mãe para ajudar nas despesas da casa; o jovem, que reside na área urbana, afirma que seu pai cursou o Ensino Superior e sua mãe o Médio, e que a renda familiar é de mais de três salários mínimos. O educando indica que é "*expert"* em tecnologia, mas prefere ler em impressos; é bem-informado e compartilha de diversas redes sociais. Não leu livro algum em 2016, mas esclarece que "é uma pessoa de conteúdo" e escreve bons textos. Acredita que escrever o faz refletir, no entanto lhe cansa.

Seu texto diagnóstico é bem definido: há uma tese defendida com argumentos claros que correspondem ao tema proposto, além de usá-los de forma crítica. Há retomadas e renovação semântica, bem como o acréscimo de novas informações. Sua linguagem é própria, pois desenvolve o texto usando verbos na primeira pessoa, na sua maioria, como "Quando estou assistindo TV, eu vejo [...]" e "[...] concordo que o anúncio influenciam as pessoas" *(sic)*; a presença de conectivos pode ser observada.

O mais novo educando da turma, R.J.S., tem 13 anos e define-se do gênero masculino. Explica que precisa ajudar em casa e quer obter experiência, por isso realiza trabalhos informais como feirante e ambulante nas horas em que não está na escola. Mora com vários parentes, sua família vive do Bolsa Família e seus pais cursaram o Ensino Fundamental I. Participa de várias redes sociais, geralmente, pelo celular, mas se informa, além da *Internet,* pela TV e pelo rádio. Para ele, que leu dois livros este ano, *A árvore que dava dinheiro* e *Diário de um banana*, é melhor ler textos impressos; estuda porque pensa no futuro e quer ter uma profissão, por essa razão sua família o incentiva muito. É um aluno participativo, afirma ter poucas dúvidas ao produzir um texto, mas não as elenca; sugere que a professora peça a opinião dos alunos antes de solicitar uma produção e diz se sentir "elevado e

tranquilo” ao construir um texto.

O aluno demonstra ter conhecimento acerca do tema, pois em seu texto da atividade diagnóstica seus argumentos para defender sua tese mostram uma congruência com um contexto de realidade, apresentando comparações explícitas entre a mídia e o consumo. Num estilo próprio, o texto tem na introdução sua tese, na qual o escritor afirma que a presença de famosos na publicidade pode influenciar o consumismo e justifica seu pensamento dizendo que “[...] atrizes deixam os produtos mais divulgados...” *(sic)*.

R.S.J. é uma jovem estudante de 15 anos que não trabalha, mora com os pais na zona rural do município, afirma que a família não possui renda e que desconhece o nível de escolaridade dos genitores. Classifica-se como do gênero feminino; tem acesso à *Internet* pelo celular e participa do *Facebook*, mas se informa pela TV. “Tanto faz”, para essa estudante, ler textos impressos ou na tela do computador; não leu nenhum livro, sua família e ela pensam no futuro, por isso ela estuda e participa ativamente das aulas. Afirma que não é “muito boa” na produção de textos, todavia confirma não ter dúvida nenhuma ao escrever. Sugere que a professora apresente textos e imagens acerca do tema da proposta de redação.

Com o título “O jovem no poder do consumismo”, o texto da aluna é iniciado com o porquê do consumismo adolescente, afirmando que eles são alvo da mídia, mas constrói argumentos em que a coerência fica comprometida, como “a mídia é um dos principais objetivos pro jovem querer gastar” *(sic)*; continuando, a autora fala do comércio e salienta “[...] muitos países dão até cartões de crédito, abrem conta no banco” *(sic)*. A autora centra sua produção na ideia de que o jovem faz qualquer coisa para obter o que a mídia oferece e que a família faz o que o jovem deseja. Sua linguagem é clara e objetiva.

Já a estudante R.S.R.[2] reside em uma comunidade quilombola[2] com seus pais e irmãos. Não trabalha, classifica-se como do gênero feminino, não sabe a escolarização dos pais, porém declara que sua família vive de um salário mínimo. A jovem também acessa a rede pelo celular, compartilhando diferentes redes sociais. Além disso, a educanda busca informação sobre o nosso país e o mundo pelo rádio. É na tela do computador que prefere ler, mas não leu nenhum livro em 2016, e sua

[2] Em Valença/BA há cinco comunidades remanescentes de quilombolas que são certificadas: Vila Velha do Jequiriçá, Arueira, Buraco Azul, Jaqueira e Sapé Grande (www.palmares.gov.br). No entanto, o aluno R.S.R. não pertence a nenhuma; a comunidade que ele reside não é reconhecida como Quilombola.

família dá conselhos para que ela não pare de estudar. Acredita que produzir textos auxilia na escrita, sugere, então, que a professora passe atividades diversas para que suas produções melhorem e afirma não ter dúvida nenhuma na produção de textos.

Em seu texto diagnóstico, procura defender sua opinião sobre o tema utilizando argumentos que comparam os jovens de hoje e os de antigamente. Sua linguagem é de fácil entendimento, usa poucos conectivos, porém o texto é coerente. Desenvolve a produção em introdução, na qual apresenta, mas não justifica sua tese, um desenvolvimento que procura, no comportamento do jovem atual, razões para o consumismo; a conclusão aparece um pouco confusão sem demonstração que o texto está sendo finalizado. Possui título.

Esta aluna que passo a descrever também reside na área rural do município, com seus pais e irmãos. S.Q.S. tem 14 anos, diz-se do gênero feminino e trabalha; a estudante realiza atividades informais em casa, como artesanato e costuras, porque quer ter seu próprio dinheiro e a renda familiar é de um salário mínimo. A educanda acessa suas redes sociais e informa-se por meio da *Internet*. É por meio de textos impressos que prefere ler e assim já leu *Meu querido John* e *A culpa é das estrelas* este ano. A aluna e sua família pensam em seu futuro, e percebem aí a importância do estudo. Sente dificuldades em colocar as vírgulas ao produzir um texto, acredita que seus textos "não são tão bons quanto dos colegas" *(sic).* Gosta das aulas de redação, pois a escrita, para ela, torna-a "mais esperta", embora, por vezes, "tem horas que dá preguiça" *(sic)*.

O seu texto possui uma tese que pretende defender: "Os adolescentes de hoje em dia estão tendo um consumo que por conta disso se diz que é melhor que os outros..." *(sic)*, no entanto suas ideias não têm muita coerência, por falta de articuladores, retomadas e pontuação. O texto é constituído de um parágrafo; os argumentos alertam que os adolescentes querem ter mais coisas materiais para se sentirem superiores às outras pessoas. Utilizando uma linguagem simples e clara, a autora apresenta o título "Consumismo dos adolescentes".

O perfil de T.L.S. demonstra que é mais uma aluna que não conhece a escolaridade dos pais; ela tem 14 anos, classifica-se como do gênero feminino, reside na zona urbana com a mãe e outras pessoas que vivem do Bolsa Família. Esta educanda não trabalha, acessa suas redes sociais (*Facebook, WhatsApp, Instagram, YouTube, Twitter, Kiwi, Snapchat*) pelo celular e informa-se pela TV. Tem

preferência pela leitura na tela do computador, mas ainda não leu nenhum livro este ano, e sua família sempre procura incentivá-la a continuar estudando. É participativa nas aulas de redação, porém sente dificuldade em produzir seus textos, diz que lhe falta “criatividade”. Aconselha que a professora “deixe os alunos escolherem os temas”.

Seu texto é coerente em relação ao tema proposto; a escritora mostra ter um posicionamento acerca do assunto, pois afirma que “os jovens estão sendo alvo fácil do consumo, e isso de certa forma está afetando a sociedade”, sendo este seu primeiro parágrafo. No seguinte, o texto aborda a questão das propagandas que exibem “coisas chamativas que interessam aos jovens” que acabam ficando “ansiosos” para obter determinado produto, o que causa endividamento da família; ainda nesta parte, a aluna justifica o consumismo do jovem adolescente argumentando que ele quer comprar para poder estar na moda. Usa linguagem clara e termina com uma alerta ao jovem, nesse sentido, tentando, assim, uma interação com um interlocutor.

O aluno seguinte classifica-se como do gênero masculino, tem 15 anos e não trabalha. W.C.J. reside no perímetro urbano com seu genitor e outras pessoas, declara que seu pai cursou o Ensino Fundamental I, não sabe o nível de escolaridade de sua mãe nem a renda mensal da família. Não compartilha de nenhuma rede social e busca informações sobre o que acontece no Brasil e no mundo pela televisão. Não gosta de ler. Sua família deseja que ele estude para que tenha “um trabalho bom”. Não gosta de escrever, nem de produzir textos, no entanto, não esclarece que dúvidas ou dificuldades possui.

No seu diagnóstico, o aluno produziu um texto com o título “A ostentação” em um só parágrafo. Nele, o jovem escrevente, numa linguagem simples e não muito clara, tenta ligar o consumismo à ostentação, afirmando que o adolescente quer consumir mais e mais para ostentar. Nomeia vários produtos que são queridos pelos adolescentes, contudo seus argumentos não defendem sua tese, apenas atenta para que a família observe este problema.

Nestes levantamentos, detectei que há o predomínio do gênero feminino (14) sobre o masculino (09), que a turma possui uma faixa etária entre 13 e 16 anos, que todos os estudantes residem com seus pais e que oito trabalham. No tocante ao nível de escolaridade dos pais, constatei que muitos alunos afirmam não ter conhecimento, o que é extremamente preocupante. Ferreira e Veloso (2003), em

suas pesquisas, detectaram que o nível de educação dos pais tem influência direta sobre os rendimentos dos filhos; todavia, há uma informação sobre os alunos que se pode considerar: a maioria dos pais estudou.

No que se refere à inclusão digital e à computação, os educandos afirmam que têm conhecimento muito bom e que acessam a *Internet* com mais frequência em casa, pelo celular, e que o *Facebook* é a rede social da qual mais participam. Isso demonstra que esses estudantes, como todo jovem da idade, estão conectados, e que a busca de informações e a realização de pesquisas encontram-se centradas na *Internet*; livros, jornais, revistas, como outras fontes, aparecem em segundo plano. Diante dessas respostas, sugerir atividades usando a rede de computadores, sem desconsiderar outras fontes de informações, poderá qualificar mais minhas ações na proposta de intervenção.

Mas, apesar disso, no segundo questionário, o psicopedagógico, detectei que os aprendizes não têm preferência pela leitura na tela do computador, segundo eles, o impresso também tem vez, entretanto, a maioria não leu nenhum livro em 2016. Ainda tendo por base a maioria, ao serem interrogados sobre o comportamento em sala de aula, os alunos se declaram como participativos e que fazem todas as atividades solicitadas, pois consideram o estudo importante, contudo revelam que só se dedicam a ele uma hora por dia, fora do horário das aulas.

Essas questões influenciaram na elaboração de atividades educativas, por isso foram relevantes. Com elas, foi possível extrair algumas importantes características de cada aluno, saber das dúvidas e anseios no tocante à leitura e à escrita, bem como o que dá sentido a seu estudo. Mas será que o estudo está fazendo sentido para esses alunos?

Diante dessa interrogação, cito Kleiman (2007), que afirma que as desmotivadoras práticas de leitura realizadas na escola são provenientes de práticas que exigem o conhecimento fragmentado da língua, tornando a leitura mecânica. E é possível que meu aluno esteja submetido a esses exercícios de leitura. O prazer de estudar, de ler e de escrever é adquirido quando se vê sentido no que se faz; ao apresentar uma concepção mais ampla de texto, de língua e de linguagem, a escola condiciona o indivíduo a perceber que o que ele aprende na instituição de ensino pode ser vivenciado na realidade da qual ele participa.

E por vivermos numa sociedade conectada, qual o papel das tecnologias no que concerne à educação? Nesse sentido, interpelei os alunos acerca das atividades

realizadas por eles no computador e no celular; em relação ao primeiro, analisei que é utilizado pela turma na busca de informações diversas, mas o que não desgruda da mão é o segundo. Neste sentido, um fato referente a ele chamou a atenção: a maioria dos alunos afirmou não o usar na sala de aula, contudo quase todos se encontravam com o aparelho na mão, ouvindo música, nas redes sociais, entre outras atividades.

Segundo Franco (2012), tais tecnologias expandem os limites da pesquisa e do ensino, inovam as formas de contato, pois abrem caminho para o que acontece pelo mundo. Entretanto, as pessoas precisam aprofundar-se nas suas buscas por informações pela *Internet*, a fim de avaliar a credibilidade de suas fontes. Por isso, o acesso à rede pelo computador e pelo celular na escola merece uma atenção diferenciada, para que a quantidade de informações e de redes sociais disponibilizadas ajude na construção/reconstrução de conhecimento, favorecendo, assim, a qualidade do ensino.

Nas perguntas subjetivas que fiz, diretamente relacionadas à produção textual e às aulas que estão tendo, os alunos revelaram que suas maiores dúvidas em relação à elaboração de texto residem no uso da pontuação, principalmente da vírgula, e na falta de ideias; contudo, o que eles mais esperam é que a professora explique como construir um texto, embora existam aqueles que dizem não ter dificuldade em escrever textos. Os estudantes sugerem mudanças em relação às estratégias empregadas antes da solicitação da produção de texto, como uso de textos mais curtos, leitura de poemas, uso de imagens e de músicas. De acordo com a maioria dos alunos, a realização de atividade em grupo é a estratégia da qual a professora lança mão e pela qual eles têm preferência, mesmo defendendo que o uso de diversas estratégias nas aulas de produção textual fosse o ideal.

É certo que a escrita desempenha papel singular na educação e na escola, e ensiná-la e aprendê-la não é uma tarefa fácil. Para alguns autores, a escrita de bons textos está diretamente relacionada à leitura: quem lê mais escreve melhor. Por outro lado, pesquisas mostram que o permanente trabalho com estratégias de leitura e com técnicas de escrita é o que vai fazer a diferença.

Os PCNs (1999, pp. 38-45) declaram que o trabalho das duas em sala serve de aporte para a prática da escrita e que, quanto mais o educando dominar as diversas possibilidades que a língua dispõe, maior sua capacidade comunicativa. Daí a necessidade de um olhar e um destaque especial por parte dos educadores à

escrita, visto que o texto produzido pelo estudante aponta para o que precisa ser ensinado/aprendido.

Ao realizar as atividades diagnósticas, percebi que os estudantes do 9º ano possuíam conhecimento acerca do tema proposto, todavia, ao escreverem suas produções, não se valem de procedimentos argumentativos, o que seve para constatar que a produção textual requer um planejamento não só do professor. O aluno, ao fazer o rascunho, está planejando seu texto e organizando suas ideias; no caso das AD, o rascunho atingiu seu objetivo, pois pude observar que, ao produzir o texto definitivo, a “primeira produção”, os textos receberam de seus autores novas informações, e eles realizaram mudanças que foram pertinentes ao entendimento e fluxo do texto.

A linguagem usada por eles nos textos é adequada à idade/série, com marcas pessoais, porém, como foi sinalizado pelos sujeitos nos questionários psicopedagógicos, a dificuldade em usar os sinais de pontuação ficou clara, além da ausência de conectivos para trazer conexão ao texto. Outra constatação foi que a questão do conceito de consumo e consumismo ainda está um pouco confusa para alguns estudantes.

Portanto, produzir textos com a presença de texto motivador, verbal ou não verbal, parece-me mais interessante no que concerne à qualidade da prática pedagógica na aula de redação e mais atraente ao jovem produtor, visto que a presença desse apoio, despertou a curiosidade e acrescentou novas informações ao repertório dos educandos, levando-os a indagações e dúvidas sobre a temática. Referindo-se ao gênero, pude verificar que a estrutura do AO poderia ter sido melhor organizada nas produções e que as características do gênero, como o uso de estratégias argumentativas, precisavam ser mais e melhor utilizadas.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROPOSTA

As atividades que envolvem a argumentação podem ser constatadas em diversas situações comunicativas e atividades do dia a dia. É preciso argumentar para sustentar uma posição política, para defender ou acusar um réu, para reivindicar direitos, para provar ou refutar teses, para justificar pontos de vista, julgar os outros, conseguir o que se anseia, dentre outros.

No contexto escolar não é diferente. Saber argumentar, nas mais variadas ações educativas, torna-se cada vez mais necessário, pois essa habilidade tem um espaço significativo na construção do conhecimento. Argumentando, o indivíduo posiciona-se como cidadão pensante, discute a respeito das mais diversas opiniões, concordando ou discordando, pode convencer os outros de suas ideias ou pode enriquecê-las, ampliando seu repertório sociolinguístico e produzindo conhecimento.

Ciente de que não é fácil aliar a teoria à prática, embasei-me nas considerações de Vygotsky (1996) para a elaboração de ações pedagógicas interventivas, considerando a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) como ponto de partida para a aquisição de conhecimentos, que são múltiplos, tendo como foco que o desenvolvimento humano é resultante da interação do indivíduo com o mundo; procurei olhar cada ser como único, respeitando suas individualidades e particularidades, mesmo que em grupo, como nas classes escolares.

Por isso, na intervenção aplicada, que teve a argumentação como objeto, busquei elaborar atividades em que o aluno estivesse no centro do processo ensino-aprendizagem, para que ele agisse como sujeito, como um ser dotado de vivências, construtor de significados e conhecimentos, argumentador, contestador. Já o professor age como o responsável por compreender esse processo, como defende o psicólogo bielo-russo citado; na relação democrática e dialógica do professor com o aluno, o papel do primeiro foi sempre o de instigar o segundo a ter vontade de aprender, despertando sua curiosidade diante de ações desafiadoras.

Levando em conta a abordagem sociocultural vygotskyana, tentei abandonar a postura tradicional, em que o professor é um transmissor de informações e o que é aprendido decorre da memorização ou da imposição, para valorizar a troca e a aquisição de experiências. Haja vista que é a compreensão, a reflexão e o senso crítico que vão contribuir para que a aprendizagem seja efetivada, mesmo que cada indivíduo imprima às suas experiências uma significação própria.

Para que este estudo tivesse utilidade prática, montei uma sequência didática, como sugere Dolz e Schneuwly (2004), que abrangesse os diferentes mundos expressos pelo grupo de estudantes, conhecidos por meio de questionários e de atividades diagnósticas. Nas últimas, ficou clara a consolidação (ou não) da autonomia da escrita, como também o nível de letramento, porque saber ler e escrever não é suficiente, é preciso saber usar a leitura e a escrita, saber responder às suas exigências, determinadas o tempo todo pela sociedade (SOARES, 1998).

Com a finalidade de estimular a práxis, apostei em discussões sobre diversas temáticas entre alunos e entre alunos e professora, oferecendo-lhes textos para leitura e propostas para a escrita que tivessem uma abordagem social, política e ideológica, objetivando um maior aprofundamento na "leitura de mundo" que eles possuem (FREIRE, 1982, 2015).

É sabido que os estudantes, sobretudo os da atualidade, estão o tempo todo escrevendo nas redes sociais, mas, quando se deparam com uma proposta de produção textual, o famoso "branco" se apresenta. Para tornar as atividades da proposta mais interessantes para mim e para os estudantes, que fazem parte de uma geração conectada, foi criada pelos partícipes uma página pública no *Facebook,* **A voz do Gentil**, visando a que os educandos publicassem seus textos, não somente aquele produzido por conta da proposta, mas também outros e de outros gêneros.

Segundo Maricato (2010):

> As novas tecnologias de comunicação e informação (NTICs) possibilitam mudanças na prática de ensino. Por meio delas é possível desenvolver novos espaços para a construção do conhecimento, que permitem propor a interatividade e a troca de saberes, entre alunos e professores (MARICATO, 2010, p. 11).

Portanto, lançar mão da tecnologia como ferramenta educativa para uma turma que vive nas redes sociais, tornou os assuntos considerados pelos discentes "chatos" e "sem utilidade" mais próxima da sua atual e tecnológica realidade. De natureza igual, outras formas de comunicação para viabilizar a discussão entre professora e alunos, como o *datashow*, *slides*, vídeos, computador, também desempenharam um papel importante, porque se tornaram parceiros, e as aulas, assim, passaram a ser mais frequentadas e mais participativas.

Na tentativa de fazer uma proposta que fosse um "convite à argumentação",

alicercei o processo de criação da proposta de intervenção na postura do professor reflexivo (Schön, 2000), que pauta sua experiência docente na reflexão de seus valores e suas crenças, procurando harmonizar as ideias e as ações. Valendo-se da autoanálise, baseei minha prática na “investigação-ação”, buscando sustentação em teorias que me mantivessem numa visão crítica da minha própria docência.

Para Schön (2000), “O desenvolvimento de um ensino prático reflexivo pode somar-se a novas formas de pesquisa sobre a prática e de educação para essa prática (...)” (p. 250). A prática reflexiva impulsiona o desenvolvimento pessoal e profissional do professor que almeja mudanças e alterações no seu contexto social e escolar, passando a agir intencionalmente, de maneira mais consciente de si mesmo e de forma mais inteligente. Agindo assim, o fazer pedagógico desse profissional é pautado na análise dos determinantes da sua prática, da sua experiência, problematizando-a, indo ao encontro de novas alternativas, explicando e compreendendo-as, considerando a sua ação na realidade expressada na teoria.

Na concretização das etapas que formaram a Proposta de Intervenção Pedagógica, a argumentação foi discutida como um estímulo para que os educandos e educadora, à luz de argumentos e contra-argumentos, revisassem suas opiniões e negociassem as opiniões contrárias; considerando que não se pode argumentar sobre algo que é *factual* e que a contra-argumentação “é um processo responsivo, dialógico, através do qual se recusa, de maneira total ou parcial, ideias postas em determinado contexto ou situação comunicativa” (BISPO), a intervenção aplicada buscava apresentar premissas aos educandos para que eles concordassem ou as refutassem num constante exercício linguístico e dialógico.

Tendo por base os dois questionários, o socioeconômico e o psicopedagógico, nos quais os alunos responderam a perguntas sobre suas características pessoais, escolares e sociais, e a segunda AD que solicitei, a escrita de um texto argumentativo, com a leitura prévia de textos de apoio, desenvolvi uma proposta de intervenção pedagógica visando a sanar dificuldades constatadas, no que se refere à argumentação em textos escritos.

Os instrumentos utilizados para diagnosticar possíveis dificuldades foram aplicados no 9º ano do EF II, do CEGPM, situado em Valença, na Bahia, cidade do Baixo Sul baiano, com cerca de 100 mil habitantes. Município conhecido pelo turismo, mas que tem no comércio e na produção agrícola suas principais atividades econômicas. Os jovens estudantes que pertencem às comunidades mais pobres

(quase sempre vulneráveis à violência, à prostituição e às drogas) não encontram, aqui, muitas perspectivas para o futuro, a não ser pelo estudo. Por isso, um trabalho com argumentação pode contribuir com a minha qualificação profissional, uma vez que a prática reflexiva do educador pode corroborar um estudo mais significativo para o aluno. Além disso, o estudante pode, ainda, tornar-se um cidadão mais crítico e reflexivo acerca das suas escolhas.

OBJETIVOS DA PROPOSTA

Objetivo geral:

- Desenvolver a habilidade de argumentar dos alunos.

Objetivos específicos:

- Refletir acerca da prática docente, antes, durante e depois da sua consecução, bem como refletir sobre a própria reflexão realizada na ação.
- Avaliar as aulas de produção textual, no que tange a execução e finalidade.
- Analisar a produção textual dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II, do Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins, no que se refere ao uso de recursos argumentativos.
- Utilizar a tecnologia como ferramenta pedagógica para consolidar o ensino e a aprendizagem.
- Publicar a produção final dos estudantes, virtualmente.

CONTEÚDOS

Os conteúdos de aprendizagem devem contemplar o desenvolvimento de competências e habilidades, servindo de instrumentos que explicitem as intenções educativas. São meios para que o educando reconheça, questione e dê respostas às questões do seu dia a dia; Coll (1997) declara que conteúdos correspondem ao compromisso científico da escola de transmitir o conhecimento socialmente

produzido.

Zabala (1998) aponta para os seguintes conteúdos de aprendizagem: factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais. Nesta descrição teórica, o autor define os factuais como aqueles conteúdos que exigem a memorização do conhecimento (datas, nomes de pessoas, localização de cidades, etc.) e assim sua repetição oral ou escrita, por meio de exercícios de fixação e construção de esquemas faz-se necessária; com objetivos bem-definidos e em longo prazo, esses conteúdos podem ser contextualizados e contribuir para a formação do indivíduo.

Os conceituais são a base, são aqueles que auxiliam na construção e organização do pensamento. Eles descrevem, geralmente, as relações de causa e efeito; com eles o indivíduo questiona, à proporção que é incentivado a descobrir novos conhecimentos, o que gera novos questionamentos e possibilita novos saberes. Sendo abstratos, os conceitos indicam conjuntos de fatos, símbolos ou objetos que têm características semelhantes e as transformações produzidas nos fatos, objetos ou situações relacionadas a outros fatos, objetos e situações que têm a ver com os princípios.

Os conteúdos procedimentais são a prática do que foi apreendido nos conceituais. Relacionam-se às ações definidas e direcionadas aos objetivos: ler, escrever, calcular, observar, desenhar. Eles são caracterizados por estudar técnicas e estratégias que proporcionam, por meio da experiência do fazer, o avanço do conhecimento, incluindo métodos, procedimentos, regras, habilidades. Já os atitudinais são a vivência do indivíduo com o mundo que o cerca.

Os valores, as atitudes e as normas do ser serão acionados para que esses conteúdos sejam adquiridos; para tanto, o respeito, a humildade, a compreensão, a solidariedade, entre outras, serão normas estabelecidas e seguidas por todos. Na escola, esses conteúdos são mais bem trabalhados em atividades de grupo para que possam ser discutidas opiniões e atitudes, concordando ou discordando de posturas e valores. Os conteúdos atitudinais “proporcionam ao aluno posicionar-se perante o que apreendem. Detentores dos fatos e de como resolvê-los, é imprescindível que o aluno tenha uma postura perante eles (LÚZIA, 2008), tornando-se um ser pensante.

Sendo assim, estabeleci os seguintes conteúdos:

Conceituais:

- Distinguir fato e opinião; assunto e tese.
- Identificar argumentos e os tipos de argumentação.
- Identificar a estrutura de um AO.
- Reconhecer as características de um artigo de opinião.
- Distinguir os tipos de argumento usados em um texto.
- Compreender que a escolha do argumento é fundamental para a elaboração da argumentação.
- Conhecer acerca da temática.

Procedimentais:

- Construir teses acerca de temáticas e de gêneros textuais diferenciadas.
- Produzir argumentos.
- Listar tipos de argumentação.
- Utilizar a contra-argumentação.
- Descrever as características do AO.
- Encontrar a tese defendida nos textos trabalhados.

Atitudinais:

- Envolver-se nas dinâmicas e nas discussões.
- Refletir a respeito de suas opiniões.
- Contribuir com seus conhecimentos nas atividades realizadas.
- Utilizar mais de um tipo de argumento.
- Reescrever seu próprio texto.
- Discutir e posicionar-se criticamente diante das temáticas abordadas.

METODOLOGIA

Considerando que a argumentação está inerente à linguagem e que ela é uma prática remota que o ser humano dispõe para se comunicar, ao planejar as

atividades que foram aplicadas, procurei dar um tratamento adequado a cada uma das suas cinco etapas. Busquei a teoria de Schön (2000), na qual a aprendizagem por intermédio do fazer é evidenciada e a prática é embasada nos conceitos de conhecimento na ação e reflexão na ação. Esta reflexão que se revela mediante situações que são produzidas inesperadamente e quando o conhecimento na ação é insuficiente; sendo um componente relacionado ao “saber-fazer”, o conhecimento na ação é espontâneo, implícito e surge na ação.

Diante da observância das práticas profissionais, o autor citado defende que as conversas, as discussões ocorridas entre os componentes participantes de uma mesma atividade profissional contribuem com as tomadas de decisão, a troca de experiências, e é o que corrobora a reflexão. A forma como se lidam com os problemas advindos da prática, as dúvidas, as hipóteses, as possibilidades de novos caminhos para um dito problema é o que colabora com o surgimento da reflexão, podendo chegar a soluções.

Schön nos convida a refletir: “que mudanças um ensino prático reflexivo produziria na escola?”. Ele também alerta que devemos preparar atividades que liguem o conhecimento e a reflexão na ação dos educadores, envolvendo teoria e prática, para que esta não se torne isolada, propondo a pesquisa na qual sejam estudados os processos que envolvem o contexto de trabalho. Um ensino prático reflexivo, para esse autor, possibilita ao professor melhorar sua prática de forma sistemática.

Portanto, a reflexão é parte integrante do trabalho do professor, no entanto, para ser entendida “precisa integrar as condições de produção” da carreira do educador. Sem refletir, a prática torna-se rotineira, e o professor indiferente às necessidades de transformação, não busca o equilíbrio entre sua ação e suas crenças e valores.

Ser reflexivo ou tornar-se reflexivo fornece ao profissional da educação informações autênticas sobre a ação, as razões e as consequências da ação, por isso a natureza e a qualidade da reflexão passam a ser mais importantes que a ocorrência dela em si. Nestas circunstâncias, os professores reflexivos envolvem-se numa investigação constante acerca do seu eu e do seu fazer pedagógico.

Para o autor, deve haver a reflexão na ação, a reflexão sobre a ação e a reflexão sobre a reflexão na ação; a reflexão na ação acontece durante a prática, já a reflexão sobre a ação, depois de decorrida a prática, isto é, a ação é analisada e

avaliada fora do contexto em que se deu, é o momento em que se tem a oportunidade de reformulação do pensamento. Conforme Libâneo:

> A reflexão sobre a prática não resolve tudo, a experiência refletida não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar (LIBÂNEO, 2002, p. 76).

Ao apropriar-se de teorias que se articulam com estratégias e procedimentos de ensino, os profissionais da educação permitem a si mesmo indagar-se acerca do que eles praticam usualmente, a contar de indagações de seus pares, de seus alunos, permitindo que a dicotomia entre teoria e prática seja, permanentemente, eliminada. À medida que a didática, que embasa a ação do professor, é convertida numa base teórico-prática, o ensino é organizado (objetivos, conteúdos, metodologia) de forma que assegura a mediação consciente do professor, tornando-a eficaz, tendo em vista a dimensão em que esse ramo da pedagogia atua.

Já a reflexão sobre a reflexão na ação trata de olhar de forma retrospectiva a ação que aconteceu, o que foi observado, qual a significação e as possibilidades de outros significados para a mesma ação. Ela colabora com o desenvolvimento da forma pessoal de conhecer.

Levando em conta tais considerações, o perfil dos estudantes e os resultados obtidos na diagnóstica, um tratamento adequado aos diferentes momentos da proposta de intervenção foi observado, a fim de que a habilidade de argumentar fosse priorizada. Para tanto, procurei na minha autorreflexão e na avaliação dos alunos, esta realizada ao final de cada uma das cinco etapas, observar se os efeitos e objetivos que almejava estavam sendo alcançados.

As ações desenvolvidas na intervenção eram iniciadas sempre com uma motivação, a **Problematização**, para que despertasse a vontade de conhecer o que seria discutido; utilizei textos verbais e não verbais, vídeos e conversas informais para ouvir e considerar a opinião e as ideias dos estudantes, ou seja, seus conhecimentos prévios. No segundo momento, a **Leitura de texto**, o aluno era estimulado a ler textos de gêneros e em suportes variados de forma individual, oral e/ou compartilhada, por acreditar que a leitura o ajudaria a se familiarizar com a escrita.

Por isso, as leituras de tirinhas, reportagens, letras de músicas, propagandas,

imagens, sobretudo de artigos de opinião, tinham o propósito de estimular o raciocínio e colaborar com a formação ou reformulação de pontos de vista, melhorar o vocabulário e ajudar a fixação da grafia das palavras, pois a leitura feita foi aquela em que o leitor é ativo, participativo e competente – a partir do que se pretende com o texto –, aquele que busca o sentido que o texto produz e seleciona informações para o objetivo final: a (re)produção do seu texto.

Na **Discussão dos resultados**, a prática de escuta de textos, ouvir o outro em discussões, em apresentações de atividades e na resolução de exercícios foi fundamental, porque produzia atenção e participação, suscitava respostas imediatas ou novas discussões e novos conhecimentos; na escuta foi importante, também, compreender o que estava oculto, nas entrelinhas, numa pausa num tom, tendo em vista que a mensagem só tem sentido se acolhida e valorizada pelo ouvinte. Eram sempre momentos de reflexão.

Mediante tarefas de casa, objetivando a prática do que fora discutido na classe, o momento conclusivo de cada aula era o da **Síntese**.

Outra forma de aproximar os estudantes dos conteúdos a serem trabalhados foi o uso da tecnologia. Por meio da audição de vídeos, *clips*, uso do *datashow etc.,* procurei impulsionar as etapas da intervenção, pois chamava a atenção do novo estudante que está aí, conectado, informado. Para Perrenoud (2000, p.139), “as novas tecnologias podem reforçar a contribuição dos trabalhos pedagógicos e didáticos contemporâneos, pois permitem que sejam criadas situações de aprendizagens ricas, complexas, diversificadas”.

Por essa razão, a criação de uma página pública no *Facebook* para a publicação das produções textuais objetivou alcançar meus alunos, por entender que a aula não deve acontecer somente durante os 50 ou 100 minutos e dentro de uma sala; procurei levar a aula um pouco além do espaço e tempo definidos, porque compartilhar seu conhecimento com os colegas de classe e com outros professores é essencial para crescimento dos jovens educandos.

As estratégias e procedimentos elencados e planejados na proposta de intervenção foram direcionados a ações que favorecessem a reescrita da “primeira produção”; tendo por base a análise feita pela professora, na etapa final os textos foram reescritos, digitados e publicados, com a finalidade de que o estudante percebesse que sua produção estava sendo valorizada e não ficaria dentro das paredes da sala de aula.

Assim, os textos, a “primeira produção” e a “produção final” foram comparados por meio da análise de dados e de uma tabela com o intuito de averiguar o crescimento individual, a evolução argumentativa de cada aluno, bem como a do grupo.

AVALIAÇÃO

A avaliação, nesta proposta, assumiu uma perspectiva reflexiva, entendida a partir da interação com o outro por meio dos conteúdos, considerando a postura, as dificuldades e os avanços dos educandos diante das etapas da intervenção. Compreendida como processual, a avaliação das etapas que constituíram meu trabalho acontecia ao final de cada uma delas, pelos alunos, o que servia de aporte para reflexões docentes e reformulações nas próximas ações. Concordando com Paulo Freire que diz: “A avaliação é da prática educativa, e não dum pedaço dela. O educando também deve participar da avaliação prática, porque o educando é um sujeito dessa prática. A não ser que nos tornemos objeto da nossa prática” (1982, p. 94).

A avaliação da aprendizagem era realizada ao final de cada aula pela docente; neste sentido, foi qualitativa durante a aplicação de uma sequência didática e quantitativa para a “produção inicial” e para sua reescrita. Por meio da Ficha de Acompanhamento Individual (vide Apêndice 5), fui acompanhando a apropriação do conhecimento, por intermédio de competências e habilidades selecionadas para que, ao término de todo processo, pudesse mensurar o progresso de cada um e da turma.

Por meio da Ficha de Avaliação de Etapa (vide Apêndice 6), os estudantes indicavam conceitos acerca das ações desenvolvidas, percebendo-se como sujeitos do processo, depois transformavam esse conceito em número; ao final da aplicação, retirei uma média das notas dadas para cada uma das etapa.

Visando à avaliação final, a reescrita da “produção inicial”, tentei oferecer aos educandos aulas desafiadoras, criativas, incentivando-os a desenvolver sua autonomia, por isso questões eram problematizadas e sempre contextualizadas, propiciando a constatação de diversos pontos de vista de um mesmo assunto mediante a ação e a reflexão. Considerando o conhecimento como uma “construção

dinâmica", procurei trabalhar conteúdos que cooperassem com a argumentatividade na expressão escrita, contando também que a experiência deles com a linguagem e seus conhecimentos prévios reforçariam o desempenho linguístico e o discursivo.

Utilizei o texto escrito antes da intervenção, a atividade diagnóstica, como um dado comparativo para orientar a avaliação da produção feita após a aplicação; sendo assim, diante da análise dos resultados, atribui a ambas uma nota de 0 a 10. Ao avaliar o aspecto qualitativo, observei as manifestações do aluno, interpretando-as, ciente de que ele podia fornecer subsídios para que o processo de ensino e de aprendizagem continuasse; já a nota quantitativa me mostrou quanto o estudante se superou ou não.

Por isso a avaliação esteve presente o tempo todo em que a proposta se configurava, tendo o valoroso papel de indicar caminhos para a melhoria das ações docentes e de apontar as dificuldades e progressos dos discentes.

3.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA PARA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

3.1.1 Argumentação

Desde a Antiguidade Clássica, a argumentação é objeto de estudo e investigação de pensadores e estudiosos. A partir da sua ligação com a lógica e a retórica, como era concebida pelo filósofo Aristóteles, até a releitura da tradição clássica de Toulmin (2006), Perelman e Olbrechts (2005), esta arte de agir sobre o outro por intermédio da linguagem encontra diferentes tratamentos ao longo da história.

É na Grécia que surge um estudo sistematizado da argumentação; porém, para compreendê-la nos dias de hoje, é preciso voltar a Aristóteles, em virtude da importância de seus estudos nessa área. A retórica clássica era definida como "a capacidade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão"; nesse sentido, a intenção persuasiva do orador – que seriam, hoje, as técnicas e estratégias discursivas das quais o orador lança mão para convencer (PERELMAN; OLBRECHTS, 2005) – e a organização estrutural do discurso – a própria estrutura do discurso argumentativo – são aspectos que podem ser considerados importantes, pois se vinculam à argumentação.

A segunda metade do século XX também assiste a vários estudos sobre a argumentação; são reflexões que passam por diversos setores da linguagem: Nova Retórica, Análise do Discurso, Teoria da Enunciação, Semântica Argumentativa entre outros, como por diferentes autores. De acordo com Osakabe (1979), há duas retóricas: uma antiga, a aristotélica, e uma mais moderna, de Perelman. Olbrechts e Perelman (2005) buscam na linguagem, sem a pretensão de conseguir uma conclusão, os elementos de persuasão que sejam capazes de justificar uma comprovação do tipo argumentativo; contudo, vir a ter o apoio do interlocutor a uma tese que lhe é sugerida é a pretensão.

Para Meyer (2008), o primeiro objetivo da argumentação "é convencer outra pessoa, ou seja, fazê-la mudar de opinião ou, pelo menos, tentar. Pode-se até dizer que essa mudança de opinião constitui o único sinal patente da eficácia de uma argumentação". Já Koch (2002), declara que "o ato linguístico fundamental é o ato de argumentar". Para a autora:

> O ato de argumentar é visto como o ato de persuadir que procura atingir a vontade, envolvendo a subjetividade, os sentimentos, a temporalidade, buscando adesão e não criando certezas. (...) a linguagem passa a ser encarada como forma de ação, ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade (KOCH, 2002, pp. 10-15).

O linguista e teórico da argumentação Plantin (2008) destaca que:

> Uma dada situação linguística começa a tornar-se argumentativa quando se manifesta uma oposição de discursos. Dois monólogos justapostos, contraditórios, sem alusão um ao outro, constituem um díptico argumentativo. É sem dúvida a forma argumentativa de base: cada um repete a sua posição. A comunicação é plenamente argumentativa quando esta diferença é problematizada numa Questão e se destacam nitidamente os três papéis de atuação do Proponente, do Opositor e do Terceiro (PLANTIN, 2008, p. 76).

Essa estrutura tripolar remete para uma dinâmica que articula três instâncias: o polo Questão (ou Terceiro), o polo Proponente e o polo Opositor. Assim, devem ser consideradas em termos funcionais, até mais do que os desempenhos levados a cabo por pessoas, mas os papéis de atuação com necessidade para a identificação de uma interação com a argumentação e qualquer um deles podem ser ocupados, em decurso de uma argumentação por qualquer dos intervenientes.

De acordo com o filósofo Aristóteles, o estudo da argumentação não perpassa

somente pela utilização de técnicas argumentativas com a finalidade de convencer o outro de ideias e opiniões, envolve também a formação de um “cidadão crítico, ético e hábil para exercer bons julgamentos diante das questões que lhe são colocadas, dentro e fora da escola” (ARISTÓTELES, 2011).

Já os PCNs (BRASIL, 1998, p. 41) destacam que “a argumentação de ideias é fundamental na aprendizagem da cooperação e no desenvolvimento de atitudes de confiança, da capacidade para interagir e de respeito ao outro”, o que demonstra que a argumentação precisa ser trabalhada na escola, colocando-a como necessária ao desenvolvimento de certas habilidades e competências.

Então, argumentar é, antes de tudo, uma maneira disciplinada e crítica de ler e interagir com os discursos, atentando aos movimentos metadiscursivos inerentes aos desenhos dos assuntos, colocando em destaque as perspectivas para que esse desenho aponte e avalie os raciocínios que, eventualmente, são procurados para trazer respostas a alguma questão controvérsia.

Tratando-se dos estudos linguísticos, a argumentação tem sido pesquisada segundo os fundamentos da lógica, da retórica, da semântica linguística e da análise do discurso. Mas, partindo do pressuposto de que a argumentação constitui a essência da língua e por isso é um ato inerente a ela, encontro nas noções de gêneros do discurso, aqui textuais, de Mikhail Bakhtin (2011), a maneira de perceber a concretização da argumentação.

Nessa perspectiva, a escola, concebendo a linguagem como “prática social”, incumbe-se de promover o letramento e a aquisição da leitura e da escrita; assim, na proposta de intervenção que foi aplicada, a argumentação era uma forma de exercitar essas competências, visando à minha capacitação profissional e ao desenvolvimento da escrita do jovem produtor de textos.

Trabalhar a argumentação em sala de aula implica considerarmos a especificidade do ambiente; “todo discurso é limitado no tempo” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p. 163), o que exige do professor que confira cada parte de sua fala um espaço proporcionalmente adequado à importância que julga ter aquele tema e que, em consequência, também gostaria de ver conferida na consciência dos estudantes que o escutam.

3.1.2 Argumentação na escola

Os exercícios de argumentação já fizeram parte do cotidiano escolar da Antiguidade até o século XIX, quando a Retórica foi substituída, deixando o espaço para as ciências objetivas.

No século XX, Perelman e Tyteca (2002) retomaram as questões retóricas, afirmando que "[...] não temos razão para limitar nosso estudo à apresentação de uma argumentação oral e para limitar a uma multidão reunida numa praça o gênero de auditório ao qual nos dirigimos" (p. 06), o que evidencia que os estudos de argumentação podem ir além dos discursos orais, judiciários, deliberativos e epidíticos.

Nos dias atuais, os alunos encontram alguns espaços para utilizar sua capacidade argumentativa oral ou escrita em sala de aula, haja vista que alguns livros didáticos abordam atividades que solicitam a produção de textos que consideram o discurso persuasivo; mas, será que as atividades realizadas na escola favorecem o desenvolvimento da habilidade argumentativa do aluno?

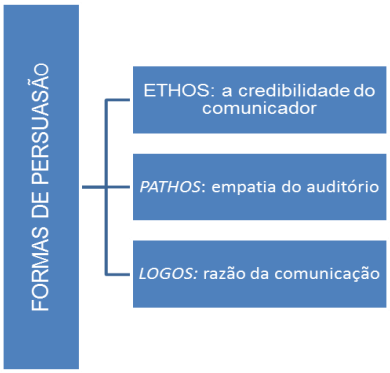
De acordo com Koch (2002, p.15), "a linguagem é uma forma de ação sobre o mundo, dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologias, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade". Considerando-se que a linguagem é espontaneamente argumentativa, ensinar argumentação na escola pode corroborar a comunicação interativa dos sujeitos, proporcionando-lhes assumir uma postura crítica e reflexiva acerca de um tema, à proporção que amplia seus conhecimentos.

A análise dos mecanismos que dão margem ao convencimento nos diferentes gêneros textuais, como também a persuasão, favorecem a visão da linguagem como uma prática social. Sendo assim, ter a argumentação como objeto de estudo implica um caráter linguístico enunciativo, uma vez que busca que o enunciador modifique o enunciatário, por meio da adesão à sua tese por meio da linguagem; para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.4) "[...] a teoria da argumentação é o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão das mentes".

No livro *Tratado da Argumentação*, os mesmos autores destacam as "técnicas argumentativas", e salientam a existência de argumentos quase lógicos e aqueles baseados na estrutura do real; estes últimos indicam relações de coexistência e ligações de sucessão. Os argumentos que indicam relações de coexistência são caracterizados pela essência, são constituídos pelos valores e vínculos entre as pessoas e suas atitudes, reconhecidos pelos atos, pela moral ou pelos conhecimentos que aquela pessoa possui (argumento de autoridade). Já os

argumentos referentes às ligações de sucessão costumam estabelecer um juízo de valor, são os considerados prováveis, também chamados de pragmáticos.

Assim, ao fundamentar ideias com argumentos selecionados na estrutura do real, pode-se estabelecer relações de causa e consequência, comprovações e confirmações do que foi dito, de maneira a construir ou reforçar o *ethos* no discurso que juntamente com o *páthos* e *logos* formam os aspectos fundamentais para a persuasão, como mostra a Figura 1.



O *ethos* se configura no discurso: é a imagem que o enunciador transmite ao se revelar, que pode mostrar sinceridade, honestidade ou não, esforçando-se em encontrar a verossimilhança junto ao seu auditório. E "é em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve" (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 06). O *páthos* diz respeito ao emocional do público: por meio de figuras de linguagem ou manifestações físicas, o orador busca persuadir por meio da emoção, selecionando estratégias de convencimento.

Por isso ele precisa "conhecer" o auditório para saber o que o move, para usar sua habilidade oratória, despertar as paixões do público-alvo e levá-lo a modificar sua opinião, aderindo àquela tese. O *logos* refere-se ao conteúdo do discurso, à lógica, ou seja, maneira como a tese é apresentada, os argumentos escolhidos que fundamentem a tese e os recursos estilísticos, como a repetição, por exemplo. O *logos* "seria a estratégia argumentativa central" (BISPO, 2016, p.18).

A proposição de trabalhar com o gênero jornalístico artigo de opinião, para valorizar e desenvolver a habilidade argumentativa, justifica-se por sua organização que é predominantemente argumentativa; o gênero é embasado em impressões do articulista, portanto, há múltiplas possibilidades de contestação, e contradizer ideias é uma das características ativas nos estudantes que foram os partícipes desse

projeto. Esses jovens exercem constantemente a atividade linguística e democrática de argumentar, pois estão sempre defendendo um ponto de vista, em diversas situações comunicativas, o que os faz exercitar a tolerância e, ao mesmo tempo, vão aprendendo a conviver com opiniões distintas.

O gênero apresenta um discurso ideológico, seus enunciados têm a finalidade de obter reações do outro e seus argumentos se relacionam, desencadeando numa conclusão, tudo isso articulado com marcas gramaticais (como os operadores argumentativos) que dão sentido ao texto.

Em relação aos operadores argumentativos, Koch (2002) postula que:

> [...] a argumentação é uma atividade estruturante do discurso, pois é ela que marca as possibilidades de sua construção e lhe assegura a continuidade. É ela a responsável pelos encandeamentos discursivos, articulando entre si enunciados ou parágrafos, de modo a transformá-los em texto: a progressão do discurso se faz, exatamente, através das articulações da argumentação (KOCH, p, 2002, p. 157).

Ainda vale ressaltar que no campo da argumentação podem surgir argumentos falaciosos. O termo falácia é originário do latim *fallere* que quer dizer enganar. Baseando-se em premissas verdadeiras, as falácias podem designar um raciocínio errado, logicamente inconsistente, no entanto, tem a aparência de certo. Parece um argumento legítimo, pode convencer o outro, contudo suas razões não alcançam uma conclusão.

Copi (1978) declara que as falácias "(...) explicam-se pela sua função expressiva, destinada a provocar atitudes suscetíveis de causar a aceitação das conclusões que instigam, em vez de fornecerem as provas que evidenciem a verdade dessas conclusões", completando que se recorre a elas, geralmente, "quando as provas ou argumentos racionais fracassam".

A presença das falácias em textos jornalísticos pode ser observada quando há a necessidade ou a intenção de persuadir o leitor ou o telespectador, ou mesmo envolvê-lo com bases argumentativas que revelam falta de coerência e sentido.

Portanto, se no passado os exercícios retóricos escolares privilegiavam, de certa forma, o gênero judiciário, hoje, com os estudos de Perelmen e Tyteca, abre-se espaço para a reflexão sobre argumentação e ensino, valorizando a persuasão, como em Aristóteles (2011) na Antiguidade, propondo o estudo da argumentação e outras abordagens do texto e do discurso.

3.1.3 Argumentação no artigo de opinião

A abordagem dos gêneros textuais passou a nortear o ensino da língua materna, devido a sua importância para a interação e sociocomunicação, uma vez que potencializa a competência linguística e discursiva, como também oferece condições propícias para a participação social do sujeito de forma mais efetiva. Em vista disso, torna-se fundamental o trabalho com os gêneros para a aquisição da leitura, interpretação e produção de textos.

Na ação comunicativa, o ato da linguagem torna-se imprescindível e essencial, a fim de que aspectos culturais, históricos e ideológicos sejam articulados para o funcionamento do ato e sua configuração nas mais diversas esferas da sociedade. Determinados por parâmetros sociais obedecidos como um ritual, objetivando que a interação se concretize, os gêneros textuais acionam um cabedal de possiblidades possíveis para a comunicação.

Esta relação dialógica é definida por Bakhtin como gêneros do discurso, aqui, textuais[3]; o autor afirma que “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2011, p.262).

Ao longo do tempo, os gêneros textuais sofrem transformações e vão se adaptando às práticas sociais, mesmo que essas práticas se renovem, refaçam-se, pois, considerando os aspectos da dinamicidade e da heterogeneidade dos gêneros, suas peculiaridades são mantidas. Desse modo, segundo Bakhtin:

> A riqueza e diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo desta atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia em um determinado campo (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Os gêneros são instrumentos de comunicação que denotam a língua em atividade; eles possuem estilo próprio, circulam em nosso convívio e são

[3] Segundo o linguista Luiz Antônio Marcuschi, o “surgimento dos gêneros revela que, numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII A. c., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandem-se com o flores cimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação.
(Artigo: "Gêneros textuais: definição e funcionalidade", presente no livro *Gêneros textuais & ensino.*)

reconhecidos socialmente. Sejam verbais ou não verbais, formais ou informais, essas diferentes formas de abordar a linguagem estão presentes quando o locutor e interlocutor participam de um ato comunicativo. Sendo assim, seus aspectos constitutivos – as condições de produção, os campos de atividade humana nos quais são construídos, os papéis nos quais os participantes desse campo assumem a sua função social merecem ser considerados no processo de interação.

Pode-se afirmar que, para o mesmo autor, a ideia de gênero é apresentada sob o alicerce de três eixos, *o conteúdo (temático), o estilo verbal e a construção composicional,* que não devem ser compreendidos de forma isolada, mas atrelados a sua teoria; o autor defende, assim, a unidade dos elementos:

> O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos de seu acabamento, de tipos de relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. (BAKHTIN, 2011, p.266).

Então, a leitura da relação entre os elementos constituintes do gênero deve ser feita subordinada ao escopo das suas proposições do autor russo e do "Círculo de Bakhtin",[4] insculpido nas perspectivas da corrente do dialogismo.

Bronckart (2003) afirma que "todo texto é construído a partir do modelo de um determinado gênero". Sendo assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) propõem que no ensino da língua materna os gêneros textuais se façam presentes:

> Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social (BRASIL, 1998, pp. 23-24).

O documento supracitado considera a grande variedade de gêneros

[4] Emprego a expressão "Círculo de Bakhtin" por ainda ser a mais utilizada no contexto brasileiro, embora mais recentemente venha sendo difundo, a partir das pesquisas realizadas ou influenciadas por Beth Brait, o sintagma "Bakhtin e o Círculo".

textuais e que a escolha dos exemplares a serem ensinados está intimamente relacionada com as habilidades de fala e escuta, leitura e escrita. Assim, o ensino da Língua Portuguesa, norteado pela abordagem de gênero textual, amplia a participação social, uma vez que desenvolve a competência linguística e discursiva do sujeito. Ainda mais, atenta para as mais variadas maneiras de se trabalhar a linguagem com o objetivo de desenvolver no educando:

> O domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material do texto (lugar social do locutor em relação ao(s) destinatário(s); destinatário(s) e seu lugar social; finalidade ou intenção do autor; tempo e lugar material da produção e do suporte) e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção do texto, operando sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical (PCN, 1999, p. 49).

No tocante à análise linguística, o texto dos PCNs (1999), apresenta uma forma mais dinâmica de estudar os fenômenos linguísticos:

> Quando se toma o texto como unidade de ensino, ainda que se considere a dimensão gramatical, não é possível adotar uma caracterização preestabelecida. Os textos submetem-se às regularidades linguísticas dos gêneros em que se organizam e às especificidades de suas condições de produção: isso aponta para a necessidade de priorização de alguns conteúdos e não de outros (pp. 78-79).

Diante da relação entre o ensino e os gêneros textuais, preconizada pelos PCNs, e das considerações bakhtinianas já citadas – como a de que “Quanto melhor dominamos os gêneros, tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade...” (Bakhtin, 2011, p.285) –, é que, neste estudo, o gênero artigo de opinião foi o meio utilizado para trabalhar a argumentação. Esse gênero textual favorece a eficácia comunicativa do aluno produtor de textos, porque o coloca diante de discursos que transitam em seu meio, dando-lhe oportunidade de assumir, acrescentar ou refutar o que é materializado no texto, diversificando seu repertório.

Reportando à ideia de gênero bakhtiniana, o aspecto “conteúdo temático” do enunciado que será visto aqui se refere às relações dialógicas que interligam o objeto de discurso a outras vozes que ecoam sobre o mesmo objeto, por meio das quais o “aspecto temático” se constitui, como a coerência do texto no tocante ao tema e o processo interacional ligado a ele, bem como os conteúdos argumentativos

que embasam a tese.

Segundo Perelman-Tyteca, a competência do enunciador (o orador), a receptividade do(s) enunciatário(s) (os diferentes auditórios) e o aspecto interacional entre eles, bem como entre o sujeito da enunciação e o seu discurso são as condições necessárias para medir a relação entre o efeito da ação e os objetivos que se quer atingir com a argumentação. No livro *Tratado da Argumentação*, os autores salientam vários recursos discursivos e técnicas que corroboram para que a argumentação atinja um dos seus intuitos: persuadir (de acordo com eles, persuadir é diferente de convencer).

Na segunda parte do livro, em seu primeiro capítulo, *O acordo*, os escritores abordam as premissas da argumentação do orador: fatos, verdades e as presunções – categoria real; valores (abstratos: justiça, ou concretos: igreja, escola) – categoria preferível e hierarquias, referindo-se às escolhas do orador e à questão dos lugares. Esses lugares são: o da quantidade, quando se escolhe uma coisa em detrimento a outra por razões quantitativas, ou da qualidade, quando é contestado o número, visto que uma ação irreparável não precisa ser repetida.

Ainda no mesmo capítulo, outros lugares do auditório também são elencados, o do existente – quando é afirmada a superioridade do que existe, do que é real e atual sobre o possível ou o impossível – e o lugar da ordem – quando a superioridade do anterior sobre o posterior é sentenciada entre outros. Vale ressaltar ainda a redução dos lugares, que é quando o orador tenta persuadir o auditório a dar preferência a um ou outro, e vice-versa, daí os acordos.

Como defendem os escritores, o orador precisa acumular acordos e não rejeições, portanto, é preciso valorizar a ordem da sua argumentação, tendo, assim, o cuidado para não ser desqualificado, o "conhecimento (prévio) daqueles que se pretende conquistar é, pois, uma condição prévia de qualquer argumentação eficaz" (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 23). A linguagem passa a ser "instrumento de comunicação e ação sobre o outro" (idem), e a argumentação, ao ser dirigida a um auditório particular, é uma ação que pretende modificar um estado anterior, isto é, um estado preexistente, pois persuadir o ouvinte a efetuar uma ação que seja imediata ou futura tende a ser seu objetivo.

Diferentes estudos do discurso, desde a Linguística da Enunciação até as correntes pragmáticas e a Análise do Discurso de linha francesa, consideram que há o envolvimento da imagem do enunciador, aquele que fala ou escreve, no discurso,

porque as marcas do *ethos* deixam impressões no interlocutor, pois o *ethos* é a imagem do orador construída pelo auditório e com quem este se identifica no processo de interação verbal.

Assim, a dinâmica do discurso apresenta um orador que tenta convencer o auditório da validade de suas teses (*logos*), construindo a sua imagem (*ethos*) e, ao mesmo tempo, a imagem deste auditório (*pathos*), visando a persuadi-lo.

No que concerne ao estilo, Bakhtin (2011) afirma que “Todo enunciado [...] é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), escrevente, suas escolhas gramaticais que identificarem o estilo do autor da produção”, porque o escritor russo postula que “a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico”.

Já na construção composicional, que diz respeito à estrutura geral do enunciado ou ao aspecto formal do texto, ainda seguindo os postulados bakhtinianos, os procedimentos desenvolvidos, as relações constituídas e a organização e acabamento do texto estarão em análise, levando-se em conta os partícipes.

Como todo gênero, o artigo de opinião é um instrumento que gera comunicação, expressa um julgamento, uma convicção e por isso pertence ao tipo argumentativo. Esse gênero expressa o ponto de vista de um jornalista, de um político, de um professor, entre outros profissionais, ancorado na argumentação, visa ao convencimento do interlocutor e, mais que isso, induz a refletir sobre o que está exposto no texto, conduzindo-o a um posicionamento pessoal e social acerca do que é discutido.

Tendo como suporte revistas de grande circulação nacional, a televisão, variados *sites* da *Internet* e os jornais impressos, tratando, na maioria das vezes, de assuntos atuais, o contato com textos assim permite ao estudante conhecer ”novos territórios discursivos”, como também, ao escrever um artigo, realizar reflexões acerca do que já traz como experiência de vida sobre um tema.

Rodrigues (2007) assinala que os trabalhos com gêneros jornalísticos em sala de aula têm importância, visto que “marcam o reconhecimento da força político-ideológica que esta instituição (o jornal) exerce na conjuntura social atual”. Ao discutir temas de ordem cultural, econômica, política ou social, o articulista busca apoio em outras vozes e na evidência dos fatos para a construção da sua opinião, a fim de que sua análise e resposta a uma questão sejam mais interessantes que a

apresentação dos próprios fatos, constituindo-se em uma autoridade no que é exposto.

Para atingir seus objetivos escolares, os gêneros são didatizados, no entanto o trabalho continua com singular relevância a depender de como é planejado e executado:

> Quando trabalhado em sala de aula, o AO (assim como os demais gêneros) é didatizado, pois passa por um processo cujos objetivos de leitura e escrita consistem, além dos objetivos originais do gênero, em ensinar habilidades discursivas e linguísticos-discursivas necessárias para sua compreensão e elaboração textual. Mas a didatização não diminui a importância do trabalho com os gêneros na sala de aula e, para que o aluno-produtor reconheça essa importância e sinta-se motivado com a leitura e com a produção do AO, é preciso que a atividade com esse gênero tenha uma função sociocomunicativa, o que é possível a partir de um planejamento didático que envolva as condições de produção do texto escrito (ARAÚJO, 2015, p. 52).

É relevante o trabalho com o artigo de opinião no contexto pedagógico mediante um “planejamento didático”, pois sua leitura e escrita em sala de aula suscitam a discussão de posicionamentos divergentes sobre assuntos diversos presentes na dinâmica que rege as relações humanas, fazendo com que as interações sociais não se tornem monopolizadoras ou frustrantes, além de contribuir significativamente com o desenvolvimento linguístico-discursivo. A “liberdade” e o poder de expor sua opinião em atividades didático-pedagógicas torna o estudante um sujeito ímpar, capaz de atuar criticamente na sociedade com a qual convive.

Para o trabalho com os gêneros na escola, Dolz e Schneuwly (2004) propõem o desenvolvimento de uma sequência didática, explicada assim: “Um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”, visto que os autores definem os gêneros como “instrumentos que as representam (as atividades humanas) e, logo, significam-nas”. A sequência didática é construída de acordo com os objetivos do professor, partindo dos conhecimentos prévios do aluno até o aprendizado que deseja alcançar. Pode ser utilizada em qualquer disciplina e envolve atividades de aprendizagem e de avaliação. Trabalhar com sequência didática de gêneros textuais em Língua Portuguesa favorece o aprendizado gradual do gênero a ser estudado, pois a participação de diversos exemplares daquele gênero pode ser contemplada, as características específicas podem ser identificadas e a gramática e ortografia podem ser revistas em conjunto.

Referente à argumentação, Bronckart (1999) sugere “um modelo cognitivo da argumentação, composto por uma tese sustentada por dados que conduzem a um conteúdo inferencial apoiado por suportes e restrições, orientando para uma conclusão”. Por isso, trabalhar a habilidade de argumentar numa sequência didática requer conhecimentos sobre o gênero, como também a confecção de atividades que sejam organizadas, para envolver educador e educandos, e desafiadoras, para estimular a aprendizagem dos partícipes.

Entretanto, a escola tem sua prática de produção textual sedimentada na linguagem escrita, em um processo dialógico, no qual o aluno elabora um texto simplesmente para obter uma nota. Nesse caso, alguns fatores devem ser considerados pelos professores em sua postura mediadora do conhecimento.

Sobre o ensino de produção de texto defendidos pelos PCNEF, o PNLD transformou esse saber nos seguintes princípios e critérios:

> Considerar o uso social da escrita, levando em conta, portanto, o processo e as condições de produção do texto, evitando o exercício descontextualizado da escrita; - explorar a produção dos mais diversos gêneros e tipos de texto, contemplando suas especificidades; - apresentar e discutir as características discursivas e textuais dos gêneros abordados, não se restringindo à exploração temática; - desenvolver as estratégias de produção inerentes à proficiência que se pretende levar o aluno a atingir (PNLD, 2000).

Apesar da importância e da necessidade cada vez maior de escrever com clareza e qualidade nos dias atuais, pois se escreve muito atualmente, nota-se uma crescente desmotivação por parte dos alunos quando lhes é proposta uma atividade de produção na escola; já para o professor é fundamental o contato com o que e como seu aluno escreve, pois é por meio das análises das dificuldades encontradas nas produções que o educador realiza seu planejamento e, além disso, os textos escritos propiciam o armazenamento dos conhecimentos. Infelizmente, as atividades de produção de texto nas escolas não têm, ao longo do tempo, recebido a devida atenção, tornando- se meras reproduções, sem atrativos, nas quais o aluno sente-se obrigado a escrever para obter uma nota.

A importância da produção de textos, ou seja, a capacidade de contar a própria história, a sua experiência de vida, de manifestar suas ideias e a sua cidadania por intermédio da escrita muitas vezes passa bem distante da compreensão dos alunos. É necessário conhecer a realidade do educando, o modo

como ele a interpreta, para que se possa compreender seu conjunto de experiência e seu ambiente sociocultural.

Assim:

> A produção textual escrita está ligada à vida em sociedade, o que leva a necessidade de deixar claro para os alunos que todo gênero de textos se produz para determinada sociedade e dentro dela. (...) com a incumbência de escrever um texto a partir de um tema ou título proposto pelo professor, muitos alunos desenvolveriam a crença de que a escrita é uma exigência exclusiva da escola, sem serventia fora dela (PASSARELLI, 2004, p. 62).

A produção de textos, quando bem planejada e segue a uma sequência, cria as condições para que os alunos construam textos de diferentes gêneros, para diferentes leitores, dentro e fora da escola; textos que façam sentido, uma construção compreensível para o(s) interlocutor(es), cujas ideias e fatos estejam em conformidade. O trabalho com o gênero citado torna-se importante à medida que os jovens estudantes atuais estão atentos ao que acontece no Brasil e no mundo e querem apresentar sua opinião e ser ouvidos a respeito das suas verdades. Para que isso aconteça de forma sistematizada, a escola deve estar preparada para dar o suporte teórico a seu aprendiz – ativo, conectado e produtor de textos. Na produção textual, os gêneros nos levam a escolhas que dependem das circunstâncias do contexto cultural e social; eles são as estruturas que fazem parte dos textos e por isso atendem a uma situação de interação em um determinado domínio discursivo.

De acordo com Marcuschi (2008), não há gêneros ideais para o processo de ensino. Pode-se, contudo, identificar exemplares genéricos que permitem uma progressão no grau de dificuldade, partindo do mais simples para o mais complexo. O referido autor também faz questão de ressaltar sua preocupação no sentido em que sejam escolhidos gêneros voltados para a compreensão de textos e também para a produção, visto que são atividades que exigem habilidades diferenciadas.

Para Araújo (2015), “o ensino do gênero é essencial para a formação do aluno como sujeito capaz de interagir por meio da linguagem de maneira eficaz”. Como foram feitas atividades diagnósticas para avaliar conhecimentos, aptidões e competências no tocante à produção textual escrita, objetivando organizar situações educativas para uma intervenção pedagógica, constatei que o gênero argumentativo é um tema que provoca a reflexão da prática docente, bem como dificuldades de

produção por parte dos estudantes. Sendo assim, pretendo utilizar atividades didático-pedagógicas para desenvolver a habilidade argumentativa dos educandos e, para tanto, o gênero artigo de opinião é o meio escolhido para essa finalidade.

4 APLICAÇÃO DA PROPOSTA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Levando em conta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/96 e o que é disposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais a respeito da língua materna, a proposta de intervenção visou a contribuir, sobremaneira, com a formação do profissional da educação e com a aprendizagem dos alunos. Haja vista que surgiu de uma constatação averiguada em sala de aula, de que a produção textual escrita de gêneros argumentativos constitui, no ensino da LP, como uma dificuldade para professores ao solicitar e para os alunos ao escrever.

A proposta pedagógica do Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins leva em conta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, a Constituição Brasileira, o Estatuto da Criança e do Adolescente, o disposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais. No Ensino Fundamental II, a proposta pedagógica da escola privilegia o ensino enquanto construção do conhecimento, o desenvolvimento pleno das potencialidades do aluno e sua inserção no ambiente social utilizando, para isso, os conteúdos curriculares da base nacional comum e os temas transversais, trabalhados em sua contextualização.

A metodologia de ensino da língua materna na instituição acima citada tem o objetivo de levar o educando a explorar e descobrir todas as possibilidades do seu aprendizado, dos objetivos, das relações, do espaço e, por meio disso, desenvolver a sua capacidade de observar, descobrir e pensar (é o que consta no Projeto Político Pedagógico).

Tendo em vista as considerações acima, as atividades que fizeram parte da Proposta de Intervenção Pedagógica foram organizadas na sequência didática, a qual, inspirada nas concepções de Schneuwly e Dolz (2004), “propõe uma maneira precisa de trabalhar em sala de aula”; são ações programadas para inserir o conteúdo a ser trabalhado dentro dos objetivos a serem alcançados.

A análise das produções textuais dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, elaboradas na Atividade Diagnóstica, serviu para “motivar” a construção de uma sequência didática que trabalhasse as dificuldades encontradas no tocante à construção da argumentação nos textos. Os principais problemas analisados foram: não utilização de técnicas argumentativas nem de argumentos referentes ao tema, exposição do texto sem a estrutura macrotextual (introdução, desenvolvimento e conclusão), desconhecimento mais profundo do tema – como

fatos e dados que pudessem fundamentar sua opinião –, ausência de articuladores argumentativos e a ausência de pontuação.

Seguindo as orientações dos autores supracitados, a sequência construída procurou atender a heterogeneidade e a história do grupo de alunos, pois selecionei diversas atividades que foram adaptadas e transformadas em função das necessidades de aprendizagem dos educandos, tentando considerar também o momento social em que a apliquei. Dessa forma, compreender *o que é argumentar* foi a competência definida, inicialmente, para depois, *o como e por que argumentar,* altercadas de diferentes maneiras, em atividades práticas e teóricas; posteriormente, a competência foi a de escrever parágrafos e texto argumentativo.

Este trabalho pretendeu atingir seus objetivos realizando ações durante 24 aulas, desenvolvendo suas atividades em cinco etapas; cada etapa foi planejada para ser concretizada em duas aulas (geralmente, geminadas), no turno da manhã, na turma A, do 9º ano do EF II, do CEGPM, em Valença – Bahia.

Em linhas gerais, apresento cada etapa da Proposta de Intervenção Pedagógica; a seguir, os planejamentos de cada uma, os planejamentos diários, as atividades realizadas pelos alunos, a avaliação dos alunos de cada etapa da proposta e a avaliação da professora dos seus alunos, e finalmente, o relato de toda ação desenvolvida na sala de aula.

Título: **ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME**

ETAPA I: Argumentar é mover um dom (6 aulas)

I O que é argumentar?
II Por que argumentar?
III Como argumentar? Tipos de argumentação
IV Avaliação da etapa

ETAPA II: Contra argumentar também é um dom?(6 aulas)

I O gênero artigo de opinião: estrutura do gênero
II A Contra-argumentação
III Avaliação da etapa

ETAPA III: Argumente e (con)vença-me (4 aulas)

I Argumentação e contra-argumentação

II As Falácias

III Avaliação da etapa

ETAPA IV: Reescrita da "primeira produção" – um novo olhar para seu próprio texto (4 aulas)

I Releitura da "primeira produção"

II Reescrita do texto

III Avaliação da etapa

ETAPAV: Virilizando na rede (4 aulas)

I Digitação do texto definitivo

II Publicação dos textos definitivos numa página do *Facebook*

III Avaliação do processo

Das cinco etapas, foram construídos os planejamentos diários que obedeciam à carga horária de duas horas/aulas, no entanto, depois das primeiras aulas de intervenção, o momento inicial da aula era dedicado à tarefa de casa, atividade que a maioria da classe não respondia, e alguns minutos eram destinados à feitura, portanto, o tempo para a realização das ações planejadas tornava-se sempre mais curto.

Descrevo, a seguir, como foi planejada cada aula; depois, explico como transcorreram, apresento também reflexões sobre minhas ações, as dificuldades que tive durante o processo e saliento o que não foi aplicado, justificando.

4.1 PLANEJAMENTO DA ETAPA I: Argumentar é mover um dom

ETAPA I / TÍTULO: Argumentar é mover um dom
PERÍODO: De 06 a 12/09/2016
CARGA HORÁRIA: 6h/a
TÍTULO: O que é argumentar?

COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

- Saber relatar e refletir sobre a prática.
- Relacionar teorias da aprendizagem e o ensino da habilidade de inferir.

- Planejar aulas sobre argumentação envolvendo a noção de competências, conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.
- Utilizar novas tecnologias em aulas sobre argumentação.
- Elaborar atividades de casa.

METODOLOGIA DE FORMAÇÃO

- Redação e reflexão sobre as práticas de ensino.
- Análise de construtos pessoais e teorias implícitas.
- Discussão de textos teóricos.
- Elaboração reflexiva de material didático.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO FORMATIVO

- Análise da redação sobre a reflexão das aulas e da etapa para verificar as mudanças do professor em relação ao diagnóstico inicial, cujos resultados foram obtidos por meio da narrativa autobiográfica.

COMPETÊNCIAS DISCENTES

- Compreender o que é argumentar.
- Compreender por que e como argumentar.
- Escrever textos argumentativos.

CONTEÚDOS CONCEITUAIS

- Diferenciar fato de opinião.
- Identificar argumentos na letra de uma música.
- Diferenciar fato e opinião, assunto e tese.
- Identificar as características de um artigo de opinião.
- Identificar os tipos de argumentação no texto lido.

CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS

- Construir teses acerca de temáticas diferenciadas.
- Produzir argumentos diante das temáticas abordadas.

- Listar tipos de argumentação, por comparação e de autoridade, presentes em um artigo de opinião.
- Utilizar a contra-argumentação.
- Descrever as características de um AO.
- Encontrar a tese defendida nos textos trabalhados.

CONTEÚDOS ATITUDINAIS

- Envolver-se nas dinâmicas e nas discussões.
- Refletir acerca das suas opiniões sobre as temáticas abordadas.
- Contribuir com seus conhecimentos nas atividades realizadas.

METODOLOGIA

A metodologia segue os princípios construtivistas à medida que leva o aluno, instigado pela sua curiosidade e pelos seus conhecimentos prévios, a interagir com a professora e com seus colegas a fim de que encontre respostas para questões levantadas e possíveis dúvidas. Sendo assim, a **Problematização** de assuntos e temas foi a ação inicial para mover os conhecimentos já adquiridos; por meio da reflexão e de atividades orais e/ou escritas, a educadora criava situações-problema do dia a dia escolar e de outros ambientes sociais vivenciadas pelos estudantes, objetivando a interação, o diálogo e a tomada de decisão.

Em seguida, a situação de aprendizagem era a **Leitura de textos**, na qual o aprendiz lia sobre o tema ou conteúdo daquela aula em atividades xerocopiadas, vídeos, imagens, entre outros gêneros, privilegiando sempre àqueles argumentativos, objetivando desafiá-lo com indagações e questioná-lo acerca de “leituras”, de diferentes visões do mesmo tema, de diferentes autores e dos colegas a compreender o que, como e por que argumentar. Tendo por base as respostas apresentadas pelos estudantes em questionários socioeconômicos e psicopedagógicos para conhecimento da turma e de atividades diagnósticas aplicadas na classe no início do processo de trabalho, a pontuação, principalmente do uso da vírgula, foi umas das dificuldades apontadas como empecilho à produção textual; então, atividades de coesão, coerência e usos da vírgula, também apareciam na parte de leitura.

A próxima situação de aprendizagem que visa à reflexão do estudante e seu avanço nas hipóteses de leitura e escrita foi a **Discussão dos resultados**, pois, após as leituras das respostas, os desafios e questionamentos propostos ao educando foram discutidos; é o momento em que o aluno toma a decisão de confirmar ou modificar suas ideias apresentadas nas atividades, considerando que a valorização do repertório dos estudantes fora sempre respeitada. Era realizada individualmente, a fim de que os princípios da autonomia, da iniciativa e da revisão (autocorreção) fossem condutores do processo de aprendizagem, ou em grupo, para que as relações interpessoais fossem contempladas, como ouvir o outro, argumentar de acordo com os seus pontos de vista, respeitar a opinião do outro e dividir tarefas, o que incluía tomar decisões, avaliar e escolher. As atividades eram realizadas em duplas, no momento em que fosse necessário juntar dois conhecimentos distintos para se chegar a uma conclusão, ou mesmo quando as variações dos níveis de aprendizagem pudessem contribuir com a aprendizagem, ou ainda quando os níveis sociais ou as questões de gênero estavam em atrito.

Para finalizar o que era debatido e estudado, havia a **Síntese**; momento em que as ideias essenciais discutidas naquela aula eram sistematizadas por meio de tarefa de casa ou de campo.

AVALIAÇÃO

A avaliação foi qualitativa, num primeiro momento, e quantitativa ao final.

Sendo assim, o envolvimento nas atividades e relatos de desempenho do estudante durante a execução das aulas foi objeto de avaliação, bem como a leitura crítica, a confecção das produções textuais solicitadas e a realização das tarefas de casa ou de campo foram avaliadas diante das dificuldades, e o progresso obtido pelo estudante será computado na Ficha de Avaliação Individual de cada aluno (vide Apêndice 4).

Ao final de cada etapa, os estudantes eram convidados a responder uma Ficha de Avaliação da Etapa (vide Apêndice 5), com a finalidade de refletir acerca do que aprendeu ou do que ficou em dúvida; com as informações dessa ficha, a educadora construía seus próximos passos de intervenção.

4.1.1 Planejamentos diários, relatos e reflexões

ETAPA I /TÍTULO: Argumentar é mover um dom
DATA: 06/09/2016
CARGA HORÁRIA: 4h/a
TEMA: O que é argumentar?

COMPETÊNCIAS DISCENTES

- Compreender o que é argumentar.

CONTEÚDOS CONCEITUAIS

- Diferenciar fato de opinião.
- Identificar a tese em uma tirinha.
- Identificar os argumentos na letra de uma música.

CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS

- Construir teses acerca de temáticas diferenciadas.
- Produzir argumentos diante das temáticas abordadas.

CONTEÚDOS ATITUDINAIS

- Envolver-se nas dinâmicas e nas discussões.
- Refletir acerca das suas opiniões sobre as temáticas abordadas.

METODOLOGIA

1 Problematização

Justificativa: as aulas serão sempre iniciadas com a problematização do tema a ser abordado, com o objetivo de levantar os conhecimentos dos alunos. Na primeira aula, a problematização acontece por intermédio de uma dinâmica que oportuniza o envolvimento de toda classe (conteúdo atitudinal), pois um fato que é da vivência dos adolescentes será objeto de discussão, a fim de que os alunos apresentem suas opiniões e possam, assim, diferenciar fato de opinião, visando a alcançar um dos objetivos propostos nos conteúdos conceituais.

1.1 Descrição da dinâmica: a professora apresenta na lousa um fato sobre um assunto do conhecimento e da vivência dos alunos e solicita que estes opinem sobre ele oralmente. Depois que o maior número possível de alunos já tenha participado da atividade oral, segue-se a escrita; objetivando a participação de todos, a professora entrega uma folha de papel A4 (Apêndice 6), individualmente, com o fato por escrito e espaço em branco para que sejam registradas, além da opinião, justificativas que fundamentam o ponto de vista de cada um sobre o mesmo fato posto na lousa. Os registros são colocados em uma caixa e misturados; depois, os alunos retiram um registro que não seja o seu e comentam se concordam ou não e por que, gerando um ambiente de discussão, o que leva à troca de pensamentos e ideias. Por fim, direcionada pela professora, a discussão também colabora para a compreensão do que é fato e do que é argumento.

2 Leitura de texto

Justificativa: este momento da aula de leitura textual visa à identificação da tese e dos argumentos (conteúdo conceitual) presentes na letra de uma música.

2.1 Descrição: os estudantes recebem a letra da música de Gilberto Gil “A mão da limpeza”; a professora realiza uma primeira leitura para que os alunos conheçam ou reconheçam a letra e pergunta qual o seu gênero textual; a seguir, a audição da canção em vídeo do link https://www.youtube.com/watch?v=P8wRZsgPjhQ (2 minutos e 46 segundos) é realizada, objetivando estimular a realização de novas leituras do mesmo texto. A seguir, os educandos são convidados a saber um pouco mais sobre Gil e também a conhecer as razões dele ter escrito essa canção, com a finalidade de contribuir na identificação da tese e dos argumentos utilizados pelo cantor; para tanto, a educadora lerá um resumo da biografia do compositor, bem como o depoimento dado por ele a um *site* em 2004 sobre a canção. Concluída a audição do vídeo, questionamentos são feitos pela professora aos educandos: se estes já conheciam a música, outras composições do autor; e a respeito das imagens, como e quais lhes chamaram mais atenção e como são apresentadas: o que fazem as pessoas negras que aparecem no vídeo? Então, os alunos realizam nova leitura e respondem a atividade, individualmente (Apêndice 7).

3 Discussão dos resultados

Justificativa: momento de reflexão em que os alunos confirmam ou não suas respostas (conteúdo atitudinal), pois a professora solicita que eles apresentem o que responderam nas questões da atividade com a música de Gil, demonstrando a compreensão de cada um a respeito do tema.

3.1 Descrição: com a classe organizada em semicírculo, os alunos vão lendo o que responderam nas questões, e a professora e os próprios alunos discutem e tercem comentários acerca do que vai sendo dito.

4 Síntese

Justificativa: esta parte será realizada por meio da tarefa de casa para que os conceitos que estão sendo construídos sejam exercitados, pois os educandos irão identificar a tese de uma tirinha e construir argumentos (conteúdos procedimentais) numa atividade xerocopiada.

4.1 Descrição: os alunos recebem uma atividade que realizarão por escrito, assim elaborada: diante da leitura de uma tira identificarão a tese e a partir de algumas teses, os alunos apresentam sua opinião e a defendem por meio de dois argumentos (Apêndice 8).

AVALIAÇÃO

A avaliação foi realizada a partir da Ficha de Acompanhamento Individual de cada aluno (o resultado encontra-se no Apêndice 28).

RELATO E RELEXÕES

No dia 6 de setembro de 2016, iniciei a aplicação da proposta de intervenção, desenvolvendo-a em duas aulas geminadas. Essas primeiras aulas foram planejadas para que a competência de compreender o que é argumentar pelos alunos começasse a ser estimulada.

Sendo assim, diferenciar fato de opinião e identificar tese e argumentos foram definidos como conteúdos conceituais; construir teses e produzir argumentos mediante as temáticas abordadas foram os conteúdos procedimentais; para os

conteúdos atitudinais, defini que a participação e o envolvimento do alunado nas dinâmicas, nas discussões e nas atividades, objetivando uma compreensão inicial do que é argumentar, seriam as ações a serem atingidas.

Visando a alcançar o que foi elencado acima, a metodologia teve início com a **Problematização**, que constou de um questionamento para ser respondido oralmente e, depois, por escrito, individualmente; mas, após uma dinâmica, os aprendizes tiveram a oportunidade de ler e opinar a respeito da escrita do outro colega. A seguir, o momento é o da **Leitura de texto**; nessa parte, o gênero escolhido foi a música; assim, a letra foi distribuída entre os educandos, o texto lido pela educadora e, para ouvir a canção, escolhi um vídeo no qual o autor, Gilberto Gil, canta e, ao mesmo tempo, imagens relacionadas à letra eram visualizadas, quando nova leitura do texto foi realizada.

Aproveitei para perguntar aos jovens qual a opinião deles acerca do vídeo, das imagens que nele aparecem e que outras imagens eles colocariam para representar a letra de Gil e por quê. Em seguida, as perguntas escritas sobre o texto foram lidas pela professora e respondidas pelos alunos.

O próximo momento da metodologia constou da Discussão dos resultados, ou seja, as respostas às questões são faladas, a educadora e os educandos comentam, e estes últimos refletem, confirmam ou não as respostas dadas a cada quesito. Para finalizar a aula, os alunos receberam a tarefa de casa que faz parte da **Síntese**, cujo objetivo é o exercício dos conceitos que estão sendo apreendidos.

Com a presença de 18 organizados em semicírculo (no total de 30 matriculados e de 23 que frequentam), iniciei a **Problematização** apresentando a seguinte frase escrita na lousa: “Os adolescentes não gostam de praticar esportes”, e solicitei que os alunos opinassem a respeito; diversos alunos começaram a falar ao mesmo tempo, então expliquei que quem desejasse expor sua opinião precisaria levantar a mão para que fosse ouvido por todos e sua fala registrada pela professora.

A maioria dos estudantes concordou com a frase; um aluno pontuou: *eu mesmo gosto mais de ficar no celular ou jogando videogame*; outro acrescentou: *os adolescentes são preguiçosos*; já outro: *eu sei que é bom pra saúde praticar esportes, mas não gosto*; ainda outro: *eu acho importante praticar esportes, mas não pratico*; teve outro que salientou: *gosto e pratico, minha mãe também pratica*; então,

outros sentenciaram: *sou adolescente e pratico esportes; sou adolescente, gosto e pratico esportes e conheço outros adolescentes que praticam também*.

Logo após tentar ouvir o maior número possível de alunos, requisitei que levantasse a mão quem concordava com a frase, e 12 alunos assim fizeram. Em seguida, entreguei a frase, que chamei de fato, por escrito, com espaços em branco para que os discentes escrevessem sua opinião, já dita oralmente, e apresentassem também uma justificativa para seu pensamento. Quando foram terminando, requisitei que dobrassem e colocassem dentro de uma caixa, pois suas opiniões seriam lidas por outros colegas que poderiam concordar ou não; e dessa forma aconteceu: as opiniões e as justificativas foram embaralhadas e, posteriormente, os alunos foram retirando aqueles papeis que tinham a opinião do colega e dizendo se concordavam ou não e por quê.

Eu concordo, professora – disse uma aluna ao ler a seguinte opinião: *Não são todos mais a maioria não gosta, porque das tecnologia de hoje em dia preferem esta no celular do que praticando esporte (sic)*. E explicou que os adolescentes que conhece, inclusive ela, têm a mesma preferência, justificando que é mais confortável estar nas redes sociais. Ao ler esta opinião: *Os adolescentes gostam sim de praticar esportes, mais não são todos (sic).* Justificativa: *Porque muitos adolescentes preferem está nas redes sociais e esquecem de praticar esportes (sic)*, um aluno destacou que ele está sempre conectado, porém, quando os colegas o chamam para jogar bola, ele deixa as redes sociais e parte para “brincar”. Apenas oito alunos contradisseram o que leram.

Após essa parte da aula, distribui a atividade de produção textual na qual constava a letra da música “A mão da limpeza”, composição de Gilberto Gil, fazendo parte da **Leitura de texto.** Realizei uma primeira leitura com a finalidade do reconhecimento do texto antes da audição de um vídeo em que a canção é cantada pelo compositor e imagens que se relacionam a ela aparecem (https://www.youtube.com/watch?v=P8wRZsgPjhQ *2’46”)* . O vídeo foi exibido e ao final perguntei que imagens chamaram atenção e por quê; um aluno afirmou: *o negro sofre*; e todos riram. Outro disparou: *Mas sempre trabalha*... Voltei a questionar sobre as imagens do vídeo; um aluno disse: *Vi a imagem de uma boneca negra, eu nunca tive uma e eu sou negra*; outro disse: *Quem passa no vídeo trabalhando é sempre o negro*; já outro explanou: *Aquela imagem que as pessoas tão sentada na mesa comeno e dá comida pras crianças negra que parece bicho,*

animal (sic); outro reconheceu a figura de Zumbi e percebi que os educandos tinham conhecimento de quem foi ele e o que representa. A respeito de outras imagens que acrescentariam ao vídeo, um educando levantou a mão e falou: *Eu colocava imagens de atores conhecidos negros (sic)*; e outro: *Também de negros vitoriosos, como jogador... Pelé, por exemplo.*

Logo depois, voltamos para a letra de Gil escrita, houve a leitura oral pelos alunos que logo começaram a responder as questões. Um aluno disse que tinha dúvida sobre o primeiro quesito: *Se tese é a opinião, então o texto todo não é a opinião de Gilberto Gil?* Então, expliquei fazendo outra pergunta: *Gil escreveu a música a partir de qual ideia que se tem sobre o negro?* Ele disse: *Ah! Já sei!* Em alguns minutos as questões sobre o texto estavam respondidas. Realizei a chamada e começou o próximo momento da aula.

A **Discussão dos resultados** foi o momento de maior exposição dos alunos. Em relação à primeira questão, que perguntava sobre a tese do autor, as respostas foram se completando e a discussão aumentando; à medida que um aluno respondia, outro já questionava aquela resposta, outro concordava e outro discordava. Durante a discussão, um aluno respondeu assim acerca da tese do compositor: *A mão que ele defendia antigamente é a mesma de hoje;* outro: *Os negros eram escravos dos brancos*; mais um discente falou: *Que mesmo abolida a escravidão os negros continuam fazendo o trabalho sujo (sic)*; um aluno interpelou: *Que trabalho sujo?* Resposta: *Lavar, passar, cozinhar, varrer rua...* O mesmo que interpelou: *Mas tem branco que também faz isso*. Um aluno leu sua resposta: *A opinião de Gil fala que os "brancos" acham que podem mandar em tudo, acha que os negros só servem para fazer algo para eles (sic).* E para finalizar, um estudante arrematou: *[...] a mesma mão negra que limpava antes é a que limpa hoje.* Cinco alunos apresentaram respostas mais completas nessa questão.

Na segunda questão, que era composta de dois questionamentos sobre a ideia preconceituosa que o autor quer refutar, por ser uma ideia frágil e superficial, e um a respeito da confirmação da tese. Sete estudantes disseram não ter nenhuma dúvida em responder e responderam o quesito dois rapidamente. Um deles disparou: *Ele contesta que o branco inventou que se o negro não sujou na entrada vai sujar na saída (sic)*. E o verso que demonstra a fragilidade é: *A mão escrava passava a vida limpando o que o branco sujava*. Procurei ouvir os outros alunos que estavam com dificuldade e só depois de nova explanação sobre o que é refutar,

contradizer, é que as respostas foram sendo escritas e, posteriormente, faladas para toda turma.

No que tange ao terceiro questionamento, que trata da confirmação da tese, da conclusão, pelo cantor no final do texto, responderam: *O cantor confirma sua tese dizendo em comparação a antigamente quase nada mudou (sic).* Ou: *[...] ainda nos dias de hoje a posição dos negros nem mudou praticamente (sic).* Três alunos afirmaram: *O branco fazia coisas erradas e o negro era sempre julgado.* Em relação à conclusão do texto, seis educandos responderam com facilidade (no item 4.1.2 há a representação em gráfico do resultado da atividade).

A aula acabou e percebi que ainda precisávamos discutir o assunto, pois foi expressiva a participação e grande o envolvimento dos educandos com o tema cantado por Gil, como também sobre a forma como ele justifica seu pensamento no que se refere ao negro.

Ainda assim, entreguei a tarefa de casa que faz parte do momento da **Síntese**. Não houve tempo hábil para lê-la e explicá-la, o que foi suficiente para que os alunos a trouxessem, na outra aula, sem responder, afirmando que não entenderam o que fazer. Ressalto que apenas um aluno trouxe a tarefa pronta.

REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO

Durante a elaboração do primeiro planejamento diário para iniciar a intervenção, diversas dúvidas e incertezas permearam essa construção, pois a busca de uma forma adequada para despertar o interesse do alunado em participar das ações a serem desenvolvidas era o que me inquietava. Após longas conversas com o orientador, ficou determinado que a competência discente a ser trabalhada no início seria a de compreender o que é argumentar.

Nessa perspectiva, convidei o alunado a se dirigir ao auditório da escola para que nossa aula fosse desenvolvida em um ambiente diferente. O primeiro passo foi dedicado ao registro do saber do aluno. Logo que anotei a frase na lousa: “Os adolescentes não gostam de praticar esportes”, e pedi que os alunos opinassem a respeito, todos queriam falar ao mesmo tempo, um discordava do outro, apresentavam justificativas para não concordarem com o colega, enfim, percebi que eles queriam ser ouvidos por mim, pelos colegas, que tinham a necessidade de serem ouvidos; na oportunidade, aproveitei para esclarecer que a opinião de todos

era importante para mim e que estas deveriam ser respeitadas também pelos colegas, tanto aquelas contra, como as a favor.

Ao solicitar a mesma atividade por escrito, observei que as respostas foram escritas rapidamente, sem muitos questionamentos, e apenas seis alunos comunicaram que escreveram sem ler e colocaram a opinião sobre o fato e a justificativa no mesmo espaço. Durante a parte da dinâmica em que eram lidas as opiniões e justificativas do outro colega, percebi que, ao ler o escrito, contradizer o colega não foi uma ação muito posta em prática como fora anteriormente, de forma oral. As opiniões eram lidas, e o leitor dizia que concordava (10 alunos concordaram com o que liam) ou discordava (8), procurando fundamentar seu posicionamento.

No momento em que distribuí o texto “A mão da limpeza” para a fase da **Leitura de texto**, perguntei se eles já conheciam a música e apenas quatro alunos disseram que não; os outros já tinham ouvido na própria escola, porém, segundo eles, não tinham lido a letra. A audição e visualização do vídeo transcorreu com normalidade e muita concentração dos jovens, o que me fez supor que o recurso tecnológico e imagens interessam a turma, como fora citado por eles nos questionários psicopedagógicos. As respostas dadas sobre as imagens do vídeo e as questões escritas, conclui, na **Discussão dos resultados**, que foram desafiadoras e instigantes, porque a turma ficou muito entusiasmada em participar e a polêmica foi grande acerca do tema discutido.

Após as ações realizadas, verifiquei que o aluno, ao ser questionado sobre assuntos que fazem parte da sua realidade, de forma desafiadora, que o provoque a expor sua opinião, estimula a construção de teses e argumentações, quer falar e quer ser ouvido; acrescento, ainda, que o uso da tecnologia como ferramenta pedagógica, se usada de forma contextualizada, aproxima a realidade do professor a do aluno, pois o último vive conectado, como pude constatar no questionário socioeconômico respondido no começo da proposta de intervenção.

Minha maior dificuldade em aplicar tais conteúdos foi, principalmente, no momento da escrita. Oralmente, todos queriam falar, porém, depois de muito tempo decorrido, a escrita acontecia e uma grande maioria não queria ler o que escreveu, talvez por vergonha, timidez e por achar que os colegas iriam criticar suas ideias. Tentei transmitir que, ao expor seu ponto de vista, eles se impõem como seres pensantes e cidadãos, fazendo-se respeitar; em relação à temática, observei que é importante realizar atividades sobre ela e levar novas leituras para debatê-la mais,

visto que os estudantes têm uma opinião sobre, mas a discussão pode promovê-la e desenvolver seus argumentos.

ETAPA I /TÍTULO: O que é argumentar? Como argumentar?
DATA: 08/09/2016
CARGA HORÁRIA: 2h/a
TEMA: Pichação é arte ou não é arte?

COMPETÊNCIAS DISCENTES

- Compreender o que é argumentar e como argumentar.

CONTEÚDOS CONCEITUAIS

- Diferenciar fato e opinião, assunto e tese.
- Identificar as características de um artigo de opinião
- Identificar a argumentação no texto lido.

CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS

- Produzir argumentos acerca da temática trabalhada.
- Listar argumentos presentes em um artigo de opinião.

CONTEÚDOS ATITUDINAIS

- Envolver-se na dinâmica e nas discussões.
- Refletir acerca das suas opiniões sobre as temáticas abordadas.

METODOLOGIA

A aula tem início com a discussão dos resultados da tarefa de casa distribuída aos estudantes na aula anterior; logo depois, iniciam-se as atividades desta aula.

1 Problematização

Justificativa: com o objetivo de levantar os conhecimentos prévios dos alunos, a problematização acontece mediante uma dinâmica que oportuniza o envolvimento de toda a classe (conteúdo atitudinal), pois será discutido um assunto que a classe conhece, a pichação (em nossa escola, alunos pichadores de paredes de sala, de carteiras e de outros espaços são sempre punidos quando descobertos). Visando a

alcançar um dos objetivos propostos nos conteúdos conceituais, que é diferenciar fato de opinião e identificar o assunto e a tese, a dinâmica suscitará o posicionamento dos educandos a respeito deste tema polêmico.

1.1 Descrição da dinâmica**:** a professora diz que o assunto a ser discutido é pichação, divide a lousa em duas partes e escreve de um lado a seguinte frase: A - Pichação é arte, e do outro lado: B - Pichação não é arte, explicitando que há correntes que defendem uma ou outra tese; então, requisita aos alunos que optem por uma das duas alternativas, colocando seu nome ou uma marca sua em um dos lados, sempre justificando a escolha. Após ouvir a opinião e justificativa dos estudantes, a professora distribui uma atividade escrita composta de três questões; a primeira consta de argumentos que podem sustentar a tese (opinião) A ou a B, e os educandos devem identificar os argumentos que podem defender uma ou outra opção. Já na segunda, vão acrescentar outro argumento que dê sustentação a frase A ou a B, e a terceira questão trata-se de refutar uma das ideias (Apêndice 9). Vale ressaltar que os argumentos expostos foram baseados nos textos seguintes: *Pichação: arte ou vandalismo?*, de Janguiê Diniz – Mestre e Doutor em Direito – Reitor da UNINASSAU – Centro Universitário Maurício de Nassau – Presidente do Conselho de Administração do Grupo Ser Educacional, e no texto *Pichação é arte*, de João Wainer, repórter-fotográfico do jornal *Folha de S. Paulo* desde 1996; texto publicado na revista Superinteressante, edição 213, maio de 2005.

Após as respostas serem ditas e debatidas oralmente (o que deve acontecer quesito por quesito), partimos para a leitura de texto.

2 Leitura de texto

Justificativa: este momento visa identificar a tese de um artigo de opinião, como também as características do gênero (conteúdos conceituais), além de listar argumentos presentes no AO (conteúdo procedimental).

2.1 Descrição**:** para iniciar o momento de leitura, a atividade de produção textual é entregue (Apêndice 10); tal atividade é composta de um artigo de opinião cujo assunto é pichação; o texto é Pichação: arte ou vandalismo? de Janguiê Diniz – Mestre e Doutor em Direito – Reitor da UNINASSAU – Centro Universitário Maurício de Nassau – Presidente do Conselho de Administração do Grupo Ser Educacional.

A leitura é realizada pela professora, que passa a questionar acerca das características daquele texto, o que vai sendo registrado na lousa. Depois, a leitura compartilhada é feita pelos alunos e questões sobre a tese do texto e a argumentação utilizadas pelo autor são respondidas.

3 Discussão dos resultados

Justificativa: momento de reflexão dos alunos, pois eles confirmam ou não suas respostas dadas na atividade escrita, pois a professora solicita que eles apresentem o que responderam em cada questão oralmente para que haja discussão antes de ser confirmada cada resposta (conteúdos atitudinais).

3.1 Descrição: a discussão dos resultados terá início com a leitura oral de cada questão, seguida da leitura das respostas dadas a elas, sempre solicitando a participação de todos os alunos.

4 Síntese

Justificativa: através de uma tarefa de casa, os alunos vão exercitar os conceitos em aprendizagem (conteúdo conceitual) e listar argumentos (conteúdo procedimental).

4.1 Descrição: aos discentes é entregue uma tarefa xerocada para que exercitem a diferença entre fato e opinião, identifiquem as características de um AO, como também os tipos de argumentação (Apêndice 11).

AVALIAÇÃO

A avaliação foi realizada a partir da Ficha de Acompanhamento Individual de cada aluno (o resultado encontra-se no Apêndice 28).

RELATO DO DIA

No dia 8/9, o começo das minhas duas aulas foi repleto de indagações a respeito da aula anterior, pois os alunos que não estavam presentes perguntaram

por que a aula tinha sido no auditório, o que tinha se passado lá, e solicitaram as atividades xerocopiadas feitas em classe e a de casa. Relembrei que eles e seus responsáveis tinham assinado alguns termos para que eles participassem de um projeto que seria desenvolvido nas aulas de LP, pois então o projeto havia iniciado. Também entreguei as atividades da aula anterior e requisitei a tarefa de casa.

Apenas um aluno havia respondido tal atividade; oito esqueceram em casa ou não estavam presentes na aula e o restante trouxe em branco, sem resposta alguma, num total de 18 estudantes presentes. Sendo assim, entreguei nova cópia para os esquecidos, e a turma passou à execução da tarefa, o que durou 50 minutos, tempo de uma aula. Recolhi as atividades e levei-as para corrigir em casa.

Ao corrigir, pude observar que sete alunos erraram a tese presente em uma tira de Calvin, mas os argumentos que o texto apresentava somente sete acertaram. Já na segunda questão, que solicitava a apresentação de dois argumentos para três assertivas, os alunos acharam difícil e complicado escrever o que pensavam; houve resistência em respondê-la, e alguns a deixaram em branco – a atividade de casa era composta de dois quesitos (no item 4.1.2 há a representação em gráfico do resultado da atividade).

As ações programadas para este dia – 8 de setembro – deveriam ser desenvolvidas em duas aulas, entretanto, por conta dos problemas já relatados acima, o que foi recorrente, só houve tempo para a realização da **Problematização**.

Esse momento aconteceu assim: anotei de um lado da lousa: A - Pichação é arte, e do outro lado B - Pichação não é arte, e pedi que os alunos, de dois em dois, fossem até o quadro e anotassem seus nomes ou identificassem de alguma forma, abaixo de uma das duas opiniões, qual era o seu pensamento em relação à pichação. Os pontos de vista ficaram praticamente divididos: onze acreditam que pichação é arte sim, e os outros sete, não. Mesmo assim, uns tentaram modificar o pensamento do outro.

Uma aluna salientou: *Como é arte, se suja tudo? Olhe nossa sala e nossas carteiras, toda riscada (sic)*. Outro retrucou: *Ainda é crime! Quem disse?* – indagou o outro. *Quem risca a carteira não é pichação e não é arte (sic)*, afirmou um garoto. *Eu conheço um rapaz que faz pichação bem legal, pra mim é arte,* pontuou certa aluna. Um educando disse: *É arte* – e eu perguntei: *Por que você acredita que é arte?* Ele respondeu: *Sei lá!*

Então, diante do debate que continuou acirrado, entreguei uma ficha contendo alguns argumentos em defesa das duas teses, solicitando que indicassem qual deles poderia sustentar cada uma, como também que produzissem argumentos para defender os dois pontos de vista e, ainda que por meio da contra-argumentação, determinassem que argumentos da primeira questão serviriam de refutação para a opção A e para a B.

Da primeira questão, apenas três alunos tiveram erros na escolha dos argumentos; porém, no momento em que foram criar sua própria argumentação e refutação, tiveram mais dificuldade e acabaram repetindo as argumentações já postas no exercício.

Diante da dinâmica feita para coletar os conhecimentos prévios dos educandos, percebi que eles sabem definir uma tese, identificar argumentos, mas para criar sua própria fundamentação acham que é difícil, sobretudo quando é para ser escrito, logo seguem o que um colega já colocou; são poucos os que realmente criam. Claro que o dito ou escrito por um serve de base para construir os pontos de vista do outro, no entanto, no momento de falar, os jovens têm mais desenvoltura que na expressão escrita. Ainda assim, consegui atingir o objetivo definido nos conteúdos atitudinais, o envolvimento na questão foi total e a reflexão também; ao escreverem, questionaram muito acerca da temática.

Intentando alcançar os objetivos lançados em um dos conteúdos conceituais e um procedimental, requisitei que os discentes, na atividade, identificassem a tese e transcrevessem argumentos por comparação e de outro que encontrassem no texto. Resultado: todos os alunos acertaram a tese. Quando a solicitação foi que indicassem o fato que desencadeava a tese, dez acertaram; o argumento de comparação, dezessete e o parágrafo no qual havia outra argumentação, dez acertaram. Ao final, o gênero foi identificado e justificado por todos satisfatoriamente (16 alunos acertaram) (No item 4.1.2, há a representação gráfica do resultado da questão).

Ainda houve tempo para a entrega, leitura e uma rápida discussão da tarefa de casa, pois o texto presente nela prega o oposto do texto de Janguiê.

REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO

Nas ações realizadas, o tempo foi um fator de complicação, sendo muito

difícil cumprir as atividades programadas em função dele; logicamente, que a tarefa de casa sendo realizada em classe foi também um dos motivos, haja vista que precisava utilizar mais aulas para concretização das ações do que aquelas programadas.

Percebi, também, que a competência de o que é argumentar estava sendo dominada aos poucos pelos discentes, assim como as características do AO. Quando pedi que acrescentassem argumentos além dos já apresentados na dinâmica, foi a parte em que mais houve dificuldade, muitos repetiram aqueles que já tinham sido citados, talvez ainda não fosse o momento de solicitar isso deles, pois faltava leitura outras do assunto.

Nas questões que só precisava marcar o que está certo, os alunos muitas vezes respondem sem ler a questão ou o texto, talvez seja para terminar logo a atividade. As questões subjetivas ou que pedem para transcrever do texto causam sempre problema, não porque não saibam, mas porque não querem escrever.

Quanto ao tema, a aula superou minhas expectativas, pois o interesse em expor seu ponto de vista foi enorme e a participação também. A turma, apesar de ter ficado dividida entre as duas assertivas, não teve receio de dizer o que acha da pichação.

ETAPA I /TÍTULO: Argumentar é mover um dom
DATA: 12/09/2016
CARGA HORÁRIA: 2h/a
TEMA: Pichação: é arte ou não é arte?

COMPETÊNCIAS DISCENTES

- Compreender o que é argumentar e como argumentar.

CONTEÚDOS CONCEITUAIS

- Diferenciar fato e opinião, assunto e tese.
- Identificar as características de um artigo de opinião.
- Identificar os tipos de argumentação no texto lido.

CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS

- Produzir argumentos acerca da temática trabalhada.
- Listar tipos de argumentação, por comparação e de autoridade, presentes em um artigo de opinião.

CONTEÚDOS ATITUDINAIS

- Envolver-se na dinâmica e nas discussões.
- Refletir acerca das suas opiniões sobre as temáticas abordadas.

METODOLOGIA

1 Problematização

Justificativa: com o objetivo de levantar os conhecimentos prévios dos alunos, a problematização aconteceu através de uma dinâmica que oportunizava o envolvimento de toda classe (conteúdo atitudinal), visando também alcançar um dos objetivos propostos nos conteúdos conceituais que é o de identificar os tipos de argumentação.

1.1 Descrição da dinâmica: para iniciar, pedi que os alunos sorteassem um papel que estava dentro de uma caixa. Nele havia um argumento em relação ao tema da aula: Pichação: é arte ou não é arte?, presente no texto já lido na aula anterior e no texto que havia na tarefa de casa. Cada um foi lendo seu argumento e tentando identificar suas características através de perguntas dirigidas feitas pela professora.

2 Leitura de texto

Justificativa: com o objetivo de diferenciar os tipos de argumentação, uma ficha contendo alguns tipos foi distribuída na classe (conteúdo conceitual); esse momento visa, ainda, a identificar a tese de um artigo de opinião, como também as características do gênero (conteúdos conceituais), além de listar dois tipos de argumento presentes no texto (conteúdo procedimental).

2.1 Descrição: para iniciar o momento de leitura, uma ficha contendo cinco tipos de argumento é distribuída (Apêndice 12); foi requisitada a leitura silenciosa, e a educadora conversou com a turma sobre o que entenderam de cada tipo de

argumentação, pediu que caracterizem os argumentos sorteados na Problematização, observando a ficha e, a fim de tentar sanar as dúvidas que surgissem, é realizada nova leitura oral e compartilhada.

A seguir, a professora solicita a entrega da tarefa de casa para a discussão dos resultados.

3 Discussão dos resultados

Justificativa: momento de reflexão dos alunos, pois eles confirmam ou não suas respostas dadas na atividade escrita, pois a professora solicita que eles apresentem o que responderam em cada questão oralmente para que haja discussão antes de ser confirmada cada resposta (conteúdos atitudinais).

3.1 Descrição: A discussão dos resultados iniciou com a leitura cooperativa e comentada do texto: Pichação é arte! Logo depois, os quesitos são lidos, as respostas dadas a elas, são oralizadas, sempre solicitando a participação de todos os alunos.

4 Síntese

Justificativa: por meio de uma tarefa de casa, os alunos vão e listar os tipos argumentos (conteúdo procedimental).

4.1 Descrição: aos discentes é entregue uma tarefa xerocada para que exercitem os tipos de argumentação (Apêndice 13).

AVALIAÇÃO

A avaliação foi realizada a partir da Ficha de Acompanhamento Individual de cada aluno (o resultado encontra-se no Apêndice 28).

RELATO DO DIA

No dia 12/9, em duas aulas geminadas, demos continuidade à discussão

acerca da pichação com a presença de 18 alunos; contudo, antes de dar continuação, entreguei uma ficha xerocopiada na qual explicitava quatro tipos de argumentação (comparação, autoridade, exemplificação e causa e consequência) que foi lida e discutida; um aluno questionou: *Professora, se eu inventar um argumento, posso ser autoridade? (sic)*. Respondi que no tipo de argumentação de autoridade, melhor seria recorrer a um especialista no assunto, um pensador, para oferecer mais créditos ao que se diz, mas que se ele estudasse um determinado assunto, tornando-se um *expert* e suas ideias se tornassem conhecidas, claro que sim, e que ele pode inventar quantos argumentos quiser.

As maiores dúvidas sugiram em relação à argumentação de causa e consequência, foi aí que apresentei na lousa outros exemplos além dos que já havia na ficha usando as orações subordinadas, como: *Sua fome era tanta que comeu dois pratos cheios de sopa; insistiu tanto que foi convidada para a festa; aquela criança chorou tanto que ficou com os olhos vermelhos; por terem corrido muito, foram os vencedores;* tais orações foram escritas no quadro, uma a uma, questionando sempre dos alunos: qual a causa, aquela que provoca a ação? E qual a consequência, aquela que é o resultado, o efeito? Procurei deixar claro que ao utilizar esse tipo de argumentação, eles poderiam pensar desta forma.

Qual tipo de argumentação vocês usam mais em seus textos? Perguntei à classe, solicitando, sempre, que levantasse a mão que iria responder (o que nem sempre acontecia, muitos falavam ao mesmo tempo); uma garota disse: *Acho mais fácil a de exemplificação, porque eu prefiro dar exemplos;* outro disse que também fazia o mesmo; um estudante salientou: *Eu uso quase todas, mas não sabia o nome. Acho mais fácil a de comparação*, falou um outro menino; perguntei por que, todavia ele não respondeu.

Algumas outras dúvidas sugiram em relação aos tipos de argumentação: um estudante perguntou: *E tem outros tipos?,* respondi que sim e que haveria oportunidade para estudarmos e aqueles foram escolhidos para trabalhar agora em função do projeto. Outra quis saber: *Como vou botar uma argumentação de autoridade? Tenho que lembrar do nome de quem disse isso ou aquilo?(sic).* Expliquei que temos que indicar sim; quando citamos uma fonte confiável o que escrevemos tem mais credibilidade, podendo ser: uma frase de líder, de um político, um filósofo, um artista famoso ou mesmo dos dados de uma instituição de pesquisa.

Para seguir o planejamento, solicitei que pegassem a tarefa de casa para que

lêssemos o texto e debatêssemos. Porém, a atividade de todos os alunos, sem exceção, estava em branco. Nenhum havia respondido. Lemos o texto que afirmava que pichação é arte e houve muitas opiniões concordando com a ideia, e contrárias ao texto lido na classe (que afirmava que pichação não é arte). Assim, os educandos foram utilizando o poder de argumentação e de contra-argumentação naturalmente, pretendendo contradizer os colegas, baseados no texto que trabalhamos em classe e no que fazia parte da tarefa de casa. Aproveitei para mostrar quando cada um usava a contra-argumentação, para um melhor entendimento do assunto.

Após a discussão, passamos a respondê-la; detectei que tese e fato os educandos já diferenciam com certa facilidade; a primeira questão (sobre fato) 15 acertaram, já o que era fato, o que era opinião e o gênero do texto (AO), todos responderam com facilidade. Entretanto, para identificar o tipo de argumentação, mesmo com o auxílio da ficha (oito acertaram todos os tipo de argumentação), ainda havia dúvidas, assim também em relação à conclusão do artigo (nove entenderam que o articulista reafirma sua ideia ao concluir o texto) (No subitem 4.1.2, há uma representação gráfica do resultado da atividade).

REFLEXÃO SOBRE A REFLEXÃO NA AÇÃO

Durante a aplicação da Etapa I, várias foram as dificuldades enfrentadas, diversas mudanças de plano e uma infinidade de dúvidas. Será que dessa forma o educando vai aprender melhor? Que temática abordar? Que textos devo levar para classe? Que competências e habilidades pretendo desenvolver? É melhor atividade em grupo ou individual? Faço questões objetivas ou subjetivas? Foram momentos de desconstrução total do meu fazer pedagógico.

O número de etapas foi visto e revisto, os planos diários foram feitos e refeitos, buscando, sempre atingir os objetivos da proposta, mas durante as primeiras aulas da intervenção já percebi alguma diferença na minha prática em sala de aula e, consequentemente, no comportamento do alunado.

Porém, a atividade de casa foi a ação que causou mais problemas na classe, pois a maioria da turma nunca a respondia e o início das aulas era para respondê-la. Ao serem interpelados acerca das razões de não a terem realizado, os estudantes, em geral, apresentavam sempre a mesma desculpa: que haviam esquecido. Então, os objetivos que levantei para ela, não foram alcançados, ainda mais que, das ações

planejadas para aquele dia, ficava sempre uma parte pendente para outra data. Será que a tarefa de casa é necessário mesmo? Acredito que há uma necessidade de rever seu objetivo.

No tocante às outras ações aplicadas, avalio que o tempo foi extremamente curto para desenvolvê-las devidamente (agora, sem levar em conta a tarefa de casa). Talvez eu tenha programado muitas atividades para aquele dia de aula ou porque os alunos preferiam a parte oral, momento em que todos queriam se pronunciar, dar sua contribuição. No que se refere à escrita, observei certa desmotivação para colocar suas ideias no papel e por isso passei a disponibilizar mais tempo para a parte onde era solicitada alguma resposta escrita.

O que surtiu bastante efeito foi o uso das TICs que causava interesse e maior envolvimento e as aulas fora do espaço da sala de aula, o que promovia muita curiosidade.

Além do repertório que os discentes já trazem de suas vivências, acredito que foram preparados, para seguir para a próxima etapa.

4.1.2 Qual a tese? Qual o argumento? – Representação gráfica do resultado das atividades

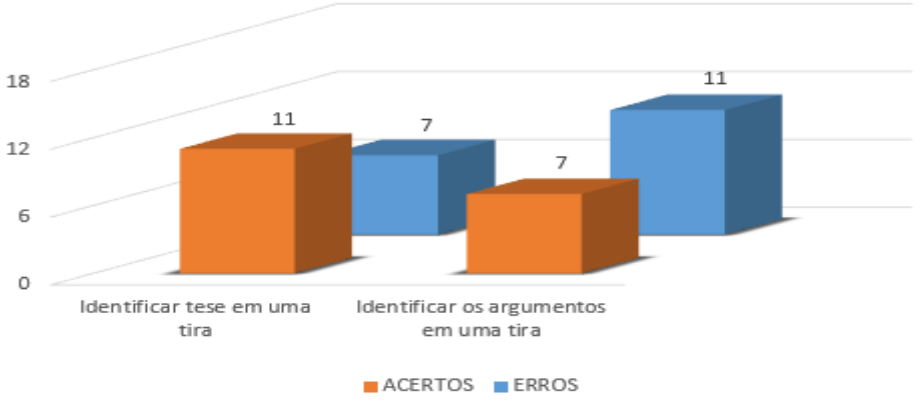
PRIMEIRA ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL (CLASSE)

1.ª Questão:

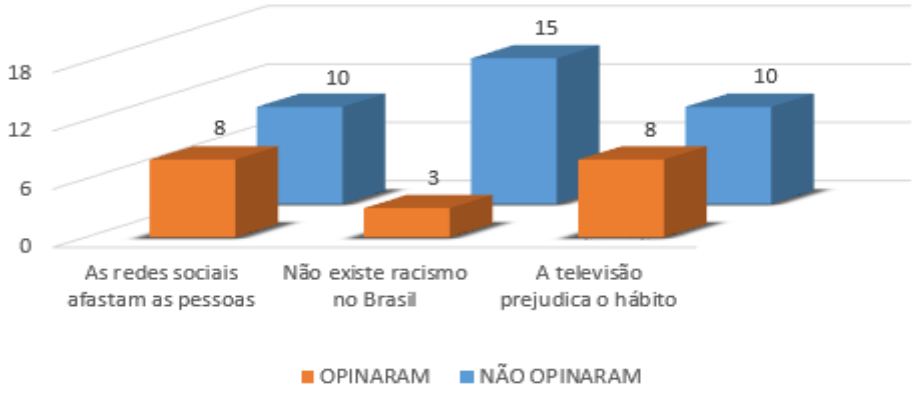
2.ª Questão:

PRIMEIRA TAREFA DE CASA

1.ª Questão



2.ª Questão:



SEGUNDA ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

1.ª Questão:

2.ª Questão:

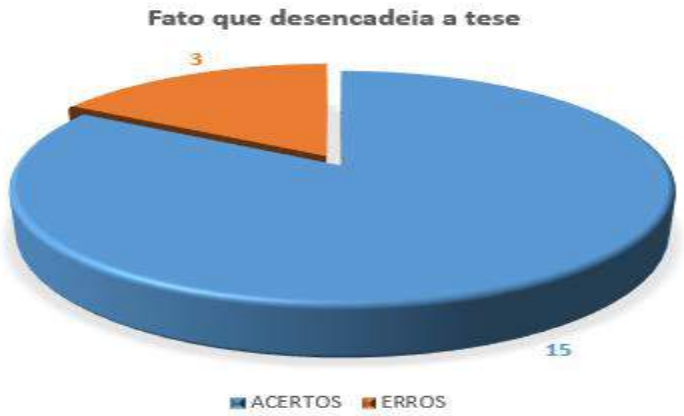
3.ª Questão:

4.ª Questão:

5.ª Questão:

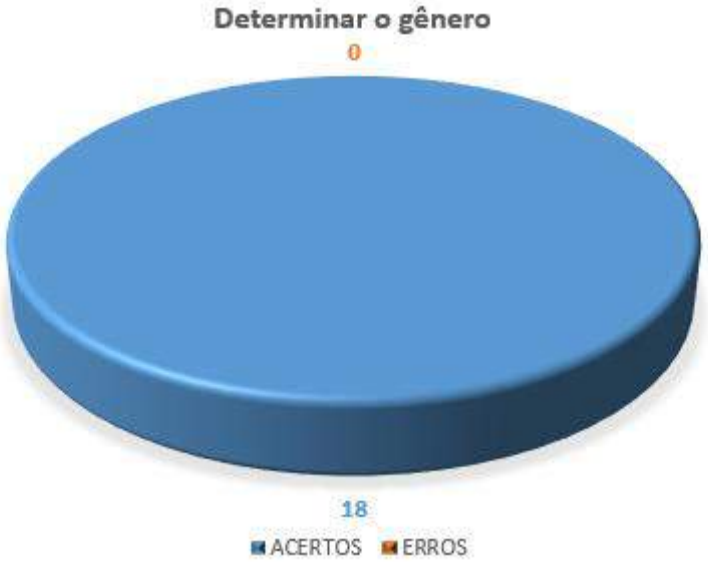
SEGUNDA TAREFA DE CASA

1.ª Questão:



2.ªQuestão:

3.ª Questão:



4.ª Questão:

5.ª Questão:

4.2 PLANEJAMENTO DA ETAPA II: Contra-argumentar também é um dom?

ETAPA II / TÍTULO: Contra-argumentar também é mover um dom?

PERÍODO: De 19 a 26/09/2016

CARGA HORÁRIA: 6h/a

TÍTULO: Contra-argumentar também é mover um dom?

COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

- Saber relatar e refletir sobre a prática.
- Relacionar teorias da aprendizagem e o ensino da habilidade de inferir.

- Planejar aulas sobre argumentação envolvendo a noção de competências, conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.
- Utilizar novas tecnologias em aulas sobre argumentação.
- Elaborar atividades de casa.

METODOLOGIA DE FORMAÇÃO

- Redação e reflexão sobre as práticas de ensino.
- Análise de construtos pessoais e teorias implícitas.
- Discussão de textos teóricos.
- Elaboração reflexiva de material didático.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO FORMATIVO

Análise da redação sobre a reflexão das aulas e da etapa para verificar as mudanças do professor em relação ao diagnóstico inicial, cujos resultados foram obtidos através da narrativa autobiográfica.

COMPETÊNCIAS DISCENTES

- Compreender o que é argumentar.
- Compreender por que e como argumentar.
- Escrever textos argumentativos.

CONTEÚDOS CONCEITUAIS

- Diferenciar fato de opinião.
- Identificar argumentos na letra de uma música.
- Diferenciar fato e opinião, assunto e tese.
- Identificar as características de um artigo de opinião.
- Identificar os tipos de argumentação no texto lido.

CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS

- Construir teses acerca de temáticas diferenciadas.
- Produzir argumentos diante das temáticas abordadas.
- Listar tipos de argumentação, por comparação e de autoridade, presentes em um artigo de opinião.
- Utilizar a contra-argumentação.
- Descrever as características de um AO.
- Encontrar a tese defendida nos textos trabalhados.

CONTEÚDOS ATITUDINAIS

- Envolver-se nas dinâmicas e nas discussões.
- Refletir acerca das suas opiniões sobre as temáticas abordadas.
- Contribuir com seus conhecimentos nas atividades realizadas.

METODOLOGIA

Idem a ETAPA I.

AVALIAÇÃO

Idem a ETAPA I.

4.2.1 Planejamentos diários, relatos e reflexões

ETAPA II /TÍTULO: Contra-argumentar também é um dom?
DATA: 19/09/2016
CARGA HORÁRIA: 2h/a
TEMA: O sistema de cotas no artigo de opinião

COMPETÊNCIAS DISCENTES

- Compreender o que é argumentar, como e por que argumentar.

CONTEÚDOS CONCEITUAIS

- Diferenciar o artigo de opinião de outros gêneros textuais.
- Diferenciar fato de opinião.

- Identificar a estrutura do artigo de opinião.

CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS

- Construir teses acerca da leitura de charges.
- Descrever as características do gênero artigo de opinião.
- Encontrar a tese defendida em textos do gênero artigo de opinião.

CONTEÚDOS ATITUDINAIS

- Envolver-se nas ações.
- Contribuir com seus conhecimentos nas atividades realizadas.

METODOLOGIA

Antes de iniciar a nova etapa, a tarefa de casa (Apêndice 14) foi realizada em classe e recolhida para correção (dessa vez, cinco alunos haviam feito realmente em casa; vinte minutos foram disponibilizados para a feitura).

1 Problematização

Justificativa: a dinâmica que inicia a aula visa a alcançar um os conteúdos conceituais (diferenciar o artigo de opinião de outros gêneros textuais).

1.1 Descrição da dinâmica: a aula acontecerá na sala de vídeo com os alunos sentados em semicírculo.

A professora leva para classe textos de diversos gêneros textuais como notícias, reportagens (Apêndice 14) e coloca-os em um espaço em que os alunos possam manuseá-los para leitura. Desses textos, apenas dois são artigos de opinião (textos que farão parte da atividade de produção textual, e o outro da tarefa de casa), havendo seis cópias deles e os outros serão duplicados. Os alunos são desafiados a escolher apenas os artigos entre todos. Após a escolha (um texto pode ser escolhido por mais de um estudante), pergunta-se quem acha que escolheu um artigo e o porquê; os aprendizes vão explicando por que acham que o texto que escolheram é artigo de opinião. Então, ao final, a educadora solicita que os alunos que escolheram os artigos de opinião leiam os textos, indaga sobre sua estrutura e vai anotando na lousa.

2 Leitura de texto

Justificativa: o objetivo desse momento da aula é atingir os conteúdos conceituais e procedimentais.

2.1 Descrição: a leitura tem início com a atividade de produção textual, a qual traz charges para leitura e produção de teses, e um texto do gênero artigo de opinião, para que os alunos identifiquem seus elementos estruturais (Apêndice 15).

3 Discussão dos resultados

Justificativa: momento de reflexão em que os alunos trocam experiências e confirmam ou não suas respostas (conteúdo atitudinal).

3.1 Descrição: a discussão dos resultados ocorrerá por meio da leitura das respostas dadas às questões da atividade de produção de texto.

4 Síntese

Justificativa: esta parte será realizada por meio da tarefa de casa que pretende alcançar os conteúdos atitudinais e os procedimentais.

4.1 Descrição: os alunos recebem uma tarefa de casa (Apêndice 16), na qual há perguntas sobre a estrutura de um artigo de opinião.

AVALIAÇÃO

A avaliação foi realizada a partir da Ficha de Acompanhamento Individual de cada aluno (o resultado encontra-se no Apêndice 28).

RELATO DO DIA

As aulas do dia dezenove de setembro aconteceram na sala de vídeo onde textos sobre o sistema de cotas estavam espalhados sobre as carteiras, armários, enfim, por todo espaço; havia textos de diversos gêneros, mas solicitei que os estudantes escolhessem apenas os AO. Os 20 alunos presentes partícipes foram lendo e um perguntou: *Professora, o que é esse sistema de cotas?(sic).* Respondi-

lhe que era uma ação afirmativa do Governo Federal que visa à reserva de vagas nas universidades e escolas públicas para negros, índios, entre outros grupos. Outro falou: *É bom pra gente (sic).*

Logo uma aluna gritou: *Eu já escolhi o artigo*. E aí cada um foi segurando um texto e querendo saber o que fazer a partir dali. Então, pedi que sentassem no semicírculo e desafiei: *Quem tem certeza que é um AO o texto escolhido, pode ler.* Um aluno perguntou se podia ler e eu disse que sim. Ao ser iniciada a leitura, logo percebi que era realmente um AO; quando a leitura chegou ao final, interpelei se mais alguém tinha separado aquele texto e quatro alunos levantaram a mão. Perguntei o porquê, um disse: *É a opinião de uma pessoa (sic).* Outra: *Esse tema é polêmico... (sic)*. *Como é estruturado um AO?* Indaguei. Eles foram falando, e eu fui anotando no *notebook* e o que eu escrevia ia sendo projetado pelo *datashow*: é uma opinião, tem parágrafos, tem título... mas o que não era dito eu questionava: *Onde podemos ler um AO?* A aluna falou: *Acho que no jornal (sic)*; mais um afirmou: *Na Internet (sic)*.

Pedi que mais um discente lesse um artigo, pois avisei que dois textos daqueles eram AO. Uma aluna começou a leitura; observei que não era do gênero, contudo deixei chegar até o final e indaguei: *Por que este texto é um artigo?* Ela ficou por um tempo em silêncio e respondeu fazendo uma pergunta: *É uma opinião?(sic)* Outro sentenciou: *Não é não (sic)*. Conclui, evidenciando que aquele texto lido por aquela aluna era um texto informativo, e informar é fornecer uma informação, é comunicar algo sobre um assunto, diferente de opinar que é apresentar um ponto de vista sobre determinado assunto.

Solicitei a leitura de um AO. Ao estudante que leu, questionei: *Como podemos iniciar a escrever um texto desse gênero?* Ele disse: *Por uma frase!(sic).* Nesse momento busquei relembrar as outras aulas, falei da música de Gilberto Gil: “A mão da limpeza” e dos textos sobre pichação. Foi aí que uma garota respondeu: *É tese! (sic)*. Anotei no quadro, completei dizendo que a tese pode ser uma ideia, um pensamento, uma impressão ou uma percepção que se tem de um tema. Por fim: *Como são estruturados os AO?* Um garoto: *Início, meio e fim (sic)*, novamente escrevi para projeção e discorri resumidamente sobre a introdução, o desenvolvimento e a conclusão, pois no momento subsequente havia mais explicações na atividade de escrita.

A seguir, entreguei a atividade de produção textual na qual constavam duas

charges para construção de teses, questão que não gerou muitas dúvidas, um dos artigos da Problematização, que li inicialmente para depois os alunos realizarem a ação de forma compartilhada. Sobre o artigo, na atividade escrita, havia questões referentes à argumentação e alguns educandos sentiram dificuldades em responder. Na alternativa b, que busca esclarecimentos sobre a justificativa do posicionamento da autora sobre as cotas, perguntaram: *É pra copiar do texto?(sic)* Afirmei que sim, e responderam esse quesito e os demais; houve algumas dificuldades.

Na parte que traz a teoria a respeito do AO, lemos e conversamos um pouco acerca de sua estrutura e características. Houve perguntas pontuais como: *O que é contextualizar? Como vamos apresentar dados numéricos? Como fazer uma sequência lógica?.* Tentei responder a cada dúvida usando o artigo da atividade; mostrei a parte que a autora situa o leitor no tempo e no espaço para explicitar a contextualização; indiquei o segundo parágrafo para mostrar-lhes os "dados numéricos": "[...] foram 354 anos de escravidão [...]" e para a sequência lógica fui dessecando o texto para eles irem entendendo o raciocínio coerente de quem escreveu que usou expressões e colocações que fazem sentido.

Mas ainda faltava a última questão, aquela que causou mais problemas para responder, houve resistência, somente quatro alunos começaram a fazê-la; requisitava a construção de uma argumentação por comparação, tendo por base uma das teses construídas na primeira questão. Um aluno perguntou: *Posso fazer uma comparação com aqueles irmãos gêmeos que era um branco e outro preto?(sic). Sim*, respondi. E perguntei se ele tinha lido a reportagem na revista *Veja* que abordava o assunto, ele afirmou que sim. Outros quiseram saber mais sobre a história dos irmãos e eu disse que eles eram gêmeos idênticos, porém o sistema de cotas declarava que um eles eram um branco e outro negro. Como estava na sala de vídeo, busquei na Internet a capa da revista no site da *Veja* e apresentei para a classe. Um garoto logo interpelou: *Então, só um tem direito a vaga?(sic). Se for pelo sistema de cotas, sim, só o negro* – terminei.

Tudo indicava que após tal diálogo responder aquela derradeira questão ficou mais fácil. Vejamos o resultado no item 4.2.2.

Bateu o sinal, a aula terminou. Entreguei a tarefa de casa sem ler nem explicar.

REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO

Escolhi o tema do sistema de cotas para que pudéssemos falar mais da questão racial, pois, como salientei na reflexão da Etapa I, o assunto sobre a questão do negro e, consequentemente, do branco na sociedade rendia muitos debates.

Acredito que esta foi a aula em que, até o momento da intervenção, houve mais participação; os educandos inicialmente perguntaram sobre o sistema de cotas, mas depois que expliquei, vários passaram a lembrar que já tinham ouvido falar sobre elas. A dinâmica foi o momento no qual detectei que a maioria já identificava o gênero AO e suas características, o que ficou confirmado na atividade de produção textual, entretanto a parte da argumentação merecia mais atenção.

Mudar de ambiente, da sala de aula para a de vídeo, foi proveitoso. Usei os aparelhos como o *notebook, datashow* e a *Internet,* que foi bem-vinda para mostrar a capa da revista que trazia uma polêmica sobre os irmãos gêmeos idênticos que foram considerados um branco e outro negro pelo sistema de cotas. Isso colaborou imensamente com a discussão que houve na sala. A presença de charges também desperta a atenção dos alunos, creio que pelas imagens e pelo tom humorístico que elas contêm.

Em relação à argumentação no AO, ainda me preocupava. Precisava buscar meios para ajudar os educandos na internalização do assunto, a fim de que o reconhecimento dos tipos de argumentação e a utilização dessa habilidade acontecessem com mais propriedade.

Quando a aula acabou, um aluno me acompanhou pelos corredores da escola perguntando sobre as cotas, dizendo-se a favor delas, pois era de família humilde e queria cursar uma universidade pública. O discente queria entender melhor como se dava o sistema, quem realmente tinha direito a cotas, entre outras dúvidas. Contei para ele o que sabia e avisei-lhe que na aula seguinte eles assistiriam a alguns vídeos que iam fazê-los entender melhor.

E é o que conto no próximo relato.

ETAPA II/TÍTULO: Contra-argumentar também é um dom?
DATA: 20/09/2016
CARGA HORÁRIA: 2h/a
TEMA: O sistema de cotas nega a competência do indivíduo?

COMPETÊNCIAS DISCENTES

- Compreender o que é argumentar, como e por que argumentar.

CONTEÚDOS CONCEITUAIS

- Identificar como funciona o sistema de cotas através de um vídeo.
- Ler sobre a contra-argumentação.
- Analisar os tipos de argumentação de um AO.

CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS

- Discutir sobre o sistema de cotas.
- Listar os argumentos do AO.
- Discutir a contra-argumentação.

CONTEÚDOS ATITUDINAIS

- Questionar a respeito do tema.
- Envolver-se nas ações.
- Contribuir com seus conhecimentos nas atividades realizadas.

METODOLOGIA

1 Problematização

Justificativa: este momento da aula visa alcançar um conteúdo conceitual, um procedimental e os atitudinais**.**

1.1 Descrição da dinâmica: os estudantes irão para sala de vídeo onde assistirão a uma explanação sobre o tema: “ A lei da cotas raciais” disponível em https://www.youtube.com/watch?v=jFhLEj8o65Y que tem duração de 10’53”, através de uma projeção. Após o vídeo, questionamentos são feitos aos alunos e distribuo

uma ficha para a parte da leitura.

2 Leitura de texto

Justificativa: o objetivo é que os educandos leiam sobre a contra-argumentação (conteúdo conceitual) e ao mesmo tempo discutam sobre ela (conteúdo procedimental).

2.1 Descrição: neste momento, a turma receberá uma ficha contendo algumas considerações sobre a contra-argumentação (vide Apêndice 17), faz-se a leitura e a discussão, e depois o texto da tarefa de casa é lido e os quesitos da são respondidos (caso estejam respondidos, partimos para o próximo momento da aula).

3 Discussão dos resultados

Justificativa: momento de discussão e de reflexão, pois os alunos confirmam ou não suas respostas dadas na atividade (conteúdo atitudinal), após a leitura de cada quesito.

3.1 Descrição**:** as questões são lidas e os aprendizes leem o que responderam, podendo a educadora e educandos comentar as respostas.

AVALIAÇÃO

A avaliação foi realizada a partir da Ficha de Acompanhamento Individual de cada aluno (o resultado encontra-se no Apêndice 28).

RELATO DO DIA

A aula do dia 20 de setembro ocorreu também na sala de vídeo e havia 19 alunos na classe.

Iniciamos com o vídeo “A lei das cotas”, que teve a duração de 10 minutos e 53 segundos, o qual explica como funciona o sistema de cotas, com desenhos e imagens que despertam a curiosidade e facilitam a aprendizagem. Também traz uma explanação acerca de argumentos favoráveis e desfavoráveis ao sistema.

A visualização e audição se deram com muita concentração. Os alunos

permaneceram sentados em silêncio, todos prestavam muita atenção. Houve um momento, quando o vídeo atingiu os cinco minutos, que congelei a projeção e perguntei se queriam algum esclarecimento sobre o que estava sendo dito ali e ouvi um sonoro: *Não!.*

Quando a transmissão chegou ao fim, uma aluna disse: *Agora entendi melhor.* Então, indaguei: *Depois do que assistiram, há alguma pergunta sobre o sistema de cotas?* Uma aluna falou: *Eu vou fazer o IFBA, já posso entrar pelas cotas?. Pode sim* – outra respondeu. *E você é negra?.* Outro interpelou. *Sou sim*, respondeu aquela que prestará o concurso. *Agora, só por causa das cotas todo mundo quer ser negro... (sic)*, completou um garoto. Interferi, dizendo que a Lei de cotas destina vagas para estudantes de escola pública e não só para as pessoas que se declaram pretas, pardas ou indígenas, como mostrou o vídeo. Daí cotas sociais e Cotas raciais.

Onde a gente diz isso?(sic). Novamente a mesma aluna perguntou. Eu disse: *No momento que você preenche a ficha de inscrição par o concurso, você dar essas informações.* Perguntei se havia mais dúvidas, se queriam perguntar falar mais alguma coisa, e educando disse: *Eu sou negro, mas não quero entrar pela cota, acham que eu não posso passar?(sic).* Outro aluno referindo-se a este: *Você é burro, mesmo! (sic).*

Questionei: *Será que a Lei das cotas resolve o problema de discriminação racial?* Logo um disse: *Claro que não, viu fulano chamando o outro de burro porque ele é preto (sic).* Uma garota declarou: *Minha irmã entrou na UNEB pelas cotas e é criticada. Mas não é lei!* – disse outra, completando: *Eu sou a favor das cotas, quero usar as cotas.*

Aproveitei a deixa e distribui uma ficha que aborda a contra-argumentação. Fomos lendo e fui relembrando o que eles haviam dito a pouco e também a aula em que era lida a opinião de um colega e eles iam concordando ou não, que quando não concordavam, estavam contra-argumentando.

Ainda tivemos uma rápida discussão sobre o aborto, assunto que na ficha serve de exemplo para refutação. Uma menina gritou: *Eu sei de uma pessoa que fez aborto...* Ressaltei que não era necessário falar de alguém que fez aborto. Nosso objetivo era coletar opiniões: se eles eram a favor ou contra a ação de abortar. Alguns disseram que era a favor e outros contra. Logo percebi que o entusiasmo diminuiu... senti que devíamos voltar para as cotas. Mas sei que devo voltar ao

assunto...

Voltando para as cotas, solicitei que me entregasse a tarefa de casa da aula anterior; somente oito alunos haviam feito, tive que disponibilizar um tempo para que o restante da turma respondesse. Assim que terminaram, lemos de forma compartilhada um AO que defende a tese de que o sistema de cotas é excludente e marginaliza pessoas e por isso o (a) articulista é contra a Lei. Quando terminamos a leitura, aquele aluno negro que disse não querer usar a Lei de cotas disparou: *Viu o que eu disse?*. Esclareci que naquele texto há uma opinião, como no da aula anterior. Nós poderíamos concordar ou não.

Corrigimos os quesitos: um perguntava sobre a tese defendida no texto, que a maioria acertou e o outro, foi para indicar trechos que mostravam como foi construída a argumentação; ainda houve dúvidas neste tópico. Como se pode observar nos gráficos do item 4.2.2.

REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO

Por ser flexível o planejamento, tive que acrescentar o vídeo, pois percebi que o assunto mexeu com a turma que precisavam de mais informações sobre o sistema de cotas. Apesar de mostrar claramente como funciona a lei das cotas, alguns alunos queriam saber mais, pois a grande maioria vai fazer a prova do IFBA.

Os alunos já conseguem identificar com facilidade a tese em um texto opinativo, porém os argumentos e tipos de argumento merece nova abordagem, apesar de reparar que aos poucos a dificuldade está menor. Passar o vídeo ajudou muito nesse sentido, porque mostrava argumentos a favor e contra e bem justificados; para alguns alunos, o que passou assistir na projeção fez mudar de opinião e outros ficaram na dúvida, o que foi muito bom.

O mesmo problema novamente: onze alunos não fizeram a tarefa de casa; e o tempo, que já era escasso, tornou-se mais curto, no entanto, como a tarefa era menor fizemos a Discussão dos resultados e logo a aula terminou. Dessa vez, não solicitei nenhuma tarefa para casa.

ETAPA II/TÍTULO: Contra-argumentar também é um dom?
DATA: 26/09/2016
CARGA HORÁRIA: 2h/a
TEMA: Sou contra ou a favor ao sistema de cotas? Eis a questão!

COMPETÊNCIAS DISCENTES

- Compreender o que é argumentar, como e por que argumentar.
- Escrever um parágrafo argumentativo.

CONTEÚDOS CONCEITUAIS

- Criticar os depoimentos assistidos sobre o sistema de cotas.
- Diferenciar os tipos de argumentação.
- Argumentar, por meio de um parágrafo, sobre a temática.

CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS

- Construir argumentos acerca da temática.
- Apresentar argumentação e/ou contra-argumentação.
- Escrever argumentação e/ou contra-argumentação sobre o tema.

CONTEÚDOS ATITUDINAIS

- Envolver-se na dinâmica e nas discussões.
- Decidir qual seu ponto de vista sobre o tema.
- Refletir acerca das suas opiniões sobre a temática abordada.

METODOLOGIA

1 Problematização

Justificativa: a dinâmica será realizada buscando alcançar dos alunos o envolvimento nas discussões e a reflexão sobre a temática (conteúdo atitudinal), como também aguçar seu senso crítico (conteúdo conceitual).

1.1 Descrição da dinâmica: utilizando o *data how*, os educando são convidados a assistirem a mais três vídeos: “Estudantes da UFBA falam sobre o sistema de cotas

etnorraciais para ingresso de alunos" (http://gshow.globo.com/Rede-Bahia/Aprovado/videos/v/estudantes-da-ufba-falam-sobre-o-sistema-de-cotasetinico-raciais-para-ingresso-de-alunos/5361111/), que dura 5'40", "Negros contra as cotas", com Helio de La Peña e Morgan Freeman, tem a duração de 2'29" (https://www.youtube.com/watch?v=qAQneXfkZFk) e a um debate: "Cotas raciais", em https://www.youtube.com/watch?v=atXAlY95-R4 (6'21"). Cada vídeo é comentado e discutido.

2 Leitura de texto

Justificativa: visando a confirmação do entendimento pelos educandos sobre os tipos de argumentação (conteúdo conceitual) e ainda alcançar os conteúdos procedimentais, fez-se este momento da aula.

.

2.1 Descrição: segue aula com a reportagem: "Federal de Uberlândia apura suposta fraude em cotas raciais" (http://www.otempo.com.br/cidades/federal-de-uberlandia-apura-suposta-fraude-em-cotas-raciais) (vide Apêndice 18), que é entregue, em partes, por parágrafo, e cada parágrafo é lido por um aluno; de início, quinze participarão. A professora lê o título e o *lead* (e quando for o momento, os outros três subtítulos), e daí os estudantes vão lendo; quando acertam, o próximo parágrafo aparece na projeção e o texto vai se formando; quem erra passa o parágrafo para aquele colega que não recebeu inicialmente um parágrafo. Sendo assim, a leitura vai acontecendo e o texto vai sendo projetado; a professora pode dar dicas do próximo parágrafo.

Na atividade de produção escrita, a solicitação é que construam argumentações do tipo: autoridade, exemplificação, causa e consequência e comparação, usando as informações da reportagem lida, que continuava projetada, além de seus conhecimentos.

3 Discussão dos resultados

Justificativa: momento de discussão e de reflexão, pois os alunos confirmam ou não suas respostas dadas na atividade (conteúdo atitudinal), após a leitura de cada quesito.

3.1 Descrição: as argumentações são lidas e os aprendizes recebem o *feedback* da educadora e colegas .

4 Síntese

Justificativa: a tarefa de casa xerocada será realizada com a finalidade de que os educandos construam um parágrafo argumentativo, alcançando, assim, os conteúdos procedimentais e um atitudinal.

4.1 Descrição: por meio da tarefa de casa (Apêndice 19), os educandos constroem um parágrafo argumentativo, após ler dois textos, um a favor e outro contra o sistema de cotas.

AVALIAÇÃO

A avaliação foi realizada a partir da Ficha de Acompanhamento Individual de cada aluno (o resultado encontra-se no Apêndice 28).

RELATO DO DIA

Com 20 alunos, a aula do dia 26 de setembro pretendeu fechar o assunto da lei das cotas. Nesse dia fomos para o auditório, pois a sala de vídeo estava ocupada. Mas lá continuamos a assistir mais três vídeos: o primeiro, com 5 minutos e 40 segundos de duração, apresenta a opinião de alunos da UFBA (Universidade Federal da Bahia) cotistas, colocando-se a favor desse tipo de sistema; o segundo tem 2’29” de duração e mostra a opinião contrária às cotas de um ator negro brasileiro, Helio de La Peña, e de um ator também negro, norte-americano, Morgan Freeman, e um terceiro vídeo com um debate entre dois especialistas no assunto com 6’21”.

O objetivo da visualização e audição desses vídeos foi que os alunos construíssem suas próprias argumentações oralmente. Solicitei que um aluno dissesse sua opinião acerca do sistema de cotas e a fundamentasse. Ele falou: *Sou a favor das cotas porque ajuda quem precisa.* E outro: *Concordo, sou a favor porque*

tem mais pobre do que rico (sic). Uma aluna salientou: *Essa lei pode prejudicar pessoas. Se não for negro nem índio, nem estudou em escola pública, tem que estudar mais (sic).* Ainda outro argumentou: o *sistema de cotas não prejudica, ajuda porque os pobre não têm chance no Brasil (sic)*.

Foram vários os posicionamentos defendidos oralmente, mas precisavam colocar suas argumentações no papel... Então, distribui uma reportagem sobre o mesmo assunto, subdividida em parágrafos; quinze alunos receberam um parágrafo, li a manchete, o *lead* e discorri sobre ele, e ambos aparecem na projeção com a ajuda do *datashow*; o parágrafo inicial é lido pelo primeiro aluno e assim foi acontecendo com cada aluno; se o parágrafo era aquele, eu o projetado, aquele que não acertava, entregava para um colega que não tinha recebido um parágrafo no início da atividade. O envolvimento foi total. Cada aluno que acertava comemorava. Os que erraram foram seis. Mas mesmo assim, não se incomodava, ia ajudar o outro.

E assim, solicitei que escrevessem argumentações dos tipos estudados por escrito; um estudante perguntou: *Pode ser oral mesmo?.* Afirmei que não. Ele e o restante da turma passaram a escrever. Eu ainda ouvi: *Tem muita coisa pra escrever...*

Na Discussão dos resultados ouvimos argumentações do tipo: "*A Lei de cotas deve procurar uma forma de confirmação: se a pessoa se declara negro ou indígena é preciso provar. Infelizmente algumas as pessoas são aproveitadoras e querem dizer que são o que não são para ganhar vantagem. Como afirma a pró-reitora da UFU, que é a favor das cotas: "A cor da pele é um critério bastante subjetivo, que irá depender de como as pessoas se percebem. Porém, isso, infelizmente, abre possibilidades para pessoas mal-intencionadas".*

Quando um aluno(a) se "inscrevia" para ler sua argumentação, eu pedia para que não dissesse de que tipo era, a fim de que outro colega assim o fizesse. A maioria conseguiu acertar o tipo de argumentação que o colega escrevera (no item 4.2.2 há a representação gráfica do resultado dessa atividade).

Ao final, entreguei a tarefa de casa.

REFLEXÃO SOBRE A REFLEXÃO NA AÇÃO

A segunda etapa, como a primeira, aconteceu durante seis aulas. No entanto,

esta foi mais proveitosa, pois a compreensão do que é argumentar parecia já estava mais internalizada; além disso, os conteúdos que foram definidos colaboraram para o alcance dos objetivos.

Notei que o alunado já diferenciava o artigo de opinião de outros gêneros, como fato de opinião; também encontravam a tese defendida nos textos com sucesso. Mas colocar no papel, escrever suas opiniões era ainda um impasse.

O que deveria fazer para que a escrita não fosse tratada como um obstáculo? Por que os alunos dizem que não gostam de escrever e escrevem o tempo todo pelas redes sociais? Será que não atingirei meu objetivo de desenvolver a habilidade de argumentar nas produções textuais?

Durante a etapa que tratava da contra-argumentação, procurei lançar mão de ferramentas tecnológicas, por ter observado que o interesse nas aulas aumentava; discutir o sistema de cotas foi satisfatório. Tive que buscar a lei para ler, reportagens, notícias, fatos que aconteceram em outros países que tinham ou têm o mesmo sistema, enfim, fui estudar e conhecer melhor os meandros da polêmica lei, porque os estudantes interessaram-se demais pelo assunto, acredito que porque faz e/ou fará parte da sua realidade, contando que 11 dos 23 alunos que frequentam farão a prova do IFBA.

Pude avaliar que, em função da sede de saber mais e mais sobre o sistema de cotas, não abordei como deveria a contra-argumentação, por isso que na próxima etapa procurei exercitá-la mais com os educandos. Outro entrave foi a tarefa de casa; na Etapa I, um ou dois alunos respondiam; nesta, oito lembraram-se de realizá-la.

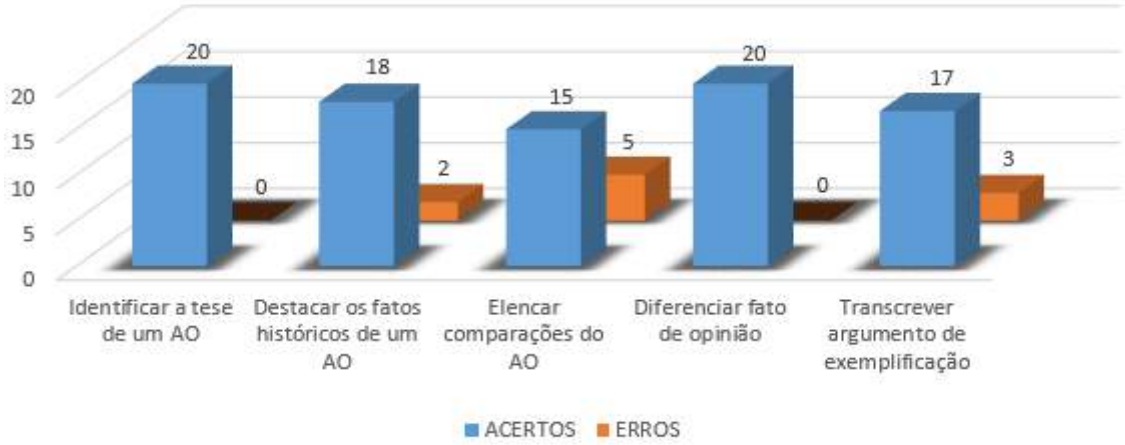
Passei, assim, para a Etapa III.

4.2.2 Quais as características do AO? – Representação gráfica do resultado das atividades

TERCEIRA ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

1.ª Questão:

2.ª Questão:



3.ª Questão:

4.ª Questão:

5.ª Questão:

TERCEIRA TAREFA DE CASA

1.ª Questão:

2.ª Questão:

4.3 PLANEJAMENTO DA ETAPA III: Argumente e (con)vença-me

ETAPA III / TÍTULO: Argumente e (con)vença-me
PERÍODO: De 03 e 04/10/2016
CARGA HORÁRIA: 4h/a
TÍTULO: Argumente e (con)vença-me

COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

- Saber relatar e refletir sobre a prática.
- Relacionar teorias da aprendizagem e o ensino da habilidade de inferir.
- Planejar aulas sobre argumentação envolvendo a noção de competências, conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.
- Utilizar novas tecnologias em aulas sobre argumentação.
- Elaborar atividades de casa.

METODOLOGIA DE FORMAÇÃO

- Redação e reflexão sobre as práticas de ensino.
- Análise de construtos pessoais e teorias implícitas.

- Discussão de textos teóricos.
- Elaboração reflexiva de material didático.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO FORMATIVO

Análise da redação sobre a reflexão das aulas e da etapa para verificar as mudanças do professor em relação ao diagnóstico inicial, cujos resultados foram obtidos através da narrativa autobiográfica.

COMPETÊNCIAS DISCENTES

- Compreender o que é argumentar.
- Compreender por que e como argumentar.
- Escrever textos argumentativos.

CONTEÚDOS CONCEITUAIS

- Diferenciar fato de opinião.
- Identificar argumentos na letra de uma música.
- Diferenciar fato e opinião, assunto e tese.
- Identificar as características de um artigo de opinião.
- Identificar os tipos de argumentação no texto lido.

CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS

- Construir teses acerca de temáticas diferenciadas.
- Produzir argumentos diante das temáticas abordadas.
- Listar tipos de argumentação, por comparação e de autoridade, presentes em um artigo de opinião.
- Utilizar a contra-argumentação.
- Descrever as características de um AO.
- Encontrar a tese defendida nos textos trabalhados

CONTEÚDOS ATITUDINAIS

- Envolver-se nas dinâmicas e nas discussões.
- Refletir acerca das suas opiniões sobre as temáticas abordadas.
- Contribuir com seus conhecimentos nas atividades realizadas.

METODOLOGIA

Idem a ETAPA I.

AVALIAÇÃO

Idem a ETAPA I.

4.3.1 Planejamentos diários, relatos e reflexões

ETAPA III/TÍTULO: Argumente e (con)vença-me
DATA: 03/10/2016
CARGA HORÁRIA: 2h/a
TEMA: Argumente e (con)vença-me

COMPETÊNCIAS DISCENTES

- Compreender o que é argumentar, como e por que argumentar.
- Escrever teses, argumentação e conclusão de textos.

CONTEÚDOS CONCEITUAIS

- Argumentar e contra-argumentar acerca de temáticas diversas.
- Concluir textos.

CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS

- Construir teses.

- Apresentar argumentação e/ou contra-argumentação, mediante teses.
- Escrever argumentação e/ou contra-argumentação, mediante teses.

CONTEÚDOS ATITUDINAIS

- Envolver-se na dinâmica e nas discussões.
- Ouvir e falar durante da dinâmica.
- Refletir acerca das suas opiniões sobre as temáticas abordadas.

METODOLOGIA

1 Problematização

Justificativa: neste momento da aula, os alunos serão desafiados a se envolverem e a se posicionarem (conteúdo atitudinal) acerca de temáticas, bem como argumentar e/ou contra-argumentar mediante teses (conteúdo conceitual)**.**

1.1 Descrição da dinâmica: os vinte e três alunos partícipes do projeto, vinte recebem um “adesivo” no qual está escrito uma tese (opinião) acerca de algumas temáticas (Apêndice 20); os outros três, ficarão como julgadores desses que participarão do desafio *Argumente e (con)vença-me*. A atividade ocorrerá assim: após ler o que está escrito no seu adesivo, os aprendizes terão 10 minutos para organizar uma defesa daquele ponto de vista, mesmo que não seja o seu, evitando as falácias e fazendo uso dos tipos de argumentação solicitados no próprio adesivo que, após organizada a argumentação, o educando irá colá-lo no seu uniforme, em um lugar visível a todos. Enquanto isso, os três julgadores recebem as fichas A e B que utilizarão para julgar a argumentação dos colegas (Apêndice 21).

A professora sorteia por meio do diário de classe quem dará início à atividade; o estudante sorteado lê a tese que recebeu e logo perceberá que há uma tese que se opõe à sua; então, os dois se levantam (podendo falar do próprio lugar, porém, de pé) e o desafio começa. Por exemplo, quando a tese “Pichação é arte” for lida, quem está com a tese oposta levanta, e o aluno que leu a primeira apresenta seus argumentos para defendê-la; depois, a segunda tese é defendida, e assim acontece com todas as outras duplas.

Os julgadores marcam na Ficha A suas impressões acerca do tipo de argumentação usada pelos dois debatedores e logo somam os pontos daquele desafio na Ficha B. Ao final da atividade, vence quem possuir as maiores pontuações, daí classificam-se o 1º, 2º e 3º lugares. Em caso de empate, poderá ocupar as três posições de destaque já citadas, mais de um aluno. No entanto, quem não se sentir satisfeito com sua pontuação, pode recorrer à professora para fazer nova apresentação e os julgadores podem mudar a nota.

No entanto, os três julgadores também terão que participar do desafio; depois que todos se apresentaram, eles recebem seus adesivos relacionados ao que foi discutido na última aula: O sistema de cotas, momento em que os julgadores são avaliados pela turma; ocorrerá da seguinte forma: o Julgador 1 lê sua tese e apresenta suas argumentações, acontecendo o mesmo com os outros dois. Então, a professora requisita que levante a mão quem considerou os argumentos do Julgador 1 mais convincentes e que apontem uma nota: 5, 7 ou 10, que vai sendo anotada na lousa por eles próprios; o mesmo acontecerá com os julgadores 2 e 3, um por vez (Apêndice 22).

Os resultados dos pontos acumulados pelos julgadores vão classificá-los nas posições já ditas anteriormente, os julgadores, a depender da nota, poderão entrar na primeira, segunda e terceira posições ou não (se ninguém levantar a mão para um ou outro julgador, a professora pode indicar três alunos para atribuir as notas).

2 Leitura de texto:

Justificativa: o objetivo é que os educandos construam teses, apresentem e escrevam argumentação ou contra-argumentação sobre elas (conteúdo procedimental) e ainda conclua textos (conteúdo conceitual).

2.1 Descrição: neste momento, a turma receberá uma atividade na qual farão ações semelhante aquelas realizadas durante a Problematização, só que, agora, por escrito (Apêndice 23).

3 Discussão dos resultados

Justificativa: momento de discussão e de reflexão, pois os alunos confirmam ou

não suas respostas dadas na atividade (conteúdo atitudinal), após a leitura de cada quesito.

3.1 Descrição: as questões são lidas e os aprendizes leem o que responderam, podendo a educadora e educandos comentar as respostas.

AVALIAÇÃO

A avaliação foi realizada a partir da Ficha de Acompanhamento Individual de cada aluno (o resultado encontra-se no Apêndice 28).

RELATO DO DIA

As aulas do dia 3 de outubro foram iniciadas com a devolutiva da tarefa de casa, entregue na última aula da segunda etapa. O meu objetivo, que era fazer uma leitura oral dos parágrafos argumentativos, não deu certo. Apenas 5 alunos produziram seus parágrafos em casa. O que deveria fazer? Recolher somente de quem fez e negligenciar os outros? Ou, mais uma vez, aguardar que seja feita a elaboração dos parágrafos em classe? O que iria surtir mais efeito? Adiantaria solicitar mais atividades, sem que esta estivesse feita?

Refleti e decidi que a tarefa seria novamente enviada para casa.

Iniciei as ações daquele dia com 21 alunos e fui logo entregando adesivos com teses de temas diversos que os educandos deveriam defender ou refutar, era o desafio do “Argumente e (con)vença-me”(reformulei a quantidade de teses por causa da quantidade de alunos). Foram determinados dez minutos para a organização dos argumentos e logo que o tempo se esgotou, sorteei uma aluna que tinha a seguinte tese: “As redes sociais não afastam as pessoas”; a estudante sorteada levantou, não quis ir à frente e se pronunciou: *As redes sociais afastam as pessoas, sim, pois ninguém quer conversar pessoalmente só pelo WhatsApp. Muitas pessoas não vivem mais sem as redes sociais, eu sou uma delas. Você vai em algum lugar e vê todo mundo digitando (sic).*

Quem possuía a tese contrária levantou-se, leu-a e disse: *Concordo que afastam, todo mundo tá viciado na Internet, conhecendo gente, namorando, mas sem chegar perto (sic).* Solicitei que os julgadores anotassem nas fichas os conceitos e as notas para aqueles debatedores.

Dessa forma foi seguindo o desafio; destaco outra contribuição importante: *O jovem de hoje é tão engajado nos problemas sociais como os da geração passada (sic),* era a tese; um estudante se colocou lá na frente de todos e disse: *Os jovens de hoje são engajados de forma diferente. Os cara-pintadas, que eram jovens na maioria, retiraram um presidente e nós tiramos a presidenta. De forma diferente, pois os movimentos aconteciam pelas redes sociais (sic).*

Logo, a tese que afirmava justamente o contrário em relação aos jovens foi lida um aluno disse: *Eu concordo com a minha tese que diz que os jovens de hoje não são engajados, porque não sabem o que quer, aliás querem festa, balada e nada pra se preocupar (sic).*

As notas iam sendo dadas e assim aconteceu com os outros participantes do desafio, foram refutando, concordando, ou seja, argumentando de várias formas. Sempre que um aluno explanava sua argumentação, interpelava, querendo saber: *Qual o tipo de argumentação que você privilegiou em sua fala?*

Resultado do desafio: quatro alunos não quiseram falar, as notas somadas deram a vitória a oito alunos: dois na terceira posição, três na segunda e três na primeira.

A partir daí, a aula continuou com a atividade de produção textual. Foi respondida, todavia não fizemos a discussão, porque o tempo se esgotou. Corrigi em casa (no subitem 4.3.2 há a representação gráfica).

REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO

As aulas desse dia começaram com muitas reclamações: de minha parte, porque a maioria não tinha feito a tarefa de casa, e deles, que queriam realizá-la ali, mas mandei de volta para casa.

O desafio contou com o envolvimento de todos e a contribuição da maioria ficou visível; as notas e a colocação em primeiro, segundo ou terceiro lugares não tiveram tanta importância quanto o debate e o embate. Foi importante para mim, ouvi a manifestação das opiniões deles e avalio que conhecer o ponto de vista dos colegas a fim de concordar ou discordar foi bastante significativo para os estudantes.

Em menos de uma aula os educandos responderam a Atividades de produção textual que suscita a reflexão, porque para argumentar é preciso refletir, mas não houve tempo para a Discussão dos resultados. Então, recolhi para ser lida em casa.

Avalio que o tempo disponibilizado para a atividade da dinâmica estava se estendendo muito. Precisava ter mais atenção... mas sentia que os discentes apreciavam e contribuíam bastante.

Não enviei tarefa de casa.

ETAPA III/TÍTULO: Argumente e (con)vença-me
DATA: 04/10/2016
CARGA HORÁRIA: 2h/a
TEMA: Por que evitar as falácias?

COMPETÊNCIAS DISCENTES

- Compreender o que é argumentar, como e por que argumentar.
- Escrever contra-argumentação acerca de argumentos falaciosos.

CONTEÚDOS CONCEITUAIS

- Interpretar argumentos falaciosos.
- Explicar argumentos falaciosos.
- Definir contra-argumentos para refutar as falácias.

CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS

- Construir contra-argumentações.
- Apresentar argumentação e/ou contra-argumentação, mediante falácias.
- Escrever argumentação e/ou contra-argumentação.

CONTEÚDOS ATITUDINAIS

- Envolver-se na dinâmica e nas discussões.
- Ouvir e falar durante da dinâmica.
- Refletir acerca das suas opiniões sobre as temáticas abordadas.

METODOLOGIA

1 Problematização

Justificativa: neste momento da aula os alunos irão interpretar argumentos falaciosos e depois serão desafiados a contra-argumentá-los (conteúdos conceituais)**.**

1.1 Descrição da dinâmica: várias frases com argumentos falaciosos são colados nas paredes da sala e a professora solicita que os discentes as leiam e escolham uma frase daquelas para tentar contra-argumentar, fazendo o possível para ouvir um número maior possível de alunos (as frases aparecerão na ficha que os alunos receberão no próximo momento da aula).

2. Leitura de texto:

Justificativa: o objetivo é que os educandos caracterizem as falácias (conteúdo conceitual), apresentem e escrevam contra-argumentações para elas (conteúdo procedimental).

2.1 Descrição: os alunos recebem uma ficha que aborda o que são falácias e alguns tipos de argumentação falaciosa (Apêndice 24). Fazemos a leitura, discutindo acerca dos argumentos falaciosos. Na atividade de produção textual, a professora irá projetar por meio de slides, várias falácias (vide anexo 25), e os estudantes irão escolher três e tentar contra-argumentar por escrito.

3 Discussão dos resultados

Justificativa: momento de discussão e de reflexão, pois os alunos confirmam ou não se sua contra-argumentação encontra-se conveniente ou não para um determinado argumento falacioso (conteúdo atitudinal).

3.1 Descrição: as falácias são projetadas por slides, e quem a escolher a que apareceu na projeção apresenta sua contra-argumentação oralmente, podendo a

educadora e educandos comentar as respostas.

AVALIAÇÃO

A avaliação foi realizada a partir da Ficha de Acompanhamento Individual de cada aluno (o resultado encontra-se no Apêndice 28).

RELATO DO DIA

O dia 4 de outubro, conforme planejado, foi o das aulas sobre as falácias.

Havia diversos argumentos falaciosos colados nas paredes da sala, aqueles mais comumente usados por nós, por exemplo: “É perigoso viajar em carro dirigido por mulher”, “Todo político é corrupto”, “Os mulçumanos são todos fanáticos”, “Não há evidências de que os discos voadores não estejam visitando a Terra; portanto, eles existem”, “Dez milhões de pessoas não podem estar erradas. Junte-se à nossa igreja você também”, entre outros. Pedi que lessem.

Os alunos foram lendo e percebi que surgiriam alguns questionamentos; um perguntou: *Isso que tem aqui é tudo verdade?.* Respondi: *O que você acha?* Ele disse: *Não sei.* Já outro estudante sentenciou: *Eu não concordo com três que eu li (sic). Por quê?* – perguntei. O jovem respondeu: *Porque eu não acredito em disco voador (sic).* Aproveitei para pedir que escolhessem uma frase daquelas para tentar contra-argumentar, refutar, contradizer o que ela afirmava.

Houve uma jovem que falou: *Vou escolher da mulher no volante (sic). Refute, contra-argumente, então, essa frase*, sugeri a ela, que logo contra-argumentou: *Tem muitas mulheres que dirige melhor que os homem (sic).* Ouvi também, em relação a “Quem cedo madruga, Deus ajuda”: *Professora, conheço muita gente que não acorda cedo e é rico (sic).*

Mais alguns alunos falaram e partimos para a leitura; distribuí a ficha com o título: Falácias. Imediatamente, perguntaram: *O que é falácias?(sic).* Respondi lendo o que estava dito na apostila. Solicitei que lessem comigo em voz alta, e a partir daí concluíram que aquelas frases espalhadas pela sala eram falácias.

A aula prosseguiu muito animada porque, a cada frase lida, considerada falácia, os alunos queriam refutar. Depois tivemos que partir para a escrita. Avisei que por meio de slides seriam mostrados argumentos falaciosos; eles deveriam escolher três para contra-argumentar por escrito, recorrendo à ficha que fala sobre

falácias se necessário.

Uma aluna foi bem rápida em ler o que escreveu sobre “Como pode dizer que eu reprovo? Eu estava mais perto da positiva e, além disso, estudei 16 horas por dia”. *Esse argumento a gente usa, mas eu não digo 16 horas por dia. E a contra-argumentação?* – indaguei. *“*Que reprovar é uma coisa e estudar 16 horas é outra”.

Em relação à seguinte falácia “É melhor exterminar os bandidos: você poderá ser a próxima vítima”, um estudante completou: *Bandido bom, é bandido morto (sic)*. *Você não contra-argumentou, você usou outra falácia,* afirmei. *Mas eu prefiro os bandido tudo morto, mesmo (sic),* ele completou. Então, questionei: *Será que a violência se resolve com a violência?. Apelar para a força não é argumento* – eu disse. Ele concluiu: *Perdoar um bandido é que eu não vou (sic).*

Ao terminar a aula, uma aluna veio até mim e fez uma observação: *Professora, a gente usa um monte de argumento que é falácia e nem sabia (sic).* Respondi a ela que devemos evitar as falácias por serem argumentos falsos, mentirosos ou frágeis, que deixam nossa argumentação sem uma fundamentação coerente.

REFLEXÃO SOBRE A REFLEXÃO NA AÇÃO

A terceira etapa foi aquela que mais precisei de reflexão em relação as atividades e ao que os alunos falaram. Tive que alterar algumas ações que julgava importante, mas no clamor da sala de aula, é preciso tomar atitudes imediatas.

O desafio do “Argumente e *(con)*vença-me” classifico como uma das ações que mais mexeu com a turma, avaliei cada participação como “muito boa”; ouvi aqueles alunos argumentando sobre vários temas e o mais importante, utilizando estratégias argumentativas que estudamos na classe foi bastante significativo para meus objetivos com a proposta.

O envolvimento da turma (ou a turma me envolveu) foi tão singular que o tempo não foi suficiente para a realização da discussão dos resultados em classe.

Resolvi enviar para casa, contudo não consegui recolhê-las, visto que as próximas etapas seriam destinadas à reescrita da “primeira produção” e não poderia disponibilizar mais tempo algum para a feitura em classe, como seria, novamente, necessário, como ficou constatado.

Embora tenha havido alguns percalços, esta etapa mostrou-me alunos mais

amadurecido no tocante à argumentação e, preparados para a reescrita.

4.3.2 O argumento convenceu? – Representação gráfica do resultado das atividades

QUARTA ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

1.ª Questão:

2.ª Questão:

3.ª Questão:

QUINTA ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

1.ª Questão:

4.4 PLANEJAMENTO DA ETAPA IV: Reescrita da “primeira produção”: um novo olhar para seu próprio texto

ETAPA IV / TÍTULO: Reescrita da “primeira produção”: um novo olhar para o próprio texto
PERÍODO: De 10 e 24/10/2016
CARGA HORÁRIA: 4h/a
TÍTULO: O jovem brasileiro é facilmente influenciado pela mídia?

COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

- Saber relatar e refletir sobre a prática.

- Relacionar teorias da aprendizagem e o ensino da habilidade de inferir.
- Planejar aulas sobre argumentação envolvendo a noção de competências, conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.
- Utilizar novas tecnologias em aulas sobre argumentação.
- Elaborar atividades de casa.

METODOLOGIA DE FORMAÇÃO

- Redação e reflexão sobre as práticas de ensino.
- Análise de construtos pessoais e teorias implícitas.
- Discussão de textos teóricos.
- Elaboração reflexiva de material didático.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO FORMATIVO

Análise da redação sobre a reflexão das aulas e da etapa para verificar as mudanças do professor em relação ao diagnóstico inicial, cujos resultados foram obtidos através da narrativa autobiográfica.

COMPETÊNCIAS DISCENTES

- Compreender o que é argumentar.
- Compreender por que e como argumentar.
- Escrever textos argumentativos.

CONTEÚDOS CONCEITUAIS

- Diferenciar fato de opinião.
- Identificar argumentos na letra de uma música.
- Diferenciar fato e opinião, assunto e tese.
- Identificar as características de um artigo de opinião.
- Identificar os tipos de argumentação no texto lido.

CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS

- Construir teses acerca de temáticas diferenciadas.
- Produzir argumentos diante das temáticas abordadas.
- Listar tipos de argumentação, por comparação e de autoridade, presentes em um artigo de opinião.
- Utilizar a contra-argumentação.
- Descrever as características de um AO.
- Encontrar a tese defendida nos textos trabalhados.

CONTEÚDOS ATITUDINAIS

- Envolver-se nas dinâmicas e nas discussões.
- Refletir acerca das suas opiniões sobre as temáticas abordadas.
- Contribuir com seus conhecimentos nas atividades realizadas.

METODOLOGIA

Idem a ETAPA I.

AVALIAÇÃO

Idem a ETAPA I.

4.4.1 Planejamentos diários, relatos e reflexões

ETAPA IV /TÍTULO: Reescrita da "primeira produção": um novo olhar para seu próprio texto
DATA: 10/10/2016
CARGA HORÁRIA: 2h/a
TEMA: O jovem brasileiro é facilmente influenciado pela mídia?

COMPETÊNCIAS DISCENTES

- Compreender o que é argumentar, como e por que argumentar.

- Produzir parágrafo e a reescrita de seu texto.

CONTEÚDOS CONCEITUAIS

- Ler e interpretar propagandas.
- Argumentar na escrita e na reescrita de textos.
- Concluir suas ideias na reescrita do seu texto.

CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS

- Reescrever seu texto.
- Apresentar argumentação tendo por base os tipos de argumentação estudada.
- Discutir a temática em sua reescrita.

CONTEÚDOS ATITUDINAIS

- Envolver-se na dinâmica.
- Ouvir e falar durante da dinâmica e a leitura dos textos.
- Refletir acerca das suas opiniões sobre a temática da reescrita.
- Envolver-se na dinâmica e nas discussões.
- Ouvir e falar durante da dinâmica.
- Refletir acerca das suas opiniões sobre as temáticas abordadas.

METODOLOGIA

1 Problematização

Justificativa: o momento da Problematização, objetiva atingir os conteúdos conceituais e os atitudinais.

1.1 Descrição da dinâmica: na biblioteca, os alunos têm acesso a várias revistas e são solicitados as encontrar propagandas que mais lhe chamaram atenção pelo poder de convencimento. Logo depois, cada aluno mostra para a classe qual escolheu, lê o texto e descreve a imagem (se tiver) e discorrem argumentando,

defendendo sua escolha. A seguir, a professora distribui o "*kit* publicitário" (Apêndice 26), que consta de textos de gêneros diferentes: uma reportagem, uma tirinha, depoimentos, uma música, uma charge e dois artigos de opinião, todos sobre a publicidade e consumismo.

2 Leitura de texto:

Justificativa: esse momento visa a alcançar os conteúdos conceituais e os procedimentais.

2.1 Descrição: os textos presentes no *kit* são lidos e os alunos são desafiados a encontrar os artigos de opinião, além da sua tese, algum tipo de argumentação, contra-argumentação e a conclusão dos textos, tudo oralmente.

A seguir, os estudantes recebem em um envelope que contém a "primeira produção", contudo os alunos vão receber os textos dos colegas, a fim de que leiam e passem para eles a impressão que tiveram do texto. Logo depois, as produções são entregues aos autores, junto com a avaliação realizada pela professora (no subitem 3.1.3) e são requisitados a reelaborarem seus textos, mas primeiro é o momento do rascunho.

AVALIAÇÃO

A avaliação foi realizada a partir da Ficha de Acompanhamento Individual de cada aluno (o resultado encontra-se no Apêndice 28).

RELATO DO DIA

As duas aulas que dão início à quarta etapa foram voltadas à preparação para a reescrita. Os 20 alunos presentes receberam vários textos que abordavam a temática da futura produção; lemos, tivemos uma discussão sobre alguns textos, principalmente aquele que fala dos desejos dos jovens do gueto.

No entanto, o que interessava é que eles apontassem para os AO, suas características e estrutura. Não foi nada difícil, pois um aluno logo disse quais eram os artigos e os outros concordaram; somente um perguntou: *O texto 1(a reportagem) não é artigo, não?(sic).* Tenho certeza de que mais alguns alunos pensaram

também, mas não se manifestaram. Não respondi, porque uma aluna falou logo: *Não mostra a opinião, tudo ali são só as informações (sic)*.

A partir daí, entreguei as produções aos autores diferentes; eles abriram e repararam que não eram suas. Alertei que foi propositalmente a troca, para que eles se tornassem leitores dos textos dos colegas. Solicitei a leitura e que, assim que acabassem de ler, se dirigissem ao colega para fazer algum comentário argumentando sua opinião.

Foi um vai e vem na sala; um aluno disse ao colega: *Seu texto tá bom, mas não entendi qual sua opinião (sic);* outro: *Você usou qual argumento* (sic); um garoto: *Sua redação só tem um parágrafo (sic);* mais outra aluna: *Por que você pulou linha de um parágrafo pro outro?* (sic)

Precisei ir até as carteiras para registrar as opiniões que foram boas contribuições, e chegou a hora de apresentar minha avaliação. Primeiramente, relembrei o dia em que eles produziram aquele texto, a temática, a proposta de produção sem textos motivadores e a outra com textos de apoio, mostrei-lhes a atividade (encontra-se no Apêndice 3), uns disseram que lembravam, três afirmaram que não. Passei para cada estudante a minha análise de cada texto. Eles leram e não perguntaram muita coisa.

Então, coloquei a nova pergunta-tema na lousa: O jovem brasileiro é facilmente influenciado pela mídia? Uns já responderam que sim, dois ou três que não. E já iam começar a escrever...

Mas avisei que queria a resposta em uma produção escrita e alertei que havia uma proposta de produção no *kit* de textos (Apêndice 27); requisitei a leitura da proposta à medida que distribuía uma folha de rascunho. Reafirmei a importância de colocar suas ideias num rascunho para depois passar a limpo.

A aula bateu. Recolhi todas as atividades e ressaltei que continuaríamos na aula seguinte. Poucos alunos estavam com o rascunho pela metade.

REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO

A aula na biblioteca e a manipulação de revistas para encontrar uma determinada propaganda fez com que os discentes interagissem bastante, muitos quiseram recortar o anúncio e levar para casa.

A leitura de vários textos de gêneros diferentes sobre o mesmo assunto

provocou compreensões distintas, e muitos estudantes procuraram utilizar aquelas informações e ideias na sua reescrita (que era ainda um rascunho). A discussão foi significativa, pois observei que alguns jovens daquela classe se diziam consumistas e que a influência era mais de amigos do que da mídia, e outros achavam o contrário.

A proposta aos alunos para que reescrevessem seu texto foi bem aceita pela maioria. Todavia, fazer o rascunho para depois passar a limpo ainda causava muitas reclamações.

Outro ponto que gostaria de salientar é que começar a atividade de reescrita em um dia para continuar em outro é meio complicado, pois a turma se dispersa. Seria muito mais eficiente se as ideias que sugiram naquele instante fossem colocadas no papel, mas o tempo passou e as aulas chegaram ao final.

ETAPA IV /TÍTULO: Reescrita da "primeira produção": um novo olhar para seu próprio texto
DATA: 24/10/2016
CARGA HORÁRIA: 2h/a
TEMA: O jovem brasileiro é facilmente influenciado pela mídia?

COMPETÊNCIAS DISCENTES

- Compreender o que é argumentar, como e por que argumentar.
- Produzir a reescrita de seu texto.

CONTEÚDOS CONCEITUAIS

- Argumentar na reescrita do texto.
- Concluir suas ideias na reescrita do seu texto.

CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS

- Reescrever seu texto.
- Apresentar argumentação tendo por base os tipos de argumentação estudada.
- Discutir a temática em sua reescrita.

CONTEÚDOS ATITUDINAIS

- Envolver-se na dinâmica.
- Ouvir e falar durante da dinâmica e a leitura dos textos.
- Refletir acerca das suas opiniões sobre a temática da reescrita.

METODOLOGIA

Ao chegar à classe, organizei a sala em semicírculo e devolvi os rascunhos feitos na aula anterior para que o concluíssem e passassem a limpo a atividade de reescrita.

AVALIAÇÃO

A avaliação foi realizada a partir da Ficha de Avaliação Individual de cada aluno (o resultado da avaliação dos alunos nas aulas encontra-se no Apêndice 28).

RELATO DO DIA

As duas aulas do dia 24 de outubro foram para fazer ou concluir o rascunho da produção e para passar a limpo.

No momento em que os alunos escreviam, fui passando nas carteiras e respondendo a algumas perguntas: *Posso colocar o mesmo título? Minha argumentação pode ser com só uma daquelas da ficha?* Pediam para que eu lesse a introdução do texto, solicitavam sugestões. E assim aconteceu, fui conversando sobre a temática, apontando algumas sugestões, mas não me envolvi muito, pois queria ver se a escrita da argumentação seria melhor.

Sei que ao final da segunda aula ainda havia educando escrevendo, ou passando a limpo.

REFLEXÃO DA REFLEXÃO NA AÇÃO

As aulas de preparação para a reescrita foram momentos de questionamentos pontuais e fundamentais para tal atividade.

Ao levar vários gêneros textuais para leitura, observei que surgiram muitas ideias e reformulação de ideias. Achei que a atividade de reescrita deveria ser feita na mesma aula do rascunho, porém, após o resultado, julgo que a continuação em uma aula posterior também tem relevância.

4.5 PLANEJAMENTO DA ETAPA V: *Viralizando* na rede

ETAPA V / TÍTULO: *Viralizando* na rede
PERÍODO: De 01 a 09/11/2016
CARGA HORÁRIA: 4h/a
TÍTULO: Eu digito, eles digitam

COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

- Saber relatar e refletir sobre a prática.
- Relacionar teorias da aprendizagem e o ensino da habilidade de inferir.
- Planejar aulas sobre argumentação envolvendo a noção de competências, conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.
- Utilizar novas tecnologias em aulas sobre argumentação.
- Elaborar atividades de casa.

METODOLOGIA DE FORMAÇÃO

- Redação e reflexão sobre as práticas de ensino.
- Análise de construtos pessoais e teorias implícitas.
- Discussão de textos teóricos.
- Elaboração reflexiva de material didático.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO FORMATIVO

Análise da redação sobre a reflexão das aulas e da etapa para verificar as mudanças do professor em relação ao diagnóstico inicial, cujos resultados foram obtidos através da narrativa autobiográfica.

COMPETÊNCIAS DISCENTES

- Compreender o que é argumentar.
- Compreender por que e como argumentar.
- Escrever textos argumentativos.

CONTEÚDOS CONCEITUAIS

- Diferenciar fato de opinião.
- Identificar argumentos na letra de uma música.
- Diferenciar fato e opinião, assunto e tese.
- Identificar as características de um artigo de opinião.
- Identificar os tipos de argumentação no texto lido.

CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS

- Construir teses acerca de temáticas diferenciadas.
- Produzir argumentos diante das temáticas abordadas.
- Listar tipos de argumentação, por comparação e de autoridade, presentes em um artigo de opinião.
- Utilizar a contra-argumentação.
- Descrever as características de um AO.
- Encontrar a tese defendida nos textos trabalhados.

CONTEÚDOS ATITUDINAIS

- Envolver-se nas dinâmicas e nas discussões.
- Refletir acerca das suas opiniões sobre as temáticas abordadas.
- Contribuir com seus conhecimentos nas atividades realizadas.

METODOLOGIA

Idem a ETAPA I.

AVALIAÇÃO

Idem a ETAPA I.

4.5.1 Planejamentos diários, relatos e reflexões

ETAPA V /TÍTULO: Viralizando na rede
DATA: 01/11/2016
CARGA HORÁRIA: 2h/a
TEMA: A voz do Gentil – nossa página no *Facebook*

COMPETÊNCIAS DISCENTES

- Compreender o que é argumentar, como e por que argumentar.
- Produzir a reescrita de seu texto. (Digitar)

CONTEÚDOS CONCEITUAIS

- Definir a estratégia argumentativa da sua reescrita.
- Argumentar na escrita e na reescrita de textos.
- Concluir suas ideias na reescrita do seu texto.

CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS

- Reescrever seu texto digitando-o.
- Apresentar argumentação tendo por base os tipos de argumentação estudada.
- Discutir a temática ao digitar sua reescrita.

CONTEÚDOS ATITUDINAIS

- Compartilhar seus conhecimentos tecnológicos com os colegas.
- Refletir acerca das suas opiniões ao digitar seu texto.

METODOLOGIA

Os 18 alunos presentes no dia 1/11 se dirigiram à sala de computação, juntamente com a professora, para realizar a digitação dos textos reescritos, a fim de que sejam publicados numa página do *Facebook*, criada especialmente com essa finalidade.

REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO

Os 18 alunos presentes no dia da digitação dos textos estavam muito ansiosos para ir à sala de computação e dar início a essa atividade.

Fomos para sala em que havia dez computadores, porém apenas seis tinham condição de uso. A direção da escola disponibilizou dois *notebooks* para colaborar com o trabalho, o que foi essencial para que todos os presentes realizassem sua digitação.

Foi surpreendente para mim o fato de que oito alunos não soubessem digitar. Afirmaram que usam o computador, mas nunca haviam utilizado para “escrever um texto tão grande”. Atentei para um aluno que estava sempre dando dicas para mim e para os colegas acerca daquela atividade que estava sendo feita, além de utilizar uma linguagem própria da computação, então me apressei logo em colocá-lo como monitor da turma.

Muitos alunos digitaram seus textos rapidamente, inclusive o monitor que colaborou, sobremaneira, comigo e com os colegas; entretanto, os oito alunos demoraram mais que as duas aulas planejadas para essa ação. Esperei que terminassem de digitar as reescritas para que na outra aula fôssemos publicá-las na nossa página no *Facebook.*

As produções dos dois alunos ausentes foram digitadas por mim.

Nesta oportunidade, os alunos também foram solicitados a fazerem a avaliação das etapas desenvolvidas na Proposta de Intervenção Pedagógica (vide Apêndice 27).

REFLEXÃO DA REFLEXÃO NA AÇÃO

O dia 9/11 era para a publicação dos textos, porém não houve aula; foi “enforcado”, pois dia 8 e dia 10 são feriados municipais.

Por isso as 24 aulas programadas não foram devidamente cumpridas; deixei

para publicar os textos em outra data.

A atividade de digitação dos textos foi, talvez, aquela que os alunos mais se interessaram, reparei que até os mais tímidos sabiam lidar com a máquina e queriam mostrar para todos seus conhecimentos, apontando sugestões de formatação, fonte, enfim, falavam e contribuíam com os outros.

Aqueles que tinham dificuldades não se intimidavam em questionar ou comunicar uma nova descoberta. Quem terminava de copiar o texto solicitava que passassem para o meu *pen drive* e/ou para o deles, para que estivéssemos com os textos salvos para publicação.

O resultado da reescrita é o que passo a refletir no próximo subitem.

4.5.2 A “produção final”: relatos e reflexões

De acordo com Dolz e Schneuwly, é essa produção que finaliza a sequência didática; é aquela que “dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente” (2004, p.90); nessa perspectiva foi planejada a produção final dos alunos partícipes da proposta, a fim de que fosse elaborada a reescrita do texto chamado de “primeira produção” pelos seus autores, que fora construído no início dos trabalhos.

A atividade de reescrita surge como uma ação que visa a averiguar o resultado do processo de ensino e aprendizagem após a aplicação da intervenção, daí seu caráter avaliativo. Com a reescrita, busquei analisar minha prática e examinar que aprendizagens foram realmente internalizadas. Será que os objetivos definidos haviam sido alcançados?

Antes de solicitar a atividade de reescrita, convidei os alunos a se dirigirem à biblioteca da escola, ambiente climatizado e amplo; lá, iniciei distribuindo revistas que foram consultadas para a realização da dinâmica que veio logo a seguir (descrita no planejamento diário); depois, lhes entreguei os textos escritos anteriormente; num primeiro momento, os textos foram entregues a autores diferentes: propositalmente, os alunos recebiam os textos dos colegas para que lessem e apreciassem a escrita do outro, com a finalidade de comparar com outras leituras, comentar o que entenderam dos textos dos colegas, ampliando seus olhares e o do autor que ouviu o que o colegas-leitores disseram sobre sua

produção, tudo realizado oralmente. Nessa oportunidade, apresentei minha avaliação a respeito de cada texto, por escrito (já explanada no item 2.1.1).

Já com o texto nas mãos dos seus escreventes, houve a releitura das produções pelos seus autores; a partir daí, passei à distribuição do "*kit* publicitário", que apresentava vários textos. Realizamos as leituras e debatemos alguns pontos, então aproveitei para chamar a atenção para as características dos AO, presentes no *kit*, bem como a argumentação utilizada pelos articulistas. Depois, lancei a proposta de reescrita.

Tal proposta teve o mesmo assunto da "primeira produção", porém o tema teve uma abordagem diferente, que foi: "O jovem brasileiro não é influenciado pela mídia". Destaquei o gênero a ser escrito, artigo de opinião, evidenciei que eles iriam digitá-lo e que seria publicado no *Facebook.* A proposta de produção foi acompanhada de folha de rascunho e folha para passar a limpo o texto definitivo.

No dia da aplicação, estavam presentes 20 alunos na sala; no decorrer da atividade, pude mensurar que não havia mais dúvidas em se tratando da estrutura e características do AO; para a construção da tese, percebi algumas dificuldades que considero comuns, porém, na elaboração da argumentação, houve mais dúvidas e questionamentos; a conclusão foi feita sem muitas perguntas. Ao ler as produções finais, percebi substantivo avanço em relação às primeiras; comparei-as, fazendo a análise dos resultados, avaliando-as mediante os mesmos critérios avaliativos da AD (que se encontra no Apêndice 4), e é o que passo a descrever, seguindo a mesma ordem de descrição apresentada na parte 2.1.1. Para respeitar a preservação do sigilo dos sujeitos, uso as iniciais dos seus nomes e sobrenomes para me referir a cada um.

A aluna A.L.S. intitulou seu artigo de "Ostentação na geração"; apesar de definir uma tese um pouco confusa, seu ponto de vista é facilmente identificado, pois ela afirma que os jovens estão "[...] sempre querendo tudo do bom e do melhor, ostentar se exibir, e mostra que pode..." *(sic),* depois diz que "[...] os jovens são influenciados por propaganda...". A estudante define o consumismo de uma forma mais clara do que no texto da AD, faz uso da argumentação por exemplificação e de causa e consequência. E, diferentemente do primeiro texto, coloca uma conclusão. Seu texto é coerente; há poucos elementos coesivos, mas sua linguagem é própria, com verbos correlacionados e marcadores temporais, porém não jornalística.

O segundo texto analisado é de A.C.C., cujo título é "O consumo ostenta a

hipocrisia” (o que não se deu em sua primeira produção). O estudante apresenta uma tese que demonstra seu posicionamento acerca do tema: “A mídia hoje em dia faz com que os jovens comprem bens materiais sem precisão”. Em seu desenvolvimento, o aprendiz faz abordagens sobre o “jovem da periferia”, expondo exemplos e comparações com “a elite burguesa e branca” que, segundo ele, representa o “sistema”. Organiza seu texto de forma predominantemente argumentativa. Usa uma linguagem mais jornalística, utiliza sinais de pontuação (o que não fez no outro), mas, no que concerna à estrutura macrotextual, escreveu a conclusão junto ao desenvolvimento.

A produção final de A.O.S. mostra que seu ponto de vista é que “Os jovens estão consumindo muito, só querem usar luxo”, e isso ela atribui à “[...] influência de alguns amigos”, e não essencialmente à mídia. A estudante discorre sobre “entrar no mundo das drogas” para ter dinheiro para consumir e, numa argumentação essencialmente de causa e consequência, fala da dependência dos jovens a seus pais, que acabam se endividando para satisfazer o jovem consumista. Conclui retomando seu pensamento inicial: “No entanto, devemos aprender que não dependemos só de luxo [...]”, e tenta dar uma solução para “[...] não deixar o consumismo tomar conta da sua vida”: não gastar dinheiro. A linguagem usada mostra a mistura entre a 1.ª e a 3.ª pessoa, os verbos aparecem no presente, há a presença de elementos coesivos (que aparecem na colocação certa, diferente da produção da AD).

“Os adolescentes e o consumo” é o título da produção de C.S.C., que apresenta a seguinte tese “Devemos observar mais as campanhas publicitárias em relação aos nossos consumos”. Inicia sua argumentação com os verbos na 1.ª pessoa do plural, dizendo que a publicidade incentiva a comprar e a contrair dívidas; continua afirmando que “[...] os jovens não têm consciência disso, ai tudo que vê, eles querem comprar” *(sic)* e que “[...] os jovens são influenciados pela mídia [...]”. Apresenta um exemplo citando uma personagem de uma novela que assiste e conclui reafirmando sua ideia de que “A mídia aproveita os adolescentes que assiste tv aí ela acaba influenciando os jovens a comprar” *(sic)*. A linguagem não é jornalística; é de fácil entendimento, os verbos estão relacionados, há alguns marcadores temporais, há relações lógicas, pontuação. É um texto coerente.

Diferentemente do texto da AD, C.S.S.N. constrói seu texto subdividido em parágrafos, sem saltar linha (como no da AD), entretanto o primeiro parágrafo está

confuso, sem pontuação. Em sua argumentação, apresenta argumento de autoridade: “[...] minha bisavó ela sempre dizia que as pessoas não consomem o que quer mais consomem o que a sua condição dá [...]” *(sic);* também aborda o fato de atores e atrizes participarem de propagandas para incentivar o consumo, alerta que nunca se fala das desvantagens do produto anunciado. Sua conclusão retoma a introdução. A linguagem é clara e própria, há a busca de interação com o leitor, os verbos estão correlacionados, há poucos marcadores temporais e quase nenhum conectivo. Há coerência nas ideias. O título é “Ostentar é o que liga!”.

Já a produção de D.N.P. tem como tese: “Os publicitários trabalhão pra atingir principalmente os jovens [...]” *(sic)*; contra-argumenta que as propagandas é que são “inteligentes” e, por isso, facilmente conquistam as pessoas, colocando como exemplo os anúncios de celulares, de tênis, roupas, relógios, anéis de ouro e do “batidão”, deixando claro que, na sua concepção, “Nas comunidades são os lugares que tem mais consumista” *(sic)*. Não há conclusão. Utiliza os verbos no presente, há poucos articuladores argumentativos, escreve períodos e parágrafos longos e sem marcadores temporais.

“Os adolescentes deviam consumir com mais consciência e não deixar ser influenciado pela mídia” *(sic)*, essa é a tese que defende D.B.S. Em sua argumentação, discorre sobre a facilidade que o jovem tem de ser influenciado, que compra sem necessidade e que compra “[...] a maioria das vezes e so pela forte da mídia [...]” *(sic)* e afirma que o jovem compra de forma irracional. Em sua conclusão, procura reafirmar a introdução dizendo que “Com a mídia oprimindo a mente das pessoas para comprar, nunca elas ficam satisfeitas com o que tem [...]”. O título é “O consumo”. Há tentativa de interagir com o leitor. Não utiliza quase nenhuma pontuação, assim como marcadores temporais e conectivos; há relação nas ideias.

E.S.R. traz o título “Influenciados pela mídia”, no qual já expõe seu ponto de vista. Na sua argumentação, o autor diz que os adolescentes “ficam disputando” uns com os outros quais têm o melhor produto e “[...] não percebem que estão sendo influenciado pela mídia para comprar e gastar mais e mais” *(sic)*. Conclui a produção apontando soluções para que o jovem não seja tão influenciado: “[...] não liga quando um amigo dizer a tenho um sapato melho que o seu [...]” *(sic).* Não usa vírgulas em seu texto, há poucos marcadores temporais e quase nenhum conectivo, mas sua linguagem apresenta verbos no presente, ideias coerentes e com marcas pessoais.

Com o texto “O desequilíbrio do consumo”, E.J.M. tem como tese o encantamento dos adolescentes “[...] por produtos oferecidos pela mídia”. Procura defendê-la argumentado que as propagandas são feitas para persuadir os adolescentes e cita um filme que foi assistido por ela, cujo enredo conta a história de uma jovem consumista. Na conclusão, há a reafirmação da tese. Apesar de não utilizar a vírgula em sentenças nas quais há a necessidade, o texto está mais claro e coerente que o da AD, mesmo que haja poucos operadores argumentativos.

J.S.S. tem como tese “Consumo um verdadeiro vício incentivado [...]” *(sic),* evidenciando que o resultado dessa ação é contrair dívidas. Para defendê-la, fala sobre sua impressão da ostentação, comparando “ricos e pobres”, busca contra-argumentar o tema, afirmando que não são os jovens que são influenciáveis, mas a publicidade que é boa: “[...] os vendedores usar pessoas ricas e famosas para incentiva o consumista [...]” *(sic)*. Fala de uma possível “disputa” que há na sociedade que quem vence é quem “tem” mais. Retorna à sua ideia inicial, na conclusão, reforçando que é preciso economizar e não se endividar; apresenta uma tentativa de interagir com o público em sua frase final: “Consumidores sejam mais atentos e seguros” *(sic)*. Usa conectivos, não salta mais linha para o parágrafo final (como aconteceu na AD), os verbos estão correlacionados, há coerência e relações lógicas em suas ideias.

“A mídia: a influência dos jovens” é um artigo de K.N.C. que tem como tese a questão da moda. O jovem quer estar na moda, portanto, consome influenciado pela mídia. Usa argumentação de autoridade e de exemplificação, citando também o consumismo adulto e o poder da propaganda. A conclusão é iniciada assim: “Por isso, a mídia influencia sim os jovens a comprar [...]”, apontando a sugestão de se prestar mais atenção às propagandas e que só devemos comprar quando houver necessidade. O texto tem uma linguagem clara, aproxima-se da jornalística; há verbos correlacionados, com o uso de vírgulas e marcadores temporais que situam o leitor.

A educanda L.S.S. escreve um texto respeitando a estrutura macrotextual, coisa que não aconteceu no outro, o da AD; há uma tese e, para sustentá-la, a escrevente evidencia que precisamos ter “mais consciência” e “responsabilidade”, fala na “falta de autocontrole”, salientando que todas as propagandas têm o objetivo de persuadir. Sua linguagem pode ser considerada jornalística, porém a pontuação é precária. Os verbos encontram-se no presente, há marcadores temporais que situam

o leitor e estão presentes alguns conectivos que dão conexão ao texto. Há conclusão que, de certa forma, reafirma a ideia central. O título é “O consumo dos adolescentes”.

“Somos consumista ou não?” *(sic)* é o título de L.F. Sua tese aparece um pouco confusa, mas compreendi que o jovem brasileiro é influenciável. Segue seu texto trazendo argumentos de exemplificação e de autoridade, mas a linguagem torna-se truncada, pois não aparecem sinais de pontuação nem conectivos. Coloca que tem muita gente e mendigos passando fome, enquanto outros só pensam em luxo. O artigo é dividido em parágrafos, no entanto, a tentativa de esboçar uma conclusão ficou solta, sem considerar sua proposta na ideia central.

O artigo de M.H.S.S. está escrito defendendo a tese de que as propagandas influenciam o consumo dos adolescentes. O autor justifica afirmando que o jovem quer ter “mais” para “mostrar”, e os publicitários, sabendo disso, usam suas armas para conquistá-los. O texto está dividido em introdução, desenvolvimento e conclusão, nesta o jovem estudante confirma sua ideia inicial. O seu título é “A publicidade influencia o consumo adolescente”, e, em relação à linguagem, percebe-se uma tentativa de se usar a jornalística, como também a busca por formas de interagir com o leitor. Existem marcadores temporais, poucos operadores argumentativos, mas é um texto coerente.

“Geração ostentação” é o título do artigo de R. J. S. e logo na introdução ele afirma que “[...] é difícil encarar o consumismo [...]” . Já no seu desenvolvimento, lista diversos objetos que são de desejo dos jovens, que estes muitas vezes perdem o limite, tornando-se consumistas, esclarece que, quando os adolescentes têm o que querem, passam a criticar os que não têm; assim ele mostra algumas consequências desse ato, como por exemplo: “[...] deixam até de estudar [...]”. Em sua conclusão, retoma a seu pensamento central, no entanto acrescenta uma ideia nova que não será mais discutida: “[...] a geração da atualidade é [...] narcisista [...]”. Seu artigo está pontuado de forma satisfatória, usa conectivos, sua linguagem aproxima-se da jornalística, procurando sempre situar e interagir com o leitor.

No texto de R.S.J., percebe-se que houve a subdivisão em introdução, desenvolvimento e conclusão, o que não havia acontecido na AD. Com o título: “O poder do consumo”, a tese se apresenta um pouco confusa: “[...] deixar de ser influenciados pela ambição, que tudo quer ter e não se deixar levar pelo poder das mídias” *(sic)*. Todavia, no desenvolvimento constrói uma argumentação baseada em

exemplificações, citando o que aprendeu com a mãe; busca interagir com seu leitor: “[...] vamos parar de se preocupar [...]” *(sic)* e conclui com uma alerta de que a mídia só quer “[...] chamar sua atenção [...]”. A linguagem é clara e objetiva, preocupa-se em dar conexão ao texto. Expõe suas ideias logicamente e com coerência.

R.S.R. afirma que os adolescentes querem ter o que os amigos têm para mostrar que podem. Sua argumentação é centrada em questionamentos, exemplificações; pode-se perceber que a autora acredita que os amigos e o que eles têm influenciam os jovens brasileiros mais que a mídia. Acaba o texto repetindo o que já havia dito; sua linguagem é pouco clara, mas há alguns elementos de conexão e ideias coerentes, o que é próprio da idade/série. O título é menos generalizado em relação ao texto da AD: “O consumismo entre adolescentes”.

“A ambição do consumista” é o artigo de S.Q.S., que apresenta a introdução atrelada ao início do seu desenvolvimento. Argumenta por meio de exemplos e comparações, como por exemplo: “[...] ela queria ser igual a essas meninas que tem mais condição [...]” *(sic)* e que no passado era diferente de atualmente. Termina sua escrita voltando aos exemplos que apresentou no desenvolvimento. Usa marcadores temporais: “[...] a gente hoje em dia [...]”, conectivos: “Portanto, eu acho [...]”, numa linguagem que não se aproxima muito da jornalística.

A estudante que escreveu “A sociedade influenciada pelo consumo” é T.L.S. e possui a seguinte tese: “Precisamos deixar de ser influenciados pela mídia e pensar mais em economizar dinheiro [...]”; para contra-argumentar o tema, diz que os amigos é que influenciam, pois mesmo sem condições os jovens querem ter o que os outros têm. Apresenta também a frase: “[...] querer não é poder [...]”, fazendo uma releitura da expressão cultural “querer é poder”, com a finalidade de explicar suas colocações. Em sua conclusão, ela retoma sua ideia central. Utiliza elementos que dão conexão à produção: “[...] até porque [...]”, “[...] sendo que na maioria das vezes [...]” e “Portanto, para não sermos influenciados [...]”. Sua linguagem é condizente com a idade/série e há marcas pessoais.

Ao escrever seu texto diagnóstico, W.C.J. não o subdividiu em parágrafos. Já na “produção final”, aconteceu o contrário, apesar de não haver uma conclusão. Apresenta a tese: “[...] hoje em dia os jovens só querem saber de ostentação [...]” e no restante do texto elenca objetos de desejo dos jovens, palavras soltas sem conexão e sem coerência. Não utiliza pontuação, há a retomada de ideias e a utilização de adjuntos adverbiais, contudo suas ideias estão soltas, faltando

justificativas para o que afirma.

Após a análise dos textos dos discentes, constatei que a argumentação utilizada por eles encontra-se agora mais pertinente ao tema solicitado que anteriormente. Os enunciados possuem uma orientação argumentativa, à medida que demonstravam, em seu discurso, uma ideologia.

Na comparação entre a “primeira produção” e a “produção final”, o progresso em relação a aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas e estilo pôde ser observado. Para fazer valer sua concepção, os jovens escritores utilizaram-se, de forma mais consciente, de suas habilidades argumentativas, posicionando-se criticamente diante da temática, relacionando fatos, associando ideias, distinguindo o que realmente era relevante abordar.

Apesar disso, uma parte dos estudantes não usou a linguagem jornalística como o artigo de opinião pede, lançou mão de poucas retomadas e buscou a interação com o leitor ainda timidamente; mesmo assim, notei mais preocupação e cuidado ao escrever.

Ao ler os artigos, detectei que a grande maioria construiu uma tese e tentou sustentá-la com os tipos de argumentação estudados, organizando sua argumentação em uma sequência lógica, a fim de que seu texto atingisse o objetivo de convencer o leitor do seu ponto de vista, entretanto, poucos contra-argumentaram, como fizeram na parte oral realizada antes da escrita.

Com a predominância da linguagem formal, as produções finais conseguiram mostrar certa organização interna, o que me permitiu entender sentido do que era lido, apontando para a consciência do “saber fazer”. Os textos não demonstraram ambiguidade nem prolixidade; a repetição deu-se em momentos adequados, não havendo comprometimento da textualidade. Em uma unidade significativa, constituída de relações lógicas, observei que as ideias discorridas nos textos foram resultado da ordenação do pensamento.

No que se refere à estrutura do texto argumentativo, a maioria dos alunos respeitou sua organização macrotextual em introdução, desenvolvimento e conclusão e nesta última os alunos procuraram escrever retomando a ideia exposta na introdução, confirmando o que já disseram, porém, com outras palavras e expressões, tendo o desenvolvimento como a parte mais fundamentada.

Por meio da linguagem denotativa, os alunos procuraram expor suas afirmações de maneira que fosse conferida a elas veracidade, pois estas apareciam

vinculadas a exemplos para ilustrar o que diziam ou a comparações para fortalecer seus argumentos. Sabendo que ainda lhes faltam muitos conceitos a serem apreendidos e muitos conhecimentos a serem ampliados, os educandos mostraram uma nova postura diante da produção textual escrita de gênero argumentativo, pois se esforçaram para ouvir a opinião do outro, respeitar os diversos lados que uma questão oferece e para rebater argumentos com respaldo e recursos que podem corroborar um texto claro, coeso e coerente.

A “produção inicial” (Anexo B) e a “produção final” (Anexo C) foram avaliadas e foi atribuído a cada produção um conceito: muito bom, bom, regular, como nota qualitativa e uma nota de 0 a 10, como quantitativa (Apêndice 29).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, diversos conceitos que pensei que já estavam arraigados foram tomando novas concepções, muitos conhecimentos foram se reelaborando e surgia, aos poucos, em mim, outra profissional. Por proporcionar aos seus alunos/professores a chance de construção de uma identidade, o curso foi deveras importante para a transformação do meu fazer pedagógico, pois ao realizar qualquer ação educativa sentia-me envolvida de questionamentos acerca do que seria mais produtivo e relevante trabalhar em sala de aula.

Diante do Projeto de Desenvolvimento Profissional, construído pelo professor orientador Marcos Bispo dos Santos, pude perceber que a prática pedagógica precisa estar em constante renovação, sustentando-se em novas (e velhas) leituras, sempre tendo em vista o que é atual. E que uma identidade profissional é deveras importante ao professor, pois na sala de aula novos cidadãos vão surgir a partir de valores e conhecimentos debatidos.

Por isso, a presente proposta metodológica respaldou-se na teoria do professor reflexivo de Schön (2000), na qual a docência é pautada na **reflexão na ação**, quando o educador reflete durante a prática, na **reflexão sobre a ação**, quando isso acontece depois da prática, e na **reflexão sobre a reflexão na ação** quando o professor tenta interpretar e compreender a ação, criando uma alternativa para aquela situação, por compreender que a reflexão é uma exigência da atividade pedagógica. Sendo assim, iniciei este trabalho “mergulhando” em minhas lembranças profissionais mais significativas, a fim de que um novo sentido pudesse ser dado à minha trajetória de professora e um “leque” de possibilidades inaugurasse novas construções, novos conhecimentos.

Ao elaborar a autobiografia, (re)lembrei todo meu percurso docente desde a graduação até agora, a teoria aprendida, os cursos dos quais participei, as escolas particulares e públicas em que lecionei; (re)avaliei minha postura como educadora, as aulas ministradas, os meus alunos e (re)vivi momentos em que precisei superar os desafios da sala de aula. Constatei que há mais de 25 anos estou na sala de aula, muitos deles ensinando a disciplina Língua Portuguesa, e ainda assim possuía muitas lacunas referentes ao ministério delas, como não tratar a língua como “viva” que está em constante mudança.

Durante o desenvolvimento da proposta, compreendi que trilhar caminhos inéditos no âmbito profissional, a fim de transformar a já usual prática docente, pode ser complexo, mas é necessário. Aliar os saberes conquistados através da teoria à prática, como tentei fazer, foi a oportunidade de colocar em prática o que aprendi na teoria, haja vista que a aula teórica diz o que a prática demonstra; portanto, para dar início a este estudo, refleti bastante acerca das minhas concepções de educação, sobre a função da escola e sobre o que o educando necessita aprender.

Partindo do pressuposto de que professor e pesquisa são inerentes, dessa perspectiva reflexiva defini que meu objetivo neste trabalho seria o de verificar quais concepções norteiam uma prática crítico-reflexiva, à medida que averiguava os conhecimentos que são necessários ao professor da língua materna para que sua docência seja pautada na autorreflexão. Sendo assim, por meio de observações e constatações, percebi que a produção textual escrita de gêneros argumentativos configura-se como uma das principais dificuldades para o professor e para o aluno.

Pensando em atingir meu objetivo, elegi uma turma do 9º ano do EF II do Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins, em Valença, Bahia e lancei mão de instrumentos que me fizeram conhecer melhor o educando; apliquei dois questionários, que traçaram o perfil pessoal dos jovens, e atividades diagnósticas, cujo objetivo foi a produção de um texto, estas ressaltaram algumas dificuldades na confecção dele.

Diante dos resultados, continuei minha reflexão: enquanto professora da educação básica e pública, como promover a escrita dos alunos? Em face dos resultados obtidos, que ações seriam necessárias para que a produção escrita de gêneros argumentativos seja contemplada, levando em conta o nível de letramento dos educandos?

Nessa linha da cultura do professor reflexivo, pensei na função da escola de formar pessoas cidadãs que exerçam seu direito de ler e escrever e que a aquisição desse conhecimento seja alcançada de maneira significativa e efetiva, vi no meu objeto de pesquisa, a argumentação, uma forma de oportunizar o domínio da linguagem e da língua. Argumentamos para pedir, julgar, defender, para reivindicar, para justificar opiniões, para refutar, enfim, a atividade argumentativa esteve e está presente no centro de nossas relações.

A partir daí, uma Proposta de Intervenção Pedagógica foi desenvolvida com o intuito de amadurecer a habilidade de argumentar dos discentes, focando nas inter-

relações da teoria e prática; conforme sugere Dolz e Schneuwly (2004), construí uma sequência didática para trabalhar um gênero textual: o artigo de opinião. Durante a aplicação da proposta, foram muitos os entraves para sua execução, como: feriados, culminância de projetos da escola, entrega do prédio para o ENEM, entre outros, como a não realização da tarefa de casa e a ausência sistemática de certos estudantes nas aulas.

Nos momentos da intervenção, notei que a turma A do 9º ano envolveu-se bastante nas atividades de classe, estavam sempre curiosos a respeito das aulas, sobretudo quando a tecnologia fazia parte de algum momento delas.Em 24 aulas, a Proposta de Intervenção Pedagógica: **Argumente e (con)vença-me** sinalizou para mim alguns pontos frágeis na minha prática, pois, à proporção que lançava desafios para os educandos, havia o desequilíbrio e a necessidade de ter mais conhecimento sobre os assuntos que iria trabalhar.

Estou ciente de que os problemas referentes à escrita daquela turma ainda são muitos, contudo, os estudantes reescreveram sua “produção inicial”, a atividade diagnóstica, mais coerente, fiel ao tema e organizada estruturalmente. No tocante à argumentação, tentaram levar para a prática o que havíamos estudado na teoria, defendendo seus pontos à luz de argumentos e de contra-argumentos, evitando falácias.

Após a aplicação da proposta, delineou-se para mim que a produção de textos em sala de aula é um “termômetro” que expressa uma realidade discursiva e linguística dos educandos, o que nos serve para selecionar conteúdos, estratégias e procedimentos para o ensino da Língua Portuguesa e de outras disciplinas.

Dentro da perspectiva do professor reflexivo, verifiquei que o trabalho com produção textual requer do professor, além da sua “leitura de mundo” (Paulo Freire, 2015), um cabedal de conhecimentos teóricos, que avancem para a prática, bem como estar sempre informado sobre assuntos da atualidade e estar pronto para utilizar as TICs como ferramenta educacional, visto que os alunos encontram-se conectados, comunicando-se com milhares de pessoas pelo mundo por meio das redes sociais, recebendo e enviando informações o tempo todo.

Ao comparar a “produção inicial” e a final, atentei para significativos avanços na escrita que apontam para um senso crítico mais apurado do tema, apresentado em colocações mais contextualizadas e a tentativa, ainda que tímida, de interação do texto com o leitor. Apesar do fator tempo ter sido um complicador para a

aplicação da proposta, destaco que o respeito ao ritmo de aprendizagem de cada aluno e a qualificação do seu repertório fizeram com que as atividades desenvolvidas ocorressem de forma satisfatória. Ministrar aulas (bem planejadas) em outro espaço da escola, que não seja a sala de aula, proporcionou momentos de ensino e de aprendizagem que superaram as expectativas, assim como o uso da tecnologia. Por isso que foi criada uma página pública no *Facebook* e as produções finais foram publicadas lá, para que o jovem escritor veja que outras pessoas vão ler o seu texto além da professora.

Dessa forma, *Produção de artigo de opinião: uma proposta metodológica para desenvolver a habilidade de argumentar* é um trabalho que teve a intenção de provocar questionamentos a respeito do meu exercício diário de professora, à medida que ia revendo meus conceitos e valores, criando uma identidade como docente. Houve crescimento pessoal e profissional para os partícipes do projeto, no entanto ainda há um caminho longo a percorrer, nesse sentido, para atingirmos a excelência na práxis pedagógica.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise Lino de; SILVA, Williany Miranda da. **Gêneros (escolarizados) em contextos de ensino.** 1. ed. Curitiba: Appris, 2015.

BAKHTIN. M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).** 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=668&id=12391&option=com_content&view=article>. Acesso em: 8 de fev. 2016

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um sociointeracionismo discursivo. Tradução de Anna Raquel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003, 2009.

COLL, C. **Psicologia e currículo:** uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar. São Paulo: Ática, 1997.

CONNELL, R. **Gênero: uma perspectiva global.** São Paulo: nVersos, 2015.

COPI, Irving Marmer. **Introdução à Lógica.** 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos. In: GALVES, C. (org.). **O texto: leitura e escrita**. 2. ed. Ver. Campinas: Pontes, 1997.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo.** 12. Ed São Paulo: Cortez Editora, 2006.

DUCROT, OSWALD. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FERREIRA, S.; VELOSO, F. A. Mobilidade intergeracional de educação no Brasil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 33, pp. 481-513, 2003.

————. Intergenerational mobility of wages in Brazil. **Brazilian Review of Econometrics**, v. 26, n. 2, pp. 181-212, 2006.

FRANCO, S. A. P. **Leitura na universidade:** do papel impresso ao virtual. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/anais/2012/anais/educacaosuperior/leituranauniversidade.pdf>. Acesso em: 9 de nov. 2015.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**: e outros escritos. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

GRIBEL, C. **Minhas férias, pula linha, parágrafo.** Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

HALLIDAY, M. A. K; HASAN, R. **Cohesion in English**. Longman Group Limited London: English Language Series, 1976.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora:** uma prática em construção da pré-escola à universidade. 4a ed. Porto Alegre, 1994.

_____. **Avaliação: mito & desafio**. Uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Educação e realidade; revistas e livros, 1994.

JUNKES, T. K. **Pontuação: uma abordagem para a prática.** Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**: teoria e prática. Campinas: Pontes, 2007.

KOCH, Ingedore G. Villaca: **A Articulação entre Orações no Texto.** *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, 1995.

_____. **Argumentação e Linguagem.** São Paulo: Cortez Editora. 2002.

_____. **A coesão textual**. 22 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **A coerência textual**. 18 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. 3. ed. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2.ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LAM, D.; SCHOENI, R. F. Effects of family fackground on earnings and returns to schooling: evidence from Brazil. **Journal of Political Economy**, v. 101, n. 4, pp. 710-740, Aug. 1993.

LEITÃO, S. **O lugar da argumentação na construção do conhecimento em sala de aula.** In: Leitão, S.; Damianovic, M. C.. (Org.). Argumentação na escola: o conhecimento em construção. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Reflexividade e formação de professores**: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In. PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002. pp. 53-80.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem**. 3.ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

LÚZIA. A. M. S. **Panorama da Educação Brasileira Frente ao Terceiro Milênio**. Revista Eletrônica de Ciências. São Paulo, 08 de set. de 2008. Disponível em: http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencia/artigos/art_27/psiedu.html. Acesso em: 12 de nov. 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Coerência e cognição contingenciada**. In: Produção textual: Interação, processamento, variação. 1.ª ed. Natal: Editora da UFRN, 1999.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Linguística de Texto: o que é e como se faz.** São Paulo: Parábola, 2012.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MARICATO, Deise Trindade. **Edmodo e suas potencialidades na educação como ambiente virtual de aprendizagem**. UFRS. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.academia.edu/3571733/EDMODO_E_SUAS_POTENCIALIDADES_NA_EDUCACAO_COMO_AMBIENTE_VIRTUAL_DE_APRENDIZAGEM>. Acesso em: 11 de nov. 2015.

MEYER, Bernard. **A arte de argumentar: com exercícios corrigidos**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

ORLANDI, E. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos.** São Paulo: Pontes, 2001.

OSAKABE, H. **Argumentação e discurso político**. São Paulo: Kairós Livraria e Editora LTDA., 1979.

PASSARELLI, L. G. **Ensinando a escrita**. O processual e o lúdico. 4.ª ed. Ver. São Paulo: Cortez, 2004.

PERELMAN, Chaïm. **Tratado de Argumentação - A Nova Retórica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: a nova retórica.** 2.ª edição. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

PLANTIN, C. **A Argumentação - História, Teorias, Perspectivas.** Parábola Editorial, 2008.

RODRIGUES, Rosângela Hames. **Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem:** abordagem de Bakthin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; ROTH, Desirée Motta. **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. pp. 154-183.

SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTE, Marianne C. B. (Org.). **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANTOS, L. W.; CUBA RICHE, Rosa; TEIXEIRA, Claudia de S. **Análise e produção de textos.** São Paulo. Contexto, 2012.

SANTOS, L. W. (Org.) **Gêneros textuais nos livros didáticos de Português:** uma análise de manuais do ensino fundamental. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. /Livro eletrônico. Modo de acesso: www.leonorwerneck.com/

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2004.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

TOULMIN, Stephen. **The uses of argument.** Cambridge: University Press, 1958.

(Tradução: **Os usos do argumento**. 2.ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2006).

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.
VIGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE

APÊNDICE 1: **QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO**

UNEB – Universidade do Estado da Bahia
Mestranda regente – Rejane Luci Silva da Costa Knoth
Instituição de Ensino Parceira: Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins
Série: 9º ano do EF-II Turma: A Turno: Matutino

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

Caro(a) aluno(a),

Este questionário integra uma pesquisa-intervenção intitulada: **Produção de artigo de opinião: uma proposta metodológica para desenvolver a habilidade de argumenta** da qual você está participando; ele possui os seguintes objetivos:

- Refletir sobre a prática pedagógica da pesquisadora enquanto professora de Língua Portuguesa.
- Investigar que conhecimentos teórico-metodológicos são necessários para o aperfeiçoamento da práxis pedagógica da professora-pesquisadora.
- Coletar dados que apontem as dificuldades de escrita no que tange à habilidade de argumentar.

Com estas informações, a professora-pesquisadora pretende coletar dados importantes para aperfeiçoar seu projeto, para realizar, assim, um trabalho consciente e responsável. Por isso, sua participação é fundamental!

Seja verdadeiro(a) e sincero(a) para que os objetivos sejam alcançados.

TODOS OS DADOS OBTIDOS DESTE QUESTIONÁRIO SERÃO MANTIDOS EM ABSOLUTO SIGILO.

QUEM SOU EU...

1 Meu nome é:_____

2 Meu gênero é:

(a) Feminino (b) Masculino (c) Outro

3Minha idade é: _____

4 Você trabalha?

(a) Sim
(b) Não

(Se respondeu Não, vá para a questão 7)

4 Em que você trabalha atualmente?

(a) No comércio, hotelaria, transporte ou outros serviços.
(b) Realizo trabalho doméstico (babá, acompanhante de idoso, faxineiro (a), jardineiro, etc.).
(c) Na agricultura (campo, fazenda ou pesca).
(d) Na área industrial.
(e) Na área de construção civil.
(f) Faço atividades informais fora de casa como feirante, ambulante, pintor, eletricista, guardador (a) de carros, entre outros.
(g) Faço atividades informais dentro de casa (artesanato, cozinha, costura, carpintaria, etc.).

5 Você trabalha por que:

(a) Precisa ajudar nas despesas da casa.
(b) Quer adquirir experiência.
(c) Quer ter seu próprio dinheiro.
(d)Outro motivo. Qual?

EU E MINHA FAMÍLIA

6 Eu moro com:

(a) Meu pai, minha mãe e meus irmãos.
(b) Minha mãe e mais três ou quatro pessoas.
(c) Meu pai e mais três ou quatro pessoas.
(d) Uns quatro ou cinco parentes.
(e) Vários parentes.

7 Minha casa está localizada em:

(a) Zona rural.
(b) Zona urbana.
(c) Comunidade quilombola.
(d) Comunidade indígena.

8 O nível de escolaridade do meu pai é:

(a) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental.
(b) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental.
(c) Ensino Médio.
(d) Ensino Superior.
(e) Especialização.
(f) Não estudou.
(g) Não sei.

9 O nível de escolaridade da minha mãe é:

(a) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental.
(b) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental.
(c) Ensino Médio.
(d) Ensino Superior.
(e) Especialização.
(f) Não estudou.
(g) Não sei.

10 Minha renda e a renda mensal das pessoas que moram comigo é, aproximadamente:

(a) Nenhuma renda.
(b) O valor do Bolsa Família.
(c) Até 1 salário mínimo.
(d) De 1 a 3 salários mínimos.
(e) Mais de 3 salários mínimos.

EU E O COMPUTADOR

11Meu conhecimento sobre computador e redes sociais é:

(a) Muito bom (digito, entro em redes sociais, realizo pesquisas em sites, blogs, baixo vídeos, imagens, músicas, assisto TV, ouço rádio, leio e estudo).
(b) Bom (digito, leio textos e faço pesquisas em sites).
(c) Razoável (digito com dificuldade, não realizo pesquisas em sites).

(Nas questões 13, 14 e 15 pode ser marcada mais de uma opção.)

12 Uso o computador com mais frequência:

(a) Em casa.
(b) Na escola.
(c) Em *Lan House.*
(d) No trabalho.
(e) Não uso computador.

13 Tenho acesso à Internet:

(a) Em casa, pelo computador.
(b) No trabalho.
(c) Na *Lan House.*
(d) Na escola.
(e) Pelo celular.
(f) Não uso computador.

14 Participo das seguintes redes sociais:

(a) Facebook
(b) WhatsApp
(c) Instagram
(d) YouTube
(e)Twitter
(f) Outras. Quais?

_____

(g) Não participo de nenhuma rede social

15 Considero-me uma pessoa bem-informada:

(a) Sim
(b) Não

16 Para saber o que está acontecendo no Brasil e no mundo, o que mais utilizo:

(a) Internet
(b) TV
(d) Rádio
(e) Jornais e revistas

SAÚDE E
SUCESSO!

APÊNDICE 2: **QUESTIONÁRIO PSICOPEDAGÓGICO**

UNEB – Universidade do Estado da Bahia
Mestranda regente – Rejane Luci Silva da Costa Knoth
Instituição de Ensino Parceira: Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins Série: 9º ano do EF-II Turma: A Turno: Matutino

QUESTIONÁRIO PSICOPEDAGÓGICO

Caro(a) aluno(a),

Este questionário integra uma pesquisa-intervenção intitulada: **Produção de artigo de opinião: uma proposta metodológica para desenvolver a habilidade de argumentar** da qual você está participando; ele possui os seguintes objetivos:

- Refletir sobre a prática pedagógica da pesquisadora enquanto professora de Língua Portuguesa.
- Investigar que conhecimentos teórico-metodológicos são necessários para o aperfeiçoamento da práxis pedagógica da professora- pesquisadora.
- Coletar dados que apontem as dificuldades de escrita no que tange à habilidade de argumentar.

Com estas informações, a professora-pesquisadora pretende coletar dados importantes para aperfeiçoar seu projeto, para realizar, assim, um trabalho consciente e responsável. Por isso, sua participação é fundamental!

Seja verdadeiro(a) e sincero(a) para que os objetivos sejam alcançados.

TODOS OS DADOS OBTIDOS NESTE QUESTIONÁRIO SERÃO MANTIDOS EM ABSOLUTO SIGILO.

1 Qual seu nome completo?

_____

2 Você prefere ler textos:

(a) Impressos.
(b) Na tela do computador.
(c) Tanto faz.
(d) Não gosta de ler.

3 Em relação à biblioteca da sua escola, você:

(a) Utiliza com frequência.
(b) Utiliza vez em quando.
(c) Nunca utiliza.

4 Quantos livros você já leu este ano? Quais os títulos?

_____

_____

_____

_____

5 Exceto as horas em que está na escola, você se dedica aos estudos durante:

(a) Três horas por dia.
(b) Duas horas por dia.
(c) Uma hora por dia.
(d) Nenhuma.

6 **O que lhe motiva estudar? Marque o número, indicando o grau de importância dos motivos elencados abaixo** *(0 indica importância nenhuma e 5 importância máxima):*

Considera importante, pois desenvolve a capacidade intelectual (0- 1- 2 - 3 - 4 - 5)
Sente necessidade de aprender mais (0 - 1- 2 - 3 - 4 - 5)
Pensa no futuro, em ter uma profissão e estudar ajuda (0 - 1- 2 - 3 - 4 - 5)
Considera fundamental o convívio com colegas, professores (0 - 1- 2 - 3 - 4 - 5)

7 Sua família incentiva você nos estudos? O que ela faz para estimular você?

_____

_____

_____

8 Quanto ao seu comportamento como você se considera?

(a) Um(a) aluno(a) que participa das aulas e procura fazer todas as atividades escolares.
(b) Um(a) aluno(a) que frequenta a escola, apenas.

(c) Um(a) aluno(a) que ouve os professores sem questionar.
(d) Um(a) aluno(a) que sempre questiona, quer sempre saber mais.

Nas questões 9 e 10 pode ser marcada mais de uma opção.

9 Que atividades você costuma fazer no computador?

(a) Realizo atividades da escola (fazer pesquisas, tirar dúvidas de conteúdos, auxiliar na resolução de tarefas, etc.).
(b) Utilizo, apenas, para entretenimento (ouvir e baixar músicas e vídeos, ver fotos, bater papo, etc.).
(c) Utilizo para me manter informado (ler notícias, reportagens, etc.).
(d) Participar das redes sociais.
(e) Não tenho acesso a computadores.
(f) Outras atividades. Quais?
.....

10 Para que você costuma utilizar o celular durante as aulas?

(a) Utilizo como agenda, para anotar dias de entrega e apresentação de trabalhos, dias de avaliações.
(b) Para ler notícias, reportagens, conferir informações e realizar pesquisas em sites, blogs, etc.
(c) Para fotografar o que é colocado na lousa ou filmar as aulas para estudar a matéria, posteriormente.
(d) Para publicar textos ou outras atividades escolares.
(e) Para enviar mensagens, SMS, torpedo, entre outros.
(f) Não utilizo o celular durante as aulas.
(g) Não possuo celular.

11 Você participa ou já participou de aula de reforço escolar (banca) de Redação ou Produção Textual?

( ) Sim
( ) Não

12 No tocante à produção de textos, quais são as suas maiores dúvidas?

_____

_____

_____

_____

13 Como você tira suas dúvidas no momento das aulas de Produção Textual:

(a) Levanta a mão e pergunta à professora.
(b) Pergunta aos colegas, jamais à professora.
(c) Deixa para tirar as dúvidas em casa ou na banca.
(d) Não tenho dúvidas em relação à produção textual.

14 As técnicas e estratégias de ensino que sua professora mais utiliza nas aulas de Produção Textual são (numere de 1 a 6, pela frequência de uso):

( ) Aula expositiva sobre o tema a ser escrito, com a participação dos alunos. ( ) Estudo dirigido de textos do gênero a ser escrito.
( ) Audição de músicas, vídeos e imagens referentes ao tema.
( ) Debates e discussões acerca do tema e do gênero a ser escrito.
( ) Antes da produção textual, são realizadas atividades em grupo ou individual com questões abertas sobre o tema.
( ) Antes da produção textual, são realizadas atividades em grupo ou individual com questões abertas sobre o gênero textual.

15 Para você, qual a melhor maneira do professor de redação trabalhar para que você seja estimulado a escrever?

_____

_____

_____

_____

16 Em relação às aulas de Língua Portuguesa, você diria que é um(a) aluno(a) que produz bons textos? Por quê?

_____

_____

_____

_____

17 O que você acha que a professora de Língua Portuguesa deveria fazer nas aulas de Produção Textual, mas ela não faz?

_____

_____

_____

18 Se você pudesse mudar alguma coisa nas aulas de Produção Textual, o que você mudaria?

_____

_____

19 Complete:

a. Gosto de produzir textos porque _____

_____

_____

b. Não gosto de produzir textos porque _____

_____

_____

SUCESSO SEMPRE!!

APÊNDICES 3: **CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES DIAGNÓSTICAS**

EIXOS	CRITÉRIOS
I - Aspectos temáticos (conteúdo temático) – 4,0	1 Estabelece relação com o conteúdo situacional. 1.1 Há congruência com o mundo exterior. 1.2 Há o estabelecimento de relações lógicas.
	2 Estabelece relações lógicas. 2.1 Há uma linha de progressão para o texto. 2.2 Há renovação semântica. 2.3 Há o acréscimo de informações novas.
	3 Existe a ligação entre o contexto e o conhecimento de mundo. 3.1 Elementos e passagens são repetidos. 3.2 Apresenta elementos de recorrência.
II- Estilo (aspectos linguísticos) – 3,0	1 A linguagem é clara e objetiva.
	2 Em relação à coesão, o texto apresenta: 2.1 Marcadores temporais. 2.2 Tempos verbais correlacionados.
	3 Os períodos são objetivos. 3.1 Os argumentos construídos demonstram clareza de ideias, buscando interagir com o leitor. 3.2 O título representa uma síntese do texto.
III-Construção composicional – 3,0	1 O texto apresenta em sua estrutura: 1.1 Um título específico que corresponde ao tema proposto. 1.2 Uma discussão inicial acerca do tema.
	2 Na introdução: 2.1 O problema a ser discutido é apresentado. 2.2 Situa o leitor do assunto.
	3 No desenvolvimento: 3.1 O problema é discutido. 3.2 Argumentos são apresentados. 3.3 As ideias são expostas criticamente.
	4 Na conclusão: 4.1 Há a confirmação da ideia principal. 4.2 Soluções são apresentadas para melhorar algo ou evitar o que aconteceu.

APÊNDICE 4:

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
CAMPUS V – SANTO ANTÔNIO DE JESUS
CURSO: MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
DOCENTE: PROF. DR. MARCOS BISPO
MESTRANDA: **REJANE LUCI SILVA DA COSTA KNOTH**

FICHA DE ACOMPANHAMENTO INDIVIDUAL –
DIA DAS AULAS: ..... /...../.....

NOME DO EDUCANDO: ----------

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES AVALIADAS	**SIM**	**ÀS VEZES**	**NÃO**	**COMENTÁRIO**
1 Lê e compreende textos de diferentes gêneros?				
2 Procura trazer informações novas para classe?				
3 Observa, descreve, analisa e sintetiza gravuras e outros textos?				
4 Expressa o que pensa relatando, argumentando, avaliando e comparando?				
5 Produz textos escritos com coerência e coesão?				
6 Demonstra atitudes críticas diante de problemas?				
7 Realiza as atividades de classe com autonomia e produtividade?				
8 Realiza as tarefas de casa?				

APÊNCICE 5:

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
CAMPUS V – SANTO ANTÔNIO DE JESUS
CURSO: MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
DOCENTE: PROF. DR. MARCOS BISPO
MESTRANDA: **REJANE LUCI SILVA DA COSTA KNOTH**

FICHA DE AVALIAÇÃO DE ETAPA

Caro(a) aluno(a),

Você irá avaliar as aulas de Língua Portuguesa ministradas desde o início do projeto em que você está participando; mostre por meio de conceito (nota qualitativa) e de pontos (nota quantitativa) sua impressão do trabalho em curso. Inicie marcando com um X para avaliar as ações desenvolvidas nas aulas: **Ótimo, Bom ou Regular.**

AÇÕES REALIZADAS	ÓTIMO	BOM	REGULAR
1 As dinâmicas para introduzir as aulas			
2 O desenvolvimento dos conteúdos e das aulas			
3 Nível dos conteúdos que foram abordados			
4 As leituras realizadas nas aulas			
5 A qualidade dos recursos didáticos trazidos para classe			
6 A participação e envolvimento da turma			
7 As atividades orais			
8 As atividades escritas			
9 As tarefas de casa			
10 A linguagem utilizada e a comunicação nas aulas			

Agora, faça a avaliação quantitativa, segundo os critérios a seguir:

3,0 pontos para cada ÓTIMO que você marcou. 1,5 pontos para cada BOM marcado. 0,5 pontos para cada REGULAR que você marcou.

Some os pontos dos conceitos e responda: Qual sua nota para a Etapa do nosso projeto?_____

APÊNDICE 6:

ATIVIDADE: DINÂMICA

FATO: Os adolescentes não gostam de praticar esportes.

QUAL SUA OPINIÃO SOBRE ESTE FATO?.....

.....

.....

JUSTIFIQUE SUA OPINIÂO:

.....

.....

.....

Nome do(a) estudante- .....

APÊNDICE 7:

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Mestranda: Rejane Luci Silva Da Costa Knoth
Instituição de ensino parceira – Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins
Série – 8ª./9º. Ano Turma – A Turno - Matutino
Data – .....
Nome do(a) aluno(a) - .....

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

1) O texto que vamos ler é uma canção do baiano Gilberto Gil sobre sua visão a respeito da posição do negro na sociedade. Leia a letra da música, cante e veja o vídeo:

A MÃO DA LIMPEZA

O branco inventou que o negro
Quando não suja na entrada
Vai sujar na saída, ê
Imagina só
Vai sujar na saída, ê
Imagina só
Que mentira danada, ê

Na verdade a mão escrava
Passava a vida limpando
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o negro penava, ê

Mesmo depois de abolida a escravidão
Negra é a mão
De quem faz a limpeza
Lavando a roupa encardida, esfregando o chão
Negra é a mão
É a mão da pureza

Negra é a vida consumida ao pé do fogão
Negra é a mão
Nos preparando a mesa
Limpando as manchas do mundo com água e sabão
Negra é a mão
De imaculada nobreza

Na verdade a mão escrava
Passava a vida limpando
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o branco sujava, ê
Imagina só
Eta branco sujão.

Após a leitura, responda:

1) Qual a tese (opinião) defendida por Gil na letra da canção “A mão da limpeza”?

.....

.....

2) Escreva nos espaços em branco como o compositor defende sua tese, sua opinião; para tanto, responda aos questionamentos que seguem:

a)Primeiro, ele procura refutar (contestar) uma ideia preconceituosa a respeito do negro: que ideia é essa?

.....

.....

b)Depois, o cantor mostra que a essa ideia é frágil, superficial: que verso demonstra isso?

.....

.....

c)No final do texto, como o cantor confirma sua tese?

.....

.....

APÊNDICE 8:

Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Mestranda: Rejane Luci Silva Da Costa Knoth
Instituição de ensino parceira – Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins
Série – 8ª./9º. Ano Turma – A Turno - Matutino
Data – .....
Nome do aluno(a) - .....

TAREFA DE CASA

1) Leia a tira abaixo:

Podemos observar, ao ler a tirinha, que Calvin expressa suas ideias por meio de uma tese, de argumentos e de uma conclusão. Sabendo disso, responda:

a)Qual a tese? ----------

b)Quais os argumentos?

Argumento 1: ----------

Argumento 2:----------

Argumento 3: ----------

Argumento 4: ----------

2) Leia as assertivas abaixo, apresente sua opinião sobre o que elas afirmam e construa dois argumentos para defender o seu ponto de vista (sua opinião):

a) As redes sociais afastam as pessoas.

OPINIÃO: .....

.....

ARGUMENTO 1: .....

.....

ARGUMENTO 2: .....

.....

b) Não existe racismo no Brasil.

OPINIÃO: .....

.....

ARGUMENTO 1: .....

.....

ARGUMENTO 2: .....

.....

c) A televisão prejudica o hábito de ler.

OPINIÃO: .....

.....

ARGUMENTO 1: .....

.....

ARGUMENTO 2: .....

.....

SUCESSO!!

APÊNDICE 9:

Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Mestranda: Rejane Luci Silva Da Costa Knoth
Instituição de ensino parceira – Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins
Série – 8ª./9º. Ano Turma – A Turno - Matutino
Data – .....
Nome do(a) aluno(a) - .....

ATIVIDADE: DINÂMICA

A - PICHAÇÃO É ARTE. B - PICHAÇÃO NÃO É ARTE.

1) Que argumentos (motivos ou dados) relacionados abaixo podem sustentar a opção A ou a opção B? Leia as assertivas e coloque a letra correspondente nos parênteses:

a) ( ) As pichações sujam e empobrecem as cidades.

b) ( ) O pichador age de maneira pacífica. É o jeito que ele encontrou de mostrar ao mundo o que ele sente.

c) ( ) A verdadeira arte deve ser utilizada para reverter conceitos estabelecidos e provocar mudanças de comportamento, não para sujar prédios públicos.

d) ( ) O ato de pichar é a devolução, com ódio, de tudo de ruim que foi imposto ao jovem da periferia.

e) ( ) A pichação é uma atitude de vandalismo e tratada como crime. Já o grafite é considerado uma arte de rua, muitas vezes uma forma pacífica de protesto.

f) ( ) Toda arte que se preze tem de incomodar, causar no espectador algum tipo de reação à qual ele não está acostumado. A pichação é um bom exemplo de como cumprir bem este papel.

g) ( ) Os jovens da periferia das grandes cidades precisam aprender a canalizar esse ódio para atividades não violentas, como o rap, o grafite e até mesmo as pichações.

h) ( ) A pichação torna, o que antes era apenas um muro branco, sem qualquer atrativo, numa obra de arte.

i) ( ) A prática de pichar é condenada pelo artigo 65 da Lei dos Crimes Ambientais, número 9.605/98, e que estabelece punição de três meses a um ano de cadeia, além do pagamento de multa.

j) ( ) A pichação é o pano de fundo da cidade, um detalhe do cenário que combina com a cor do asfalto, o cinza dos prédios, o cheiro da fumaça que sai do escapamento dos ônibus, o barulho do motor, da buzina dos *motoboys*, da correria...

l) ( ) Na tentativa de coibir a ação dos pichadores, algumas cidades adotaram o grafite, que se difere da pichação por sua coloração e forma de escrita, para colorir muros de escolas, viadutos e espaços públicos.

m) ( ) A arte popular pode fazer parte das ruas, exibindo seu conteúdo e demonstrando que a estética é apenas uma questão de encantar as pessoas. No entanto, as pichações, aquelas realizadas por integrantes de gangues para marcar território ou simplesmente para fazer os pichadores serem conhecidos em seu meio, devem sim ser punidas como vandalismo, o que de fato são.

2) Que outro(s) argumento(s) você acrescentaria para dar sustentação a tese (a opinião) **A** e a opção **B**?

ARGUMENTO: OPINIÃO A -

.....

.....

.....

ARGUMENTO: OPINIÃO B -

.....

.....

.....

3) Para refutar (contradizer) os argumentos da opinião **A** e da opinião **B**, que contra-argumentos você usaria?

.....

.....

.....

SUCESSO!

APÊNDICE 10:

Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Mestranda: Rejane Luci Silva Da Costa Knoth
Instituição de ensino parceira – Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins
Série – 8ª./9º. Ano Turma – A Turno - Matutino
Data – .....
Nome do (a) aluno (a) - .....

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Leia o seguinte texto:

PICHAÇÃO: ARTE OU VANDALISMO?

Logo no inicio de 2014, fomos surpreendidos por uma notícia veiculada na mídia nacional: mais uma vez, obras de arte famosas foram alvo de pichações no Brasil. A estátua do famoso poeta Carlos Drummond de Andrade, que fica exposta em Copacabana, foi pichada por um casal que alegou estar deprimido.

Além de Drummond, o monumento a Estácio de Sá, no Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro, também foi alvo da ação e teve as marcas da depredação apagadas em um ato que faz parte da defesa da memória histórica da cidade. Vale ressaltar que o processo de limpeza de monumentos públicos custa caro e é difícil porque exige cuidados especiais, já que para cada pote de tinta utilizada na pichação, há um removedor diferente.

Mas o que é a pichação? Uma arte urbana, sujeira, crime ou manifestação artística? Vamos começar ressaltando que existe uma grande diferença entre grafite e pichação. O grafite é considerado uma arte de rua, muitas vezes uma forma pacífica de protesto. Já a pichação é uma atitude de vandalismo e tratada como crime.

A prática de pichar é condenada pelo artigo 65 da Lei dos Crimes Ambientais, número 9.605/98, e que estabelece punição de três meses a um ano de cadeia, além do pagamento de multa àquele que "pichar, grafitar ou, por outro meio, conspurcar edificação ou monumento urbano". No entanto, há uma grande dificuldade em punir quem pratica tal ato, principalmente pela falta de provas, já que as práticas são cometidas durante as madrugadas.

Infelizmente, os rastros das pichações estão em todas as partes e na grande maioria

das cidades brasileiras, sujando as ruas e, por muitas vezes, danificando os patrimônios públicos e privados. Inicialmente, tanto a pichação como o grafite foram considerados condutas penalmente reprováveis, pelo dano que causam ao ambiente, em razão da poluição visual. No entanto, na tentativa de coibir a ação dos pichadores, algumas cidades adotaram o grafite, que se difere da pichação por sua coloração e forma de escrita, para colorir muros de escolas, viadutos e espaços públicos.

Assim e de forma correta, a arte popular pode fazer parte das ruas, exibindo seu conteúdo e demonstrando que a estética é apenas uma questão de encantar as pessoas. A verdadeira arte, que não são as pichações que sujam e empobrecem as cidades, podem estar presentes no que antes era apenas um muro branco, sem qualquer atrativo.

Enquanto as pichações, aquelas realizadas por integrantes de gangues para marcar território ou simplesmente para fazer os pichadores serem conhecidos em seu meio, devem sim ser punidas como vandalismo, o que de fato são.

Janguiê Diniz por Eduardo Cavalcanti, seg, 20/01/2014
http://www.leiaja.com/coluna/2014/01/20/pichacao-arte-ou-vandalismo

Agora, responda:

1) A tese defendida pelo autor do texto é:

( ) Pichação é arte, mas deve ser tratada como crime.
( ) Pichação é vandalismo e é tratada como crime.
( ) A pichação e o grafite são artes diferentes.

2)Logo no primeiro parágrafo, o escritor expõe um fato que a partir dele seu texto é construído. Que fato é este?

( ) A depressão de um casal de pichadores.
( ) O fato de ser caro e difícil o processo de limpeza de locais que foram pichados.
( ) A pichação de monumentos históricos do Rio de Janeiro.

3)No texto, há comparações entre pichação e grafite. Transcreva uma das comparações, ou seja, uma argumentação por comparação.

.....

.....
.....
.....

4) Além das comparações entre pichação e grafite, que outro tipo de argumentação o autor utiliza para sustentar seu ponto de vista? Indique o parágrafo em que esta argumentação aparece.

.....

5) Como você classifica o texto quanto ao gênero?

( ) Notícia. ( ) Artigo de opinião.

Por quê? .....
.....
.....
.....

SAÚDE E SUCESSO!

APÊNDICE 11:

UNEB – Universidade do Estado da Bahia PROFLETRAS
Mestranda regente – Rejane Luci Silva da Costa Knoth
Instituição de ensino parceira – Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins
Série – 8ª./9º. Ano Turma – A Turno - Matutino
Data – .....
Nome do (a) aluno (a) - .....

TAREFA DE CASA

1) Leia o texto a seguir e depois responda atentamente as questões:

PICHAÇÃO É ARTE!

Trabalho como repórter-fotográfico em São Paulo e passo o dia todo rodando pelas ruas dessa gigantesca cidade. O banco da frente do carro de reportagem é meu escritório. O barulho das buzinas dos motoboys, o cheiro de fumaça e os congestionamentos fazem parte da minha rotina.

Faz tempo que comecei a prestar atenção às pichações que dominam os muros da cidade. Conheci alguns pichadores e descobri que existe uma guerra silenciosa na noite paulistana. Milhares de jovens disputam os lugares mais altos para marcar seu nome ou o de seu grupo. Eles escrevem num alfabeto próprio, desenvolvido com linguagem e códigos específicos. Ganha a disputa quem pichar mais alto, no lugar com maior visibilidade.

A cada nova história que escutava eu me interessava mais pelo assunto. Passei a reparar nas letras, a tentar decifrar cada palavra e mensagem como se fosse um quebra-cabeça. Aos poucos, aquilo que parecia caótico começou a fazer sentido para mim. Percebi que aquilo não era tão feio como alardeavam. Na verdade, a suposta feiura da pichação até combinava com a paisagem acinzentada de São Paulo. O estilo das letras, a forma, o jeito com que elas são escritas são lindos. Adoro ver no alto dos prédios aquelas pichações enormes, com letras enfumaçadas. Tento imaginar quem fez, como fez e o que passou pela cabeça dele enquanto fazia.

Pouca gente sabe, mas o estilo de letras criado pelos pichadores de São Paulo é cultuado na Europa. Existem livros na Alemanha que tratam exclusivamente da bela grafia das pichações paulistanas, com fotos e textos analíticos sobre o assunto. Creio que ao lado dos motoboys, os pichadores são o que há de mais representativo e genuinamente paulistano.

Além de bonito, o ato de pichar é um efeito colateral do sistema. É a devolução, com ódio, de tudo de ruim que foi imposto ao jovem da periferia. Muitos garotos tratados como marginais nas delegacias, mesmo quando são vítimas, ridicularizados em escolas públicas ruins e obrigados a viajar num sistema de transporte de péssima qualidade devolvem essa raiva na forma de assaltos, sequestros e crimes. O pichador faz isso de uma maneira pacífica. É o jeito que ele encontrou de mostrar ao mundo que existe. Os jovens da periferia das grandes

cidades precisam aprender a canalizar esse ódio para atividades não violentas, como o rap, o grafite e até mesmo as pichações – que também podem ser consideradas um esporte de ação, tamanha a descarga de adrenalina que libera em seus praticantes. Ser pichador requer ótimo preparo físico para escalar muros e prédios, andar por parapeitos com latas de *spray* e correndo o risco de ser pego pela polícia ou por algum morador furioso.

Não é só por isso que considero artísticas as pichações de São Paulo. A definição do que é arte tem algo de relativo e abstrato. O que é arte para uns, pode não ser para outros. Tudo depende das informações que cada um tem, onde e como vive, como cresceu e que tipo de formação educacional teve. É verdade que a ação dos pichadores desagrada e é condenada pela maioria das pessoas que vivem em São Paulo. Mas grandes artistas do último século usaram a arte para reverter conceitos estabelecidos e provocar mudanças de comportamento. Para isso, precisaram incomodar o **establishment.* Toda arte que se preze tem de incomodar, causar no espectador algum tipo de reação à qual ele não está acostumado. A pichação é um bom exemplo de como cumprir bem este papel.

Não defendo que cada leitor compre uma lata de spray e saia pichando seu nome por aí. Apenas tento entender, livre de preconceitos, um fenômeno que é visível nos pontos mais movimentados da cidade e que faz parte da vida de todos que andam por São Paulo. A pichação é o pano de fundo da cidade, um detalhe do cenário que combina com a cor do asfalto, o cinza dos prédios, o cheiro da fumaça que sai do escapamento dos ônibus, o barulho do motor, da buzina dos motoboys, da correria...

Edição 213, Maio de 2005

João Wainer tem 28 anos e é repórter-fotográfico do jornal Folha de S. Paulo desde 1996.

http://super.abril.com.br/cultura/pichacao-e-arte

Establishment: a elite social, econômica e política de uma país"; grupo de indivíduos com poder e influência em determinada organização ou campo de atividade (*Dicionário Houaiss da língua portuguesa*: 2001).

1) O texto de João Wainer apresenta no título um posicionamento, afirma que pichação é arte. O que fez o repórter-fotográfico do jornal *Folha de S. Paulo* para chegar a esta tese:

( ) Descobriu que na Europa a linguagem dos pichadores paulistanos é cultuada.

( ) Observou a "gigantesca" cidade paulistana e conversou com pichadores.

( ) Percebeu que pichadores e motoboys representam a cidade de São Paulo.

2)Leia os trechos retirados do texto e escreva nos parênteses (O) para o que representa a opinião do autor e (F) para o que pode ser considerado fato.

( ) “Trabalho como repórter-fotográfico em São Paulo e passo o dia todo rodando pelas ruas dessa gigantesca cidade”.
( ) “Eles escrevem num alfabeto próprio, desenvolvido com linguagem e códigos específicos”.
( ) “Na verdade, a suposta feiura da pichação até combinava com a paisagem acinzentada de São Paulo”.
( ) “Existem livros na Alemanha que tratam exclusivamente da bela grafia das pichações paulistanas, com fotos e textos analíticos sobre o assunto”.
( ) “Creio que ao lado dos motoboys, os pichadores são o que há de mais representativo e genuinamente paulistano”.
( ) “Além de bonito, o ato de pichar é um efeito colateral do sistema. É a devolução, com ódio, de tudo de ruim que foi imposto ao jovem da periferia”.

3)O texto é um artigo de opinião, por que:

( ) Relata um acontecimento.
( ) Apresenta a opinião de um autor sobre o assunto tratado.
( ) Apresenta uma explicação sobre um assunto específico.

4)Para que sua tese seja sustentada o repórter utiliza algumas estratégias argumentativas. Identifique-as (consulte sua ficha “Tipos de argumentação”).

“A cada nova história que escutava eu me interessava mais pelo assunto. Passei a reparar nas letras, a tentar decifrar cada palavra e mensagem como se fosse um quebra-cabeça. Aos poucos, aquilo que parecia caótico começou a fazer sentido para mim”.

.....

“Além de bonito, o ato de pichar é um efeito colateral do sistema. É a devolução, com ódio, de tudo de ruim que foi imposto ao jovem da periferia”.

.....

”Existem livros na Alemanha que tratam exclusivamente da bela grafia das pichações paulistanas...”

.....

“Mas grandes artistas do último século usaram a arte para reverter conceitos estabelecidos e provocar mudanças de comportamento. Para isso, precisaram incomodar o *establishment”.*

.....

5) Ao concluir seu artigo, o fotógrafo:

( ) Não defende mais a tese inicial, mesmo sabendo que a pichação “faz parte da vida de todos que andam por São Paulo “.

( ) Constrói uma nova tese afirmando que “A pichação é o pano de fundo da cidade, um detalhe do cenário que combina com a cor do asfalto, o cinza dos prédios, ...”etc.

( ) Reafirma sua ideia, por achar que a pichação “faz parte da vida de todos que andam por São Paulo”.

SUCESSO!

APÊNDICE 12:

UNEB – Universidade do Estado da Bahia PROFLETRAS
Mestranda regente – Rejane Luci Silva da Costa Knoth
Instituição de ensino parceira – Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins
Série – 8ª./9º. Ano Turma – A Turno - Matutino
Data – .....
Nome do (a) aluno (a) - .....

TIPOS DE ARGUMENTAÇÃO

No desenvolvimento do texto argumentativo, é importante apresentar ideias que sejam consistentes na defesa de um ponto de vista. No dia a dia, selecionamos informações, citamos autoridades em diversos assuntos ou utilizamos dados estatísticos quando queremos convencer alguém do nosso ponto de vista acerca de um assunto. Qualquer informação pode transformar-se em um argumento, desde que esteja em defesa de uma tese.

1 Argumentação por comparação

A comparação é uma forma de mostrar que um determinado fato é pertinente à defesa da tese, porque, ao estabelecer um paralelo entre duas ideias, pode conduzir o raciocínio a uma conclusão.

EXEMPLO: Enquanto países como Inglaterra e Canadá têm leis que protegem as crianças da exposição ao sexo e à violência na televisão, no Brasil não há nenhum controle efetivo sobre a programação. Não é de surpreender que muitos brasileiros estejam defendendo alguma forma de censura sobre a televisão.
*(www.ebah.com.br/content/ABAAAehsUAB/**argumentos**-comparacao)*

2 Argumentação por exemplificação

A exemplificação é uma forma muito eficiente de tornar consistentes as ideias do texto. Deve-se, contudo, atentar para o fato de o exemplo selecionado ser pertinente à tese defendida.

EXEMPLO: A televisão brasileira presta culto à frivolidade. A sociedade desenhada nas novelas é um convite à transgressão. A exaltação do sucesso sem balizas éticas, a trivialização da violência e a apresentação de aberrações num clima de normalidade têm transformado adolescentes em aspirantes à contravenção.
(Carlos Alberto Di Franco)

3 Argumentação de autoridade

A ideia se sustenta pela citação de uma fonte confiável, que pode ser um

especialista no assunto ou dados de instituição de pesquisa, uma frase dita por alguém, líder ou político, algum artista famoso ou algum pensador, enfim, uma autoridade no assunto abordado. A citação pode auxiliar e deixar consistente a tese.

Não se esqueça de que a frase citada deve vir entre aspas. Veja:

"O cinema nacional conquistou nos últimos anos qualidade e faturamento nunca vistos antes. 'Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça' - a famosa frase-conceito do diretor Glauber Rocha – virou uma fórmula eficiente para explicar os R$ 130 milhões que o cinema brasileiro faturou no ano passado".

(Adaptado de Época, 14/04/2004)

4. Argumentação por causa e consequência

Para comprovar uma tese, você pode buscar as relações de causa (os motivos, os porquês) e de consequência (os efeitos). Algumas expressões indicadoras de:

- causa: por causa de, graças a, em virtude de, em vista de, devido a, por motivo de.
- consequência: consequentemente, em decorrência, como resultado, efeito de.

Algumas expressões que podem ser usadas para abordar temas com divergência de opiniões: em contrapartida, se por um lado... / por outro... , enquanto uns afirmam... / outros dizem que...

EXEMPLO: "Ao se desesperar em um congestionamento em São Paulo, daqueles em que o automóvel não se move nem quando o sinal está verde, o indivíduo deve saber que, por trás de sua irritação crônica e cotidiana, está uma monumental ignorância histórica.

São Paulo só chegou a esse caos porque um seleto grupo de dirigentes decidiu, no início do século, que não deveríamos ter metrô. Como cresce dia a dia o número de veículos, a tendência é piorar ainda mais o congestionamento – o que leva técnicos a preverem como inevitável a implantação de perigos".

(Adaptado de Folha de S. Paulo. 01/10/2000)

Referências

Olimpíada de Língua Portuguesa. Na Ponta do Lápis, ano VI, n. 14, jun. 2010.
http://www.graudez.com.br/redacao/ch05.html 91
http://www.scribd.com/doc/2515372/Dissertacao
http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/sala_de_aula/portugues/redacao/dissertacao_e_narracao/argumentos
http://portmaisfacil.blogspot.com.br/2012/06/para-producao-de-textos-argumentacao-e.html
http://educacao.uol.com.br/disciplinas/ingles/evidencias-reunindo-dados-e-fatos-para-sustentar-sua-argumentacao.htm
http://pucrs.br/gpt/falacias.php

APÊNDICE 13:

Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Mestranda:Rejane Luci Silva Da Costa Knoth
Instituição de ensino parceira – Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins
Série – 8ª./9º. Ano Turma – A Turno - Matutino
Data – .....
Nome do (a) aluno (a) - .....

TAREFA DE CASA

1) Leia os trechos a seguir, grife e indique um tipo de argumentação utilizada pelo seus autores.

a)Todos os palestrantes concordaram que a participação da sociedade civil é fundamental para que qualquer debate sobre a comunicação avance no Congresso. “Se dependermos apenas do conservadorismo da Câmara e do Senado, será muito difícil avançar”, discursou o deputado Ivan Valente. Ele destacou o fato de que existem parlamentares no Congresso que têm fortes vínculos ou até mesmo são proprietários de meios de comunicação. “Até os Estados Unidos, o país mais liberal do mundo, estabelece limites para evitar monopólios e define que quem tem rádio não pode ter televisão, e vice-versa. Precisamos pautar-nos em propostas como essas”.

(*Ricardo Carvalho.* Regulação da mídia é pela liberdade de expressão. Carta capital. In: http://www.cartacapital.com.br/politica/regulacao-da-midia-e-pela-liberdade-de-expressao)

.....

b)Para a presidente do Conselho Federal de Nutricionistas, Rosane Nascimento, não é necessário que o Brasil lance mão de práticas baseadas no uso de agrotóxicos e mudanças genéticas para alimentar a população. "Estamos cansados de saber que o Brasil produz alimento mais do que suficiente para alimentar a sua população e este tipo de artifício não é necessário. A lógica dessa utilização é a do capital em detrimento do respeito ao cidadão e do direito que ele

tem de se alimentar com qualidade", protesta. (Raquel Júnia. Agronegócio não garante segurançaalimentar.

http://carosamigos.terra.com.br/)

.....

c)No final do século XX, o país passou por um período de grande prosperidade econômica que ficou conhecido como “Milagre econômico”. O otimismo gerado por essa conjuntura traduziu-se em uma frase que permanece, até hoje, na cultura popular: “Brasil: o país do futuro”. O crescente número de imigrantes que buscam terras tupiniquins, porém, revela que talvez o futuro esteja próximo de chegar. Dessa forma, é preciso enxergar a oportunidade de crescimento que tal fenômeno representa e propor medidas que maximizem os benefícios e minimizem os problemas.

(http://www.escreveronline.com.br/site/tese-texto-argumentativo)

.....

d)Crise é fundamental em ciência; sem crise não há progresso, apenas estagnação. Quando investigamos como a ciência progride na prática, vemos que é aos trancos e barrancos: os cientistas não têm sempre todas as respostas na ponta da língua. O

processo criativo de um cientista pode ser bem dramático, muitas vezes envolvendo a agonia da dúvida e, em alguns casos, o êxtase da descoberta. Vista sob esse prisma, a ciência não está assim tão distante da arte.

.....

e)Na maioria das vezes, as crises nas ciências naturais são criadas por experiências realizadas em laboratórios ou por observações astronômicas que simplesmente não se encaixam nas descrições e teorias da época: novas ideias são necessárias, ideias essas que, às vezes, podem ser revolucionárias. Em geral, revolução em ciência implica novas e inesperadas concepções da realidade, chocantes a ponto de intimidar os próprios cientistas.

(GLEISER, Marcelo. Folha de São Paulo, 26/05/2002.

APÊNDICE 14:

Cotas raciais

O sistema de cotas, programa governamental cuja função é "reparar as desigualdades sociais", é para mim, uma das fontes de alimentação do preconceito, embora, devo considerar que seja uma medida emergencial à inserção do negro nas universidades e cargos públicos.

Considero como uma fonte de alimentação ao preconceito, friso que sou contrária a todo e qualquer tipo de manifestação deste, vez que ao inserir o indivíduo, seja na universidade ou no campo profissional por meio de cotas, estão dizendo em primeiro lugar que não temos competência para tal, segundo que só chegamos ali, na condição de negros que somos, porque o Estado deu uma forcinha. Por conseguinte, se a intenção do governo é inserir, oportunizar e resolver as questões das desigualdades, ele já começou agindo de maneira desigual, preconceituosa e excludente, pois alcança uma parte desses indivíduos e marginaliza outra.

Como é possível num país de negros, muitos negros, que se estipule x vagas em universidades ou concursos públicos para que estes sem preparo algum concorram entre si? Parece justo, não? Sim, mas e os demais como serão alcançados? A lógica não seria que o governo, cuja função social é garantir os direitos básicos do cidadão, lhes propiciasse ensino de qualidade?

Muitas vezes ouvimos as pessoas dizerem que as Universidades públicas deveriam ser voltadas para alunos de escolas públicas e não aos brancos e ricos. Concordo. Mas aqui nos deparamos com outro conflito, se assim fossem teriam a qualidade que têm? Não. Vou citar dois motivos para essa afirmativa-negativa: Em primeiro lugar quem são os alunos das escolas públicas? Pois bem, são negros e pobres, em segundo qual a qualidade de ensino destas instituições? A pior. Logo, embora o senso que temos sobre essa problemática seja válida, não teria a mesma qualidade, pois os alunos da escola pública não são preparados para enfrentar o ensino superior, aliás em muitos casos, para nada.

(...)

Por fim, friso que embora seja uma oportunidade para nós negros, não devemos nos acomodar e aplaudir o sistema de cotas. Pois, muito embora, neste momento ele venha a abrir portas, em muitos casos também fecha pela alimentação do preconceito, afinal para muitos só chegaremos lá graças a forcinha do Estado e não pelo nossa competência. E, desta forma, cabe a cada um de nós na qualidade de cidadãos buscar nossos direitos, seja por meio da política com o voto consciente, seja mediante a manifestação social de repúdio a toda e qualquer política que não priorize a educação básica, mas sim garimpar votos dos desinformados, excluir e marginalizar as pessoas.

http://desatandoosnosdaredacao.blogspot.com.br/2015/07/artigo-de-opiniao-cotas-raciais.html

“SOU CONTRA, MAS VOU PARTICIPAR DO SISTEMA DE COTAS” COTAS

Por Marla Rodrigues

Essa é a declaração de Régis de Moraes, 22 anos, recém-formado em Biomedicina pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Régis, que é negro, tenta desde 2004 uma vaga no curso de **Medicina**, no entanto nunca foi aprovado, apesar das notas bem próximas ao ponto de corte.

O biomédico é contra todos os sistemas de cotas, mas acredita que essa é a maneira que ele tem para poder ingressar na UnB. Ele, que estudou em escola particular com bolsa integral durante toda a sua vida escolar, acredita que as **cotas** deveriam ser encaradas como uma alternativa e não como uma solução. Em sua visão, o governo deveria concentrar seus esforços na educação básica de qualidade e não em uma medida paliativa na graduação.

Régis era o único aluno negro de sua turma de Biomedicina, conheceu pouquíssimos negros na **UFG** e apenas um estudante oriundo de escola pública, “mas era Cefet”, diz ele, referindo-se ao bom conceito da instituição na cidade de Goiânia. Ele é contra as cotas raciais porque acredita que essa política ajuda a estereotipar os negros como “incapazes”. Para provar o contrário ele mostra as excelentes notas obtidas ao longo dos quatro anos da faculdade, além dos certificados de participação em projetos de pesquisa fomentados pela universidade e pelo CNPq.

O fato de ter estudado em colégio particular ajudou, mas ele afirma que teria tido bons resultados mesmo que tivesse estudado toda a vida em escolas da rede pública de ensino. “O rendimento depende do esforço do aluno e nisso eu sempre tive bons exemplos e um objetivo claro”, diz ele, que é filho de professora e sempre sonhou em ser médico. “O fato de prestar o vestibular como cotista é apenas uma forma de tentar usar o sistema a meu favor, e não contra mim”. Neste semestre ele vai concorrer a uma das sete vagas reservadas para negros. Segundo ele, no último semestre o ponto de corte de Medicina da UnB no sistema universal foi 415, enquanto que para o sistema de cotas o número foi 388.

Seu medo é obter uma média 411, por exemplo, e ficar de fora do processo seletivo. Por esse motivo, a escolha em prestar o vestibular pela primeira vez como cotista. Ele afirma não ter sofrido preconceito na UFG, já que a instituição não adotou nenhum tipo de reserva de vagas, mas já imagina como será sua recepção em Brasília: “acho que vão pensar que sou incapaz, que eu só estou lá por causa das cotas, mesmo que fosse aprovado no sistema universal”. Este não parece um problema para Régis, que está confiante em sua aprovação neste ano.
Aprovado pela UnB, o desafio será outro: mudar de cidade (ele mora em Goiânia) e manter-se financeiramente na cidade que tem o custo de vida mais caro do país. Mas, para quem já superou dificuldades maiores, esse deve ser o menor dos problemas para Régis. Boa sorte!

http://vestibular.brasilescola.uol.com.br/cotas/sou-contra-mas-vou-participar-sistema-cotas.htm

Entenda como funciona a lei que reserva cotas para negros e pardos em concursos públicos

Desde o dia 10 de junho de 2014 está em vigor a Lei 12.990/14, que destina um quinto das vagas de concursos públicos para negros e pardos.

Oito meses depois, muitos candidatos ainda têm dúvidas de como funciona essa lei, quem tem direito, se a lei abrange todos os concursos… Nós preparamos esse post especialmente para explicar os principais pontos dessa lei. Confira!

O que a lei determina?
O texto define reserva de 20% das vagas em concursos para a administração pública federal direta e indireta, para autarquias, agências reguladoras, fundações públicas, empresas públicas e sociedades de economia mista controladas pela União. Podem concorrer às vagas da cota racial todos que se declararem pretos ou pardos no ato da inscrição no concurso, conforme os critérios do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE).

A lei vale para qualquer concurso que aconteça no país?
Não, apenas para os concursos em âmbito federal e nos cargos ligados ao Poder Executivo. Estão excluídos, portanto, os certames municipais e estaduais, bem como os relacionados aos poderes Legislativo e o Judiciário. O Senado é a única exceção, tendo instituído a reserva de 20% das vagas para negros e pardos em seus concursos e contratos de terceirização.

Os candidatos negros só poderão concorrer pelo sistema de cotas?
Não, podem disputar tanto as vagas reservadas quanto as destinadas à ampla concorrência. Se o candidato for aprovado dentro da ampla concorrência, seu nome não será contado para o preenchimento das cotas.

A aplicação da lei está prevista para concursos com qualquer número de vagas?
Conforme a lei, haverá cota racial sempre que o número de vagas oferecidas no concurso público for igual ou superior a três. No caso de 20% das vagas resultar em um número fracionado, será arredondado para cima sempre que a fração for igual ou maior que 0,5, e para baixo quando for menor que 0,5.

E se não houver aprovados suficientes para as vagas?
Caso isso ocorra, o restante das vagas será preenchida pelos candidatos à ampla concorrência.
http://www.espacojuridico.com/blog/entenda-como-funciona-a-lei-que-reserva-cotas-para-negros-e-pardos-em-concursos-publicos/

Entenda como funciona a lei que reserva cotas para negros e pardos em concursos públicos

Desde o dia 10 de junho de 2014 está em vigor a Lei 12.990/14, que destina um quinto das vagas de concursos públicos para negros e pardos.Oito meses depois, muitos candidatos ainda têm dúvidas de como funciona essa lei, quem tem direito, se a lei abrange todos os concursos… Nós preparamos esse post especialmente para explicar os principais pontos dessa lei. Confira!

Como e quando ocorre a autodeclaração sobre a raça de um candidato?
No momento da inscrição no concurso, o candidato deve preencher a informação no formulário que se declara preta ou parda, segundo o quesito de cor e raça do IBGE.

Pretendo me declarar negro ou pardo, mas não tenho nenhum documento que comprove isso. O que fazer?

Se você realmente não tem como sustentar sua autodeclaração, é melhor desistir. Caso seja aprovado, precisará de um documento para comprovar essa condição.

Como serão descobertas as declarações falsas?
Existe um processo chamado investigação social, onde são checadas não apenas essa declaração, como também outras informações do candidato, tais quais a declaração de bens, por exemplo. Se ficar provado que a declaração é falsa, aprovado será eliminado do concurso. Se já tiver sido nomeado, sofrerá um procedimento administrativo e a sua admissão poderá ser anulada.

De onde veio a ideia da cota racial em concursos?
Foi baseado em um estudo realizado pelo governo federal, analisando o perfil das pessoas que ingressaram no serviço público nos últimos 10 anos. Constatou-se que em 2004, 22% dos funcionários públicos eram negros. Já em 2013, o índice atingiu cerca de 30% do quadro funcional. A expectativa é que essa participação chegue a representar o mínimo de 50%.

No país, há estados que reservam vagas para negros nos concursos?
Pelo menos quatro estados já possuíam leis que reservam cotas de vagas para candidatos negros: Paraná, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. No Rio Grande do Sul, a lei prevê a reserva de 15% das vagas para negros, pardos e indígenas de todos os concursos da administração pública direta e indireta de todos os poderes do Estado. No Paraná são 10% para negros; no Mato Grosso do Sul são 10% para negros e 3% para índios, e no Rio de Janeiro são 20% para negros e índios.
Os candidatos devem comprovar sua condição por meio de ficha e declaração por escrito. E tanto no Paraná, como no Mato Grosso do Sul, há ainda uma banca que faz uma avaliação visual para confirmar a declaração por meio de análise da cor da pele e características como tipo de cabelo, formato da boca e nariz.

http://www.espacojuridico.com/blog/entenda-como-funciona-a-lei-que-reserva-cotas-para-negros-e-pardos-em-concursos-publicos/

APÊNDICE 15:

UNEB – Universidade do Estado da Bahia PROFLETRAS
Mestranda regente – Rejane Luci Silva da Costa Knoth
Instituição de ensino parceira – Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins
Série – 8ª./9º. Ano Turma – A Turno - Matutino
Nome do (a) aluno(a) - .....

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

1) Leia os textos a seguir e construa uma tese a favor ou contra sobre o sistema de cotas:

a)

.....

b)

.....

2) Leia o texto abaixo e responda às questões que seguem.

Ser contra cotas raciais é concordar com a perpetuação do racismo

Djamila Ribeiro — publicado 15/07/2015 13h23
Pesquisadora na área de Filosofia Política e feminista. É secretária-adjunta da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo.

Fomos das senzalas às favelas. A maioria da população negra é pobre por conta da herança escravocrata, que deve ser reparada

É comum algumas pessoas não entenderem por que afirmamos que pessoas contra cotas raciais são racistas. Há quem pense que racismo diz respeito somente a ofensas, injúrias e não percebem o quanto vai muito mais além: se trata de um sistema de opressão que privilegia um grupo racial em detrimento de outro.

No Brasil, foram 354 anos de escravidão, população negra escravizada trabalhando para enriquecer a branca. No pós-abolição, no processo de industrialização do Brasil, incentivou-se a vinda dos imigrantes europeus pra cá. Muitos inclusive receberam terras do Estado brasileiro, ou seja, foram beneficiados por ação afirmativa para iniciarem suas vidas por aqui. Tiveram acesso a trabalho remunerado e, se hoje a maioria de seus descendentes desfrutam de uma realidade confortável foi porque foram ajudados pelo governo pra isso.

Em contrapartida, para a população negra não se criou mecanismos de inclusão. Das senzalas fomos para as favelas. Se hoje a maioria da população negra é pobre é por conta dessa herança escravocrata e por falta da criação desses mecanismos. É necessário conhecer a história deste País para entender porque certas medidas, como ações afirmativas, são justas e necessárias. Elas precisam existir justamente porque a sociedade é excludente e injusta para com a população negra.

Cota é uma modalidade de ação afirmativa que visa diminuir as distâncias, no caso das universidades, na educação superior. Mesmo sendo a maioria no Brasil, a população negra é muito pequena na academia. E por quê? Porque o racismo institucional impede a mobilidade social e o acesso da população negra a esses espaços.

Pessoas brancas são privilegiadas e beneficiadas pelo racismo. Um garoto branco de classe média, que estudou em boas escolas, come bem, aprende outros idiomas, tem lazer e passa em uma universidade pública, pode se achar o máximo das galáxias, mas na verdade o que ocorre é que ele teve oportunidades na vida pra isso. Qual mérito ele teve? Nenhum. O que ele teve foi condições pra isso.

Um garoto negro pobre, que estuda nas péssimas escolas públicas, come mal, não tem acesso a lazer, para passar em uma universidade terá muito mais dificuldades para isso porque não teve as mesmas oportunidades. Cota não diz respeito à capacidade, capacidade sabemos que temos; cota diz respeito a *oportunidades*. São elas que não são as mesmas.

Se o Estado brasileiro racista priva a população negra dessas oportunidades é dever desse mesmo Estado construir mecanismos para mudar isso. O movimento

negro sempre reivindicou cotas juntamente com a melhoria do ensino de base. Só que, segundo pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), demoraria por volta de 50 anos para que a educação de base fosse de qualidade. Quantas mais gerações condenaríamos sem as cotas?

Cotas e investimento no ensino de base não são tópicos excludentes, ao contrário, devem acontecer concomitantemente. Cotas não são pensão da previdência, são medidas emergenciais temporárias que devem existir até as distâncias diminuírem.

Minha avó materna nascida na década de 20 teve de começar a trabalhar aos 9 anos de idade como empregada doméstica. O Estado brasileiro não garantiu seu direito à educação. Ela contava que a patroa colocava um banquinho para que ela alcançasse a pia para lavar as louças enquanto os filhos da patroa estudavam, viajavam, comiam bem.

Joselia Oliveira, atleta de levantamento de peso, possui uma história similar. Trabalhou como empregada, cuidava dos filhos da patroa enquanto os mesmo faziam balé, inglês. “Sou do interior do Rio de Janeiro, aos 6 anos já subia no banquinho para lavar louças e cuidava de crianças menores. Algumas dessas famílias me trouxeram para o Rio de Janeiro com a promessa de cuidarem de mim, mas eu só trabalhava, não recebia salários e ganhava roupas e brinquedos usados. Muitas meninas do meu bairro tiveram o mesmo destino. Só aos 14 anos fui entendendo que aquilo era exploração, mas recuperar tanto tempo perdido não é fácil. Por isso, cotas são necessárias”, diz.

Joselia nasceu em 1978 e ainda enfrentou a mesma realidade de minha avó, o que na verdade é a realidade de muitas mulheres negras. Infelizmente, essa ainda é a regra. E, para se pensar políticas públicas, devemos nos ater à regra e não a exceções. Utilizar o ex-ministro do Supremo Tribunal Federal Joaquim Barbosa como exemplo, quando a maioria da população negra está na pobreza, é além de um argumento falho, ignorância e má fé.

(...)

Cotas raciais porque esse País possui uma dívida histórica para com a população negra. Dizer-se antirracistas e ser contra as cotas é, no mínimo, uma contradição cognitiva e, no máximo, racismo.

Ou se lida com isso ou se repensa e questiona os próprios privilégios. Fazer-se de vítima é reclamar de exclusões que nunca passou.

http://www.cartacapital.com.br/sociedade/ser-contra-cotas-raciais-e-concordar-com-a-perpetuacao-do-racismo-1359.html

3) Qual a tese defendida no texto lido?

.....

4) Para dar sustentação a sua tese e provar aos leitores do seu posicionamento, a argumentação usada pelo autor é constituída por exemplificações, comparações, entre outros. Diante disso, complete as lacunas, de acordo com o texto.

a) No segundo e terceiro parágrafos, a autora destaca fatos históricos relacionados à escravidão e à pós-abolição. O que ela destaca sobre:

A escravidão: .....

.....

Pós-abolição:.....

.....

A população negra pós-abolição:.....

.....

b)Transcreva um trecho do quarto parágrafo no qual a autora justifica seu ponto de vista a favor das cotas.
.....

.....

c) A autora faz comparações para mostrar que as cotas não têm a ver com capacidade, e sim com oportunidade. O que ela destaca ao comparar um “garoto branco de classe média” e um “garoto negro pobre”.
.....

.....

.....

.....
d) Escreva (F) para o que é fato e (O) para o que é opinião:

( ) ”O movimento negro sempre reivindicou cotas juntamente com a melhoria do ensino de base”.
( ) “Cotas e investimento no ensino de base não são tópicos excludentes, ao contrário, devem acontecer concomitantemente”.
( ) “Só que, segundo pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), demoraria por volta de 50 anos para que a educação de base fosse de qualidade”.
( )“Cotas não são pensão da previdência, são medidas emergenciais temporárias que devem existir até as distâncias diminuírem”.

e) Depois, a autora discorre sobre sua avó e sobre Joselia Oliveira, atleta de levantamento de peso, que possuem histórias muito parecidas, para afirmar que “para se pensar políticas públicas, devemos nos ater à regra e não a exceções”. Copie o trecho que, segundo ela, é exemplo de uma exceção e não de uma regra.

.....

.....

.....

4) Circule no texto a parte em que a autora apresenta sua conclusão.

5) Qual a finalidade do texto, considerando a maneira de abordar o tema?

( ) Explicar o sentido das cotas raciais e sociais.
( ) Informar acerca das cotas raciais e como o Estado trata o problema.
( ) Tornar pública a opinião do autor sobre o sistema de cotas, explicitando os motivos que justificam seu ponto de vista, com o objetivo de convencer o leitor.

a) O texto "Ser contra cotas raciais é concordar com a perpetuação do racismo" é do gênero:

( ) Notícia ( ) Reportagem ( ) Artigo de opinião

O gênero artigo de opinião é o que utiliza a argumentação para discutir, analisar ou avaliar um problema ou uma questão, algumas vezes, polêmica. O seu autor, o articulista, mostra sua opinião a respeito de um tema da atualidade que seja de relevância. O objetivo de quem escreve um texto do gênero é o de convencer o outro de um posicionamento, tentando influenciá-lo por meio da argumentação e da contra-argumentação (refutação).

Estrutura do artigo de opinião:

Um artigo de opinião pode ser estruturado da seguinte forma (que não é rígida):

a) O problema: contextualiza o assunto que será discutido. O problema ou a questão que será desenvolvida é apresentada, bem como o objetivo da argumentação que será defendida no corpo do artigo, salientando a importância do tema.
b) A discussão: os argumentos são elencados sobre a questão por intermédio de provas que sejam a favor da opinião que o autor quer sustentar, à medida que desconsidera os argumentos contra. Para isso, usam-se fatos concretos, dados numéricos, frases ou depoimentos de uma autoridade ou opinião especializada, comprovações científicas, comparações. Essas provas precisam está relacionadas e organizadas em uma sequência lógica para sustentar a tese defendida, convencer e interagir com o leitor.

c) A conclusão: o problema (ou questão) é respondido, o escritor reafirma a postura que já abordou inicialmente, podendo sugerir soluções ou ideias para que o problema seja sanado ou que amenizado.

6) Tendo por base o tema: O sistema de cotas, escolha uma das duas teses construídas no primeiro quesito e produza um parágrafo argumentativo, utilizando a argumentação por comparação para defende-la.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

SUCESSO!!

APÊNDICE 16:

UNEB – Universidade do Estado da Bahia PROFLETRAS
Mestranda regente – Rejane Luci Silva da Costa Knoth
Instituição de ensino parceira – Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins
Série – 8ª./9º. Ano Turma – A Turno - Matutino
Nome do (a) aluno(a) - .....

TAREFA DE CASA

1) Leia o texto:

Cotas raciais

O sistema de cotas, programa governamental cuja função é "reparar as desigualdades sociais", é para mim, uma das fontes de alimentação do preconceito, embora, devo considerar que seja uma medida emergencial à inserção do negro nas universidades e cargos públicos.

Considero como uma fonte de alimentação ao preconceito, friso que sou contrária a todo e qualquer tipo de manifestação, uma vez que ao inserir o indivíduo, seja na universidade ou no campo profissional por meio de cotas, estão dizendo em primeiro lugar que não temos competência para tal, segundo que só chegamos ali, na condição de negros que somos, porque o Estado deu uma forcinha. Por conseguinte, se a intenção do governo é inserir, oportunizar e resolver as questões das desigualdades, ele já começou agindo de maneira desigual, preconceituosa e excludente, pois alcança uma parte desses indivíduos e marginaliza outra.

Como é possível num país de negros, muitos negros, que se estipule x vagas em universidades ou concursos públicos para que estes sem preparo algum concorram entre si? Parece justo, não? Sim, mas e os demais como serão alcançados? A lógica não seria que o governo, cuja função social é garantir os direitos básicos do cidadão, lhes propiciasse ensino de qualidade?

Muitas vezes ouvimos as pessoas dizerem que as Universidades públicas deveriam ser voltadas para alunos de escolas públicas e não aos brancos e ricos. Concordo. Mas aqui nos deparamos com outro conflito, se assim fossem teriam a qualidade que têm? Não. Vou citar dois motivos para essa afirmativa-negativa: Em primeiro lugar quem são os alunos das escolas públicas? Pois bem, são negros e pobres, em segundo qual a qualidade de ensino destas instituições? A pior. Logo, embora o senso que temos sobre essa problemática seja válida, não teria a mesma qualidade, pois os alunos da escola pública não são preparados para enfrentar o ensino superior, aliás em muitos casos, para nada. (...)

Por fim, friso que embora seja uma oportunidade para nós negros, não devemos nos acomodar e aplaudir o sistema de cotas. Pois, muito embora, neste momento ele venha a abrir portas, em muitos casos também fecha pela alimentação do preconceito, afinal para muitos só chegaremos lá graças a forcinha do Estado e não pelo nossa competência. E, desta forma, cabe a cada um de nós na qualidade de cidadãos buscar nossos direitos, seja mediante a política com o voto consciente, seja por meio da manifestação social de repúdio a toda e qualquer política que não

priorize a educação básica, mas sim garimpar votos dos desinformados, excluir e marginalizar as pessoas.

http://desatandoosnosdaredacao.blogspot.com.br/2015/07/artigo-de-opiniao-cotas-raciais.html

2) O texto defende ou não o sistema de cotas? Anote um trecho do texto que comprove sua resposta.

.....

.....

.....

3) Como a argumentação do texto é construída? Transcreva partes do texto que comprovam as seguintes afirmações:

a) As cotas negam a competência do indivíduo

.....

.....

.....

b) O Estado age de forma desigual, preconceituosa e excludente

.....

.....

.....

c) O ensino público não prepara seus alunos

.....

.....

.....

Sucesso!!

APÊNDICE 17:

UNEB – Universidade do Estado da Bahia PROFLETRAS
Mestranda regente – Rejane Luci Silva da Costa Knoth
Instituição de ensino parceira – Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins
Série – 8ª./9º. Ano Turma – A Turno - Matutino
Nome do (a) aluno(a) - .....

A CONTRA-ARGUMENTAÇÃO

O contra-argumento consiste na refutação contra um argumento oposto.

Ao defendermos nossos pontos de vista, procuramos argumentar para sustentar aquilo que pensamos e é justamente o que pode ser refutado, ou contra-argumentado, pelo leitor do texto. Não podemos argumentar sobre um fato, por exemplo, dizer que o *WhatsApp* é um aplicativo, não é um argumento, porque é um fato que não se pode contra-argumentar.

Vamos pegar um exemplo bem polêmico. Supondo que o tema seja a respeito do "aborto" e que eu seja contra ele. Ao invés de eu expressar argumentos contra o aborto, eu posso expressar os argumentos contra os argumentos a favor do aborto (confuso?).

Argumento a favor do aborto: *"o aborto é uma solução para a gravidez indesejada que evita que uma criança nasça em meios a graves problemas familiares, evitando que ela não seja criada por pessoas que não quiseram concebê-la".*

Contra-argumento: *"o aborto realmente pode parecer uma solução para a gravidez indesejada. Porém, existe uma solução muito melhor, que são os eficazes e conhecidos métodos anticoncepcionais. É muito melhor se prevenir com responsabilidade do que assassinar uma vida inocente."*

A contra-argumentação nada mais é do que **contestar** e derrubar o **argumento opositor**. É uma espécie de "feitiço virou contra o feiticeiro", ou seja: eu uso o argumento opositor ao meu favor, derrubando-o. É evidente que, para usá-lo, você precisa ter a mente mais aberta e se imaginar a posição contrária ao da sua, pois você precisa refutar os argumentos contrários aos da sua opinião. Você ataca a opinião contrária.

Olimpíada de Língua Portuguesa. Na Ponta do Lápis, ano VI, n. 14, jun. 2010.
http://www.graudez.com.br/redacao/ch05.html 91
http://www.scribd.com/doc/2515372/Dissertacao
http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/sala_de_aula/portugues/redacao/dissertacao_e_narracao/argumentos

APÊNDICE 18:

Federal de Uberlândia apura suposta fraude em cotas raciais

Dois casos são investigados e motivaram abertura de comissão para verificar autodeclaração de alunos

PUBLICADO EM 25/10/16 - 03h00
Letícia Fontes
Especial para O Tempo

Dois alunos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no Triângulo Mineiro, são investigados por suspeita de fraude no sistema de cotas raciais para acesso à instituição. A denúncia, levada à academia pelo Ministério Público de Minas Gerais, motivou a criação de uma comissão que pretende, além de apurar a situação dos suspeitos, estabelecer regras para verificar, a partir de 2017, e em caso de denúncia, se a autodeclaração de negro, pardo ou indígena procede. Trata-se de medida questionada por quem milita na promoção da igualdade social.

“A cor da pele é um critério bastante subjetivo, que irá depender de como as pessoas se percebem. Porém, isso, infelizmente, abre possibilidades para pessoas mal- intencionadas. O sistema de cotas é importante e tem que existir para as minorias”, disse a pró-reitora de graduação da UFU, Marisa Lomônaco. Composta por docentes, servidores técnico-administrativos e alunos, a comissão permanente, criada no último dia 13, vai avaliar os casos a partir de denúncia, e não no momento de matrícula, podendo submeter o denunciado a entrevista e a uma visita à residência dele.

“Também queremos criar, no momento da inscrição do futuro aluno que se autodeclarar negro, indígena ou pardo, mais mecanismos que possam antecipar possíveis falhas. Por isso, estamos estudando implementar um formulário em que a pessoa tenha que justificar o motivo pelo qual ela se declara em tal cota”, antecipou Marisa. Ela acredita que já para o primeiro semestre de 2017 todas essas regras da comissão estejam definidas.

Os dois casos em investigação são de alunos que entraram na UFU em 2014, e a universidade não informou em quais cursos eles estão. Se as fraudes foram confirmadas, eles poderão ser expulsos. Esses são os primeiros registros do tipo em investigação relacionados à instituição, que tem 25 mil alunos e 80 cursos de graduação.

Para Gilberto Silva, presidente da Comissão de Promoção da Igualdade Social da Ordem dos Advogados do Brasil seção Minas Gerais (OAB-MG), esse tipo de medida a ser implantado na UFU não é a melhor saída para verificação do sistema de cotas, pois, além de criar constrangimento, pode gerar discriminação.

“A maioria das pessoas não se autodeclara negra. Através de uma foto e até mesmo da certidão de nascimento já é possível constatar o histórico da pessoa. É uma situação complicada porque uma medida que serviria para diminuir as desigualdades pode acabar ocasionando uma maior discriminação”, avaliou Silva.

Conforme a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República, balanço divulgado em 2015 mostra 111.668 estudantes negros no ensino superior federal no Brasil. Na UFU, após reserva de 50% das vagas para cotistas, mais da metade destas (54%) é destinada a negros, pardos ou indígenas.

Legislação. Criada para ser uma das principais ferramentas de ampliação das oportunidades sociais e educacionais no Brasil, a Lei de Cotas está em vigor desde 2013 e destina vagas para negros, pardos e indígenas provenientes de escolas públicas.

Na Universidade Federal de Alfenas (Unifal), no Sul de Minas, também existe uma investigação que apura suposta fraude no processo de cotas étnico-raciais. Ainda sem conclusão final para o inquérito, a instituição criará, em 2017, uma comissão para verificar a veracidade das autodeclarações. Questionada sobre o modelo de apuração, a assessoria não informou como será.

Concurso prevê 'fiscalização'

Em agosto deste ano, o Ministério do Planejamento publicou orientações para órgãos e entidades do governo para verificar a veracidade da autodeclaração em concursos públicos. A portaria estabelece que os editais criem métodos de conferência dessa informação, a partir da indicação de uma comissão, com competência deliberativa.

A comissão que fará essa verificação precisa ter integrantes distribuídos por gênero, cor e naturalidade. A aferição precisa ser feita obrigatoriamente com a presença do candidato.

Na hipótese de constatação de declaração falsa, o candidato será eliminado do concurso. Como a portaria já está em vigor, os concursos em andamento que não tiveram os resultados finais homologados deverão retificar seus editais e incluir neles a previsão da verificação da autodeclaração.
O presidente da Comissão de Promoção da Igualdade Social da OAB-MG, Gilberto Silva, acredita que tal medida também pode gerar constrangimento na população. "As cotas servem para reparação, então, nesse sentido, a autoafirmação já é suficiente, sendo que não agride nem expõe a pessoa. A árvore genealógica é uma outra solução para não expor nenhum candidato", disse.

A lei que reserva 20% das vagas nos concursos públicos federais para negros foi criada em junho de 2014, com duração prevista de dez anos.

Sobre a Lei

Determinação. A Lei Federal de Cotas foi sancionada em agosto de 2012, meses depois que o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu, por unanimidade, que as cotas raciais eram constitucionais. Ela foi regulamentada em outubro do mesmo ano, mas só começou a valer no início de 2013.

As vagas reservadas às cotas, 50% do total da instituição, são subdivididas — metade (25%) para estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou

inferior a um salário mínimo e meio per capita; e a outra metade (25%) é destinada para estudantes de escolas públicas com renda familiar superior a um salário mínimo e meio per capita. Em ambos os casos, também será levado em conta percentual mínimo correspondente ao da soma de negros, pardos e indígenas no Estado.

Essa porcentagem de cotas para negros, pardos e indígenas varia em cada Estado e é definida pelo peso de cada uma dessas populações conforme o mais recente Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); porém, os candidatos desses três grupos disputarão entre si um número de vagas equivalente à soma das três populações.

Matrícula já foi indeferida em instituição do Rio Grande doSul

No início de 2015, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul, indeferiu a matrícula de um calouro alegando que o estudante não comprovou ser pardo. O candidato entrou na Justiça, e o Ministério Público Federal (MPF), em janeiro deste ano, decidiu em favor da UFSM.

Neste ano, grupos de estudantes que lutam pelos direitos dos negros denunciaram suspeitas de fraudes no sistema de cotas raciais em duas universidades federais – do Espírito Santo (Ufes) e do Recôncavo da Bahia (UFRB).

De acordo com relatos dos grupos em redes sociais, candidatos brancos estão autodeclarando-se negros e pardos para ingressar pelas cotas. Em contato com as universidades, até o fechamento desta reportagem, nenhuma delas havia se manifestado sobre os casos.

http://www.otempo.com.br/cidades/federal-de-uberl%C3%A2ndia-apura-suposta-fraude-em-cotas-raciais-1.1390369

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

1) Levando em consideração as informações da reportagem lida e o que já foi discutido em classe sobre as cotas, escreva argumentos sobre o tema, de acordo com o tipo de argumentação requisitada:

a) de causa e consequência

.....
.....
.....
.....
.....

b) de autoridade

.....
.....
.....
.....
.....

c) de exemplificação

.....
.....
.....
.....
.....

d) de comparação

.....
.....
.....
.....
.....

SUCESSO!!!

APÊNDICE 19:

UNEB – Universidade do Estado da Bahia
Mestranda regente – Rejane Luci Silva da Costa Knoth
Instituição de ensino parceira – Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins
Série – 8ª./9º. Ano Turma – A Turno - Matutino
Nome do (a) aluno(a) - .....

TAREFA DE CASA

1) Leia os dois textos abaixo: o primeiro é um trecho do que diz o ex-ministro Joaquim Barbosa (citado como exemplo no texto Djamila Ribeiro, lido na aula anterior) sobre as cotas e o outro é de um jovem que estudou na Universidade Estadual do Rio de Janeiro; ele apresenta dez motivos para ser contra as cotas raciais, no entanto, destaco pra você, apenas cinco.

TEXTO I:

TEXTO II:

10 motivos para ser contra as cotas raciais

Estudei na primeira Universidade pública do Brasil a aprovar as cotas raciais. Depois de 4 anos estudando, fui a secretaria pegar meu diploma e vi um folheto panfletário, com um gráfico indicando que os alunos oriundos do sistema de cotas tinham um desempenho melhor. Como eu estudei naquela Universidade, apenas dei uma risada irônica.

Outro dia o ex-governador do Rio, Anthony Garotinho, fez uma postagem em seu blog sobre os frutos “positivos” de sua decisão de iniciar as cotas raciais na UERJ. Resolvi dar a minha contribuição e fazer um comentário no post sobre o que presenciei como aluno graças às cotas. (...)

Hoje no Brasil apenas 25% de pessoas são contrárias as cotas raciais. Número bem maior do que o de brasileiros que concluirão uma faculdade. Vou deixar claro que esse texto não é contra as cotas em si, somente contra as cotas “raciais”.

1 Compensação

Todos já ouvimos aquela velha história de que o negro foi trazido escravo contra a sua vontade, sendo posteriormente marginalizado com o fim da escravatura. Beleza. Por que eu, que nem branco sou, devo ceder uma vaga conquistada com meu mérito a uma pessoa de cor apenas devido à ancestralidade dela?

Já pensou se um índio invadisse sua casa para pedir compensação pelas terras que o homem branco tomou dele?

2 Responsabilidade

Responsabilizar os brancos de hoje pelo que os brancos do passado fizeram é um absurdo. Isso não faz sentido.

Eu tenho 5 primos, todos pobres e necessitados. Dois deles são brancos e três deles são negros. Por que razão meus primos negros devem merecer o privilégio de ter uma cota e meus primos brancos não?

As cotas fazem com que um negro pobre tenha um privilégio frente a um branco de mesmo nível social.

3 Demérito

Dar privilégio para que alguém possa estar em determinado lugar com base na cor de sua pele se consiste no pior tipo de racismo que existe. Que diferença faz se o dentista é branco ou negro? O que interessa não é a cor do dentista, mas a sua qualidade.

Ao impor uma cota racial, o Estado está sobrepujando a meritocracia com uma imposição ignorante de que determinadas vagas devem ser destinadas a negros a despeito do mérito de outros.

Um país justo não é um país que tem igualdade absoluta entre brancos, pardos, amarelos e negros; mas um país onde qualquer um, não importando a cor ou a origem, possa perseguir seus sonhos através do fruto de seu trabalho.

Numa sociedade justa, negros, brancos e amarelos têm as mesmas chances de vencer na vida e a cor da pele dos outros nunca é um obstáculo para o seu crescimento.

Já pensou se todo empresário tivesse que contratar seus funcionários de acordo com a composição racial do Brasil e não pelas suas qualidades? Quem crê que uma empresa contrataria o melhor candidato se fosse obrigada por lei a contratar um

funcionário apenas de uma certa cor para preencher a uma cota?

4 Miscigenação

Vivemos no país mais miscigenado do mundo. No Brasil a maioria da população tem ancestralidade africana. Repito. Muito mais da metade das pessoas tem ascendência africana. Como então definir quem é e quem não é afrodescendente se até os mais brancos têm ascendência negra? Será que para o governo alguns são mais negros do que outros?

5 Divisão social

As cotas raciais produzem um efeito horrível na sociedade, pois elas aumentam a identificação racial num tempo onde sabemos que não existe raça branca ou negra – apenas a humana.

Se a ciência já jogou por terra a questão racial, por que deveríamos promover políticas públicas com base nelas? Se só existe a raça humana, por que o governo promove a identificação racial de seus cidadãos?

Todos somos humanos. Chega de coitadismo. Os negros têm o mesmo potencial de todos os outros. Quem precisa de cota é deficiente físico. Negros, assim como brancos, não precisam de um ajudinha para vencer se se esforçarem. Não há motivo para destinar cotas para pessoas apenas pela cor de suas peles.

2) Agora, apresente sua opinião a respeito das cotas. Você é a favor ou contra o sistema de cotas como forma de inclusão social? Crie uma TESE e a defenda com argumentos que contra-argumentem um dos pontos de vista acima.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

APÊNDICE 20: Adesivos

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

Pichação é arte!

(argumentação por exemplificação ou de autoridade)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

Pichação não é arte!

(argumentação de causa e consequência)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

As redes sociais afastam as pessoas

(argumentação por comparação ou por exemplificação)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

As redes sociais não afastam as pessoas

(argumentação por exemplificação ou de autoridade)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

A televisão prejudica o hábito de ler

(argumentação de causa e consequência)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

A televisão não prejudica o hábito de ler

(argumentação de autoridade)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

Existe racismo no Brasil

(argumentação por exemplificação ou por comparação)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

Não existe racismo no Brasil

(argumentação por exemplificação ou de autoridade)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

Depois de abolida a escravidão, a posição do negro na sociedade mudou

(argumentação por exemplificação ou de autoridade)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

Depois de abolida a escravidão, a posição do negro na sociedade não mudou

(argumentação de comparação)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

A participação dos jovens em manifestações ajuda a mudar o país

(argumentação de causa e consequência)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

A participação dos jovens em manifestações ajuda a mudar o país

(argumentação por exemplificação)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

Os jovens não gostam de praticar esportes

(argumentação por autoridade)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

Os jovens gostam de praticar esportes

(argumentação por exemplificação ou por comparação)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

O jovem de hoje não é tão engajado nos problemas sociais como os da geração passada

(argumentação por exemplificação ou de autoridade)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

O jovem de hoje é tão engajado nos problemas sociais, como os da geração passada

(argumentação por exemplificação ou de autoridade)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

A televisão e as redes sociais tornam o jovem alienado

(argumentação por exemplificação ou de autoridade)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

A televisão e as redes sociais não tornam o jovem alienado

(argumentação por exemplificação ou de autoridade)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

As cotas raciais são a prova da discriminação.

(argumentação por exemplificação ou de autoridade)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

escolakids.uol.com.br

As cotas raciais corrigem uma dívida histórica que o Brasil tem com os negros.

(argumentação de causa e consequência)

ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!

escolakids.uol.com.br

As cotas sociais são necessárias para que todos tenham oportunidade.

(argumentação de causa e consequência)

APÊNDICE 21:

UNEB – Universidade do Estado da Bahia PROFLETRAS
Mestranda regente – Rejane Luci Silva da Costa Knoth
Instituição de ensino parceira – Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins
Série – 8ª./9º. Ano Turma – A Turno - Matutino
Data – .....
Nome do (a) aluno(a) julgador (ora) - .....

Atividade: *ARGUMENTE E (CON)VENÇA-ME!*

Caro (a) aluno(a) julgador(ora),

Argumentar é propor ideias, fatos, provas, razões lógicas, etc. que comprovem uma tese, uma afirmação.

Contra- argumentar é entrar em contradição, discutir, disputar, mostrar ideias em objeção a outras ideias.

Em vista disto e diante da apresentação assistida, que argumentação usada por seus colegas que mais lhe convenceu? Marque o conceito que você acha que merece a *performance* dos seus colegas.

FICHA A

TESES

	BOM	ÓTIMO	EXCELENTE
1. Os jovens não gostam de praticar esportes.			
Os jovens gostam de praticar esportes.			
2. As redes sociais afastam as pessoas.			
As redes sociais não afastam as pessoas.			
3. Os jovens preferem ficar nas redes sócias a praticar esportes.			
Os jovens preferem praticar esportes a ficar nas redes sócias.			
4. O negro tem papel inferior na sociedade, mesmo depois da abolição.			
O negro passou a ter um papel mais significativo na sociedade, depois da abolição.			
5. Existeracismo no Brasil.			
Não existe racismo no Brasil.			
6. Pichação é arte.			
Pichaçãonão é arte.			
7. A participação dos jovens em manifestações é fundamental para mudar o país.			
A participação dos jovens em manifestações não é fundamental para mudar o país.			
8. **O jovem de hoje não é tão engajado nos problemas sociais como os da geração passada.**			
O jovem de hoje é tão engajado nos problemas sociais como os da geração passada.			
9. **A televisão não prejudica o hábito de ler.**			
A televisão prejudica o hábito de ler.			
10.			

A televisão e as redes sociais não tornam o jovem alienado.			
A televisão e as redes sociais não tornam o jovem alienado.			

Ficha B

Agora, some os pontos da avaliação dada por você e pelos outros julgadores e anote abaixo, de acordo com os valores de cada conceito: **Bom = 05 pontos, Ótimo = 07 pontos e Excelente = 10 pontos.**

PONTOS DADOS A:	**JULGADOR 1**	**JULGADOR 2**	**JULGADOR 3**	TOTAL
1. Os jovens não gostam de praticar esportes.				
Os jovens gostam de praticar esportes.				
2. As redes sociais afastam as pessoas.				
As redes sociais não afastam as pessoas.				
3. Os jovens preferem ficar nas redes sócias a praticar esportes.				
Os jovens preferem praticar esportes a ficar nas redes sociais.				
4. O negro tem papel inferior na sociedade, mesmo depois da abolição.				
O negro passou a ter um papel mais significativo na sociedade, depois da abolição.				
5. Existe racismo no Brasil.				
Não existe racismo no Brasil.				
6. Pichação é arte.				
Pichação não é arte.				

7. A participação dos jovens em manifestações é fundamental para mudar o país.				
A participação dos jovens em manifestações não é fundamental para mudar o país.				
8. **O jovem de hoje não é tão engajado nos problemas sociais como os da geração passada.**				
O jovem de hoje é tão engajado nos problemas sociais como os da geração passada.				
9. **A televisão não prejudica o hábito de ler.**				
A televisão prejudica o hábito de ler.				
10. **A televisão e as redes sociais não tornam o jovem alienado.**				
A televisão e as redes sociais não tornam o jovem alienado.				

APÊNDICE 22:

(PARA SER ANOTADO NA LOUSA)

TESES	**NOTAS ACUMULADAS**	**TOTAL**
JULGADOR 1: As cotas.		
JULGADOR 2: O bullying é apenas uma brincadeira.		
JULGADOR 3: O bullying deve ser criminalizado.		

APÊNDICE 23:

UNEB – Universidade do Estado da Bahia PROFLETRAS
Mestranda regente – Rejane Luci Silva da Costa Knoth
Instituição de ensino parceira – Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins
Série – 8ª./9º. Ano Turma – A Turno - Matutino
Data – .....
Nome do (a) aluno (a) - .....

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

1) Leia os textos abaixo e construa uma tese para cada um.

TEXTO I

As crianças e adolescentes do século 21 são antenados e ocupadíssimos. Eles frequentam a escola, as aulas de inglês, espanhol e francês. Fazem uma atividade física, navegam na internet com desenvoltura impressionante e, é claro, encontram uma brechinha para estar com os amigos. No entanto, os estudantes quase não leem livros e bons textos e todos os benefícios dessa prática vão ficando para trás. Com esses hábitos, sabem decifrar perfeitamente letras e palavras, mas nem sempre têm habilidade de entender e interpretar questões de provas, temas de redação e clássicos da literatura. De acordo com a coordenadora de Redação do Colégio Leonardo da Vinci, Maria da Penha Amancio, o fato é preocupante e o problema não atinge somente crianças e adolescentes. "Quem não desenvolve esta prática torna-se um cidadão alienado. Os alunos que entendem o que pedimos em provas e redações são, invariavelmente, aqueles que praticam a leitura e têm uma visão mais crítica em relação aos mais diversos assuntos".

Fonte: Jornal de Brasília
Data: 17 de setembro de 2007.

TESE:.....

.....

TEXTO II

O avanço tecnológico na comunicação durante as últimas décadas é indiscutível. Nos dias de hoje é difícil encontrar alguém que não tenha um celular com 3g no bolso, um computador com internet em casa ou algum outro aparelho eletrônico também com acesso à internet.
Todo esse aparato tecnológico trouxe muitos benefícios para as pessoas. Com alguns toques no celular você pode conversar com qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo. Pelas redes sociais você fica sabendo das novidades de todas as pessoas do seu círculo de amizade. Procurar emprego se tornou mais fácil. Vender os seus produtos também. Resumindo: O acesso à informação se tornou muito mais rápido e fácil. A internet democratizou o acesso à informação.

Em contrapartida, muito se questiona sobre a mudança que toda essa tecnologia trouxe para a forma que nos relacionamos. O contato visual, a conversa, o contato físico, muitas vezes é deixado de lado e acaba sendo trocado por uma conversa virtual, um jogo online ou então uma busca em um site de busca.
(...)
Para o psicólogo Luiz Antonio Cosmelli, a internet tem de ser avaliada com muito cuidado. Ao mesmo tempo em que ela traz grandes benefícios, pode criar sérios problemas. E com as crianças e adolescentes o cuidado tem de ser redobrado. "Na internet, o mundo pode parecer lindo, as conversas são ótimas, mas o mundo real não é esse paraíso. É preciso saber que nem todas as pessoas são, na vida real, como aparentam ser na internet. A inserção da internet na nossa realidade foi tão rápida que não deu tempo para acompanharmos e avaliarmos seus benefícios e malefícios. A internet é uma ferramenta ótima para o jovem, só que precisa de um pouco mais de cuidado." afirmou o psicólogo.

http://www.opolemico.com.br/Polemicas/tecnologia/74-a-tecnologia-e-a-internet-aproximam-ou-afastam-as-pessoas

TESE:.....

.....

2) Agora, diante das teses crie argumentos contra ou a favor, formando um parágrafo.

a) O jovem de hoje é alienado.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

b) Não há necessidade de cotas raciais nas universidades brasileiras.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

3)A conclusão de um texto deve retomar a ideia principal desenvolvida no texto, de forma convincente e resumida; deve conter a síntese de tudo o que foi apresentado no texto, e não somente em relação às ideias apresentadas no último parágrafo do desenvolvimento.
Não se devem acrescentar informações novas, pois, se ainda há informações a serem inclusas, o desenvolvimento ainda não terminou.
Leia o texto abaixo e apresente uma conclusão.

A falta de eficácia e a ação violenta

A criminalidade no Brasil tem crescido de tal forma que a sociedade não vê outra resposta ao problema que não seja a hostilidade. O discurso de “bandido bom, é bandido morto” mostra a insatisfação com o governo que não consegue lidar com a situação atual, visto que não busca corrigir o sistema criminal para que o mesmo seja mais efetivo, incentivando que a população assuma a responsabilidade, recorrendo a respostas agressivas refletidas na ação da policia.

Por diversas vezes foi mostrado que o estado não é efetivo na punição de criminosos, como no caso do jornalista Pimenta Neves, que mesmo tendo confessado o homicídio da namorada em 20 de agosto de 2000, só foi ser condenado onze anos depois. Esse tipo de situação não é um caso isolado, impunidades do tipo acontecem principalmente com menores de idade, que se sentem livres para infringir qualquer lei sem medo das autoridades.

Somando o descaso do governo com a necessidade de uma ação efetiva para melhorar a segurança publica, a população e a policia buscam aplicar o próprio julgamento, geralmente recorrendo à violência, que, apesar de parecer efetivo só aumenta o conflito, mostrando a necessidade de uma reforma no código penal, para que o estado possa punir o marginal e trabalhar para que o reincidente não aconteça.

http://redacaonota1000.forum-livre.com/t434-temabandido-bom-e-bandido-morto

.....

.....

.....

.....

.....

SEU SUCESSO DEPENDE DE VOCÊ!

APÊNDICE 24:

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

Mestranda regente – Rejane Luci Silva da Costa Knoth

Instituição de ensino parceira – Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins

Série – 8ª./9º. Ano Turma – A Turno - Matutino

Data – .....

Nome do (a) aluno (a) - .....

AS FALÁCIAS

Será que devemos acreditar em tudo o que ouvimos e em tudo que lemos?

Na verdade, devemos selecionar, criteriosamente, os argumentos que ouvimos ou lemos, pois muitos podem ser falaciosos. Ou seja, falsos, enganosos, ardilosos.

São as FALÁCIAS.

O termo **falácia** deriva do verbo latino *fallere*, que significa enganar. Designa-se por **falácia** um raciocínio errado com aparência de verdadeiro. Na lógica e na retórica, uma **falácia** é um argumento logicamente inconsistente, sem fundamento, inválido ou falho na tentativa de provar eficazmente o que alega.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Falácia

ALGUNS TIPOS DE FALÁCIAS

1 Generalização Apressada (erro de acidente)

Definição:

Trata-se de tirar uma conclusão com base em dados ou em evidências insuficientes. Dito de outro modo, trata-se de julgar todo um universo com base numa amostragem reduzida.

Exemplos:

a) Todo político é corrupto.

b) Os padres são pedófilos.

c) Os mulçumanos são todos uns fanáticos.

Contra-argumentação:

Argumente que dois professores ruins não significam uma escola ruim; que em ciência é preciso o maior número de dados antes de tirar uma conclusão; que não se pode usar alguns membros do grupo para julgar todo o grupo. Faça ver que se trata, na maioria das vezes, de estereótipo: imagem preconcebida de alguém ou de um grupo. Faça ver também que são fonte de inspiração de muitas piadas racistas, como as piadas de judeus (visto como avarento), de negro (vista como malandro ou pertencente a uma classe

inferior), de português (visto no Brasil como sem inteligência), etc. É por isso que essa falácia está intimamente relacionada ao preconceito.

2 Ataque à Pessoa (argumentum ad homimem)
Definição:
Consiste em atacar, em desmoralizar a pessoa e não seus argumentos. Pensa-se que, ao se atacar a pessoa, pode-se enfraquecer ou anular sua argumentação.

Exemplo:
a) Não deem ouvidos ao que ele diz: ele é um beberrão, bate na mulher e tem amantes.
Observação: Uma variação de "argumentum ad homimem" é o "tu quoque" (tu também): Consiste em atribuir o fato a quem faz a acusação. Por exemplo: se alguém lhe acusa de alguma coisa, diga-lhe "tu também"! Isso, evidentemente, não prova nada.

Contra-argumentação:
Mostre que o caráter da pessoa não tem relação com a proposição defendida por ela. Chamar alguém de corrupto, nazista, comunista, ateu, pedófilo, etc. não prova que suas ideias estejam erradas.

3 Apelo à Força (argumentum ad baculum)

Definição:
Consiste em ameaçar com consequências desagradáveis se não for aceita ou acatada a proposição apresentada.

Exemplo:
- Você deve se enquadrar nas novas normas do setor. Ou quer perder o emprego?
- É melhor exterminar os bandidos: você poderá ser a próxima vítima
- Cala essa tua boca, ou não te dou o dinheiro para o show.
- Ou nós, ou a desgraça, o caos.

Contra-argumentação:
Argumente que apelar à força não é racional, não é argumento, que a emoção não tem relação com a verdade ou a falsidade da proposição.

4 Apelo à Misericórdia, à Piedade (argumentum ad misericordiam, ignorância de questão, fuga do assunto)

Definição:
Consiste em apelar à piedade, à misericórdia, ao estado ou virtudes do autor.

Exemplo:
Ele não pode ser condenado: é bom pai de família, contribuiu com a escola, com a igreja, etc.

Contra-argumentação:
Argumente que se trata de questões diferentes, que o que é invocado nada tem a ver com a proposição. Quem argumenta assim ignora a questão, foge do assunto.

5 Apelo ao Povo (argumentum ad populum)

Definição:
Consiste em sustentar uma proposição por ser defendida pela população ou parte dela. Sugere que quanto mais pessoas defendem uma ideia mais verdadeira ou correta ela é. Incluem-se aqui os boatos, o "ouvi falar", o "dizem", o "sabe-se que".

Exemplo:
Dizem que um disco voador caiu em Minas Gerais, e os corpos dos alienígenas estão com as Forças Armadas.

Contra-argumentação:
Os educadores, os professores, as mães têm o argumento: se todos querem se atirar em alto mar, você também quer? O fato de a maioria acreditar em algo não o torna verdadeiro.

6 Falso Dilema

Definição:
Consiste em apresentar apenas duas opções, quando, na verdade, existem mais.

Exemplos:
- Brasil: ame-o ou deixe-o.
- Você prefere uma mulher cheirando a alho, cebola e frituras ou uma mulher sempre arrumadinha?
- Você não suporta seu marido? Separe-se!
- Quem não está a favor de mim está contra mim.

Contra-argumentação:
Simples. Mostre que há outras opções.

FONTE:https://ahduvido.com.br/30-falacias-mais-comum-utilizadas-em-debates-e-discussoeshttp://pucrs.br/gpt/falacias.php

APÊNDICE 25: FÁLACIAS QUE FORAM PROJETADAS EM SLIDES

Estás por mim ou contra mim.

América: ama-a ou deixa-a.

Uma pessoa ou é boa ou é má.

(FALSO DILEMA)

É melhor admitires que a nova orientação da empresa é a melhor — se pretendes manter o emprego.

A NAFTA é um erro! E se não votares contra a NAFTA então te votaremos para fora do escritório.

(APELO À FORÇA)

Como pode dizer que eu reprovo? Eu estava mais perto da positiva e, além disso, estudei 16 horas por dia.

Esperamos que aceite as nossas recomendações. Passamos os últimos três meses a trabalhar desalmadamente nesse relatório.

(APELO À PIEDADE)

Se você fosse bela poderia viver como nós, então compre também Buty-EZ e torne-se bela. (Aqui, apela-se às “pessoas bonitas”)

As sondagens sugerem que os liberais vão ter a maioria no parlamento, também deves votar neles.

Toda a gente sabe que a Terra é plana. Então porque insistes nas tuas excêntricas teorias?

(APELO AO POVO)

É natural que o ministro diga que essa política fiscal é boa porque ele não será atingido por ela. (ad hominem circunstancial)

Podemos passar por alto as afirmações de Simplício porque ele é patrocinado pela indústria da madeira. *(ad hominem* circunstancial)

Dizes que eu não devo beber, mas não estás sóbrio faz mais de um ano. (*tu quoque*)

(ATAQUE A PESSOA)

Fred, o australiano, roubou a minha carteira. Portanto, os Australianos são ladrões. (Claro que não devemos julgar os Australianos na base de um exemplo)

Perguntei a seis dos meus amigos o que eles pensavam das novas restrições ao consumo e eles concordaram em que se trata de uma boa ideia. Portanto, as novas restrições são populares.

(GENERALIZAÇÃO APRESSADA)

FONTE: https://ateus.net/artigos/ceticismo/guia-de-falacias-logicas-do-stephen/

APÊNDICE 26:

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

Mestranda regente – Rejane Luci Silva da Costa Knoth
Instituição de ensino parceira – Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins
Série – 8ª./9º. Ano Turma – A Turno - Matutino
Data – .....
Nome do (a) aluno - .....

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

1) Leia os textos abaixo e comente oralmente com seus colegas e professora.

TEXTO 1:

Apologia ao consumismo

Vivemos um momento delicado e único da nossa história no qual a combinação entre consumo e alta tecnologia propiciou acesso inédito a produtos antes disponíveis para alguns poucos privilegiados.

Claro que o fato de mais pessoas poderem adquirir produtos é algo muito positivo, apesar de ainda imperar uma grande desigualdade. Mas por outro lado, esse consumo, muitas vezes completamente irracional vem causando uma inédita pressão sobre as fontes energéticas e uma utilização predatória e insana dos recursos naturais do planeta.

E a publicidade possui uma cota significativa de responsabilidade nessa equação totalmente desequilibrada. Afinal, boa parte do que lemos, ouvimos e assistimos em anúncios associam determinados produtos ao que certamente, eles não correspondem, melhor dizendo, felicidade, satisfação, conquista e até mesmo amor e respeito.

O apelo cotidiano à emoção e a plena satisfação de desejos via mensagens publicitárias na compra de coisas nem sempre úteis ou realmente necessárias só multiplica a sensação de que algo muito errado domina os destinos da humanidade.

A pressão vertiginosa para a compra do último modelo, mais moderno, sofisticado, com design mais arrojado do que o adquirido pouco tempo antes, imprime ao consumidor desavisado, uma terrível espiral criando a necessidade de consumo da qual nunca será possível estar totalmente satisfeito. Aí não é preciso muito esforço para concluir que estejamos no atual processo de destruição do essencial para produzir o supérfluo e o descartável.

http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-publicidade-e-o-consumo-consciente

Texto 2: Veja os sonhos de consumo do gueto

Maíra Azevedo, Qui, 20/08/2015

A disputa é acirrada quando se trata de eleger o maior sonho de consumo do gueto, mas o *smartphone* de última geração ganha. Relógio, estilo mofador dos *Power Rangers*, e batidão também têm lugar garantido no pódio. Se por muito tempo 'favelado' foi sinônimo de pessoa sem grana, cada vez mais quem mora nos bairros periféricos mostra que consome - e muito!

O auxiliar de produção Anderson Oliveira, 23, é um exemplo do perfil consumista do gueto: boné (R$ 75), camiseta (R$ 98), batidão de ouro (R$ 500), pulseira (R$ 300), tênis de marca (R$ 400) e relógio (R$ 150). Somando a calça jeans e as peças íntimas, é possível calcular que Lindinho, como é conhecido, desfila com um figurino de R$ 2 mil.

Para o sociólogo Cristiano Freitas, a ostentação da periferia é uma forma de buscar reconhecimento econômico, além de reforçar a questão da identidade. "O 'consumo exagerado' é somente uma forma de interagir com a sociedade, de dizer: 'Se eles podem, eu também posso'", avalia.

Dialeto do gueto: periferia adota vocabulário próprio

A ostentação da favela não se resume ao modo de vestir - Xbox para jogar, TV com canal fechado e uma moto na garagem também integram a lista de objetos de desejo. Enquanto muitos querem ter itens de valor, ainda há aqueles que buscam o diploma. "Gosto de coisas caras, mas quero mesmo é entrar na universidade, ter um bom emprego e formar minha família. Um vida melhor", resume Ítalo Pereira, 19.

No quesito sonho de consumo, a galera da orla pensa diferente. Morador da Barra, o estudante Rafael Novaes, 18, coleciona viagens, a maioria internacional: "Gosto de conhecer locais inusitados".

Batidão é poder

(...)

Morador do Engenho Velho de Brotas, o repositor comercial Eduardo Ubiraci, 36, exibe com orgulho seu batidão. São 50 cm de circunferência e cerca de 300g de peso, além de um pingente em forma de crucifixo.

"Sempre usei correntes, essa tem um ano. As mulheres gostam, mas quem repara mais são os caras. Todo mundo quer saber onde comprei, quem fez pra mim... Chama atenção e dá uma moral", explica.

Para o sociólogo Cristiano Freitas, ainda que seja um estilo padronizado, o uso de batidões é mais uma forma de reafirmar a identidade e o pertencimento a um grupo. "É o atestado do poder do consumo", resume.

Objetos de desejo

Smartphone - Quanto maior o número de aplicativos, melhor. Média de preço: R$ 900.

Tênis - Tem que ser de marca e quanto mais colorido, melhor. O preço médio dos considerados bacanas fica entre R$ 300 e R$ 700.

Batidão - A dúvida fica entre se é de prata ou ouro, mas tem que compor o visual. O preço varia de acordo com o material e o peso. O valor fica entre R$ 100

e R$ 600.

http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1704500-veja-os-sonhos-de- consumo-do-gueto

Texto 3:

portugues8csu.blogspot.com

Texto 4: A publicidade e o consumo consciente

Não deverá ser uma tarefa das mais complicadas redirecionar o trabalho dos publicitários para um apoio efetivo no atendimento aos critérios da sustentabilidade

A publicidade exerce um papel de protagonismo nas relações de mercado sendo um meio fundamental na disponibilização de informações sobre produtos e serviços aos consumidores. Raras são as empresas que não fazem uso sistemático desse meio para garantir o crescimento de suas vendas.

Afinal, como diz o ditado, —a propaganda é a alma do negócio‖. Por essa razão somos diuturnamente bombardeados por peças de propaganda materializadas, muitas vezes, como num passe de mágica por meio de imagens ou jingles poderosos e inesquecíveis. Para garantir esse efeito eletrizante, as agências trabalham com dezenas, centenas de profissionais extremamente criativos em busca da mensagem perfeita que vá –fisgar‖ o cliente/freguês/consumidor para a compra do que se pretende vender.

O grau de sofisticação alcançado pelo setor e o desenvolvimento da capacidade de convencimento não coloca em dúvida as incríveis habilidades dos publicitários em, conforme se dizia antigamente, —vender geladeiras para esquimós‖. Mas será que já não passamos do limite e tenhamos que rever alguns dos valores dominantes no setor?

Será mesmo que vender uma geladeira ou outro produto qualquer para quem não precisa deva ser visto como positivo ou uma simples trapaça?

Por Reinaldo Canto – Jornalista especializado em sustentabilidade e consumo consciente, é professor de Gestão Ambiental.

Texto 5:

Vive-se um momento de um crescendo e irrefreável consumismo. As pessoas são levadas a acreditar que só poderão ser plenamente felizes se consumirem cada vez mais. Não percebem que a felicidade e a realização pessoal nada têm a ver com a posse material e o ter mais e mais.

(Revista Veja, São Paulo: Ed. Abril, ed. 2365, p.72, 19 mar. 2014)

TEXTO 6:

O casamento de Latino com a ex-miss Rayanne Morais foi tão exuberante que algumas passagens merecem registro para a posteridade: 1) Ele foi filmado por um *drone*, espécie de mini-helicóptero com uma câmara acoplada; 2) O tecido do smoking do cantor veio do Japão (…).

(Revista Veja, São Paulo: Ed. Abril, ed. 2365, p.72, 19 mar. 2014)

TEXTO 7:

A ostentação da favela não se resume ao modo de vestir: Xbox para jogar, TV com canal fechado e uma moto na garagem também integram a lista de objetos de desejo. Enquanto muitos querem ter itens de valor, ainda há aqueles que buscam o diploma. "Gosto de coisas caras, mas quero mesmo é entrar na universidade, ter um bom emprego e formar minha família. Uma vida melhor", resume Ítalo Pereira, 19.

(http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1704500-veja-os-sonhos-de-consumo-do-gueto)

Texto 8: Amor de Consumo

(Letra de Miguel Falabella e Artur Xexéo e música de Ricardo Leão)

Você usa corrente de prata,
Relógio de ouro, boné importado!
Você tem um anel de brilhante,
Bermuda estrangeira, um tênis dourado!

Você vive na grande ilusão
De que ter é o bastante pra ser
Mas por mais que se esforce
Não pode ter o meu coração!

Você acha bonito dizer
Que faz muito dinheiro, que vive forrado!
Pois eu digo que a ostentação é uma falta de tom,
É vacilo,é pecado!

Você sabe o que eu quero dizer Um espelho não sabe mentir Mas por mais que se esforce
Não compra o amor de uma mulher!

Você sonha com roupa de marca,
Só vai ser feliz com um carro do ano.
Você nunca vai compreender
Que de fora pra dentro o amor é um engano!
Você vive em pleno esplendor
Torna seu tudo aquilo que quer
Mas por mais que se esforce
Não pode comprar o meu amor!

Você vive na grande ilusão
De que ter é o bastante pra ser
Mas por mais que se esforce
Não pode ter o meu coração!

Texto 9:

SV Consultoria e Sistemas/Pesquisa por imagem

2)Agora, produza um artigo de opinião com o tema “O jovem brasileiro é influenciado pela mídia”; primeiramente, construa uma TESE, depois escolha o tipo de ARGUMENTAÇÃO que você utilizará (comparação, exemplificação, causa e consequência ou de autoridade), para concordar ou não (contra-argumentar) com a assertiva e, por fim, faça uma CONCLUSÃO, na qual haja uma confirmação da sua ideia inicial. Evite as falácias!
Você pode utilizar as ideias do seu texto inicial, acrescentando, subtraindo, palavras ou trechos, ou seja, melhorando sua expressão escrita.

ATENTE PARA:

Seu texto deve ter no máximo 25 linhas; o limite mínimo é de sete linhas;
Escreva seu texto usando caneta azul ou preta;
Evite rasuras;
Faça rascunho.

APÊNDICE 27:

Quadro final de avaliação de etapas

<table>
<tr><th rowspan="2">Critérios avaliados</th><th colspan="2">Pontuação</th><th colspan="2" rowspan="2"></th><th rowspan="2">Nº de alunos</th><th rowspan="2">Notas</th></tr>
<tr><th>Critério</th><th>Nota</th></tr>
<tr><td rowspan="5">1. As dinâmicas para introduzir as aulas;
2. O desenvolvimento dos conteúdos e das aulas;
3. Nível dos conteúdos que foram abordados;
4. As leituras realizadas nas aulas;
5. A qualidade dos recursos didáticos trazidos para classe;
6. A participação e envolvimento da turma;
7. As atividades orais;
8. As atividades escritas;
9. As tarefas de casa;
10. A linguagem utilizada e comunicação nas aulas.</td><td rowspan="2">Mínima</td><td rowspan="2">5,0</td><td rowspan="5">Etapas</td><td>I</td><td>18</td><td>30,0</td></tr>
<tr><td>II</td><td>19</td><td>25,5</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Máxima</td><td rowspan="3">30,0</td><td>III</td><td>21</td><td>25,5</td></tr>
<tr><td rowspan="2">IV</td><td rowspan="2">20</td><td rowspan="2">25</td></tr>
</table>

APÊNDICE 28:

Ficha de acompanhamento dos alunos – Resultado Final

Competências e habilidades avaliadas			**Critério**	**Avaliação**
1. Sabe ouvir o outro nas atividades orais realizadas; 2. Ler e compreende textos de diferentes gêneros; 3. Procura trazer informações novas para classe; 4. Questiona e busca informações; 5. Observa, descreve, analisa e sintetiza gravuras e outros textos; 6. Expressa o que pensa relatando, argumentando, avaliando e comparando; 7. Produz textos escritos com coerência e coesão; 8. Demonstra atitudes críticas diante de problemas; 9. Realiza as atividades de classe com autonomia e produtividade; 10. Realiza as tarefas de casa.	**Etapas**	I	Sim	4
			Às vezes	3
			Não	11
		II	Sim	8
			Às vezes	3
			Não	10
		III	Sim	8
			Às vezes	8
			Não	5
		IV	Sim	10
			Às vezes	5
			Não	6

APÊNDICE 29:

Quadro comparativo de notas das produções textuais

Alunos	Produção		Média das duas produções	Diferença/ Produções (%)
	Primeira produção	Produção final		
A.L.S	5,0	7,5	6,2	15
A.C.C.N.	5,5	6,5	6,0	11,8
A.O.S.	6,0	5,0	5.5	(-0,8)
C.S.C.	4,5	6,5	5,5	14,4
C.S.S.N	4,0	7,0	5,5	17,5
D.N.P	5,5	6,5	6,0	11,8
D.B.S.	4,5	8,0	6,2	17,7
E.S.R.	5,5	7,0	6,2	12,7
E.J.M.	4,0	5,5	4,7	13,7
J.S.S.	3,5	5,5	4,5	15,7
K.N.C.	4,0	6,0	5,0	15,0
L.S.S.	4,5	6,5	5,5	14,4
L.F.	6,0	8,0	7,0	13,3
M.H.S.S.	5,5	7,0	6,2	12,7
R.J.S.	5,0	7,5	6,2	15,0
R.S.J.	4,5	7,5	6,0	16,6
R.S.R	5,0	7,5	6,2	15,0
S.Q.S.	5,5	7,0	6,2	12,7
T.L.S.	5,0	7,0	6,0	14,0
W.C.J.	3,5	5,0	4,2	14,2

ANEXOS

ANEXO A**: PROJETO DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL**

1 APRESENTAÇÃO

O Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) foi instituído com o propósito de capacitar professores de língua portuguesa do Ensino Fundamental, tendo em vista a melhora da qualidade da educação no tocante às competências de leitura e escrita dos estudantes. Os objetivos do Programa podem ser apresentados com base na tradicional classificação entre gerais e específicos. Os gerais expressam o retorno social esperado em decorrência da capacitação dos profissionais:

- Aumento da qualidade do ensino dos alunos do nível fundamental, com vistas a efetivar a desejada curva ascendente quanto à proficiência desses alunos no que se refere às habilidades de leitura e de escrita;
- Declínio das atuais taxas de evasão dos alunos durante o ensino fundamental;
- Multiletramento exigido no mundo globalizado com a presença da internet;
- Desenvolvimento de pedagogias que efetivem a proficiência em letramentos compatível aos nove anos cursados durante o ensino fundamental.

Os específicos referem-se a aspectos pontuais da formação, entendidos como necessários para uma capacitação orientada para o desenvolvimento de práticas de ensino inovadoras:

- Qualificar os mestrandos/docentes para desenvolver múltiplas competências comunicativas dos alunos em ambiente online e offline;
- Instrumentalizar os mestrandos/professores do ensino fundamental de maneira que eles passem a bem conduzir classes heterogêneas, seja do ponto de vista de níveis de competências linguísticas dos alunos, seja no que tange aos quadros de desenvolvimento atípicos que os alunos apresentem;

- Indicar os meios adequados para trabalhar diferentes gêneros discursivos e tipos textuais nas práticas de ensino e da aprendizagem da escrita, da leitura e da produção textual em suportes digitais e não digitais;
- Salientar as funções referenciais e metacognitivas das línguas de forma que os docentes saibam trabalhar peças textuais com traços literais e não literais, distinguindo-as, assim, os planos denotativo e conotativo da linguagem e dos textos;
- Aprofundar os conhecimentos dos docentes no que se refere aos diversos subsistemas fonológico, morfológico, sintático e semântico-pragmático da linguagem;
- Instrumentalizar os docentes de ensino fundamental com objetivo de elaborar material didático inovador que lance mão, quando conveniente e relevante, de recursos tecnológicos modernos à disposição.

Os objetivos do Programa enfatizam o desenvolvimento de competências diretamente ligadas ao saber-ensinar e, nesse sentido, apontam para um rompimento da relação teoria-prática, bem como da relação entre produção e aplicação do conhecimento.

O projeto de desenvolvimento profissional que ora se apresenta, da professora e mestranda Rejane Luci Silva da Costa Knoth está fundamentado na concepção de epistemologia da prática, inicialmente formulado por Donald Schön (2000), que rompe com a perspectiva técnica de formação, orientada pela aplicação de teorias e métodos científicos ao contexto profissional. Nesse sentido, o desenvolvimento profissional será entendido aqui como um processo que

> [...] consiste essencialmente na construção de competências e nas transformações identitárias nas situações de trabalho ao longo da carreira. Portanto, o conceito de desenvolvimento profissional remete, antes de tudo, a esse processo individual de aprendizagem de conhecimentos, habilidades atitudes e de sua mobilização em forma de competências para enfrentar, de maneira eficaz, situações profissionais; trata-se, fundamentalmente, do processo do indivíduo que aprende pelo trabalho para seu trabalho! (PAQUAY; VAN NIEUWENHOVEN; WOUTERS, 2012).

2 METODOLOGIA

Os objetivos de formação profissional do Profletras estão de acordo com o que García (1999) classifica como um processo fundado no tripé planificação-

desenvolvimento-avaliação. Trata-se de um processo de aprendizagem mediante o qual o professor deve aprender algo (conhecimentos, competências, disposições, atitudes) num contexto concreto (a escola).

O desenvolvimento profissional de professores é uma atividade multidimensional, que envolve influências individuais, políticas, sociais, econômicas e profissionais. Por essa razão, como enfatiza García (1999, p. 196), “a planificação, desenvolvimento e avaliação de atividades de desenvolvimento profissional não podem ser realizadas a partir de uma perspectiva meramente técnica, mas será necessário combinar e conjugar tais elementos”.

Paquay, Van Nieuwenhoven e Wouters (2012) reconhecem a importância da prática na formação, mas concluem que o desenvolvimento profissional só se realiza pela reflexão sobre a ação. Para elaborar uma epistemologia da prática com o fim de orientar a formação do profissional prático reflexivo, Schön (2000) correlaciona a reflexão com diferentes momentos da atuação profissional e estabelece uma escala que parte do conhecimento tácito, ou saberes da experiência, até a prática reflexiva em sentido amplo. Os conceitos que designam as diferentes fases do ensino reflexivo são os seguintes:

a) *Conhecer-na-ação*: corresponde ao conhecimento implícito ou tácito, inerente ao talento artístico profissional, fruto da experiência ou de reflexões passadas, consolidado em esquemas semiautomáticos e rotinas. Por se tratar de uma competência que independe da capacidade de descrição ou explicitação de seus pressupostos por parte de quem o aciona, é fundamental, para o ensino reflexivo, que o conhecer-na-ação seja descrito. Quando isso acontece, o conhecer se converte em *conhecimento-na-ação*.
b) *A reflexão na ação*: o conhecer-na-ação permite ao prático acionar esquemas de ação que recobrem as situações previsíveis. Contudo, a prática educativa tem como uma de suas características a imprevisibilidade, demandando a necessidade de tomadas de decisões repentinas e, por isso, nem sempre fundadas em certezas advindas de algum procedimento de experimentação realizado fora do contexto situacional imediato. Em situações desse tipo, o profissional deve ser capaz de refletir na urgência da ação para tomar decisões. Assim como o conhecer-na-ação, a reflexão na ação é um processo que pode ser desenvolvido sem que haja a necessidade de descrição.

c) *A reflexão sobre a ação* e *sobre a reflexão na ação* podem ser consideradas como a análise que o profissional realiza *a posteriori* sobre as características e processos de sua própria ação. Consciente do caráter de reconstrução de sua própria lembrança e da possibilidade de que neste processo se produzam inevitáveis deformações subjetivas, o profissional deverá utilizar métodos, procedimentos e técnicas de contraste intersubjetivo ou dados registrados objetiva e mecanicamente sobre a própria realidade, a fim de minimizar os efeitos deformadores da atividade de reconstrução. (PÉREZ GÓMEZ, 1998b)

Com base nesses pressupostos, o modelo de formação prevê três grandes unidades estruturais em torno das quais se desenvolverão as diversas atividades que comporão o processo de desenvolvimento profissional: a análise situacional, o planejamento e a implementação da proposta de intervenção, além da avaliação. A análise situacional tem a finalidade de permitir um diagnóstico do estado profissional da professora, de maneira que seja possível identificar e selecionar necessidades formativas que serão objetos do projeto de desenvolvimento. Para isso foram utilizados dois instrumentos de coleta de dados: uma narrativa autobiográfica e a elaboração de uma atividade diagnóstica para os alunos, com base no tema escolhido para a proposta de intervenção, a saber, o desenvolvimento da habilidade de argumentar nas produções textuais escritas. A proposta de intervenção representa o recorte da prática em que se desenvolvem atividades relativamente controladas de ensino, tendo em vista a aplicação da metodologia de desenvolvimento profissional. Sua implementação é descrita na dissertação. A avaliação está dividida em três etapas: a autoavaliação da professora, presente nas diversas etapas do processo e nas considerações finais; a avaliação da banca examinadora, que será realizada na sessão de defesa; a avaliação do orientador-formador. A seguir serão apresentadas a narrativa autobiográfica e a primeira versão da avaliação diagnóstica elaborada pela professora-mestranda, que serão seguidas da lista dos objetivos do projeto de desenvolvimento profissional e sua metodologia.

2.1 ROTEIRO PARA A ESCRITA DA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Um dos elementos da análise situacional é a descrição do professor considerando seu perfil profissional e os aspectos que caracterizam sua prática. Tendo em vista que o objetivo principal do Profletras é a capacitação do professor, é fundamental apresentar um quadro de como ele se encontra para identificar suas necessidades formativas e, a partir daí, definir um plano de formação do qual o projeto de intervenção é parte fundamental, uma vez que será por meio dele que todos os pressupostos teóricos serão postos em prática com vistas ao desenvolvimento profissional orientado para uma prática reflexiva.

O método das narrativas autobiográficas foi selecionado por ser aquele que permite uma maior exposição do professor acerca de suas concepções, crenças e avaliações sobre o trabalho que desempenha. Por meio das narrativas, será possível ter acesso a dados bastante subjetivos sobre sua identidade docente e, sobretudo, às suas justificativas, quando houver. Por outro lado, qualquer dificuldade para justificar crenças e concepções podem ser fontes valiosas de dados acerca de como os saberes profissionais atuam na construção do habitus profissional. Nesse sentido, é fundamental que o professor consiga diferenciar aquilo em que acredita daquilo que efetivamente faz e apresentar as justificativas em todos os aspectos do presente roteiro. Ou seja, nas narrativas deve prevalecer o real sobre o ideal, mas isso não impede que o professor apresente suas concepções e crenças acerca do ideal, justificando, sempre que possível, a distância entre essas duas dimensões em sua prática.

PERFIL PROFISSIONAL

Como avalia a qualidade de sua formação inicial?

- Foi abrangente o bastante para permitir uma visão adequada do contexto profissional?
- Proporcionou uma formação adequada para você trabalhar com o tema do trabalho?
- Proporcionou a construção mínima necessária de conhecimentos teóricos e práticos (envolvendo aspectos sociais, antropológicos, filosóficos, teorias da aprendizagem e conhecimentos técnicos da disciplina específica) ao exercício da profissão?

Como lida com as lacunas da formação?

- Busca atualização constante através de cursos, leituras independentes ou discussão com colegas de profissão;
- Contenta-se com as alternativas apresentadas pelo livro didático e limita-se a trabalhar com o que ele apresenta;
- Quais as suas perspectivas em relação ao Mestrado Profissional em Letras?

Quais concepções de educação orientam seu trabalho?

- Acredita que o trabalho na escola pública é diferente do desenvolvido na escola particular? Em que sentido?
- Qual deve ser o papel da educação e como seu trabalho reflete essa crença?
- Como as concepções comportamentalistas, cognitivistas e construtivistas influenciam seu trabalho?
- Qual a concepção de linguagem e o papel do ensino de língua portuguesa na concepção de educação que orienta sua prática?

Quais fatores foram determinantes para a escolha do tema com o qual deseja desenvolver a proposta de intervenção?

PLANEJAMENTO

- Como você avalia a importância dos planejamentos anual, bimestral e diário? Costuma fazê-los por iniciativa própria ou concebe-os sobretudo como uma exigência da burocracia escolar?
- Você diria que a prioridade de seu trabalho é garantir o cumprimento do programa ou desenvolver as aprendizagens?
- Qual a estrutura mais frequente em seus planejamentos? Ela é definida a partir de uma base teórica que determina a apresentação de cada um dos elementos ou se baseia apenas nos saberes da prática profissional?
- Como se dá a articulação entre leitura, escrita e gramática em seu planejamento?
- Os planos são elaborados a partir das necessidades dos alunos ou de um programa previamente definido no projeto da escola?
- Como você define os objetivos e quais bases determinam sua seleção?
- Como você define os conteúdos e quais bases determinam sua seleção?

- Quais os critérios para a definição da metodologia e quais métodos você mais utiliza?
- Costuma utilizar as TIC em suas aulas?

GESTÃO DA SALA DE AULA

- Como você lida com problemas de superlotação em salas tendo em vista o planejamento das aulas?
- Como costuma lidar com salas de aula agitadas e com alunos desmotivados e desinteressados?
- Como é seu processo de comunicação com os estudantes? Quais são suas estratégias para se fazer ouvir pelos estudantes?
- Costuma estabelecer normas de comportamento nas salas?
- Quais estratégias utiliza para planejar o ambiente físico?
- Você costuma elaborar o próprio material que utiliza nas aulas ou se apoia sobretudo no material didático? Situe o tema de sua proposta de intervenção relativamente a essa questão.
- Como lida com as dificuldades de aprendizagem dos estudantes e com o fracasso escolar (bimestral e anual)? Como avalia sua responsabilidade no processo?
- Como se dá o acompanhamento da aprendizagem durante as aulas?
- Qual o papel das tarefas de casa em sua prática? Como elas são elaboradas? O que acontece quando os alunos não as realizam?

2.1.1 NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Sou professora e me sinto professora. Cursar o magistério foi uma escolha, embora soubesse dos percalços que circunscrevem a profissão; nesse sentido, buscar a qualificação é fundamental, porquanto as demandas sociais são exigências que envolvem todo profissional, inclusive o professor, que está sempre no centro dessas transformações. Ensinar é uma necessidade que me faz aprender. Sendo

assim, minha trajetória como pessoa confunde-se com a minha opção profissional. Sempre assumi o cargo de professora e os desafios que essa carreira impõe.

Logo após a conclusão do magistério, passei a dar aulas, primeiro no Ensino Fundamental I e II, mais tarde no Ensino Médio, e me descobri professora de português quando, em 1985, tive o primeiro contato com a matéria. Em minhas aulas, sempre me questionava: por que os alunos sentem tanta dificuldade nesta disciplina, se vivemos, falamos e escrevemos esta língua?

A partir daí, passei a "viver" profissionalmente da Língua Portuguesa. Tentando encontrar respostas para esse questionamento, procurei me instruir, capacitar-me, participando de cursos e palestras. Em 1990, fui aprovada no vestibular da UNEB – Alagoinhas, *Campus* II*,* para cursar Letras Vernáculas com Inglês. Ensinava em uma escola pública e em duas particulares e sabia que precisava estudar para aprender mais e incrementar minha prática em sala de aula; acreditei que neste curso estava o caminho para complementar minha formação docente.

Ao ter conhecimento das disciplinas que iria estudar, Língua Portuguesa, Oficina de Redação, Metodologia do Ensino de Português, Linguística, entre outras, criei bastante expectativa, porque teria acesso a novos conhecimentos teóricos e a metodologias que me capacitariam para lidar com os problemas didático-pedagógicos que são comuns no âmbito escolar.

Entretanto, o curso foi mais teórico, não se falava em sala de aula nem sobre o trabalho que a envolvia. Estudava, lia e respondia as provas ou realizava seminários com o propósito de conhecer o pensamento de autores diversos; nada de prática, apesar de constatar significativas mudanças operadas em meus conhecimentos teóricos, que certamente enriqueceram minha ação docente. Nada obstante, a dúvida permaneceu: como articular teoria e prática?

Posso dizer que a formação que esperava neste curso não foi abrangente o suficiente para que tivesse uma visão mais ampliada do contexto escolar que já vivenciara. Vale destacar que, na época em que estudei, o *Campus II* era Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas (FFPA).

No tocante ao tema que pretendo fazer intervenção, produção textual escrita com foco no desenvolvimento da habilidade de argumentar, conheci alguns teóricos que se dedicavam a ele; mas somente no primeiro semestre vivenciei a prática com

a disciplina Oficina de Redação; saliento que as propostas de redação privilegiavam textos narrativos.

Com o intuito de promover minha prática pedagógica, participei, após a graduação, de alguns cursos chamados de reciclagem, como “Aprendizagem significativa de Português”, “Construtivismo e ação pedagógica”, e também de oficinas e encontros nos quais eram discutidas temáticas relacionadas ao “ser professor” e à nossa língua. Portanto, julgo que minha formação é constituída de bases teóricas, desvinculada da prática, pois nestes cursos e encontros sempre ouvia o palestrante que falava de uma sala de aula que não era a minha.

No anseio de aprender mais sobre o meu fazer pedagógico e para suavizar as ausências do meu processo de aprendizagem, sempre procuro realizar leituras que abordem assuntos ligados à educação, à língua materna e à sala de aula; além disso, discuto e aprendo com colegas de profissão a respeito desses assuntos.

E foi neste intuito de buscar conhecer mais os meandros da minha docência que realizei duas pós-graduações: Especialização em Educação Infantil (UNEB, 1999), Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa (UGF, 2010) e, atualmente, o PROFLETRAS (UNEB, 2014), este último em andamento.

O Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) surgiu para mim como uma proposta na qual eu teria a oportunidade de revisitar as teorias de aprendizagem estudadas e avaliar meu comportamento como profissional. Entretanto, as minhas perspectivas estão sendo superadas na medida em que o curso fomenta a construção de uma nova profissional, muito mais crítica e reflexiva.

É nesta perspectiva de reflexão que eu aguço meu olhar de professora de escola pública para a minha sala de aula e para a utilização do livro didático. Apesar de consultar outras fontes, não me limitando a ele, este instrumento ainda é o que norteia as minhas ações em sala de aula, sendo a partir dele que desenvolvo meus planejamentos. Sei que o livro didático deve servir, principalmente, para direcionar minha prática, visto que a ausência de temas regionais ou a presença de assuntos fora da realidade dos estudantes, como observo em alguns livros, pode inviabilizar um trabalho de mais qualidade, todavia, o livro didático é o que tenho em mãos para trabalhar.

Acredito que a qualidade da educação é uma busca constante da escola pública, na qual se poderia sim desenvolver um bom trabalho, porque esta escola dá mais liberdade de ação, mas falta engajamento. São muitas escolas públicas que

apresentam uma boa estrutura física, materiais didáticos ideais, como livros de excelência e professores capacitados, mas ainda há um longo caminho a percorrer, digo isto porque trabalho 40 horas semanais em regime de dedicação exclusiva em uma delas.

Enquanto na escola particular o profissional é cobrado a apresentar resultados, como a aprovação dos alunos em vestibulares ou ENEM, na pública, o professor é mais solicitado na questão da frequência e talvez por isso venha amargando baixos índices nos programas de avaliação do governo. Acima de tudo, conta com problemas nacionais, como falta de qualificação do profissional docente e outros quase irreversíveis, como a evasão em massa e a repetência sistemática dos educandos.

Outro problema da educação pública que limita a ação de professores e gestores é a segurança, ou seja, a falta dela; a segurança pública está um caos, e a segurança no espaço escolar é um desafio com o qual temos que lidar diariamente.

O colégio Gentil Paraíso Martins, onde trabalho e desenvolverei minha intervenção, localiza-se próximo a uma área de risco; apesar das câmeras de segurança, de porteiros e vigilantes em cada turno, de muros altos, de grades e ações como debates e discussões acerca do assunto, a vulnerabilidade de alunos, professores e funcionários da instituição é visível, parecendo que tais medidas foram tomadas de forma isolada, o que tornou a escola refém do próprio entorno, causando uma sensação falsa de proteção, pois constantemente somos alvos de elementos externos, como traficantes, e de alunos que causam danos ao patrimônio público.

Além da carência de operações contínuas por parte do poder público que assegurem esse direito, professores mal-remunerados e insatisfeitos completam o quadro de um sistema educacional público que clama por mudanças. Acrescento que o Estado tem investido na educação, todavia esses investimentos não atingem a qualificação docente.

Para que investir em educação sem reestruturar e repensar a natureza da atividade do professor? Compreendo que o papel da educação é, sobretudo, formar cidadãos que não sejam reprodutores de ações e de discursos, mas que passem a ser e a agir, em seu dia a dia, como pessoas que questionam acerca do que veem e do que ouvem, para que possam construir seus próprios discursos. E isso passa pela formação do professor.

Como agente da educação, tento exercer um papel de professor transformador e incentivador intelectual, buscando pautar meu fazer pedagógico na observância do processo cognitivo para a aprendizagem, consciente de que o indivíduo constrói e organiza seu próprio conhecimento, à proporção que reestrutura seus saberes.

Dessa forma, vejo que a repetição mecânica de assuntos, objetivando a memorização, como já aconteceu num passado não muito distante, não pode colaborar com essa construção; concebo-me, hoje, com a ajuda do PROFLETRAS, como uma professora que estimula o crescimento e o desenvolvimento pessoal e intelectual do educando, já que não o percebo como passivo diante das influencias do meio e das situações linguísticas.

Em vista disso, entendo que o uso da linguagem de maneira significativa e reflexiva em sala de aula contribui com a aprendizagem. Como prática social, trato a linguagem como a capacidade inerente que tem o ser humano de adquirir, compreender e produzir conhecimentos em situações comunicativas diversas de convivência; como múltipla, envolve realizações linguísticas resultantes de processos sociointeracionais que desencadeiam em momentos de reflexão que acabam por fomentar o aprendizado da língua.

Sendo expressão da linguagem verbal, concebo a língua como a possibilidade do sujeito de se expressar, de forma oral ou escrita. Como surge em sociedade, precisa da imposição de algumas regras; como um conjunto organizado de sinais, convém o conhecimento destas normas. Na sala de aula, tento articular uma forma trabalhar com a língua abordando leitura, gramática e a produção de textos, observando o nível de letramento dos sujeitos.

Por ser caracterizado como o uso, em sociedade, da leitura e da escrita, defino o letramento de um aluno ou de uma turma através da relação/interação entre o conhecimento que o indivíduo traz consigo com aquele que ele aprende na escola, que resulta na sua leitura de mundo.

Revendo meu papel de professora da língua e atentando para a função da escola, elegi o tema produção textual escrita com foco no desenvolvimento da habilidade de argumentar para conceber este trabalho. Acredito na fundamental importância dessa abordagem, pois a linguagem (verbal e não verbal), como prática social, é o elemento essencial para a argumentação que passa a ser o fundamento para a reflexão sobre ser cidadão na sociedade em que se vive. E daí surgem

reflexões: nos momentos de preparação ou execução de minhas aulas, como estou contribuindo para este aprendizado? De que forma o PROFLETRAS pode auxiliar na melhoraria da minha prática? Como desenvolver a habilidade argumentativa? Quais metodologias utilizar? Que aspectos linguísticos devo abordar para facilitar e estimular a produção de textos?

Diante desses questionamentos, passo a refletir acerca do planejamento, uma etapa tão necessária ao processo educacional e, na maioria das vezes, negligenciada. Seja anual, bimestral ou diário, é através do planejamento que o professor tem uma visão geral dos conteúdos a serem ensinados e pode organizá-los, além de determinar objetivos a serem alcançados e metodologias que serão aplicadas.

Em contrapartida, esse instrumento é concebido apenas como uma exigência burocrática; no CEGPM é elaborado, principalmente, com base em meus saberes da prática pedagógica e no que traz o livro didático. No que tange à articulação entre leitura, escrita e gramática, é constituído da mesma forma, bem como a escolha de metodologias; os objetivos estão vinculados aos do GESTAR.

Acrescento ainda que, na maioria das vezes, o que foi planejado são intenções que permanecem no papel, já que o planejamento só é visto e discutido no início do ano. Durante o restante do período letivo, uso o livro didático para compor o planejamento diário das aulas, mas devo esclarecer que, às vezes, busco outros meios de consulta e de coleta de material, como a *Internet*, para o trabalho em classe; meu planejamento diário é feito individualmente, de forma solitária.

Às vezes, nessa coleta de material, tento valorizar as necessidades dos aprendizes, tratando de assuntos que percebo que há dificuldade ou desejo de conhecer e que são relatados por eles em textos escritos, falados ou mesmo em atividades individuais e em grupo. Dessa maneira, viso, de certa forma, à aprendizagem, mas não abandono o cumprimento do programa.

Para abordar os assuntos programados, a metodologia de que lanço mão está sempre atrelada ao comportamento da sala como um todo. Porém, os conhecimentos prévios são sempre acionados com a finalidade de detectar o nível de conhecimento do estudante no tocante ao que será trabalhado em classe.

Algumas vezes, logo após esse procedimento, apresento para a turma algum elemento de motivação, como uma imagem, uma cena de um filme, um texto literário (música, poema) ou uma dinâmica que desperte o interesse em aprender aquele

assunto. Depois, parto para a explicação seguida de atividades escritas (normalmente) ou orais, em grupo ou individuais, no caderno ou no livro, também com alguma tarefa de casa.

Nessas circunstâncias, as TICs colaboram com minhas ações. Entretanto, integrar o universo digital à educação com o potencial que as ferramentas tecnológicas possuem ainda é um desafio para mim. Quando há disponibilidade na escola para utilizá-las, os alunos são sempre o centro do processo, pois estão à frente no que se refere à tecnologia.

Sendo assim, nas turmas com o excesso de alunos, planejo aulas nas quais as TICs compareçam, para que a participação deles seja mais ativa; realizo, além disso, trabalhos em grupo, objetivando a troca de conhecimento e também para ter mais controle de classe; ou então, nas explicações de gramática ou ortografia, coloco a turma em semicírculo, realizo atividades lúdicas, pois desta forma os alunos têm a chance de participar mais, e eu consigo uma visão mais completa da turma.

Já nas turmas mais agitadas ou nas quais predominam o desinteresse e a desmotivação, é muito difícil concretizar o que foi planejado. Muitas vezes sou levada a abandonar o que foi determinado pelo programa e parto para uma atividade diferente, como um jogo, a resolução de um enigma, entre outros, que não foi planejado, pelo menos para aquela turma, para acalmar os ânimos ou despertá-los.

Acrescento ainda que, para me fazer ouvir nas turmas em que ensino, procuro me antecipar aos alunos, planejo aulas utilizando as TICs, ministro aulas no laboratório de informática ou na biblioteca com atividades desafiadoras, com textos curtos e que tenham humor, solicito colagem de um determinado tema, ou seja, crio um ambiente agradável no qual compreendo suas dificuldades e problemas (de casa ou da escola) e, acima de tudo, converso sobre assuntos do cotidiano deles.

Além do mais, estabeleço algumas normas de comportamento para que a alteridade seja a base da relação entre professor/aluno, aluno/professor e aluno/aluno, e para criar um clima de confiança e segurança na minha fala e nas minhas ações.

Assim, algumas estratégias são fundamentais: organizo previamente a ilustração de conceitos e determino objetivos, estes às vezes comunico aos alunos, outras vezes, não; preparo interpelações durante as explicações para conseguir a atenção, assegurar a aprendizagem e favorecer a prática. Para manter um ambiente de aprendizagem, estou deveras atenta às questões levantadas em classe e aos

diferentes discursos dos estudantes; como elaboro, algumas vezes, exercícios, atividades e avaliações, além das previstas nos livros, tenho a oportunidade de criar situações comunicativas que promovam o aprendizado, mesmo não sendo isto o que sempre acontece.

No que se refere ao tema a ser trabalhado, acredito que desenvolverei a contento, pois, além de ser uma necessidade de aprendizado para mim, a escola disponibiliza espaço, material didático, tecnológico e humano para essa realização. Esse tema vai oportunizar aos alunos um trabalho diferenciado na disciplina, já que é visto por alguns professores e alunos como tabu.

Vale salientar que nem sempre posso trabalhar de forma mais contundente as dificuldades acerca desse ou de outro assunto, porque são muitas as atividades escolares para dar conta que impedem essa ação; por isso, muitas vezes me sinto responsável pelo fracasso, pela repetência e pela evasão escolar.

Quando o fracasso se apresenta em relação à nota quantitativa, recorro ao que chamamos de recuperação paralela para eximir minha responsabilidade enquanto agente da educação, tentando evitar a repetência e a evasão. Para evitar essas formas de fracasso escolar, seria interessante que atividades diversificadas a respeito do mesmo assunto pudessem ser feitas, antes da recuperação; acredito que seria uma forma de colaborar com o crescimento e aprendizagem do estudante no tocante à qualidade do aprendizado. Porém, o acompanhamento do aluno na escola é uma tarefa dedicada tão somente à observância de notas quantitativas.

Em relação ao acompanhamento escolar, não vejo resultados na tarefa de casa; acredito que o que o aluno aprendeu com seu professor e com seus colegas já está apreendido e essa tarefa não irá acrescentar em nada. Em casa, o estudante pode ler um livro, escrever sobre o que quiser e estar com sua família e amigos para a realização de outras atividades. Determino tais tarefas a fim de que seja exercitado o assunto que fora trabalhado em classe e para dar uma justificativa aos pais, mas normalmente elas não são respondidas. Quando o aluno chega à classe sem a tarefa pronta, registro no diário de classe e passo a sua correção (o que, certamente, ele copia).

É importante considerar que o estudante atual não é passivo – aquele que recebe as informações que o professor lhe repassa – ele é aprendiz, ativo, um construtor do seu conhecimento. Será que a tarefa de casa corrobora isso?

Embora conviva numa organização educacional que não valoriza a atividade docente, nem privilegia a aprendizagem significativa discente, as inquietações acerca das minhas aulas são constantes, pois há urgência em torná-las mais úteis, em momentos de reflexão sobre a língua e apropriação da linguagem. Porém, não é uma tarefa fácil nem unilateral.

Pertencendo a um sistema que espera que o professor resolva uma demanda de problemas sobre os quais ele não foi preparado para solucionar e, ainda mais, que ele dê conta de uma lista imensa de conteúdos, pesquisar e trabalhar a argumentação na sala de aula parece-me apropriado, pois, ao lançar mão de técnicas e procedimentos para o desenvolvimento dessa habilidade, revejo meu papel enquanto professora e, consequentemente, minhas aulas.

2.1.2 ATIVIDADE DIAGNÓSTICA

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

Professora-Mestranda – Rejane Luci Silva da Costa Knoth

Instituição de Ensino Parceira: Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins

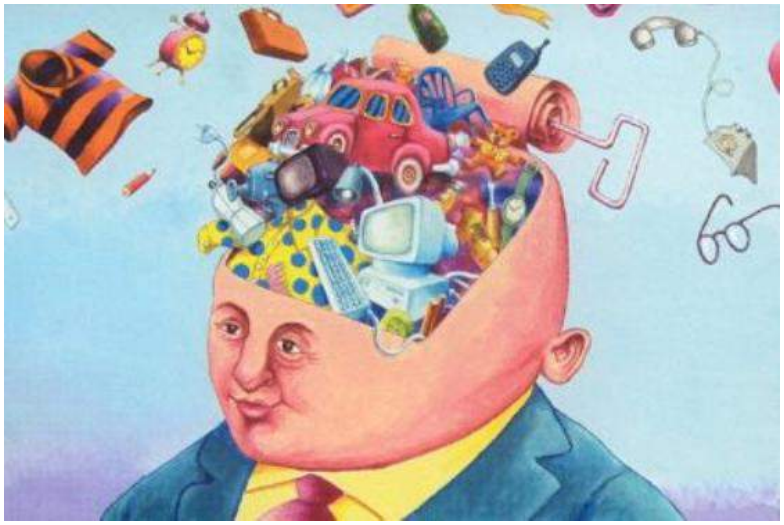
Série : 9º. ano do EF II Turma - A Turno – Matutino

PROPOSTA PARA PRODUÇÃO DE TEXTO ARGUMENTATIVO

Leia os textos a seguir e produza um texto argumentativo, com no máximo 25 linhas, defendendo sua opinião a respeito do seguinte tema: *Como lidar criticamente com a influência das campanhas publicitárias nas relações de consumo?*

Escreva seu texto usando caneta azul ou preta e faça rascunho.

TEXTO I:



perspectivismo.wordpress.com

TEXTO II:

campanhaostentacaoforadonormal.blogspot.com

TEXTO III:

O que influencia o consumismo jovem?

Há um consumo exagerado de tudo: dinheiro, imagem, roupas, perfumes, adornos, grifes, amor, sexo, bens de consumo e substâncias lícitas e ilícitas. O planeta em que vivemos está em crise: de um lado, consumismo exagerado e avanços tecnológicos que nos surpreendem a cada dia; de outro, fome, miséria e desigualdade. Um mundo onde o ter é mais importante do que o ser. Neste mundo consumista, os adolescentes foram escolhidos como o alvo mais fácil dessa escalada sem rumo, sendo hoje chamados de filhos do consumismo.

O mercado, a mídia e o comércio perceberam no perfil do adolescente um terreno fértil e sem fim para o lançamento de novos alimentos, novos sabores, novas bebidas, moda, roupas, grifes, tudo sempre embalado pelo novo, pelo moderno, pelos maiores recursos, pelo passageiro, pela contestação e pela sensação de

pertencer a um grupo diferente ou mesmo a uma tribo. Muitas vezes são os jovens que escolhem os produtos que serão usados em sua casa, desde os mais simples até os mais sofisticados. Apesar da crise econômica mundial, é fato que nunca os adolescentes de classe média do Brasil tiveram tanto dinheiro em suas mãos. São alvos de bancos (cartões de crédito e novas contas), shoppings, lanchonetes, agências de turismo, entre outros (lojas de celulares, produtos energéticos e esportivos). É um planeta teen, de consumismo voraz e veloz, e, estimulados pela sociedade, os adolescentes exageram na dose. Entretanto é importante lembrar que o adolescente não nasce assim; ele é o fruto, o resultado de uma sociedade cada vez mais consumista.

(...)

adolescenciaesaude.com / adaptado por Rafaela Maia

Publicado em 29 de abril de 2013 por jovemeconomico

Adaptado para fins pedagógicos.

2.2 OBJETIVOS E METODOLOGIA DO PROJETO DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

A partir da análise dos instrumentos, foram definidos os seguintes objetivos e procedimentos metodológicos do projeto de desenvolvimento profissional:

a) Competências profissionais

- Saber relatar e refletir sobre a prática;
- Relacionar teorias da aprendizagem e o ensino da habilidade de argumentar;
- Planejar aulas sobre argumentação envolvendo a noção de competências, conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais;
- Utilizar novas tecnologias em aulas sobre argumentação;
- Elaborar atividades de casa.

b) Metodologia de formação

- Redação e reflexão sobre as práticas de ensino;
- Análise de construtos pessoais e teorias implícitas;
- Discussão de textos teóricos;
- Elaboração reflexiva de material didático.

c) Avaliação do processo formativo

- Análise dos relatos e das reflexões das etapas, das aulas e da proposta de intervenção como um todo, para verificar as mudanças da professora em relação ao diagnóstico inicial;
- Apreciação do trabalho pela banca examinadora na sessão de defesa.

REFERÊNCIAS

GARCÍA, C. M. **Formação de professores para uma mudança educativa**. Trad. Isabel Narciso. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.

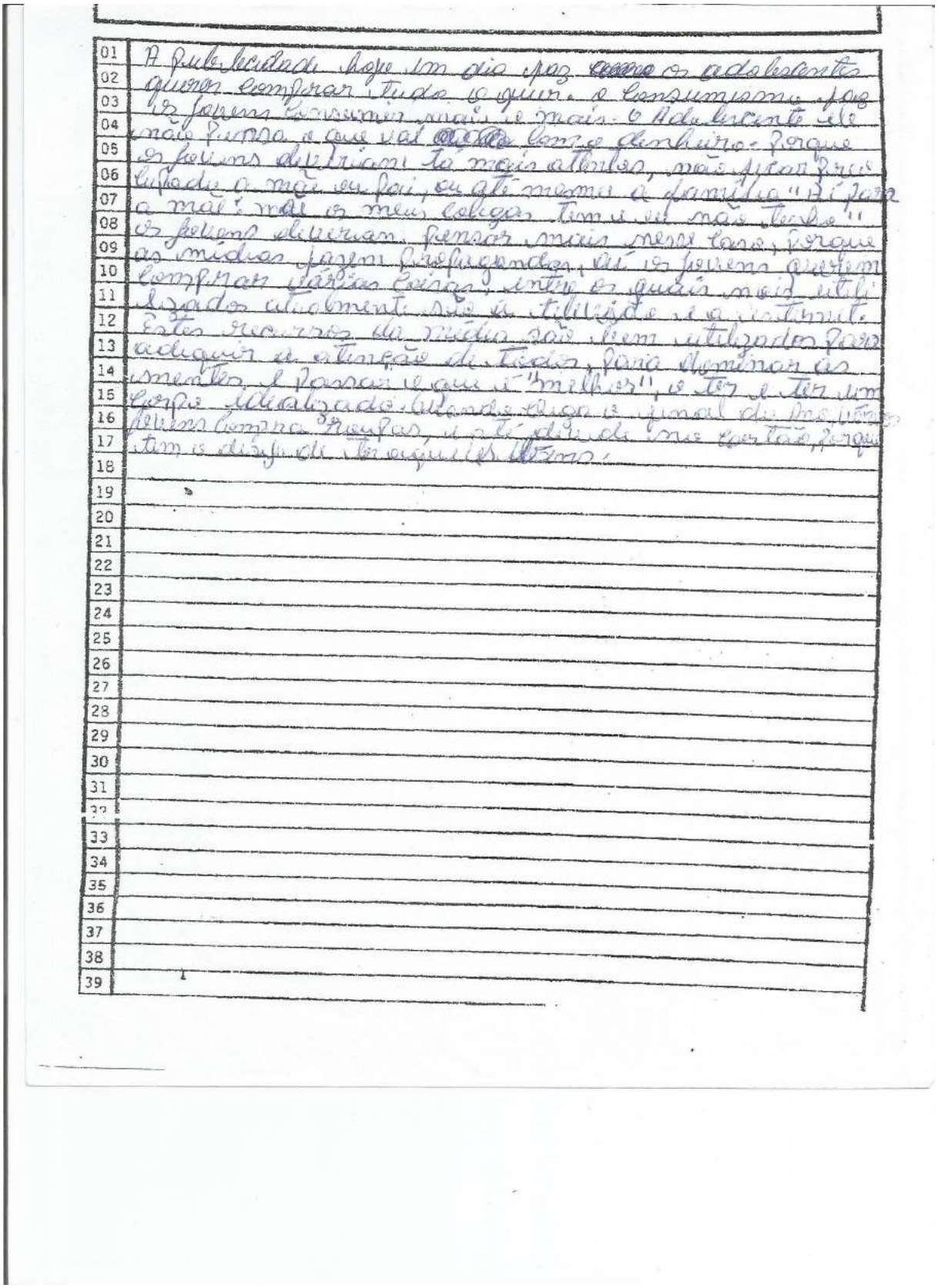
PAQUAY, L.; VAN NIEUWENHOVEN, C.; WOUTERS, P. (Org.) **A avaliação como ferramenta de desenvolvimento profissional de educadores**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Penso, 2012.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. Os processos de ensino-aprendizagem: análise didática das principais teorias da aprendizagem. In: SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Trad.: Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998a, p. 27-52.

_____. A função e formação do professor/a no ensino para a compreensão: diferentes perspectivas. In: SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Trad.: Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998b, p. 353-380.

SCHÖN, D. A. **Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ANEXO B**: As produções iniciais**



O Consumismo dos Adolescentes

Jovens exagerados nas Tecnologias.

Nos dias de hoje os jovens estão consumido muitas coisas da nova geração.

Porquê as novas gerações são mais avançadas estão na moda então eles só querem viver no luxo mas sem saber que as empresas estão ganhando em cima deles.

As comerciais cada ano ou meses inventam comprar novos produtos novas roupas, perfumes entre outros, para os adolescentes gastarem mais. Eles no entanto tem que ficar atento no que eles comprar gostam.

O consumismo é de mais os adolescentes não se Controla com as novas tecnologias eles embora dependem dos pais mais querem novos Celulares roupas entre outros.

Por entanto temos que aprender que as empresas querem nos consumir e comprar a outra no luxo e gastar mais do que podemos deixa um pouco de lado, evitar gastar muito deixar o dinheiro para a saúde que tem muito mais importância na vida.

A midia e os adolecentes

A midia e os comercios influencia o consumismo porquê?

Os produtos são divulgado por atores, cantores, crianças, Idosos, BeBês com a ajuda dessas pessoas eles conseguem influencia mais os jovem essas pessoas diz que usar esses produtos só para influencia os jovens a compra.

Eles anuncia cremes, fraldas, Aparelhos celulares remedios, eles mostra os atores usado os produtos.

A midia apresenta aos adolescentes que assiste televisão para influencia o consumo de nós adolescentes com os anuncios das lojas.

A midia influencia muito ~~do~~ os jovems com desenvolver tecnologia.

Muitos anunciantes prefere atrai os jovem.

A influência da mídia para os adolecentes.

A mídia é usada influenciar os adolecentes, comprar em produtos ligados a personagens até atores.
Hoje em dia eles aproveitam bastante a mídia para influenciar crianças e até mesmo adolecentes e cegam as pessoas por aquele objeto.

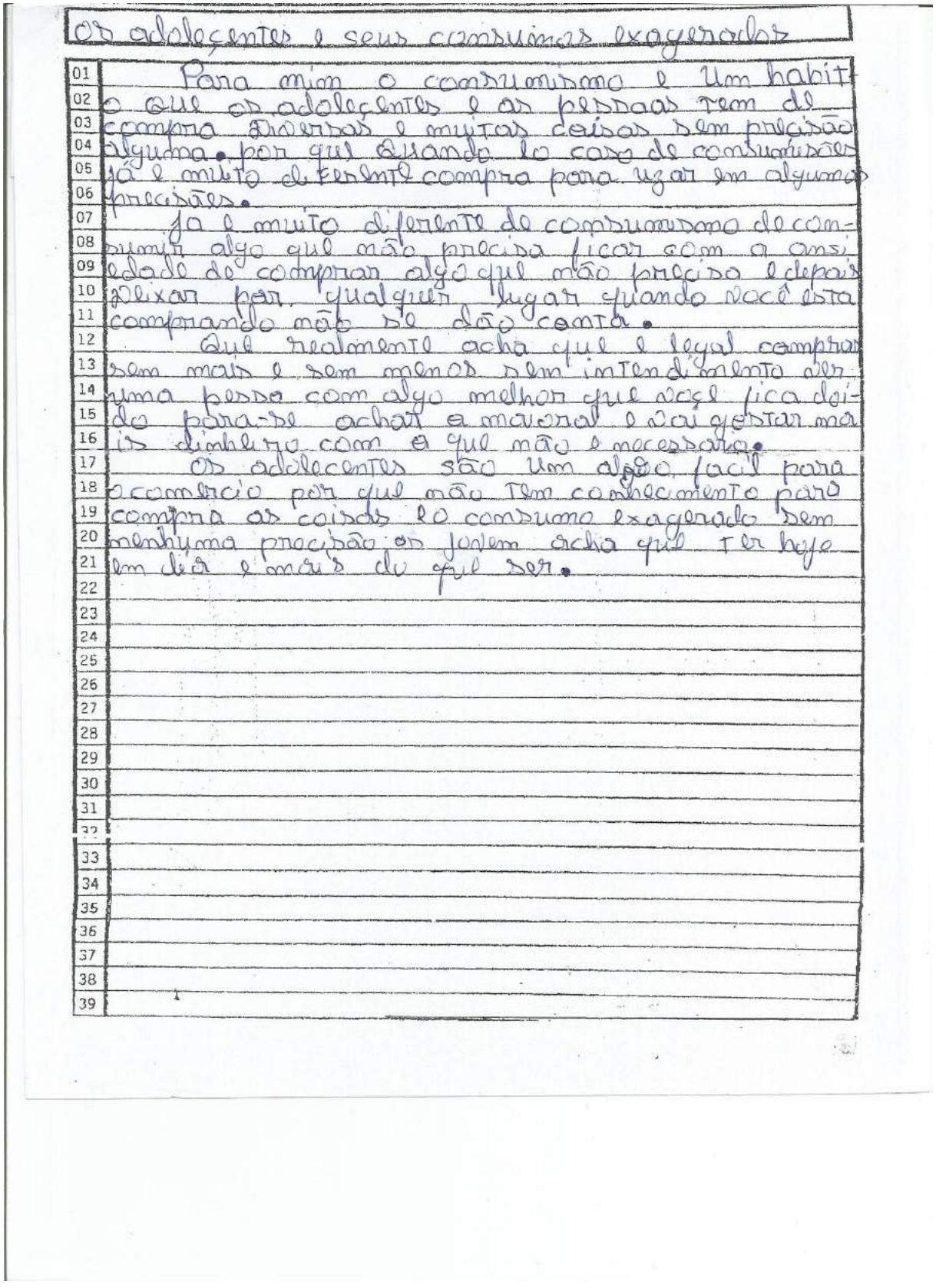
Na minha opinião aquel mais ultimamente, chama atenção dos adolecentes para comprar.
A mídia e o comércio influenciam o consumismo dos adolecentes com muitos produtos são anunciados e divulgados por atores famosos de novelas e atrizes de novelas e etc. como roupa, sabato, celular, e etc.

Os adolecentes, e o consumo exagerado por incentivo da mida.

Os adolecentes estão cada vez mais consumindo por incentivo da publicidade.

Os adolecentes de hoje cada vez mais tem, mais quer, e com o incentivo da midia esse desejo aumenta. O comercio e mercado e a publicidade conseguiram perceber que os adolecentes são alvos faceis de se inludir e por isso fazem mais lancamentos novos que chamem mais a atencão deles. A maoria deles quando ficam sabendo que tem um lancamento novo ficam loucos pra comprar, porque quer ficar na moda e aquele dele esta fora da moda e tambem por que seus amigos tem ele tem que ter. De tanto os filhos pedirem, os pais cedem e compra. dai se vai acumulado, porque o que ele ja tinha fica em casa e ele ja tem outro, dai quando lancar outro mais novo ele ja quer e os pais fazer sacrifcio e compra.

A midia incentiva os adolecentes a comprar mais e mais e por isso o consumo exagerado se continua a crescer, não e so os adolecente que exagera no consumo,



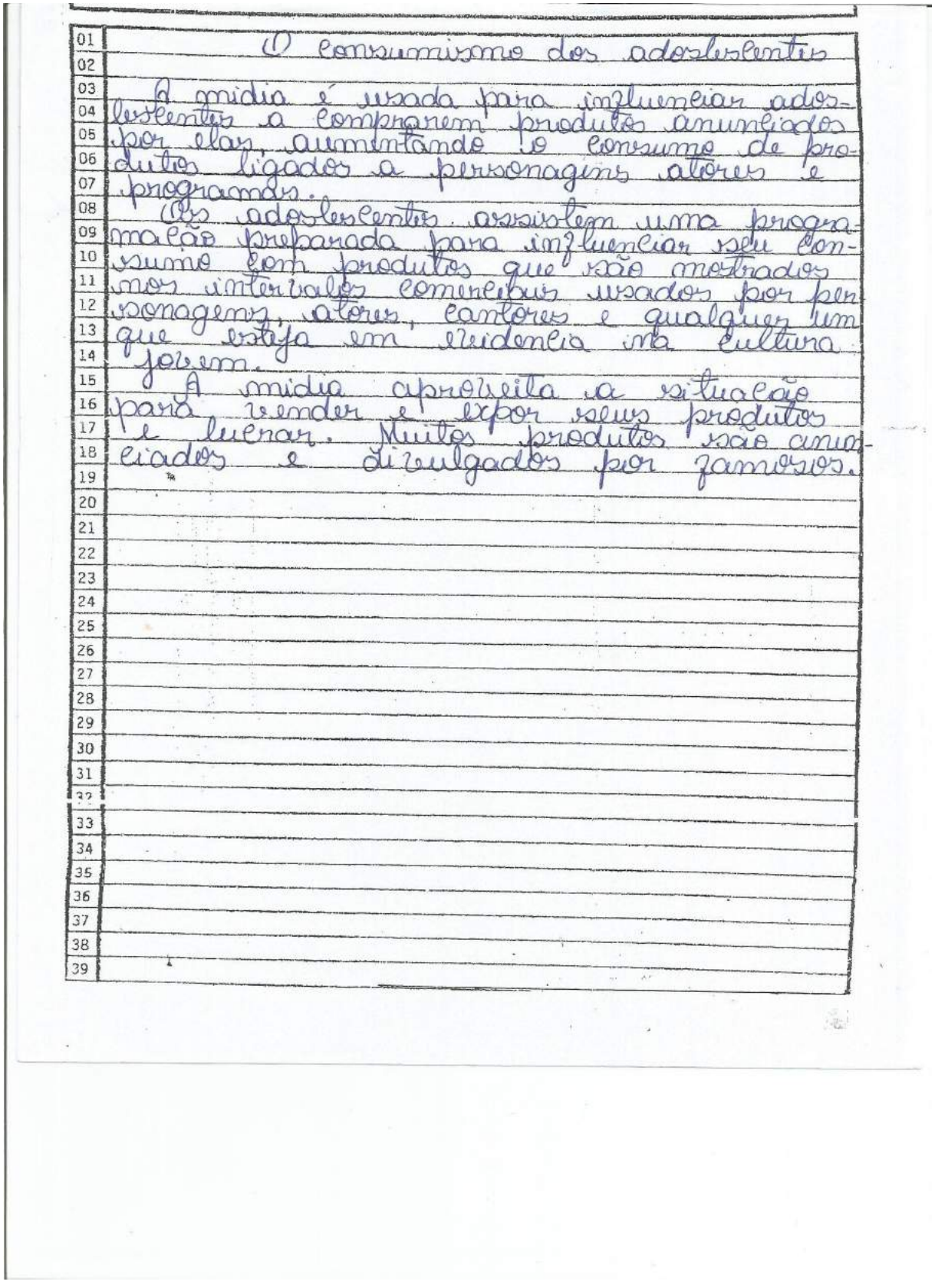
Os adoleçentes e seus consumos exagerados

Para mim o consumismo e Um habito
o que os adoleçentes e as pessoas tem de
compra Diversas e muitas coisas sem precisão
alguma. por que Quando lo caso de consumisões
já e muito diferente compra para uzar em algumas
precisões.

Ja e muito diferente de consumismo de con-
sumir algo que não precisa ficar com a ansi
edade de comprar algo que não precisa e depois
deixar por qualquer lugar quando você esta
comprando não se dão conta.

Que realmente acha que e legal compras
sem mais e sem menos sem intendimento ver
uma pessoa com algo melhor que voçe fica doi-
do para-se achar a maioral e vai gostar ma
is dinheiro com o que não e necessario.

Os adolecentes são Um algo facil para
o comercio por que não tem conhecimento para
compra as coisas e o consumo exagerado sem
nenhuma precisão os jovem acha que ter hoje
em dia e mais do que ser.



O consumismo dos adolescentes

A mídia é usada para influenciar adolescentes a comprarem produtos anunciados por elas, aumentando o consumo de produtos ligados a personagens atores e programas.

Os adolescentes assistem uma programação preparada para influenciar seu consumo com produtos que são mostrados nos intervalos comerciais usados por personagens, atores, cantores e qualquer um que esteja em evidencia na cultura jovem.

A mídia aproveita a situação para vender e expor seus produtos e lucrar. Muitos produtos são anunciados e divulgados por famosos.

O consumo na sociedade

O consumo entre os jovens, está muito grande as propagandas influenciam as pessoas a comprarem cada vez mais. Atualmente com o aumento de cartão de créditos e contas consignadas é ainda mais difícil resistir a tentação de compra. Isso já está sendo chamado consumismo exagerado. Na maioria das vezes as pessoas não está com condições financeiras pra comprar um produto mais ainda assim compra e fica muito endividadas e não sabem pagar. As pessoas estão sua situação financeira pior ainda. As pessoas não estão conseguindo consumir com consciência está cada vez mais difícil pensar se está no momento certo pra comprar o produto, essa é a melhor forma de evitar dívidas numerosas.

O consumo influencia principalmente os jovens com produtos da moda, muito bonito e caros, os jovens, ficam super interessados e querem comprar cada vez mais sem parar. As propagandas também influenciam muito para a gastar. Muitas vezes são os jovens que escolhe os produtos que vão ser usados em sua casa. A Hesar da crise econômica mundial é fato que muitos adolescentes da classe média do Brasil tiveram tanto dinheiro em suas mãos.

A mídia e o comércio influênciam o consumismo do adolescente

A mídia ela quer que nós compre as coisas que representa na propraganda mais o dinheiro não ta facil pra ninguém, mais fazer oque se a influência nos convece a compra mais vai ser muito gasto iai eu vou ter que planeja antes de compra porquê se não a influência e a mídia vai levar todo nosso dinheiro.
Ainda mais esses adolescente que não agueta ver nada em promoção que quer levar, eles tenhe que para e pensa que não é assim ver e compra eles tenhe que ver se aquelo da pra eles compra ou não.
Os adolescente de hoje tem um consumo exazerado e cada dia mais, porque eles são os alvos mais faceis da mídia.

A Publicidade influência o consumo adolescente

O consumismo do adolescente é na minha opinião transmitida e passada pelas emissoras de TV, e rádio e por propagandas e amizade. Elas influenciam e incentivando de querer um igual parecido ou seja na verdade, não compramos por precisão mais sim pela "necessidade" de querer mais, estar na moda e comentando ao

As empresas responsável pela propaganda é formada por no mínimo 3 psicólogos que tentam mexer com nossa mente e fazer compramos por algum motivo.

Você já parou para pensar o quanto já gastou? e o quanto poderia economizar?

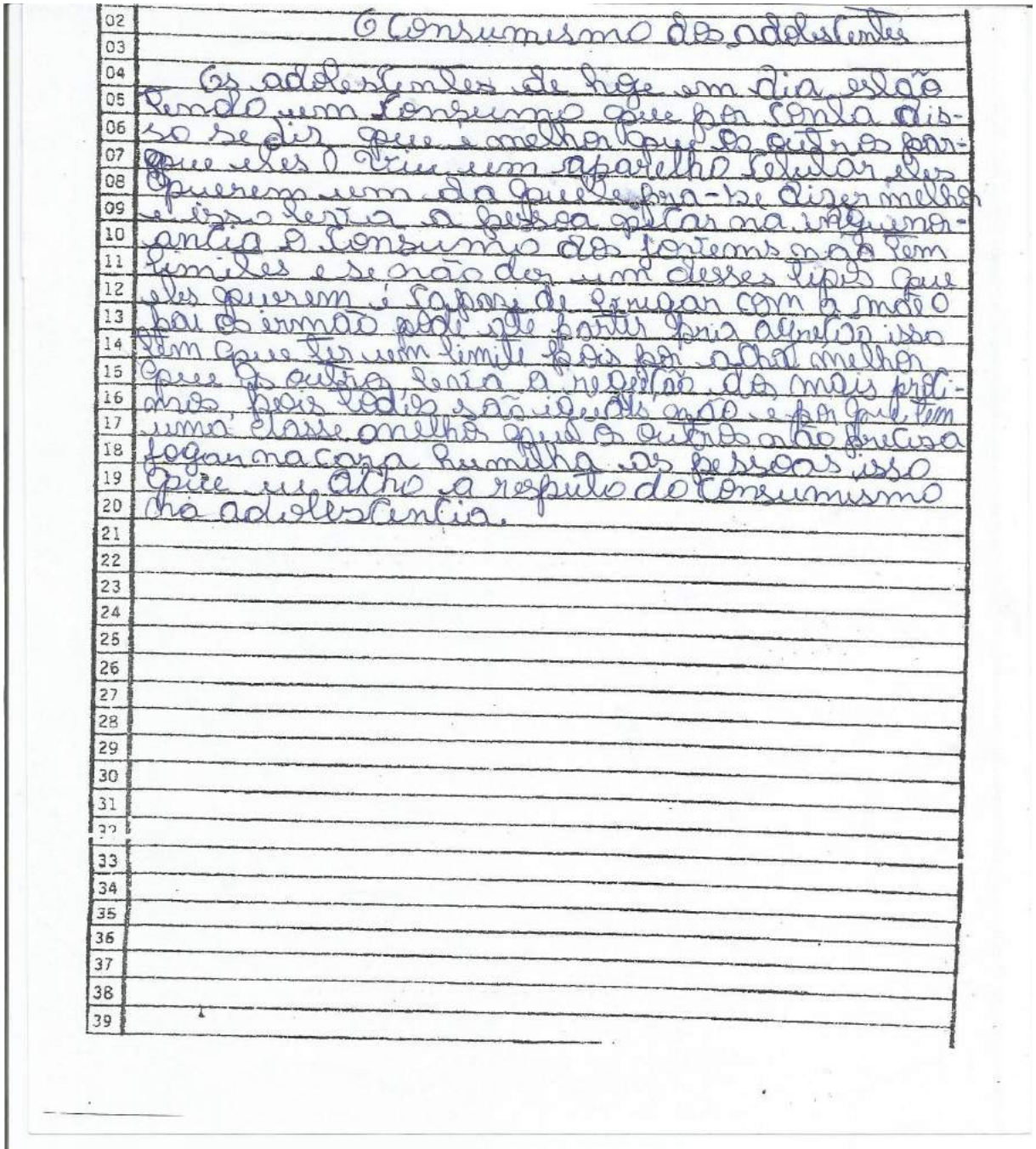
Eles querem Publicidade mais não sabe a realidade.

As pessoas hoje em dia não se importa com elas mesmo, mais com que vai mostra pra sociedade. Hoje em dia as pessoas so que sabe de compra e compra e se individe todo pra mostra aos outros uma coisa que não é realidade.

Por que disso muitos adolecentes começa a fazer coisas erradas para conseguir as coisas mais fácil eles querem mostra ao Publico a famosa ostentação.

E como os famosos elas se preocupa de mais com que vai mostra ao Publico e por causa disso os adolecentes começa a querer ser igual a eles querem mostra a sociedade oque eles não tem mais, mas sabe eles que isso não passa de uma grande ilusão.

Muitos dos vezes essas pessoas nem não felicizi é apenas uma ilusão no qual parece serbosa, mais eles nem sabe a grande realidade que isso não passa de uma mídia fazendo ao cabeço das pessoas e querendo insentiva ao Publico uma coisa que não é realidade.



O Consumismo dos adolescentes

Os adolescentes de hoje em dia estão tendo um consumo que por conta disso se diz que é melhor que os outros porque eles viu um aparelho celular eles querem um daquele pra-se dizer melhor e isso leva a pessoa pecar na inguenorancia o consumo dos jovems não tem limites e se não der um desses tipos que eles querem é capaz de brigar com a mãe o pai os irmão pode ate partir pra agreção isso tem que ter um limite pois por achar melhor que os outros leva a rejeição dos mais proximos, pois todos são iguais não é por que tem uma classe melhor que os outros não precisa jogar na cara humilha as pessoas isso que eu acho a respeito do consumismo na adolescencia.

Jovens! Alvo do consumismo

Os jovens estão sendo o alvo mais fácil do consumo, e isso de uma certa forma está afetando a sociedade.

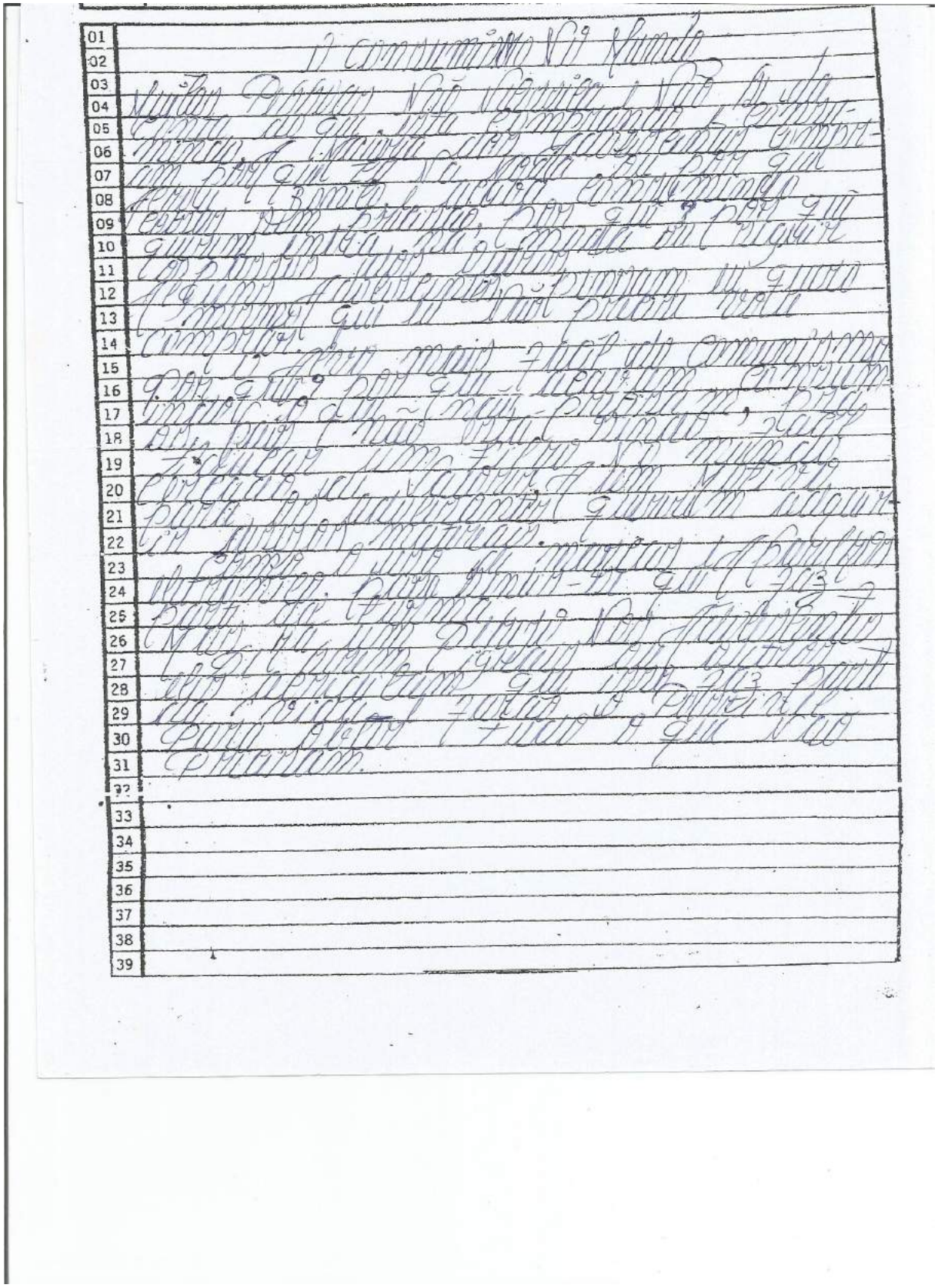
Os jovens são os principais alvos, por conta das propagandas exibirem coisas chamativas que influenciam aos jovens, que por sua vez ficam muito curiosos e interessados para comprar esses "produtos tem". E de uma certa forma acaba afetando a família que muitas vezes ficam sendo pressionados por seus filhos, que de qualquer jeito querem o produto que tanto é falado por todos.

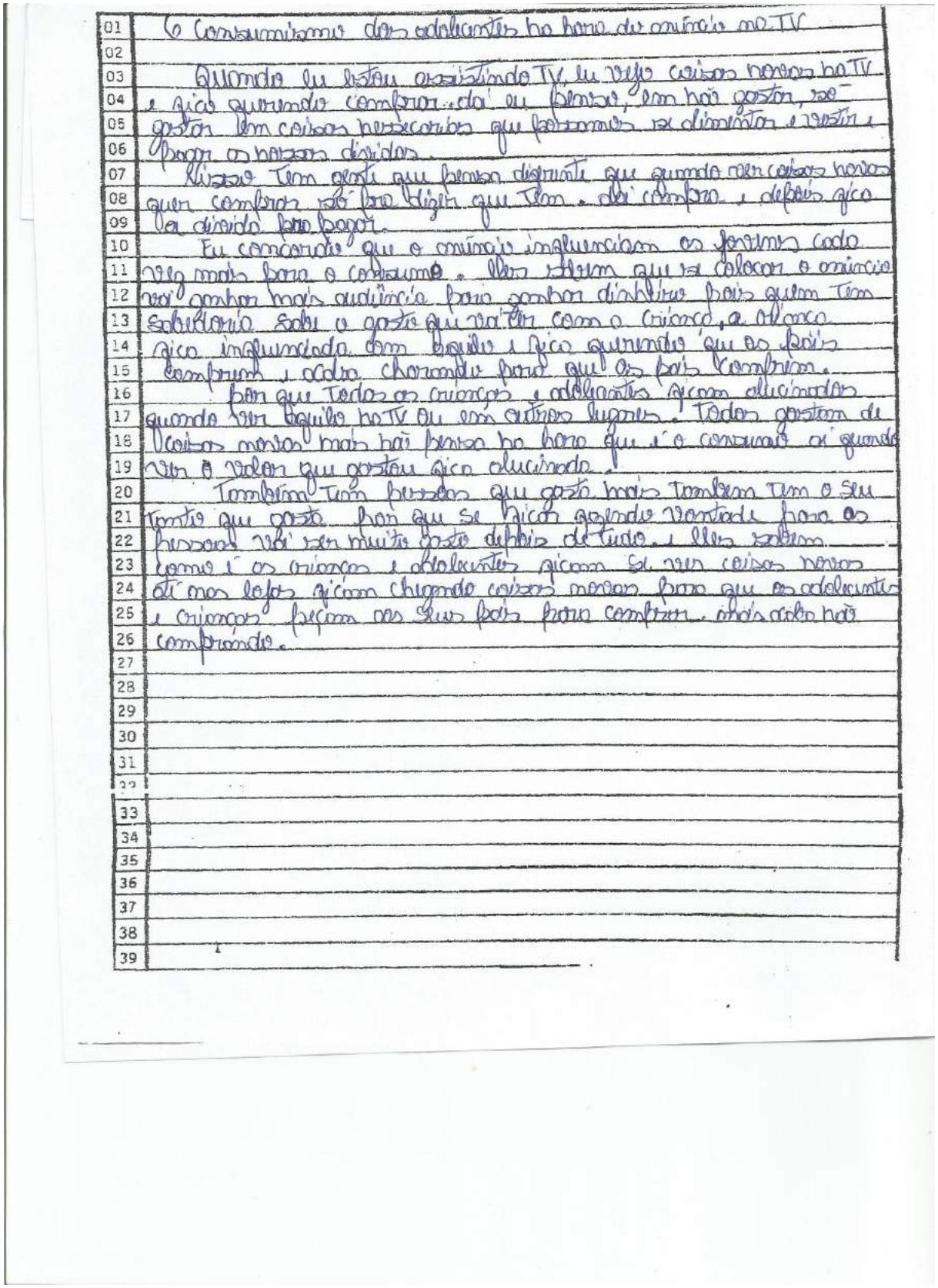
As vezes a família é a mais afetada por não ter condições para comprar o produto tão desejado pelo seu filho, faz de tudo para comprar, para não ver o seu filho ca) "triste" e acaba comprando e se endividando. Esse consumismo está sendo muito exagerado, porque não precisamos, mas queremos adquirir por moda, e depois que adquirimos deixamos o produto de lado.

Os pais devem está muito atento, e não fazer tanto a vontade do filho.

O jovem no poder do Consumismo

Por quê os jovens estão muito donos de si, ainda mais quando os pais fazem a vontade deles (as). Pois eles são um dos alvos fácil do consumo, a média é um dos principais objetivos pro jovem querer gastar. Todos querem celulares novos, roupas de grife, carro importado, entre outras coisas. Mesmo sem ter eles fazem de tudo pra conseguir, quando ver um amigo com coisas caras ostentando muitos se sentem no poder de comprar também. Os comércios de hoje a maioria das coisas eles fazem pensando nos adolescentes que tudo que vê quer comprar, muitos pais, dão até os cartões de crédito, abrem contas em bancos. Também não agravando a todos tem jovem que até roubam pra ter, muitos entram no caminho errado. O isso é uma coisa muito triste pro seus familiares. Não deveriam ficar fazendo vontade de filho e nem tudo que eles querem, ir lá e comprar, aí sim poderia diminuir o consumo na adolescência. Nós adolescentes temos que parar com isso que tudo que ver quer, vamos fazer a diferença, vamos deixar de ser alvos dessas forcarias.





O Consumismo dos adolecentes na hora do anúncio na TV

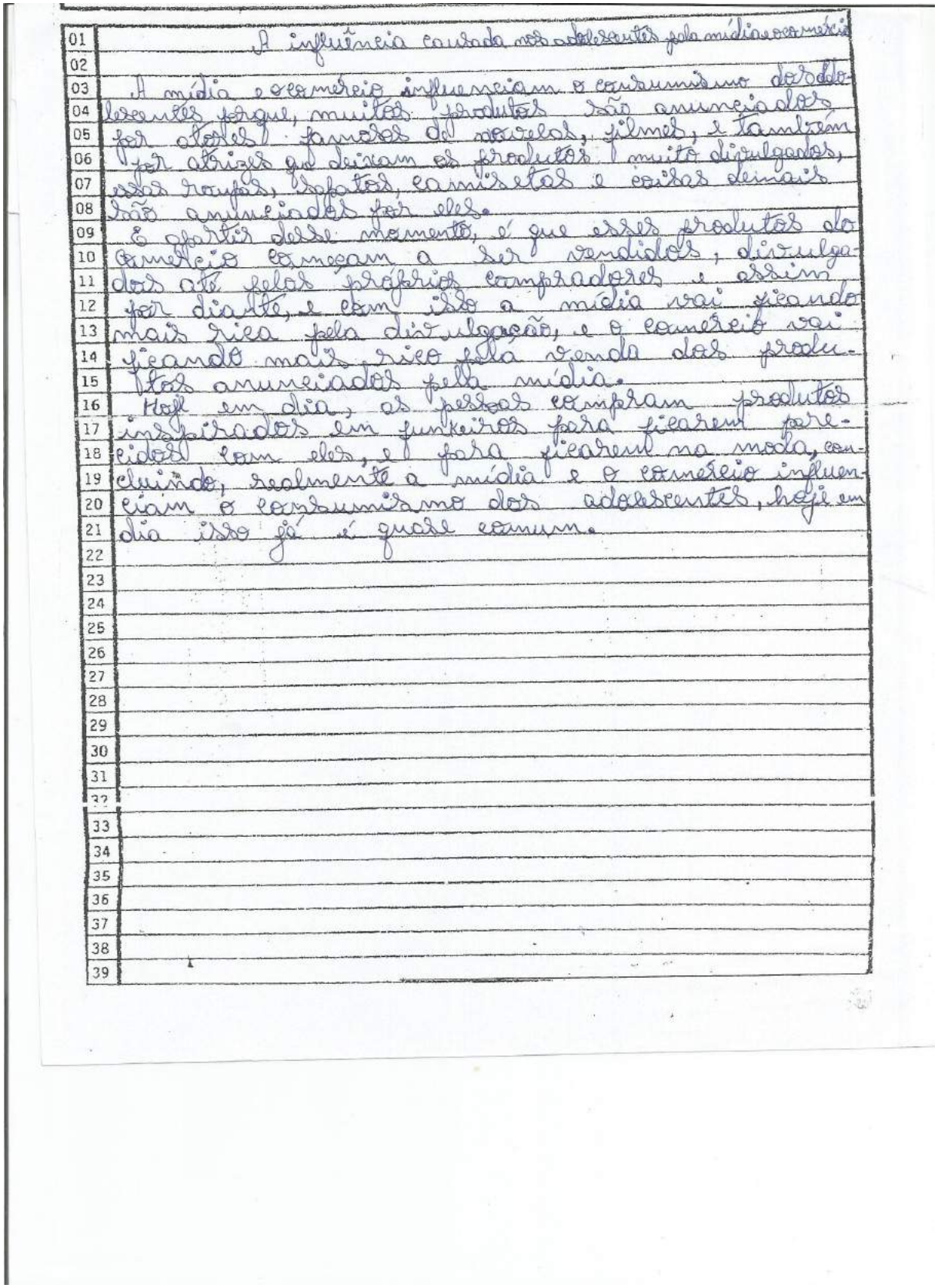
Quando eu estou assistindo TV, eu vejo coisas novas na TV e fico querendo comprar. daí eu penso, em não gastar, só gastar em coisas nessecarias que possamos se alimentar e vestir e pagar as nossas dividas.

Nisso tem gente que pensa diferente que quando ver coisas novas quer comprar só pra dizer que tem. daí compra e depois fica a divida pra pagar.

Eu concordo que o anúncio influenciam os jovens cada vez mais para o consumo. Eles sabem que se colocar o anúncio vai ganhar mais audiência para ganhar dinheiro pois quem tem sabedoria sabe o gasto que vai ter com a criança, a criança fica influenciada com aquilo e fica querendo que os pais comprem e acaba chorando para que os pais comprem.

Por que todas as crianças e adolecentes ficam alucinados quando ver aquilo na TV ou em outros lugares. Todos gostam de coisas novas mais não pensa na hora que é o consumo aí quando ver o valor que gastou fica alucinado.

Também tem pessoas que gasta mais também tem o seu tanto que gasta por que se ficar fazendo vontade para as pessoas vai ser muito gasto depois de tudo. e eles sabem como é as crianças e adolecentes ficam se ver coisas novas até nas lojas ficam chegando coisas novas para que os adolecentes e crianças peçam aos seus pais para comprar. mais acaba não comprando.

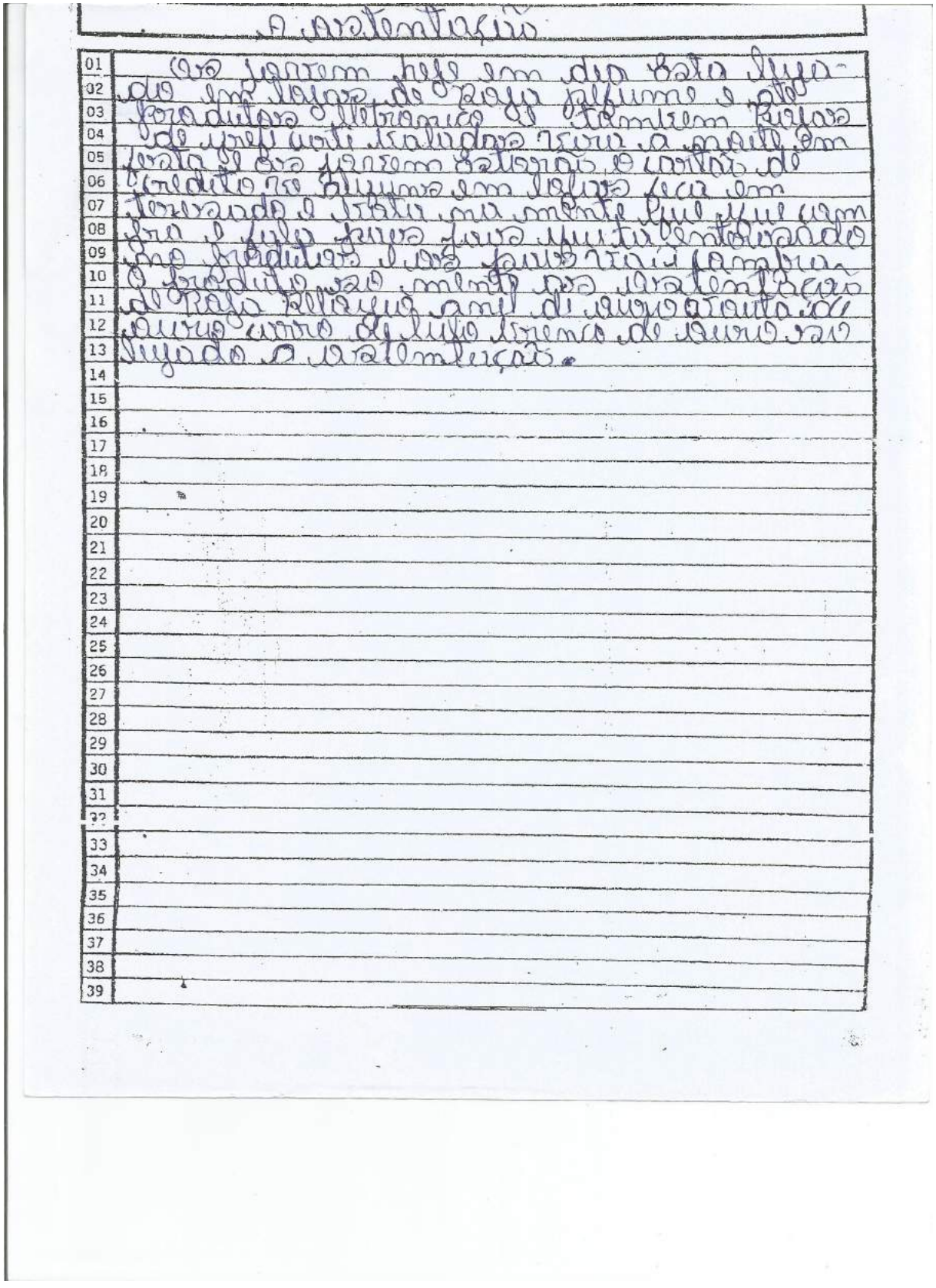


A influência causada nos adolescentes pela mídia e comércio

A mídia e o comércio influenciam o consumismo dos adolescentes porque, muitos produtos são anunciados por atores famosos de novelas, filmes, e também por atrizes que deixam os produtos muito divulgados, essas roupas, sapatos, camisetas e coisas demais são anunciadas por eles.

A partir desse momento, é que esses produtos do comércio começam a ser vendidos, divulgados até pelos próprios compradores e assim por diante, e com isso a mídia vai ficando mais rica pela divulgação, e o comércio vai ficando mais rico pela venda dos produtos anunciados pela mídia.

Hoje em dia, as pessoas compram produtos inspirados em funkeiros para ficarem parecidos com eles, e para ficarem na moda, concluindo, realmente a mídia e o comércio influenciam o consumismo dos adolescentes, hoje em dia isso já é quase comum.



A sociedade de hoje em dia é uma sociedade consumista, inteiramente ligada a moda e as tendencias, todos querem seguir a moda ta com o objeto mais desejado, se você não seguir a moda você se torna ultrapassado, se torna ate motivo de bullying. Todos nós somos influenciados pela mídia de alguma forma, atrás de propagandas, da novela, daquele filme.

Todos nós temos que nós atualizar e adaptar as novas tecnologias e a sociedade, mas de forma conciente, sem estrapolar os limites.

Com a questão do consumismo crescendo, não prejudica só o bolso das pessoas, como o consumo cresce a demanda também e muitos dos materias primas de produtos são recursos naturais, que são cada vez mais explorados e prejudicando a natureza, assim onde vamos parar? Onde a humanidade vai parar?.

As pessoas tem que ser mais concientes com o bolso e com a natureza. A publicidade também pode ajudar nesse aspecto, influenciando pro bem, com o reflorestamento, o consumo conciente de água e outros assuntos de concientização

O consumo exagerado.

Estamos vivendo numa sociedade onde os jovens estão consumindo cada vez mais, onde as publicidades estão por todos os lados.

Jovens consumistas estão começando a consumir cada vez mais cedo e mais descontroladamente. Hoje em dia a maioria dos crimes são realizados por jovens abaixo dos 18 anos.

As publicidades ajudam bastante a "emburrecer os cérebros" dos consumidores; 74% dos jovens não sem celulares, aparelhos, computadores... Quando se fala em descontos, promoções aí sim os consumidores compram mesmo, e muitas das vezes acabam passando dos limites.

As pessoas que vêem vendo cada vez mais, ou seja não começando coisas novas, e assim chamando a atenção dos consumidores.

Muitos vezes o desejo de consumir é maior do que a capacidade de avaliar que está consumindo algo desnecessário. Algumas pessoas compram sem ao menos perguntar o preço, e logo depois vem o "estouro" comprando coisas à mais e sem necessidade.

A influencia dos jovens

Uns dos maiores fatores que "atrai" os jovens são os produtos bem embalados, e suas embalagens mais modernos, são apenas para fazer novos tecnologias e mas conforto de grupos e fazer novas amizades uma das coisas mais atraente que são atraente são suas propagandas e internete.

A midia do consumismo adolecente desde 2010 até os dias atuais cresceram 22,7% uma quantia enorme.

As empresas são formados em média por no minio psicologo e seus comerciais tudo para apresentar algo atraente aos jovens.

Consumismo

A sociedade a cada dia que se passa vem se tornando consumista, tendo como influencia a participação da midia, e também o captalista que é um dos grandes influenciado.

Consumo: geralmente está sendo feita pesquisas em relação ao consumismo, muitas pesquisas afirma, que, as pessoas não compram por que precisa e sim pra se satisfazer, também não querendo ser inferior ao individuo da sociedade onde se faz parte.

Dois fatores que estão associados ao captalismo uma ajuda no aumento na produção como no avanço das tecnologia, e a midia fica responsavel por informar e influenciar para que as pessoas comprem.

Muitas pessoas elas não compram por que gostam e sim por muita vaidade por exemplo: se um individuo compram Televisão, e, quebra, praticamente e o concerto for um valor de uma nova eles compram uma nova.

É a mesma forma se comprar uma roupa não é por que gosta e se por que se satisfaz a mesma de um celular se comprar de uma geração e lançar uma mas avançado, comprar a geração mas avançado.

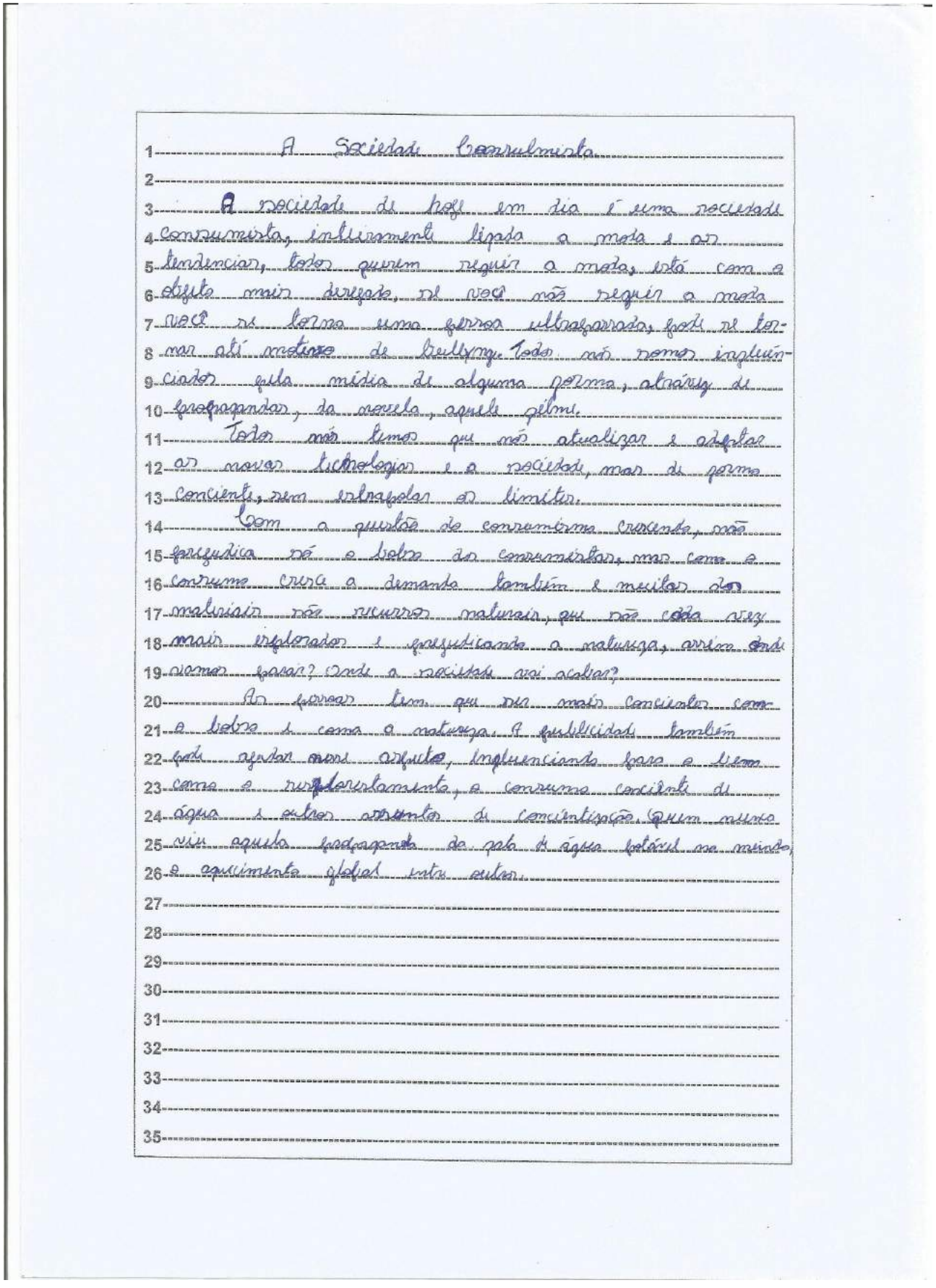
Jovens e consumistas

Os publicitarios trabalhão para atingir principalmente os jovens, com propagandas inteligentes como as propagandas de celulares, eles mostram as maravilhas de obterem aquele produto mostram que todos devem ter, e isso não são só com os celulares são com o tenis, roupas, acessorios etc... praticamente 90% das pessoas no planeta tem celular e querem cada vez mais. Quanto mais novidade tem no mercado e na tecnologia mais jovens se interressão agora a tecnologia tá tão avançada que praticamente os publicitarios fazem uma lavagem celebral.

Eles usam uma tatica para influenciar os jovens e como todos querem ter apar das novidades compra o que tá na moda não interressa qual seja o preço que não são baixo quanto mais novo é o produto se torna mais caro.

As pessoas chegam a dividir e até 24 vezes só para adiquirir aquele produto, ó ~~tem~~ tá na moda eu quero e eu vou ter não pensa nas consequencias e nos juros, os jovens querem ter carrão ter luxo isso é a minha redação jovens e consumista.

ANEXO C**: As produções finais**



A Sociedade Consumista

A sociedade de hoje em dia é uma sociedade consumista, inteiramente ligada a moda e as tendencias, todos querem seguir a moda, está com o objeto mais desejado, se você não seguir a moda você se torna uma pessoa ultraparrada, pode se tornar até motivo de bullying. Todos nós somos influenciados pela média de alguma forma, através de propagandas, da novela, aquele filme.

Todos nós temos que nós atualizar e adaptar as novas tecnologias e a sociedade, mas de forma conciente, sem estrapolar os limites.

Com a questão do consumismo crescendo, não prejudica só o bolso dos consumistas, mas como o consumo cresce a demanda também e muitas dos materiais são recursos naturais, que são cada vez mais explorados e prejudicando a natureza, assim onde vamos parar? Onde a sociedade vai acabar?

As pessoas tem que ser mais concientes com o bolso e coma a natureza. A publicidade também pode ajudar nesse aspecto, influenciando para o bem como o reflorestamento, o consumo conciente de água e outros assuntos de concientização. Quem nunca viu aquela propaganda da gota de água potável na mesma, o aquecimento global entre outros.

A adolescente e seu consumo exagerado

Os adolescente de hoje em dia tudo que ver quer comprar ou melhor ter, quanto mais tem quanto mais quer, e a midia induzi os adolescentes a comprar.

Conheço muitos adolescentes que faz dividas e deixa pros pais pagar, minha mãe sempre diz que no tempo dela ela trabalhava para ter as coisas dela e os jovens de hoje não se querem apenas e comprar, a midia incentiva os jovens a comprar pois eles não dão valor de lidar, eles induzi os adolescentes dizendo que da desconto de 10%, 20% ou até 50% mais é mentira eles não da desconto nenhum.

Vivemos em um mundo que os jovens só querem comprar e a midia lucrar eles fazem de tudo para ganhar mais dinheiro eles fazem anuncios na televisão, no radio etc... a midia também usa imagens ou jingles para chamar mais a atenção dos adolescentes os jovens também não influenciados a comprar por causa de muita gente usar ou não estar na moda.

Por isso e sempre bom lembrar que os jovens não precisam mais quanto mais tem quanto mais quer.

Jovem individados

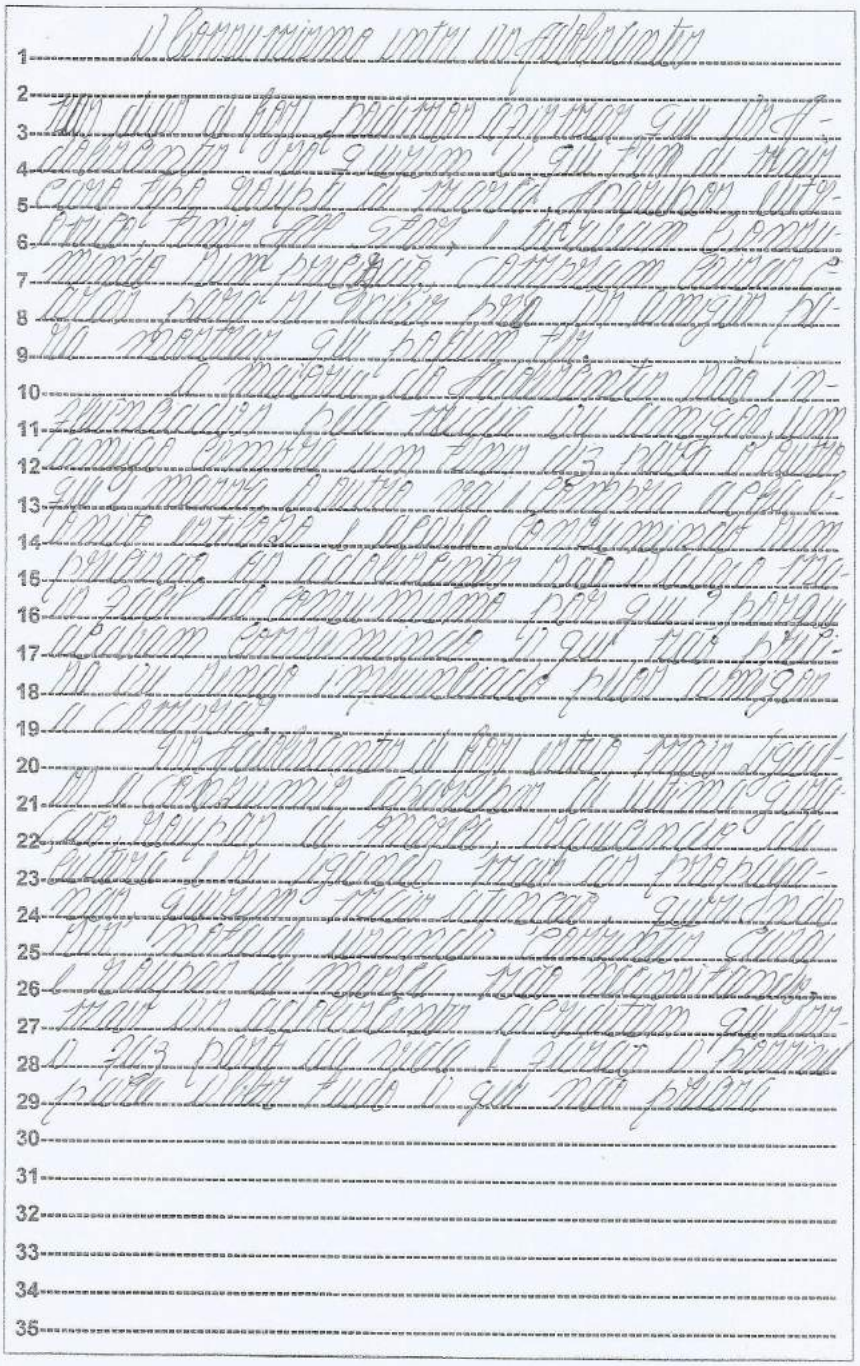
Os jovem de hoje em dia muitos são individados e muito compra uma coisa hoje e amanha mais que individa os adolescentes a complar.

Conheça muitos adolescente que vai divida e deixa os pais pagar minha mãe sempre disia que no tempo dela pra compra o que nós quer ter tinha que trabalhar pra ter o que eu quero.

Muitos jovens acham que ter tudo o que ver que compra como a marca da adidas tem muitas coisa com uns detales.

Ai não preciso muito esforço pra compra tudo o que ajente ver pois não é preciso disso.

Muitos jovens adolescente nem todos são consumido por isso e bom sempre lembra que jovem são inracionais quantos mais ver que ter e ver uma coisa hoje a vou compra quanto mais tem que mais.



geração ostentação

Hoje em dia, é difícil encarar o consumismo, onde tanta gente ostentando, chamando atenção, é quase impossível lidar com as influências.

As pessoas atualmente estão se influenciando facilmente, se deixando levar a um faz sem fundo. Os jovens, quando têm condições melhores do que outras de baixa renda, até fazem roubadas com a cara destes, pelo modo que ele se vestir, falar, e até andar.

Maioria dos jovens faz causa de tanta vontade de ostentar, deixam até de estudar, pois não conseguem se conter com a influência de amigos, amigas, colegas. Eles não ficam contentes enquanto não tem um celular bonito, caro e avançado, não foram de atormentar os pais para ter uma moto nova, cara, um carro do ano para tirar onda e vão ficando sem limite, e não encaram as influências.

Então, podemos concluir que a geração da atualidade é uma geração consumista, mas existe, que só quer saber de ostentar, de estar bonitos e não procuram os estudos e um diploma. Aqueles que não têm boas condições financeiras, quanto mais eles veem os outros ter coisas boas, eles querem se melhorar, e se entregam ao consumismo.

O desiquilibrio do consumo

Devemos lidar com a influencia das campanhas publicitarias visando comprar. Principalmente os adolescentes que se encantam cada vez mais por produtos oferecidos pelas midias.

Adolescentes olham as propagandas se encantam e compram cada vez mais. Alguns adolescentes assistem programas progra-mados para influenciar criancas e adolescentes a comprarem seus produtos.

Assim como o filme "O consumo e o desequilibrio de Becky Bloom" fala sobre o Consumismo. Fala de uma garota que é fi-ciada em compras através de campanhas publicitarias e que tem que conseguir um emprego para pagar, mas para sua sorte consegue um emprego numa revista de consumo que aprende bastante.

A midia aproveita essas situações pa-ra vender e expor seus produtos e é ela-ro lucrar bastante. Somos influenciados por causa da midia.

Ostentar é o que liga!

Atualmente as pessoas se influênciam muito em moda roupas de marca e produtos que atores e pessoas famosas e por ai a população começa a consumir produtos até que não gostam mas se deixa levar pela influência dos outros colegas e também da mídia porque muitas pessoas não conseguem se é necessário dá para consumir aquele produto ou não.

Na época da minha bisavó ela sempre dizia que as pessoas não consumiam o que quer mais consumimos o que a sua condição dá para consumir muitas pessoas atores ou até atrizes na hora de fazer o anúncio só falam a vantagem mas não explicam as desvantagens que pode trazer para as cidades e as famílias.

As pessoas devem se conscientizar e fazer analises sobre a condição para consumir e não embarcar pela influência dos outros temos que consumir o que a nossa condição dá para adquirir os adolescentes devem tomar juízo e também aconselhar seus parentes amigos vizinhos para que não venha prejudicar as nossas vidas.

A sociedade influenciada pelo consumo!

Precisamos deixar de ser influenciados pela mídia a fazermos mais um consumismo dinheiro, até porque a coisa está apitando a todos. Por mais que a gente queira muito aquilo que está na moda, temos que ser fortes e não deixar ser levados pela sorte influência da mídia.

As vezes pensamos que só porque um amigo ou conhecido tem aquilo que é tanto falado, achamos que é obrigatório termos, sendo que na maioria das vezes não temos condições para comprar o objeto tão desejado e acabamos nos endividando.

Vemos also de consumismo, na verdade somos aquele tipo de pessoa que queremos tudo que a gente vem e não temos condições para adquirir tal coisa tipo um celular ou um tênis, só que querer não é poder, e a pessoa humana não entende isso, acham que tudo é como queremos.

Portanto, para não sermos influenciados pela mídia, temos que está atento e pensar de quem as coisas só porque os amigos tem, porque sempre que queremos algo é porque alguém tem e queremos ser igual e associarmos aquele padrão.

O poder do consumo.

Deixar de ser influenciados pela ambição, que tudo quer ter e não se deixar levar pelo poder das mídias. Porque as pessoas acham que só porque fulano tem um relógio de marca, tem um celular avançado, roupas de marca tem o direito de ter também e é aí que tá o problema, eu mesma sou um exemplo disso mais minha mãe me ensinou que nem tudo que queremos podemos ter. Com uma novela eu vi um caso muito parecido que um homem pegava o dinheiro da tia pra sair luxando indo pra festas onde só ia pessoas de auto nível e ele mentia pra sua tia falando que era pra pagar a faculdade.

E ele fazia tudo isso porque seus amigos tinham grana e ele era ambicioso com tudo que seus amigos tinham ele queria.

As pessoas devem prestar muita atenção no que realmente quer, porque nem sempre compra-mos o que queremos, Vamos parar de se preocupar só porque aquela pessoa tem isso que você também vai ter.

A mídia é apenas uma forma de chamar sua atenção pra você gastar mais.

A ambição do consumista

O povo tem que saber que a ambição não leva ninguém a lugar nenhum isso mostra como realmente é as pessoas, minha mãe sempre mim falava que no tempo dela ela não tinha muitas condições trabalhava nova pra compra as suas coisas para não fazer dividas a gente hoje em dia se ver um comercial de celular novo quer compra paz de tudo briga com a familia pra conseguir.

Eu assiste uma novela da globo se chama "A fá coração", ela conta a história de "Carmela" a personagem da novela que faz de tudo pra ser rica ela já até sabotou o casamento da irmã por dinheiro, ela queria ser igual a essas meninas que tem mais condição ter roupas chiques ela também queria arma um casamento para a mãe com um homem rico só pra ela ser mais popular.

Por tanto eu acho que ser ambicioso sempre não é uma boa coisa isso deixa a pessoa cometer loucuras, está vendo que a personagem da novela pensa só nela não pensa que isso pode machucar alguém como a propria mãe e a irmã.

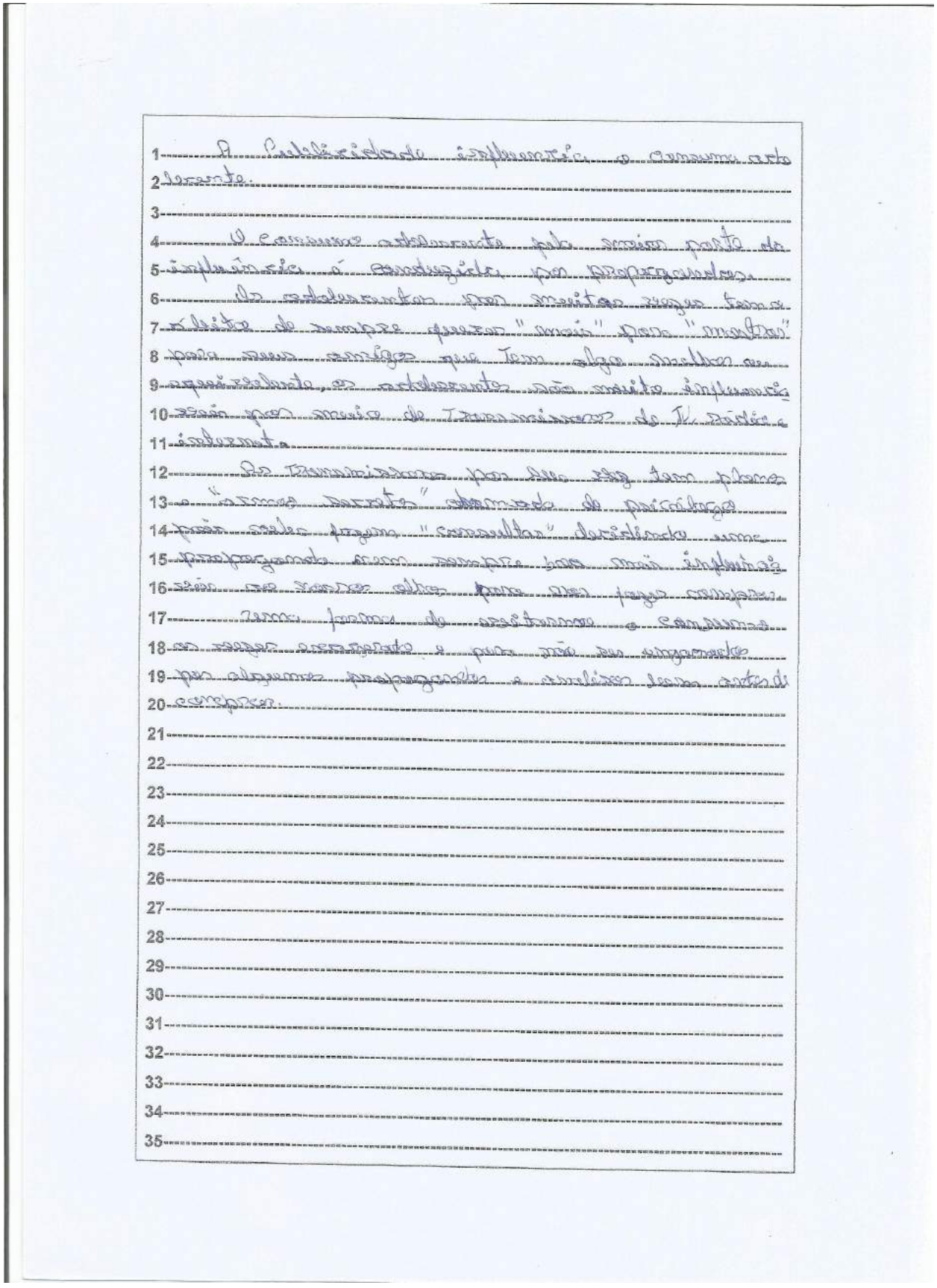
Somos consumista ou não?

O consumo é usado por varias pessoas à metade da comunidade gosta de gastar de ostentar e não pensa no gasto, gosta de coisas caras, carros de luxo, e ostentar com bastante dinheiro.

Na comunidade da periferia até criança pensa em gastar hoje em dia tem varias pessoas que ainda ostentam na crise de hoje em dia todos nos temos que ser economista agente só tem que gastar o necessário não em coisas de ostentar no tempo da minha mãe ela só gastava com o necessário a minha mãe e economista.

Devemos parar de ser consumista devemos ser economista gastar em luxo não leva a gente a lugar algum só causa gasto e problema na vida devemos parar de ser ambicioso porque as propagandas traz mal influência para os adolecentes e criança

Vamos economizar tem várias mendigos passando fome sem alimento em quanto outras pessoas só pensam em ser consumista não pensa na pessoa que passa fome. Na crise na rua pedindo esmola e essas pessoas que pensam em luxo não ligam eu ligo eu me importo com essas pessoas. Eu sei o que eles passam por dificuldades e ainda tem alguns que têm filho e tem dificuldade de alimentar eles e ainda o marido da mulher que pede esmola bate nela por que ela não encontra o que dar de alimento para os filhos e eles tambem.



Adolescentes entre comunista

As pessoas gosta muito de comprar muitas coisas caras principalmente influincia muito a comprar roupa de marca, sapato de marca, celular dos mais caros, corrente grande de marca hoje em dia eles gosta de ostentar e gasta. Tem muitas pessoas precisando e eles não ajudam o proximo só gosta muito de comprar produtos caros e não para e não analisa os erros que eles cometem tem muitos adolescentes que gosta de comprar aparelhos caros e consome muitas coisas exagerada. Afinal boa parte do anúncio que vemos na revista, em jornais as pessoas gosta muito de comprar muitas coisas caras Eu acho que eles tem que parar de consumir muitas coisas exagerados começar a estudar não ficar principalmente ficar comprando aparelhos caros eles tem que para de ficar comprando roupas, sapatos, correntes caros tem que parar de ficar comprando estas coisas e começar a estudar, fazer uma faculdade e ter uma vida melhor.

Ser Consumido sim mas com inteligência.

Consumo sem verdadeiro vício encentivado, muitos vezes a pessoa acaba se endividando acho que o consumidor deveria se controlar mais no consumo para que não venha causar danos em seu nome.

Diríamos que a ostentação é a chave do negócio, os vendedores usam pessoas ricas e famosas para encentivar o consumidor, diríamos que eles conseguem fazer a cabeça dos consumidores. As coisas que passa na propaganda as vezes nem são tão boas quanto diz ser, acabamos se prejudicando por querer mostrar ser uma coisa que nós somos quer é ser "rico", a sociedade age muito nisso é tipo uma disputa quem é mais quem é menos e encontramos esse tipo de problema quanto na classe baixa e alta, diríamos "rico e pobre" mais as pessoas com menos condições que gosta disso, tiramos essa conclusão pelos funk as disputas de quem se veste melhor pra mostra que tem, as pessoas fazem qualquer coisa não importa a forma de como conseguir, eles querem de qualquer forma.

Estamos em uma época de crise então os publicitarios querem ganhar de qualquer forma por isso eles oferecem vários ofertas aos consumidores da forma mais barata, o barato que sair caro.

Nessa época de crise como essa temos que economizar muito, se dinheiro tá difícil imagina emprego para pagar as dívidas. Consumidores sejam mais atentos e seguros.

O Consumo dos adolescentes

Devemos lidar com mais consciência nas horas que vemos as comporhas publicitárias. Mais fazer o que se a influência nos convence a compra, mais vai ser muito gasto isi nós vamos ter que pelo menos antes de compra.

A influência das comporhas publicitárias exerce um papel de protagonismo nas relações de mercado sendo um meio fundamental na disponibilização aos consumidores de produtos.

Mais se todos nós tiver mais consciência, não se deixar levar por as influência das propagandas que passa durante os intervalos na TV.

Para consumir se deve ter responsabilidade e consciência responsabilidade para saber até onde ir e consciência para não se deixar influência porque todas as propagandas tem intenção de influenciar o consumidor e muitas vezes nós deixamos levar ao ponto de não ver até onde ou o que consumimos mas e muitas vezes acabamos comprando coisas desnecessarios assim por causa da grande de influência e a falta de auto-controle.

Hoje em dia os adolescente esta muito influenciado nessas propagandas, espero que os adolescentes pensem bem antes de fazer a compra e só comprar quando realmente necessitar.

A mídia: a influência dos jovens

Devemos ficar atentos as publicidades e as propagandas, principalmente os jovens o que são muito influenciados pela mídia sempre querendo está na moda. A mídia influencia os jovens com produtos na moda muito bonito e caro. Os jovens ficam super interessados e querem comprar cada vez mais.

Atualmente, o consumismo está crescendo cada vez mais. Os jovens quer ostentar mostrar para os amigos que "pode". Minha mãe que se chama Marilurdes ela ama comprar quanto mais tem, mais ela quer, na maioria ela compra sem necessidade e acaba se endividando isso prejudica muito a relação financeira das pessoas. Os jovens homens gostam muito de usar roupas de marca, cosmeticos, tênis e muito mais.

A propaganda mostra um produto bonito e joga uma conversa em cima do consumidor, nós consumidores acabamos sendo influenciados pela marca e pela beleza do produto.

Por isso, a mídia influencia sim os jovens a comprar sem necessidade os consumidores não prestam mas atenção nas horas das propagandas, e pensam se está no momento certo para gastar e não fazer dívidas numerosas.

Influenciados pela mídia

Para mim as pessoas e os adolescentes tem um habito de gastar ostentar em diversas coisas sem precisão. Os adolecentes ficam disputando quem tem um aparelho melhor do que o outro e não tem precisão disso porque ficando e o caso de consumir já e muito diferente comprar para usar em algumas precisões tem muitos adultos que querem uma moto um carro casa de luxo mais não percebem que estão sendo influenciado pela mídia para comprar e gastar mais e mais.

Para que nos não seja influenciado pela midia devemos deixar de lado a ostentação e não liga quando um amigo dizer e tenho um sapato melho que o seu a tenho um celular melho que o seu etc... se não ligarmos para o que os nossos amigos ou a midia influencia nós podemos economiza as mais dinheiro e quando for comprar algo de precisão já ter o dinheiro de sobra usar o dinheiro com sabedoria para que não sejamos influenciados pela mídia.

O consumo

Os adolecentes deviam consumir com mais conciencia e não deixar ser influenciado pela midia.

O isso acontece porque boa parte das coisas que os adolecentes bem, assistem e ouvi são anuncios associados a determinados produtos, e certamente a pressão para a compra do produto que eles dizem ser mais sofisticados e mais moderno. Nem sempre que os adolecentes compram e por necessidade, a maioria das vezes e so pela forte da midia e os adolecentes são influenciados facilmente por imagens e jigles que são inesquecivelis. A publicidade exerce o papel das empresas para garante o aumento das vendas e tambem a midia lucrar.

O consumo irracional dos jovens vem causando muitas dores de cabeça pricipalmente para os pais dos jovens porque eles compram sem pensar e sem necessidade, a situação se complica ainda mais quando os pais tem mais de 1 filha por que o que comprar pra um compra pra outro.

Com a midia oprimindo a mente das pessoas para comprar, nunca elas ficam satisfeitas com o que tem, por que sempre tem tancamentos novos que são cada vez mais atrativos que fica mais dificil irresistir.

Jovens e consumistas

Os publicitarios trabalhão para atingir principalmente os jovem, com propagandas inteligentes como as propagandas de celulares, eles mostram as maravilhas de obtermos aquele produto mostram que todos devem ter e isso não são só com celulares tenis, roupas acessorios como relogios aneis de ouro batidão. Nas comunidades são os lugares que tem mais consumistas de todas as classes sociais as pessoas querem ter sempre antenada nas novidades sempre na ostentação, compram carros, motos e etc...

Eles usam a tatica para influenciar os jovens e como todos querem tar apar das novidades compram o que ta na moda sem se preocupar com preços dividem em 10 15 vezes só para tar na moda, 90% das pessoas do mundo tem celulas as pessoas falam ta na moda eu quero eu vou ter sem pensar nos juros só quer ter e acabou essa e a redação de jovens consumistas.

Jovens Consumistas

Os jovens estão consumindo muito, só querem usar luxo (Celulares, Roupas de marca, e bonés).

Jovens de hoje em dia quer usar muito luxo querem andar na moda com coisas que não tem precisão.

Alguns jovens usam por influência de alguns amigos, as vezes entra no mundo da droga para ganhar dinheiro de forma incorreta. Uns acaba perdendo a vida por causa de dividas.

Uns não trabalha e dependem dos responsaveis (Pais). Os pais ficam indignados e alguns adolescentes não compreendem que as vezes os pais não tem condições.

No entanto, devemos aprender que não dependemos só de luxo do consumismo, porque a cada lançamento de novas coisas queremos ter, mas temos que compreender que devemos evitar gastar muito dinheiro e não deixar o consumismo tomar conta da sua vida.

O Consumo ostenta a hipocrisia

A média hoje em dia faz com que os jovens comprem bens materiais sem precisão.

Os jovens não pensam no que vão fazer, quer "ostentar" de qualquer jeito, "principalmente" os jovens dos guetos, quer ter o celular do ano de 100 regis, corrente de ouro, roupas de marca, e muitos jovens não pensam nos pais, fazendo dívidas para endividar os pais, os jovens que "ostentam" tem que agir ao contrário que eles pensam.

Os "jovens" da periferia que "ostentam" pensam que tem liberdade liberdade, exibindo riqueza e poder, mas "Eles" não vêem que na realidade o sistema é que está lucrando com isso, E o sistema tem a cor, do racismo e da escravidão, cada vez que eles dão valor à roupinha de marca e à ostentação.

A elite burguesa e branca, que é dona das lojas de grife, se dá bem, pois "eles" botam branca, mas é o sistema que aumenta o cacife, por outro lado o consumismo é cultivado pelo sistema capitalista.

A grande diferença é que o sistema incentiva o consumo, mas deseja manter a segregação, se em tese somos iguais porque somos livres para consumir, na prática, somos diferentes porque somos oriundos de classes inconciliáveis. Então os "jovens" das periferias, quando não tem dom para ser jogador de futebol, ou ator, tem que vencer através dos estudos, tá vendo a realidade, a única opção de vencer é estudar, e conseguir uma vaga em faculdade, para dá no futuro uma vida melhor para a família.

Ostentação na geração

O consumismo vem sendo cada dia mais utilizado no mundo, muitas pessoas quer usar coisas caras e de boa qualidade, e o mundo vem sendo bem consumista, e tendo a participação da mídia.

O avanço que estamos hoje, em relação a tecnologia como: Smatphone, notebook sempre querendo tudo do bom e do melhor, ostentar se exibir, e mostra que pode, que tem condições sem saber o prejuiso que tá causando, o gasto e que lá na frente aquele dinheiro que gasta, que usa pra ter tudo de marca lá no futuro aquele dinheiro pode ser bem investido.

Consumismo é uma palavra bem utilizada no mundo de hoje, os jovens são influenciados por propraganda como: sapatos caros, roupas caras, celulares tudo relacionado a marca os jovens se convém ao consumir, em ter. É como se comprar uma roupa compra só pra ter, pra mostra ostentar, mostrar que a roupa é boa.

Seria melhor se todos utilizasse o dinheiro com boas intenções consumir menos, e economizar mais, melhor gastar com coisas que no futuro vai oferecer coisas boas.

Os adolescentes e o consumo

Devemos observar mais as campanhas publicitárias em relação aos nossos consumos. As campanha publicitárias podem ajudar sim mais as vezes elas podem nos influencia a comprar demais, isso pode acabar nós prejudicado, fazemos muita dividar, quando vamos pagar, pedimos para dividir aí entra os juros ir mais juro aí acabamos nós individado mais, muitos jovens não tem consciência disso, ai tudo aqui vê, eles querem comprar.

De acordo com o que agente vê hoje em dia podemos ver que os jovens são muito influenciado pela midia, principalmente quando eles ver os amigos comprando eles querem ter igual.

Na novela "Haja Coração" tem uma menina chamada Camela, que faz tudo praficar famosa, só por causa das modelos que são muito conhecida nas redes sociais, porque sair em revista sete em propragandas, ela fica com inveja e faz tudo praficar famosa.

A midia aproveitar os adolescentes que assiste TV aí ela acaba influenciados os jovens a compra.